

SUPERNOVA



Livro 3

O SATÉLITE DE FERRO

RENAN CARVALHO





SUPERNOVA



RENAN CARVALHO

S U P E R N  V A

LIVRO 3
O SATÉLITE
DE FERRO

RENAN CARVALHO

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informações sem a autorização por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência

Capa e ilustrações: Licínio Souza

Revisão e preparação: Ana Roen

Diagramação e formatação: Renan Carvalho

Para minha avó, Antônia Oliveira.
Não me ensinou encantos, mas sempre encantou a todos.

INIMIGOS

No passado, as Estrelas serviram ao império humano na luta contra os povos adversários. Depois de verem sua civilização estabelecida, elas se dispersaram e caíram no esquecimento. Hoje, novas Estrelas buscam objetivos menos nobres, tentando saciar uma sede infinita de poder. Foi devido a isso que Nuanto sucumbiu diante das hordas de Shaz.

Agora, o reino de Sonatri deixou de ser um lugar pacífico e os paladinos não podem mais manter a segurança. Com a queda da maior força militar do mundo, Yana fez uma ousada aliança com outras cidades na intenção de expandir seus domínios ao Continente Leste e, por trás desse ataque, está a Constelação de Estrelas, cujos membros possuem planos misteriosos.

Supernova: O Satélite de Ferro é o terceiro livro dessa saga e nele Leran se encontrará em meio a um violento conflito, tentando descobrir o real poder de sua irmã e, talvez, salvá-la de si mesma.

O SATÉLITE DE FERRO

PRÓLOGO

“O mundo está na constante busca por equilíbrio. Fora assim desde que a deusa Treva tocou o planeta e usou seu poder para balancear as energias que ele continha. A metáfora para a criação é sábia e deixa claro que a natureza, muitas vezes de forma cruel, acha a maneira correta de compensar as ações daqueles que vivem neste lugar.

Vimos da junção de seis energias que se espalharam pelo espaço e elas surgiram após a explosão de estrelas antigas. Uma delas foi Praga, que continha uma energia quente e fria ao mesmo tempo, algo que se fosse possível sentir, não poderia ser descrito. Caos foi a estrela mais brilhante, a luz se expandia tímida do centro negro e ficava cada vez mais intensa, sendo vista de qualquer canto do universo. Tormenta era massiva, com núcleo denso e atmosfera gasosa, espalhando-se por trilhões de quilômetros.

Eram imponentes, fabulosas, porém instáveis. Sem aguentar seus próprios poderes, elas se desfizeram, dividindo-se, cada uma, em duas forças completamente antagônicas. Praga se separou em Fogo e Água, Caos em Luz e Trevas e Tormenta em Terra e Ar. As seis energias varreram o universo e, no ponto onde todas se encontraram, o mundo surgiu.

Após passar por uma fase de massa amorfa, o novo planeta se esfriou e se condensou. O mundo guardou uma quantidade enorme das energias que o criara e, após milhões de anos, as seis forças se acalmaram, depositando-se cada uma em um polo energético, equidistantes uns dos outros. Foram seis polos, três eixos e o planeta se moldou.

A vida veio em seguida. Seres nasceram banhados com as energias e uma raça inteligente apareceu em cada um dos seis cantos do mundo. Os drassianos eram filhos do Polo Fogo, seres de pele escura e cabelos avermelhados que se diziam descendentes do Deus Dragão. A nação de Oligardam nasceu nos subsolos do Polo Terra, onde seu povo tinha carapaças rígidas e membros finos, repletos de articulações. Momanon era a civilização do Polo Luz, formada por criaturas esbeltas de corpos lapidados nas cores vivas dos mais raros cristais. A civilização de Biratânia apareceu nas profundezas do Polo Água, na qual viviam seres dotados de tentáculos e guelras, capazes de nadar como os peixes mais ágeis. Próximos ao

Polo Ar ficavam os ninhos do povo de Vasah, com seres alados que voavam pelas frias montanhas do sul. Por fim, Ozpher foi construída no Grande Abismo, junto ao Polo Trevas. Seus moradores eram pálidos, de pele fina e transparente, que usavam mãos e pés pegajosos, andando como lagartixas pelas rochas.

Tudo parecia estável, mas a natureza muitas vezes não está satisfeita com seu próprio trabalho, assim ela fez com que outra raça pensante surgisse. Esta, ao contrário das demais, acabou banhada pelas seis energias ao mesmo tempo, a única forma de vida que herdou todas as forças do mundo: os humanos.

Enquanto os polos energéticos eram protegidos por seis diferentes civilizações, a natureza achou justo dar aos humanos outro papel no equilíbrio. Não precisariam viver das energias primárias, todavia teriam entre os seus o dom de guardar cada um dos doze elementos secundários. Era o início do ciclo das Estrelas Vivas. Nele, nasceriam humanos capazes de reger com perfeição toda a força de uma das doze energias derivadas e, assim, cuidar para que o mundo continuasse prosperando.

Contudo, para os humanos a prosperidade do planeta estava diretamente ligada à de sua própria raça. Eles iniciaram a expansão de seu império. Usaram as Estrelas para atacar os outros povos e tomaram os polos para si. O que era para ser uma manobra da natureza em prol da continuidade do equilíbrio, acabou levando seis civilizações à extinção. As Estrelas, obviamente, foram o motivo da vitória humana.

Só que a natureza sempre se adapta. Os humanos não tinham o conhecimento necessário para dominar os polos e essa falha fez com que as energias opostas tentassem se unir novamente. No início, ninguém sabia o real impacto daquilo, mas, algumas décadas depois, o nascimento de uma décima terceira Estrela deu a resposta.

O acontecimento fez os humanos dedicarem anos de estudo para descobrir qual energia aquela criança continha dentro de si. Quando conseguiram, o espanto tomou conta do império.

A primeira reação dos governantes foi isolar a nova Estrela, impedindo que o poder dela crescesse, no entanto aquela energia era incontrolável. O que aconteceria caso ela aprendesse a dominar seu elemento? Ou pior, o que aconteceria se não o dominasse?

Com medo das possibilidades, uma solução drástica foi encontrada no conselho da Constelação: aniquilar a criança antes que sua força despertasse.

Hoje, após mais de dois mil anos, os humanos ainda controlam todos os polos. Seus dons evoluíram desde a guerra do passado, porém ainda não se sabe se são capazes de domar as energias puras assim como as civilizações antigas faziam.

E seria razoável dizer que tudo está em harmonia, só que nós humanos somos ainda piores do que a natureza. Não nos satisfazemos facilmente, queremos sempre mais, estamos sempre em guerra e, dessa vez, lutamos uns contra os outros.

Talvez a natureza tenha mandado um sinal com o nascimento da décima terceira Estrela no passado. Talvez tentasse dizer aos humanos que estavam no caminho errado e que, de uma forma ou de outra, acabariam se destruindo juntamente com o mundo. Talvez tenhamos aprendido com isso. Mas eu duvido.

Se a máxima do equilíbrio ainda funciona, o que foi separado tende a se unir, o que foi vencido se reergue, o que foi perdido acaba encontrado. O mundo acha uma forma de devolver as energias aos seus devidos lugares, é natural. Mas sempre insistimos em ir contra isso. Talvez precisemos de um novo aviso da natureza.

Só torço para que ela fique apenas nos avisos.

— A Décima Terceira Estrela —

Páginas arrancadas do diário de Willian Khun

PARTE I **MAGOS**

por Fajon Dirrou

Capítulo 1

Guerras são acontecimentos terríveis. Por mais que se tenha um lado vencedor, a impressão é de que todos saem derrotados. A morte e a destruição não poupam ninguém, deixam um rastro deprimente que insiste em nos lembrar dos momentos mais assustadores pelo qual passamos. São como cicatrizes expostas que duram pela eternidade.

O que aconteceu em Acigam não foi diferente. Perdi muito. Foram amigos assassinados, familiares desaparecidos. Não sobrou muita coisa do passado, apenas a esperança de que o futuro traria dias mais brilhantes e um justificado para todas essas perdas. É nisso que me resta acreditar, e é para isso que eu trabalho.

Ainda falta muito para que a paz atinja a nossa cidade. A batalha contra Cadorcia foi uma fase, o primeiro passo. O que vem depois é demorado, trabalhoso. Acigam precisa ser reerguida sob o comando dos magos, sob o comando do povo, mas nenhuma reconstrução é possível enquanto existir impunidade.

Nossos corações não conseguem descansar sem o senso de justiça. Muitos dos responsáveis pelo governo acabaram mortos na invasão da Vila de Mármore, porém traidores da Guilda conseguiram escapar, deixando para trás vestígios de seus atos covardes.

Antes de ver Acigam prosperando outra vez, eu devo fazer justiça. Preciso colocar atrás das grades todos os responsáveis. Trarei paz para esse lugar, só assim as futuras gerações terão mais chances do que eu tive. Por isso aceitei o cargo que possuo hoje. Vou buscar os traidores de nossa causa, honrarei a memória de Sophia, de Galek, de Lucas e de muitos outros que deram a vida por pessoas que não merecem piedade.

Acigam agora entra em uma nova etapa, e nesta somos nós os magos que mandamos. Faremos dessa cidade um exemplo. Levarei segurança e justiça ao povo, algo que Felix Barolfen nunca foi capaz de fazer.

Tenho certeza de que serei um capitão muito melhor do que ele.

[Meses atrás]

— Por aqui! — grita um dos rebeldes na linha de frente.

Estamos adentrando as ruas da Vila de Mármore, mas os aristocratas tiveram tempo de se esconder em suas casas grã-finas. É tudo tão pomposo que fico enojado.

Os soldados restantes não são suficientes para impedir a derrubada das grades que isolam os ricos do resto da cidade, e eles acabam sendo massacrados. Eu mesmo mato um deles, envolvendo sua cabeça com minhas mãos em estado líquido, até deixar a água entrar por suas narinas e preencher seus pulmões. Ele tosse, tenta se soltar, mas termina roxo e largado no chão.

A ira em nosso peito é tanta que, entre uma rua e outra, depredamos casas e ferimos pessoas desarmadas. Todos são culpados! Todos nos exploraram durante anos e precisam pagar!

Eu também sou tomado pela barbárie e faço um potente jato de água, arrebatando as janelas de algumas mansões. Enquanto meus dedos retomam forma, avisto Simus liquidar mais três soldados no caminho para o palácio. Os magos correm furiosos até lá.

Disparos são a última alternativa da guarda, encurralada nos jardins em frente à morada de Cadornia. Revidamos com poderosas orientações que, em minutos, subjagam a resistência inimiga. Soldados da guarda deixaram de ser ameaça para nós, agora eles são obstáculos fáceis demais.

É apenas entre a ponte do fosso e a grande porta do palácio que surge um adversário capaz de nos fazer hesitar: o homem de capuz negro e olhos amarelos, que, mesmo diante de dezenas de rebeldes, mantém uma pose intimidadora.

Sem saber o que ele guarda debaixo de suas mangas, os magos recuam, mas em vez de nos atacar, o silenciador entra no palácio, dando-nos as costas.

— Covarde — um dos nossos homens acusa.

— Vamos entrar! — outro grita e lidera a investida.

Um grupo atravessa a entrada frontal do palácio e desaparece. Preparo-me para fazer o mesmo, porém uma mão segura meu ombro.

— Cuidado — é Simus quem alerta. — Não sabemos o que nos espera lá dentro. Quero que você e Boom fiquem atentos ao silenciador. Os outros devem achar Cadornia e Felix.

— Entendido — digo.

Boom já está ao meu lado. Algumas placas de sua armadura foram destruídas pelas lutas que enfrentamos até aqui e ela tem arranhões e hematomas pelo corpo, mas mesmo ferida, ela me encara obstinada e acena com a cabeça. Faço o mesmo.

Simus entra no palácio e o seguimos por último. O saguão principal é largo, com pilastras sustentando o teto, escadas, corredores e algumas portas. Os rebeldes estão parados, indecisos por qual direção seguir. Um deles levanta a espada e indica as

escadas, sendo acompanhado por outros magos. É óbvio que Cadorcía está escondido em uma das torres, contudo a movimentação deixa Simus aflito.

— Por aí não — ele alerta, contudo os magos não param. Já estão no segundo lance de degraus quando uma luz forte nos cega. Cubro os olhos com um dos braços e logo vem o barulho alto e o forte calor oriundo da explosão. Muitos dos magos são jogados para trás em meio aos destroços da escada. Não resta nada dos que tentaram subir.

— O palácio está cheio de armadilhas — Boom fala.

— Estamos prestes a enfrentar o inimigo mais traiçoeiro de todos — Simus alerta.

— O silenciador das bombas — concluo.

Os rebeldes se reagrupam e decidem ir com mais cautela por um dos corredores. Simus toma a frente liderando o grupo enquanto Boom e eu vamos em seguida. Precisamos achar o silenciador e abrir caminho para que os rebeldes subam a torre.

Andamos olhando para as paredes, para o chão e para o teto. Uma nova bomba pode estar instalada em qualquer lugar. Mais alguns minutos a passos cuidadosos e avisto a saída do corredor. Simus atravessa para o novo saguão e, assim que eu olho para trás, averiguando o resto do grupo, vejo uma fumaça espessa sair do chão.

— Corram! — grito.

Escuto tossidas mais ao fundo e logo percebo que se trata de veneno. Boom mostra o caminho para o saguão e tenta trazer os demais em segurança quando a fumaça esverdeada finalmente é varrida por um dos magos, que usa o vento para soprá-la pelo corredor. Infelizmente, restam outros cinco dos nossos mortos no caminho.

— Maldito silenciador! — Ouço entre os protestos.

— Estamos em território hostil — Simus lembra. — O inimigo teve tempo de preparar o lugar. Não sabemos o que nos espera.

— Um único homem não será capaz de parar todos os magos de Acigam! — um rebelde fala. — Outros estão vindo depois de nós. Cadorcía cairá de qualquer jeito.

A ânsia por justiça é grande demais. O risco de vida não é suficiente para nos fazer recuar. Iremos até o fim.

O novo saguão apresenta outra escada para a torre e uma passagem para os fundos do palácio. Precisamos subir.

— Eu vou na frente — Boom avisa e logo segue na direção dos degraus.

— Espera... — falo, mas Simus coloca um dos braços diante de mim e me impede de segui-la.

Boom olha para vários pontos dos degraus e arrisca o primeiro passo. Em seguida, coloca as mãos no metal do corrimão, uma de cada lado. Vejo seus punhos se acenderem enquanto uma corrente elétrica sobe pelos apoios laterais da escada.

Ao passo que a energia se movimenta, ela ativa as armadilhas instaladas mais acima e diversos espetos metálicos são disparados, ficando presos no teto e nas paredes. Graças a Boom, eles se acionaram a uma distância segura dos magos.

— Caminho livre — ela fala e logo cai de joelhos. Deve ter usado energia demais na técnica.

Simus e eu nos aproximamos para ajudá-la, mas ao chegar perto, vejo que Boom tem uma das mãos no abdômen, pressionando o local onde uma das estacas de ferro se prendeu.

— Oh, não — Simus se abaixa para acolhê-la.

— Estou bem — ela enfatiza. — Você precisa subir. Eu vou aguentar.

— Eu cuido dela — falo.

Os magos passam por nós e sobem as escadarias para o alto da torre. Simus olha mais uma vez para Boom e se vira para mim:

— Leve-a para Safira.

Aceno com a cabeça e ele sobe atrás dos outros. Ajudo Boom a se levantar e a deixo apoiada na minha cintura.

— Ah, cara... — ela reclama ao olhar para o ferimento — como eu odeio essas coisas.

— Você vai ficar bem.

Damos alguns passos na tentativa de sairmos pela porta dos fundos, contudo algo que não estava ali agora bloqueia nosso caminho.

— Desarmou meus brinquedos, sua safada — o silenciador fala em um tom raivoso.

Preciso tirar Boom daqui. O ferimento é sério e ela está perdendo muito sangue, esse imbecil não pode atrapalhar agora. Terei de vencê-lo o mais rápido possível.

— Espera aqui — falo aos ouvidos de Boom e a sento novamente.

— O que pensa que está fazendo, mago? — ele provoca.

Encaro-o e armo minhas mãos, que perdem a coloração escura da pele e ficam transparentes. Ele levanta o dedo para emitir o chiado do silêncio, mas meu jato de água é mais rápido. A pressão do golpe o arremessa pela passagem até o lado de fora do palácio, deixando-o caído contra a cerca viva do jardim.

— É só isso? — ele pergunta após se levantar, enquanto retira folhas e o excesso de água de suas roupas.

— Vocês já perderam essa guerra. — Aponto as mãos na direção dele. — Por que ainda resistem?

Em resposta ele ri. É uma gargalhada tão insana que me surpreende.

— Sim, eu sei — ele diz —, mas ainda posso matar alguns de vocês, e isso me deixa bastante satisfeito. Você e sua amiga serão os próximos.

De uma das mangas, o silenciador revela uma granada e a lança até mim. Tenho tempo de colocar as mãos para frente e fazer jorrar o máximo de água que consigo. A explosão é enorme e o calor evapora parte do líquido de uma só vez. Meu corpo é jogado contra o chão e a pancada me deixa atordoado. Se não fosse a água de minha técnica, as chamas da granada teriam me engolido.

Chacoalho a cabeça e tento me levantar cambaleando, até parar apoiado nos joelhos. Demoro a me dar conta de que o inimigo já está ao meu lado. Posso ver seus dentes mostrarem um sorriso sádico por entre a escuridão do capuz.

— Muito mais fácil do que eu pensei — ele brinca.

Ele já tem outra granada nas mãos. A essa distância não terei tempo de me defender, nem mesmo ele sobreviverá se explodir a bomba aqui. Ambos seremos evaporados.

— Você é totalmente maluco — falo enquanto tento me afastar.

O silenciador me agarra pela parte de trás da gola e puxa minha cabeça, colocando seu rosto próximo ao meu ouvido. Com a outra mão, ele leva a granada até a minha boca e sussurra:

— Pronto para morrer?

Aperto os dentes e cerro o punho. Ele ri enquanto tento me soltar. Sinto sua pegada ficar mais firme em meu pescoço. Faço minha mão virar líquido quando ouço o clique da trava da granada sendo aberta. Meu algoz a empurra na direção da minha face e eu jorro água para cima, lançando o explosivo para o alto, que explode acima de nossas cabeças e a pressão do ar nos força contra o chão. O calor da explosão queimou parte do meu braço assim como o capuz do silenciador. Antes de se levantar, ele retira os frangalhos da cabeça e revela seu rosto mirrado.

— Não preciso mais disso — diz e se ergue, novamente me encarando.

Começo a me levantar outra vez, mas o inimigo me chuta. Enquanto protejo a cabeça e o abdômen com as mãos, eu recebo mais pancadas.

— Poderia ter morrido do jeito fácil — ele diz e continua chutando.

Percebo um clarão vir até nós, forçando o inimigo a usar uma das mãos para evitar o ataque disparado contra ele. Ao me virar, avisto a pessoa que me ajudou e não sei se me sinto aliviado ou ainda mais aflito.

— Se afasta dele. Agora! — Boom ordena.

— Espere a sua vez, garota apressada. — Ele ri. — Se bem que matar os dois juntos será mais divertido.

Boom não está bem para enfrentá-lo. Ela mantém uma mão à frente, de guarda, mas a outra permanece no ferimento.

— O único que vai morrer aqui é você — Boom grita e avança até o silenciador. Seu punho se acende com eletricidade e assim que alcança o inimigo, a luta começa.

Mesmo ferida, Boom é ágil, porém seus ataques são facilmente esquivados pelo adversário, ele é muito mais veloz do que ela. Enquanto desvia, ele salta e rodopia, evitando qualquer contato com as mãos da garota. O pior é que parece realmente se divertir, nem tenta revidar os ataques, apenas se esquivava e ri enquanto a provoca. Isso a deixa cada vez mais irritada.

— Muito lenta — ele fala após desviar de um murro. Em seguida dá um tapa na cabeça dela. Boom entrefecha os olhos e avança novamente.

Levanto-me acompanhando a luta dos dois. Sei que esse cretino está esperando o momento certo para acabar com a brincadeira. Corro até eles com meus braços prontos para atacar e entro na luta, sincronizando meus golpes com os de Boom. O silenciador desvia de jatos de água, de esferas elétricas e ainda nos acerta chutes e socos, demonstrando grande habilidade no combate corpo a corpo.

Após desviar de mais dois ataques, o silenciador dá uma pirueta para trás e usa uma das mãos para se apoiar no solo. Ao mesmo tempo em que completa o movimento, ele deixa uma granada no chão. Rodo meus braços para gerar a maior quantidade de água possível e envolvo-me junto com Boom em uma bolha de líquido. O fogo se mistura com a água em um chiado agudo e lança vapor no ar. Boom cai tossindo enquanto eu tento refazer minhas mãos que continuam vertendo em líquido. Olho para meu corpo e percebo que não são apenas os braços que estão transparentes. Parte do meu tórax, agora visível depois de ter minha túnica queimada na explosão, também virou água. Sinto até que meu rosto está diferente. Mas não tenho dedos para tocá-lo.

— Fajon! — Boom fala ao me olhar.

Minha surpresa se transforma em determinação e sigo furioso até o silenciador. Essa luta, de alguma forma, despertou em mim um controle ainda mais poderoso sobre a água. Posso verter mais partes do meu corpo e usarei isso ao meu favor.

O inimigo se prepara para me enfrentar e saca mais granadas. Ele arremessa a primeira para cima e, quando ela se ativa, cai uma chuva de estacas de ferro como as da armadilha de dentro do palácio. Os projéteis vêm em minha direção como tiros, mas eu não paro, nem tento me proteger. Percebo-os alvejarem meu corpo e não há dor. Eles me atravessam, furam só minhas roupas, não minha pele. Sinto um dos dardos atravessando minha cabeça para depois ficar preso no solo atrás de mim. Isso não pode me ferir, meu corpo está em um estado diferente agora, praticamente líquido.

Aturdido, o silenciador desiste das granadas e avança para lutar outra vez de perto, só que agora a vantagem é minha. Quando ele tenta me acertar, encontra apenas água no meu corpo e tem seus punhos e pés encharcados. Já eu, quando quero atingi-lo, transformo minha mão em carne e osso novamente, desferindo

golpes certos. Após sofrer o quarto murro bem no nariz, ele se afasta, com a face deformada. Então bufa de raiva.

—Você pode virar água? — fala ofegante. — Depois que eu acabar com você, terão que recolher seus restos em poças. — Ele retira uma bomba ainda maior das vestes e me encara cerrando os dentes. — Essa aqui vai te evaporar inteiro!

Estou longe para impedi-lo com novas investidas. Se ele explodir aquilo, Boom também será atingida. Uso meus punhos para preparar outro jato de água, porém preciso de um ataque mais efetivo. Busco em minha mente todos os ensinamentos que tive na arte de modelar a água e procuro uma forma de transformar o golpe em algo mais letal. Então disparo.

O líquido atinge o inimigo antes que ele pudesse lançar o explosivo. Sangue escorre de seu corpo junto com a água. O silenciador deixa a bomba cair ainda desarmada e me olha desfalecido com mais sangue saindo de sua boca. Quando observo o local onde meu ataque o atingiu, noto pequenas estacas de gelo trespassando-lhe o tórax.

— Transformei água em gelo — digo, incrédulo.

— Isso foi incrível — Boom fala, já ao meu lado.

Olho para minhas mãos e vejo que voltaram ao normal. Na verdade, meu corpo todo voltou ao normal, mas minha túnica ficou em frangalhos, mal cobrindo minhas partes íntimas.

Boom se aproxima do inimigo caído e averigua se ele foi realmente vencido. Sigo até os dois e o vejo ainda vivo, tentando respirar com dificuldade em meio à poça de água e sangue.

— Ele já era... — Boom fala.

No entanto, o silenciador sorri, mesmo com sangue entre os dentes. Com o que lhe resta de forças, ele abre as vestes que ainda escondiam a cintura e revela um cinto repleto de explosivos.

— Vocês dois vêm comigo. — E o som de um clique alerta meus ouvidos.

Olho para Boom e ela olha para mim. Não há tempo para corrermos nem para falarmos. Minha única opção é segurá-la em meus braços e me virar de costas para a gigantesca explosão que nos engole. Meu corpo vira água na tentativa de absorver o fogo e proteger a garota.

Quando o calor passa, estou estirado no chão, tentando recompor minha forma física. Um forte zumbido me atazana os ouvidos enquanto me levanto. Não sofri queimaduras, por sorte. Só que não posso dizer o mesmo de Boom. Ela está ao meu lado de olhos fechados, com parte do corpo em carne viva e sem um dos braços.

Capítulo 2

— Capitão? — ouço alguém me chamar.

Recupero a atenção e vejo alguns soldados no campo de treinamentos.

— O que devemos fazer agora?

Demoro um pouco a me situar. Esses soldados estão aqui para treinar luta corpo-a-corpo. Eu, como capitão, sou responsável por ensiná-los. Eles já terminaram o primeiro exercício que passei e aguardam novas instruções.

— Ok. Quero dois voluntários — falo.

Dois dos melhores homens que temos dão um passo à frente. Esperava que fossem eles mesmos a se manifestarem.

— Eu serei o adversário de vocês — digo e tiro minha camiseta, deixando a parte superior do corpo desprotegida. — O objetivo é acertar uma espadada no meu torso. Se conseguirem, estão liberados do treino de amanhã. Caso contrário, pagarão vinte voltas no campo.

Eles se olham incertos e sacam as armas.

— Tome, capitão — outro soldado me oferece uma espada. Mas eu recuso, o que deixa os rapazes ainda mais espantados.

— Não usarei armas — explico.

Meus dois adversários hesitam e eu faço um gesto com a mão, chamando-os para o combate. Eles atacam.

Desvio dos golpes de espada com movimentos do tronco. Uma, duas, três esquivas bem-sucedidas e acerto um chute no quadril de um deles.

— Estão lentos demais — falo.

Eles voltam a atacar e iniciam golpes conjuntos, que requerem maior habilidade para que eu consiga evitá-los.

— Isso. Se estão juntos, lutem juntos. Combinem seus ataques para desestabilizar o adversário — continuo instruindo enquanto me defendo com mais esquivas.

Após me safar de um golpe horizontal, sou obrigado a usar o braço para parar a espada do outro soldado, que cortou o ar verticalmente. O som da lâmina batendo em minha pele sai estalado, como se batesse em algo duro. Tanto a plateia quanto os combatentes se espantam ao ver o metal preso em meu antebraço.

— Eu disse que lutaria desarmado, mas não falei nada sobre controle — aviso.

Em seguida, estico os dedos e o braço que evitou o ataque fica translucido. Em seu lugar se forma uma afiada lâmina de gelo.

Empurro a espada do soldado e me livro de mais ataques. Meu outro braço também se transforma em uma lâmina congelada e agora luto rebatendo meus braços com as armas dos desafiantes. Os que assistem exclamam com empolgação.

Aprendi, ainda criança, como controlar a energia do meu corpo e moldar minha forma, vertendo-a em um elemento. A afinidade que possuo com a água é muito alta. Calma, frieza, senso de justiça e equilíbrio, essas eram características que todos exaltavam em mim. Não preciso dizer que foi fácil transformar partes do meu corpo em líquido.

Porém, quando enfrentei o silenciador das bombas, percebi que minha habilidade poderia ser ainda maior. Se eu não a desenvolvesse por completo, jamais poderia salvar a vida das pessoas com as quais me importo. Desde que conquistamos Acigam, tenho treinado essa técnica com exaustão. Diariamente eu uso a meditação para esvaziar minha mente e deixá-la em equilíbrio com o corpo, dominando-o.

Meu objetivo agora é usar toda a energia que controlo e modelar o corpo inteiro em água. Uma manobra difícil e arriscada, que coloca minha vida em risco, mas só assim eu serei forte o suficiente para fazer justiça. Dentre as evoluções que conquistei, está a habilidade de transformar partes do corpo em gelo, o que me permite lutar como faço agora.

— Magos devem combinar o combate corpo-a-corpo com o controle. Ainda não vi nenhum de vocês tentar algo diferente de golpes simplórios.

Um dos rapazes que me enfrenta é bom no controle da terra. Após minha frase, ele pisa forte no chão e arremessa pedras até mim. Rebato-as com as lâminas de gelo.

O segundo aproveita a deixa e lança duas esferas de luz. Abaixo-me para evitar uma e defendo a outra cruzando as lâminas diante do rosto.

— Não basta apenas atacar com orientações e manipulações. Combinem as técnicas.

Revido com os dois braços e cada um dos soldados impede minhas investidas usando sua própria espada. Aproveito para liquefazer meus membros por instantes, deixando as lâminas penetrarem a água. Logo depois, os congelo novamente e prendo as armas com meus braços. Puxo-as com força e desarmo os dois ao mesmo tempo. O armamento cai atrás de mim e eu uso uma torrente de água que lança meus adversários no chão.

Minhas mãos voltam ao normal e eu pego minha camiseta caída.

— Vinte voltas — digo aos dois. — Os outros estão liberados.

Chego ao meu quarto e vou direto para o chuveiro. É engraçado pensar que alguém capaz de virar água precise tomar banho, mas esse elemento tem um poder medicinal sobre o meu corpo. Gosto de estar em contato com ele, mesmo quando não estou controlando. A água quente me ajuda a relaxar e a ficar pronto para a reunião no conselho, marcada para o início da noite de hoje.

Visto uma túnica leve e coloco alguns apetrechos: braceletes, cinto e botas. Saio dos meus aposentos e desço. Depois do elevador, ando por alguns corredores até chegar ao Salão das Armas do palácio. Já estou sentado quando os novos ministros chegam, entre eles Diego Sartoro, um dos líderes da Guilda que comandava as ações do grupo na região leste da cidade. Apesar de não ter participado da investida final contra o governo, ele ainda guarda a cicatriz de uma de suas batalhas contra os silenciadores: três grandes rasgos que desfiguraram o lado direito de seu rosto e lhe arrancaram uma orelha.

Babo Seranto é o último a entrar, acompanhado da rainha Nagisa. Ele segue mancando até sua cadeira. Após se sentar do lado oposto ao meu, ele inicia:

— Deixamos assuntos pendentes na reunião passada.

— Isso, estávamos discutindo a situação de alguns membros antigos da Guilda — Sartoro o lembra.

O novo conselho de Acigam é presidido por Babo Seranto, o homem que venceu Felix Barolfen e libertou a cidade do antigo governo tirano. Ele foi escolhido para ser o novo líder de Acigam. Nagisa, por ser a rainha, também faz parte do conselho, e suas opiniões têm grande peso dentro do grupo.

Já faz alguns dias que o conselho vem discutindo ações para a melhoria da cidade, porém a pauta sobre os antigos membros da Guilda vai e volta sem muitas conclusões. Em nosso último encontro, Babo sugeriu que expedíssemos um mandado de prisão para algumas pessoas que foram nossas aliadas na guerra contra Cadornia. Ele alegou que eles estão atrapalhando o andamento da cidade sob o comando do novo governo. Sartoro e eu temos tentado amenizar a situação, mas Babo conseguiu apoio de outros ministros.

O fato é que depois que os rebeldes tomaram o poder em Acigam, alguns magos se recusaram a fazer parte do novo governo. Era esperado que Simus, Alb, Safira e Bartolomeu nos ajudassem a reconstruir a Acigam, mas eles preferiram se abster. Já faz meses que não os vejo, e essa situação faz Babo acreditar que eles representam alguma ameaça para nós.

— Acho válido ouvirmos o capitão Dirrou, ele está no comando da guarda. Deve ser o primeiro a escolher a prioridade de seus homens — Diego Sartoro diz.

— Mantenho o que foi falado antes — reafirmo. — Eles têm o direito de ficar de fora do novo governo. Além do mais, não acredito que devam deter tanto da nossa

atenção. Prendê-los não vai nos ajudar, Acigam tem problemas mais sérios para resolvermos.

Babo me olha com certo desconforto. Ele não gosta de ser contrariado, claro. Desde que assumiu o poder, o velho Seranto mudou algumas atitudes. Se tornou mais autoritário e menos paciente. Ainda tenho dúvidas do motivo pelo qual me elegeu capitão da guarda. Sei que ele queria alguém experiente no controle, que pudesse liderar um exército de pessoas treinadas no uso das energias, mas nossas ideias não costumam ir na mesma direção.

— Você sabe muito bem que houve traição entre os membros da Guilda — ele fala, levemente irritado. — Seu amigo Galek morreu por causa disso, não se lembra? Eu quase morri por causa disso — ele enfatiza e aponta para baixo, claramente se referindo à perna ferida. — Aquele arqueiro tentou me matar, capitão. A irmã dele assassinou dezenas dos ministros antigos sem que pudéssemos fazer um julgamento adequado. Inocentes morreram com os culpados. Acha que Simus não deu cobertura a eles? Ele está junto com Laura Yandel, é óbvio que ajudou os filhos dela. E Alb, Safira e Bartolomeu também são suspeitos.

— Concordo que o arqueiro e a irmã devam ser punidos, mas não temos provas quanto a Simus — Sartoro fala, tentando acalmá-lo.

— Exato — complemento. — Eu mesmo trarei os irmãos Yandel para julgamento quando tiver a oportunidade. Só acho que perder nosso tempo com suposições sobre uma conspiração na cidade é algo desnecessário no momento.

— Continuar nessa discussão vai nos fazer perder mais uma reunião — a rainha Nagisa diz. — Entendo a preocupação de Babo, mas também acho seus pontos relevantes, capitão. Já foram apresentados argumentos dos dois lados, agora sugiro votarmos para acabar logo com essa discussão.

— Ótimo, milady — Babo fala. — Levante a mão quem concorda em emitirmos o mandado.

Olho ao meu redor e assisto a mais de metade da sala levantar o braço. Balanço a cabeça decepcionado e olho para Diego Sartoro. Ele apenas retribui com um aceno.

— Ok, senhor Seranto. Trarei os prisioneiros em dois dias.

— Obrigado, capitão.

Depois de mais alguns tópicos, a reunião acaba. Babo se levanta e segue coxeando para fora da sala. Eu saio em seguida, junto com a rainha Nagisa.

— Como estão os treinamentos das novas tropas? — ela pergunta.

— Estão indo perfeitamente bem. Os recrutas selecionados são bons, precisam de mais disciplina, apenas.

A rainha sorri satisfeita e fala em seguida:

— Logo precisaremos da ajuda do exército.

Fiquei um pouco intrigado desde que me pediram para treinar novos soldados, e a fala da rainha me preocupa ainda mais. Para que precisamos de um exército agora? A guerra acabou. Acigam deveria estar em paz. Ao notar minha expressão de desconfiança, ela pede:

— Venha comigo. Preciso te contar uma coisa.

Sigo-a curioso até o elevador da torre fina e subo com ela para seus aposentos. Tenho ficado cada vez mais próximo da rainha, é verdade. Quando assumi o cargo de capitão, ela me confessou um segredo. Contou-me sobre seu passado e sobre o motivo pelo qual Cadorcía a mantinha presa. Nagisa é uma Estrela, um daqueles seres poderosos que concentra energias secundárias no próprio corpo.

Ela viveu nessa torre durante muitos anos, aprisionada. O fato de ser Estrela fazia dela um troféu para Evandro Cadorcía. Imagino o tanto de barbaridades e humilhações que ele a fez passar. Mesmo após tudo isso, Nagisa me parece uma mulher forte e determinada, que quer o bem para o povo de Acigam, por isso estranho seu interesse no exército.

Ela me leva até uma sala e fecha a porta após entrar. Pede que eu me sente e se acomoda em uma poltrona à minha frente.

— Sei que você não está confortável com a questão do exército.

— Apenas não entendo a real necessidade dele. Acho mais útil usarmos nossos homens para reconstruir as partes da cidade que permanecem em ruínas depois da guerra civil. O povo daqui quer paz, os magos podem dar isso a eles.

— Concordo com você — ela diz e faz uma pausa após respirar fundo. — A guerra civil não foi fácil para nenhum de nós. Ninguém quer reviver aqueles momentos horríveis! — Ela pausa novamente. — Sei que seus ideais são muito nobres. Seu trabalho como capitão é excelente, Fajon, mas sinto te dizer que os problemas de Acigam estão longe de terminar.

— Do que a senhora está falando?

— Desde que abrimos os portões, eu busquei me informar dos acontecimentos em outras cidades e reinos. Infelizmente não recebi notícias boas.

— O que houve? — pergunto assustado.

— Uma guerra violenta aconteceu recentemente em Sonatri. Centenas de milhares morreram. E outra já se iniciou no Continente Oeste.

— Como?

A Rainha me encara com um olhar infeliz.

— Temo que este conflito nos alcance, capitão. Precisamos estar prontos.

— Mas por quê? Quem é o responsável por isso?

— Para o infortúnio daqueles que desejam a paz, como nós, os governos opressores existem em todos os lugares. Muitas vezes os motivos são tão mesquinhos que custo a acreditar.

Fico calado por alguns segundos, pensativo. Outras cidades estão em guerra? Se formos atacados não conseguiremos defender o povo.

— Apenas o exército será suficiente para proteger a cidade? — questiono, receoso.

— Irá ajudar, mas eu organizei um encontro com líderes de outras regiões daqui a duas semanas, eles virão até Acigam. Acredito que possam ser possíveis aliados para mantermos nossa cidade segura perante o conflito que cresce pelo mundo.

Imagino o quão perigoso pode ser ter líderes de outras regiões aqui em Acigam.

— Gostaria que você também participasse dessa reunião, Fajon — ela adiciona. — Além disso, preciso de seu apoio para manter a segurança dos convidados. Se algo acontecer a eles aqui, teremos problemas diplomáticos sérios.

— Eu deveria ter sido envolvido antes — afirmo. — Duas semanas é pouco tempo para nos prepararmos para um evento destes.

— Não tive muito tempo para me preparar também, a reunião foi confirmada ontem. As agendas dessas pessoas são difíceis de conciliar.

— Sem problemas — falo diante da situação. — Irei garantir a segurança de todos. Reforçarei os treinamentos nos próximos dias.

— Perfeito. E não se esqueça de trazer os prisioneiros. Apesar de concordar com seus argumentos, existe a possibilidade de eles estarem passando informações de Acigam para nossos prováveis inimigos. Quanto mais precavidos formos, melhor.

Não acredito que Simus seja capaz de fazer uma coisa dessas, contudo devo seguir as orientações da rainha. Se o que ela diz for verdade, todo cuidado é pouco.

— Entendido, *milady*. Deixe isso comigo.

Desço pelo elevador ainda tentando absorver a conversa. Seria possível que outras cidades tentem invadir Acigam? Será que foi para uma dessas cidades que Leran e Luana fugiram? Nesse caso, Laura deve saber onde os filhos estão. E se ela e Simus realmente estiverem passando informações de Acigam a fim de facilitar as coisas para esses inimigos? Não posso acreditar nisso, é maluco demais! Se bem que tudo o que aconteceu em Acigam nos últimos meses também beira à loucura. Como capitão da guarda não posso relaxar agora, tenho um povo para proteger.

Volto ao quarto pensando em inúmeras alternativas para solucionar esse problema. Após algumas horas em claro, finalmente me preparo para dormir. Amanhã o dia será cansativo.

A noite é embalada por um sono pesado e minha cabeça se enche com as vozes aflitas que protagonizaram as cenas após a invasão da Vila de Mármore, meses atrás.

“Safira, socorro!”

Pessoas correm desesperadas.

“Boom?”

“Oh não...”

Preocupação, desespero.

“Ela precisa de cuidados. É urgente!”

...Angústia

“Ela vai ficar bem?”

“Sinto muito, não posso fazer mais nada”

Soluções e desolação...

Apronto-me e saio logo cedo na direção do Bairro das Oliveiras. Deveria levar alguns soldados comigo para cumprir o mandado de prisão, mas isso dificultaria o que pretendo fazer.

Passo pela Vila de Mármore e vejo algumas pessoas trabalhando na reconstrução de casas. Os aristocratas que moravam aqui foram expulsos da cidade. A vila se tornou moradia dos novos ministros, magos e comerciantes influentes de Acigam.

Agora é comum ver um ou outro veículo circulando pelas ruas de Acigam, principalmente aqui na Vila de Mármore, onde as pessoas têm mais dinheiro. Uma das vantagens da abertura das fronteiras é que alguns aparatos tecnológicos se tornaram mais acessíveis.

Na Praça Central ainda está o pedestal onde ficava a imagem de Cadorcía. Em seu lugar começou a ser erguido um novo monumento, desta vez em homenagem às energias. O idealizador da obra espera que tudo esteja pronto no ano que vem. Vi o projeto e me pareceu bem interessante, agora precisamos esperar para ver.

Poderia pegar o trem, que passou a funcionar perfeitamente na nova gestão da cidade, porém prefiro ir andando. Como capitão da guarda, é importante ter contato com as pessoas e saber se está tudo certo com elas.

Se existe um lugar que melhorou consideravelmente nesses meses, esse lugar é a Cidade Velha. O novo governo focou esforços na região para trazer mais saúde e educação para o povo. Inauguramos quatro novas escolas e estamos terminando de equipar dois hospitais. Além disso, o patrulhamento da guarda é constante, o que deixou a população mais segura. Também conseguimos um fundo com os comerciantes para investirmos em moradia. Aos poucos, todos terão casas melhores por aqui.

Não é à toa que o povo de Acigam está muito feliz com o governo dos magos. As melhorias são incontestáveis. Nossa cidade está em um caminho de prosperidade e é por isso que me assusta a ideia de estarmos para entrar em uma guerra com outras regiões. Isso não pode acontecer, jogaremos no lixo tudo o que conquistamos.

Quando alcanço o Bairro das Oliveiras, vou direto até a casa onde Simus e Laura estão vivendo. Eles compraram um pequeno sobrado perto da fronteira. Me espanta

que ainda não tenham fugido.

Toco a campainha e aguardo alguns segundos.

— Quem é? — A voz de uma mulher pergunta. Deve ser Laura Yandel.

— Fajon. Gostaria de falar com Simus.

Silêncio.

A porta se abre e ela me convida a entrar.

— Obrigado — falo e peço licença.

Simus aparece na sala secando as mãos em um guardanapo. Laura também devia estar ocupada com algum afazer doméstico, pois ainda veste seu avental.

— O que faz aqui? — ele pergunta, sem muita paciência.

— Vim conversar.

— Não temos nada para conversar com você ou com qualquer um do governo — Laura se intromete.

— Senhora Yandel, não tenho nada contra a senhora. Seus filhos ainda serão presos, mas poderá visitá-los na cadeia, não se preocupe.

— Eles são inocentes! — ela se exalta.

— Fajon, já tivemos essa conversa antes — Simus diz. — Não vamos perder nosso tempo discutindo quem diz a verdade, vamos?

— Você tem razão.

— Então vai, me prenda logo. Soube que Babo conseguiu aprovação para emitir um mandado — ele diz, estendendo os pulsos. — Peça para que os soldados entrem e terminem com isso. Não vamos resistir. Vamos provar quem está certo nessa história.

— Você tem razão, Babo conseguiu o mandado — digo com seriedade. — Mas eu não vim aqui para prendê-lo.

— Não? — Laura se espanta.

— Vim para ajudá-los a fugir.

Capítulo 3

A face de Simus demonstra confusão.

— Nos ajudar? Ficou maluco?

— Não posso prender vocês, não depois de tudo o que passamos na Guilda. Eu sinto muito que não consigam enxergar o que estamos fazendo por Acigam.

— Você acha mesmo que estamos no caminho certo? — Simus pergunta, me olhando nos olhos.

— Sim, os magos estão no poder. Era isso o que queríamos.

— Nós queríamos o poder na mão do povo, Fajon. Trocamos seis por meia dúzia. Um governo tirano por outro.

— Não fale besteira! — Me exalto. — Não acuse aqueles que foram seus companheiros.

— Assim como eles estão me acusando?

— Vocês estão dando motivos para isso, Simus. Por que se recusaram a ajudar Babo? Por que não permaneceram na Vila de Mármore, no conselho?

— Porque não foi para isso que vencemos Cadorcía. Não foi para tomar seu lugar. Vencemos para tornar Acigam uma cidade diferente.

— E nós fizemos isso.

— Fajon, você está morando no mesmo palácio em que Felix e os silenciadores viviam. Em que você é diferente deles?

— Não me ofenda, Simus.

— Os magos estão sendo usados, assim como os silenciadores foram.

— Oras, vai me dizer que está do lado daqueles assassinos?

— Não disse isso — ele recua.

Laura permanece assistindo à discussão, aflita.

— Talvez Babo e a rainha tenham razão ao desconfiar de você.

— É uma pena você acreditar neles.

— Bem, Simus — interrompo a baboseira. — Como disse, vim aqui para te oferecer uma oportunidade, por tudo o que você fez pela Guilda e pelos magos. Além do mais, estou em dívida contigo. Em dívida com Boom...

Simus me olha triste e eu abaixo a cabeça. Vendo a situação, Laura intervém:

— Não podemos deixar nossa casa. Demoramos meses para conseguí-la. É injusto.

— Infelizmente vocês não têm escolha. Eles acham que vocês estão passando informações da cidade para inimigos externos.

— Quais inimigos?

— Não importa agora. O fato é que, se vocês não estiverem na cidade, não possuirão informações para passar. Usarei esse argumento para que deixem vocês em paz. Sigam para algum vilarejo aqui perto, mas não voltem para Acigam, não até as coisas se acalmarem.

— Isso está muito mal explicado, Fajon.

— Não posso falar mais nada, Simus. Vocês têm até o pôr do sol, depois não poderei mais protegê-los.

Levanto-me e sigo até a porta. Falo antes de sair:

— Safira, Alb e Bartolomeu devem ir também. Por favor, deem o recado a eles.

É difícil manter uma postura firme diante de algo assim. Minha afinidade com a água sempre me fez ser tranquilo, aberto para conversas e para o consenso, mas desde que assumi o cargo de capitão foi preciso ser mais firme. Minhas responsabilidades com o povo são enormes, sem me dar espaço para fraquejar. Muitas vezes tenho que fazer escolhas duras e ser rígido com as pessoas com as quais me importo.

Mas essa é outra das características das pessoas da água. Nós nos adaptamos com facilidade à diferentes situações. Se tem uma coisa que aprendi com o controle do elemento mais maleável de todos é que a água nunca perde tempo com um obstáculo, ela simplesmente desvia dele.

A volta é tranquila até eu chegar nas proximidades do centro onde noto algumas pessoas agitadas. Um grupo de comerciantes está reunido ao redor de um adolescente e ele parece bastante assustado. Aproximo-me para ouvir melhor:

— Tem certeza do que viu? — um deles pergunta ao rapaz.

— Sim, estavam desembarcando de tanques. Dezenas de máquinas estranhas. Nunca vi nada parecido. Se mexiam sozinhas e tudo, depois enfileiraram-se na fronteira da cidade. Acho que vão nos invadir.

— Do que estão falando? — intrometo-me.

— Capitão Dirrou, o Jota viu algo estranho na fronteira norte. O senhor sabe de alguma coisa?

Não faço ideia ao que eles se referem, porém não posso dizer isso. Se acharem que eu não estou a par do que acontece, entrarão em pânico. Isso seria muito pior.

— Fiquem tranquilos. Não é nada demais, apenas um exercício de rotina.

— Mas eu não vi nenhum soldado de Acigam por lá — o tal Jota fala, ainda agitado.

— É porque o exercício não começou — rebato tentando fazer com que esqueçam o assunto. — Já disse para ficarem tranquilos.

— Está vendo, seu moleque medroso — outro dos homens provoca. — Não é nada.

Deixo o grupo de comerciantes e sigo para a fronteira norte, preciso averiguar se o que o rapaz disse é verdade. Ando a passos rápidos, mas sem gerar alarde. Alcanço os muros depois da longa caminhada e entro pelo portão, subindo as escadas internas até chegar ao topo. De lá, vejo a linha do trem.

Ele tinha razão. Uma fileira de máquinas está diante cidade, e não são máquinas comuns. Apesar de feitas de metal, possuem forma humanoide. São corpulentos soldados de ferro, empunhando armamento pesado.

Eles possuem costas largas e curvadas, onde baterias de energia expõem fagulhas elétricas de tempos em tempos. Ainda vejo pedras e fios luminosos que garantem a alimentação do corpo todo com eletricidade. Suponho que cada um tenha mais de dois metros de altura. Uns usam escudos, outros empunham lanças e metralhadoras. Roldanas, parafusos e dobradiças estão por toda a parte em seus corpos. As placas de metal que conferem proteção no tórax, nos braços e nas pernas são azuladas, enquanto o resto do material tem cor de chumbo. A cabeça pequena foi colocada à frente em relação aos ombros grandes e todos possuem olhos acesos em um anil forte.

— Que palhaçada é essa? — deixo a frase involuntária escapar.

De onde vieram essas coisas? Será que os inimigos que Nagisa citou já estão nos atacando? Não estamos prontos. Não temos como defender a cidade disso. Será um massacre.

Assustado, corro até o palácio e procuro pela rainha. Subo até o topo da torre fina e a encontro com Babo. Entro interrompendo-os:

— Preciso falar com vocês!

— Capitão Dirrou, você não pode entrar assim — Babo Seranto repreende. — Estamos discutindo assuntos importantes. Por favor, volte outra hora.

— Não — respondo de forma áspera. — Isso é mais importante do que qualquer coisa que estejam discutindo.

Babo ameaça falar, mas a rainha faz um sinal para que ele fique quieto e diz em seu lugar:

— O que houve, Fajon?

— Máquinas! — falo assustado. — Estão na fronteira norte, paradas como um exército pronto para invadir Acigam.

— Finalmente os construtos chegaram — Babo diz, aparentemente calmo demais para a situação.

— Construtos? — A palavra me confunde ainda mais.

— Mais alguém os viu, Fajon? — a rainha pergunta.

— Sim. Estavam comentando sobre isso no centro. Se não fizermos algo, a cidade entrará em pânico.

— Em pânico? — Babo questiona com petulância. — Assim como o capitão?

Olho-o irritado e volto meu rosto para a rainha, esperando por instruções.

— Não são inimigos — ela diz. — Fazem parte do acordo que fizemos com um dos líderes que estará aqui na reunião que mencionei.

— Acordo? Mas o que está acontecendo aqui? — indago quase para mim mesmo.

Independentemente de serem ou não inimigos, a presença deles na nossa fronteira irá despertar alvoroço na cidade. Acabamos de abrir os portões para os cidadãos poderem ir e vir. Não podemos colocar construtos, ou qualquer que seja o nome deles, no caminho dos moradores. Diante de meus argumentos, a rainha tenta me acalmar.

— Esses construtos estão aqui para nos ajudar na reconstrução da cidade. Eles trabalharão em conjunto com seu exército. Poderemos acelerar as obras e ainda proteger melhor os moradores. É uma medida preventiva.

— Por que isso não foi discutido no conselho? — pergunto, indignado.

— Porque não conseguiríamos aprovação no tempo necessário — Babo fala, indiferente.

— Isso está errado! — acuso com firmeza.

— Ser um bom líder implica em tomar decisões como esta, capitão — ele explica, ainda em tom provocador. — Todos irão entender que se trata do melhor para Acigam.

— Faremos um pronunciamento oficial ainda hoje — a rainha completa. — Logo a população estará acostumada com os construtos nas ruas. Quanto mais inseridos no dia a dia de Acigam, mais fácil será para o povo aceitá-los.

Sem ter mais como argumentar, acato a decisão de Babo e da rainha. Não posso dizer que estou satisfeito com a situação, afinal, como chefe da guarda, deveria ter sido o primeiro a ser consultado em uma decisão assim. Como trazem reforços para o exército que eu sou responsável? Algo não está me cheirando bem nessa história. Talvez Babo esteja querendo me afastar do cargo, colocar outra pessoa em meu lugar, mas não darei esse gosto a ele. Se os construtos são para o bem de Acigam, então os liderarei assim como faço com a guarda. Melhor tê-los sob meu comando.

Conforme a rainha Nagisa disse, um comunicado oficial foi feito. Ela, Babo e eu subimos no palanque na praça principal e anunciamos os novos armamentos comprados pelo governo. Construtos feitos de metal e energia, capazes de se mover e lutar sob o comando de um líder, no caso eu. Dissemos que as máquinas servirão para auxiliar na reconstrução da cidade, uma vez que as perdas na guerra civil foram muitas e não temos pessoas suficientes para trabalhar na velocidade que precisamos.

Além do pronunciamento, foram colocados cartazes em diversos pontos de Acigam, avisando sobre a novidade. Por incrível que pareça, o povo recebeu a tudo de forma positiva, principalmente quando viram os construtos começarem o trabalho de limpeza e arrumação de algumas áreas devastadas.

Eu mesmo acompanhei alguns no primeiro dia. Eles podem levantar muito peso e são rápidos para carregar entulhos e mercadorias. Deram uma força significativa no mercado e na Cidade Velha. Com isso, os soldados da guarda puderam se concentrar nos treinamentos.

No dia seguinte a chegada dos construtos, eu fui cobrado pela captura de Simus e dos outros, mas segui com o plano. Disse que tinham fugido antes que eu chegasse para prendê-los. Babo não gostou nem um pouco do que ouviu, ainda assim a rainha e Sartoro concordaram que eles não representam ameaça do lado de fora da cidade. Com a atenção em torno dos construtos, logo esse assunto foi esquecido.

A semana passou depressa e começaram os preparativos no Palácio para recebermos os líderes que viriam para o encontro com Nagisa, encontro esse que me despertou muita ansiedade. Sinto que Acigam está entrando em um caminho sem volta. Preferia que continuássemos isolados desse conflito, no entanto esse é um efeito colateral da abertura das fronteiras, agora não podemos virar as costas para os problemas que o mundo enfrenta.

O local escolhido para a reunião foi o Salão das Armas, já que é a maior sala do palácio. Antes de tratarmos de negócios, será dado um jantar para recebermos os convidados. Babo pediu que os ministros de Acigam também participassem da recepção, a fim de mostrarmos hospitalidade. Disseram-me que a comitiva dos líderes será bastante simples, cada um deve trazer poucos acompanhantes, o que facilitará a organização.

Deixei guardas nas entradas da fronteira e designei os construtos para ficarem atentos nas ruas da cidade. Apesar de Babo insistir para termos máquinas dentro do palácio, preferi que meus homens fossem os responsáveis pela segurança interna da Vila de Mármore, acho mais amistoso que humanos façam a guarda dos convidados. Quando finalmente chega o dia do encontro, o palácio é atravessado por uma correria de criados aprontando os detalhes finais.

Estamos na noite da recepção. Permaneço por algumas horas na entrada da Vila de Mármore, acompanhando a movimentação de alguns veículos. Quando percebo que a maioria já passou, decido ir até a sala onde o jantar será servido.

O movimento é grande nos arredores do salão. Vou pelos corredores de acesso dos funcionários e vejo que o jantar está quase pronto. Passo pela cozinha e adentro a sala.

Algumas pessoas já estão acomodadas, conversando enquanto criados servem bebidas e aperitivos. Avisto alguns ministros e pessoas desconhecidas, certamente membros das comitivas trazidas pelos líderes das outras cidades. Quando vejo Nagisa e Babo, sigo até eles.

— Ocorreu tudo bem lá embaixo? — a rainha pergunta.

— Sim. Acho que já subiram todos.

Enquanto Babo e a rainha conversam, passeio meu olhar pelos convidados. Entre eles, duas pessoas se destacam. Um homem gordo anda à frente, vestido com terno, cartola e suspensórios, porém o que me prende à ele são algumas partes de seu corpo, feitas de metal. Uma de suas pernas é inteira mecanizada assim como algumas placas visíveis em seu pescoço. O mais estranho está em um dos olhos. O globo ocular fora substituído por uma peça de ferro que brilha em azul fluorescente, como o olhar dos construtos. Ao redor do olho, uma placa de ferro é adornada com parafusos negros que termina logo acima do bigode grosso e enrolado. Uma das mãos também é mecânica, com dedos finos de metal, parecendo ossos.

A mulher que o segue também se destaca entre os que estão na sala. Um sobretudo escuro cobre seu corpo por completo e a cabeça vem ocultada por um capuz, que deixa à mostra apenas seu rosto. O problema é que ela não tem expressão alguma, também pudera, sua face é uma única e lisa peça de metal prateado com apenas dois buracos para os olhos brilhantes em azul claro.

Eles estão vindo em nossa direção.

— Este é Hiago D’Waniv — a rainha Nagisa apresenta o homem gordo assim que ele se aproxima. — Trata-se do financiador por trás de Yana, a cidade que constrói os maravilhosos construtos que compramos.

— É um prazer, senhor Devaniv — digo e estendo a mão para cumprimentá-lo.

Seu olhar me analisa de baixo para cima, sem retribuir meu cumprimento.

— D’Waniv — corrige com seu sotaque estranho. — *Porr* que não vejo nenhum de meus *consturrutos* no Palácio? — a pergunta sai cantada devido à pronúncia do “R” que é bem distinta da nossa, talvez uma dificuldade de falar devido aos aparatos de metal na face. Por um momento penso em achar graça, mas não seria apropriado.

— Peço desculpas, senhor D’Waniv — respondo com uma reverência. — Achei que seria mais calorosa uma recepção feita apenas por humanos.

— Aqueles *consturrutos* podem fazer tudo o que um humano faz — ele diz com desdém. — Com a vantagem de que não cometem *erros*. *Estarria* me sentindo mais *seguro* se estivessem aqui.

Babo me fita com olhos estreitos.

— Fique tranquilo, senhor. Garanto que está extremamente seguro. Não tem com o que se preocupar.

Após me oferecer um sorriso de canto, claramente descontente, o líder de Yana dá as costas e vai até seu lugar na mesa. Antes de segui-lo, sua acompanhante me encara com os olhos pequenos e brilhantes por trás da peça de metal.

— Espero que essa falta de bom senso não atrapalhe as negociações — Babo fala ao meu ouvido após se certificar de que nenhum convidado pode nos escutar.

— Por que você não me fala um pouco dos outros convidados? Assim não cometo nenhuma gafe.

— Eu faço isso — a rainha Nagisa diz e me leva para um dos cantos da sala.

Enquanto bebemos algo, ela me dá maiores detalhes sobre as pessoas presentes.

— O foco desse encontro é em Hiago D’Waniv — a rainha sussurra, ao meu ouvido. — Além de líder de Yana, ele controla a indústria de armas da cidade e está oferecendo proteção para Acigam diante do novo conflito que cresce no hemisfério norte. Nos quer como aliados.

Aliados? Pergunto-me o que teríamos a oferecer para uma cidade tão poderosa.

— Yana faz apenas construtos?

— Não. Eles são especialistas em diversos tipos de armas. Os soldados de Felix também foram armados com itens de lá.

— E por que estamos tratando esse homem com tantas regalias? — indago, irritado. — Muitos morreram em Acigam por causa das armas que ele fabrica.

— A indústria de Yana vende armas para o mundo todo, Fajon. Hiago nem sabe para o que as de Acigam estavam sendo usadas. São negócios.

Independentemente da explicação, esse fato me faz gostar ainda menos desse homem arrogante.

— Além dele, existem outras pessoas que você precisa conhecer. Veja ali na poltrona no canto da sala — ela aponta discretamente com o rosto.

Um homem idoso de cabelos longos e grisalhos está sentado. Ao lado dele, apoiada no braço do assento, vejo uma garota de pele escura e cabelos brancos encaracolados, adornados por miçangas coloridas. Não deve ter mais do que doze anos. Ao cruzar seu olhar com o meu, ela me oferece um largo sorriso.

— Aquele é Mégarus Sehud, um sábio de Ilados, a maior cidade de Costa Molina. Trouxe a pequena Sirela, sua aprendiz.

Além dos cabelos enrolados em tranças, Mégarus usa uma barba longa, enfeitada com anéis de metal. Seu nariz é avantajado e os olhos são claros e fundos. O manto

claro sobre as costas e as roupas são comuns das regiões com neve. Não sei como ele não está com calor vestido assim. A temperatura está quente essa noite.

Enquanto o observo, ele vira o rosto para nós e posso ver sua íris em um azul quase cinza, um olhar tão frio que me gela a espinha.

— Sinto que ele detém uma energia grande ao seu redor. Parece um mago poderoso — falo arrepiado.

— Sim, todos os líderes que convidei são controladores excepcionais, Fajon. Por isso essa aliança é tão importante.

— Quem mais? — pergunto, curioso para saber quais outras pessoas nessa sala também são importantes.

— Do outro lado, próximo ao balcão de bebidas — ela indica.

Foco minha visão no lugar e vejo mais três pessoas. No meio, uma pessoa de pele negra com vestes claras e esvoaçantes. Seus cabelos são grossos e caem pesados sobre os ombros. Usa brincos de argola e algumas joias brancas.

Em um dos lados dela está um jovem extremamente pálido e muito magro, de cabeça raspada. Usa roupas simples, calça larga e camiseta de mangas longas que cobrem suas mãos. Os olhos são grandes e muito escuros, nos quais a grande íris preta não deixa espaço para as partes brancas do globo ocular. Além disso, as olheiras roxas e as bochechas fundas fazem com que ele pareça estar doente.

Por fim, o homem ruivo de pele cor de bronze. Seu rosto traz sardas aparentes, ainda mais escuras que a face. Os cabelos estão presos na frente por uma tiara, mas descem compridos e rebeldes sobre as costas. Veste um colete de couro negro com placas decoradas nas ombreiras, deixando os braços à mostra. Na cintura, tecidos presos por fivelas no cinto cobrem suas pernas, caindo até as botas. Além de diversos braceletes, pulseiras e brincos de argola, uma joia em seu pescoço ganha destaque, um colar com uma dúzia de contas grandes e escuras, quase do tamanho de ameixas. Duas delas brilham em uma cor magnífica devido a redemoinhos de energia em seus interiores.

— Blessi lidera as sereias de Marmênia — a rainha diz se referindo a primeira pessoa — O rapaz careca é Markim, o príncipe da cidade de Miquenas, e o homem ruivo ao lado dele é o barão Urik, também conhecido como a Estrela de Fogo.

— Uma Estrela?

Apesar de saber que Nagisa também é uma Estrela, o fato de estar diante de outra me deixa atônito. Não imaginei que isso aconteceria tão cedo.

— Urik é o atual líder das Estrelas ativas. Sua ajuda será de grande valia — a rainha explica.

— É um homem aparentemente jovem para ter tanta responsabilidade.

— Ele não tem a idade que aparenta. Posso dizer que possui a vivência necessária para a posição que ocupa.

— Interessante... Então temos duas Estrelas na mesma sala? — pergunto com certa animação.

Mas a resposta de Nagisa me espanta ainda mais.

— Não... — ela ri, despretensiosa. — Você não entendeu. Todos os que te mostrei são Estrelas.

Capítulo 4

Demoro alguns segundos para entender a situação. Como podem tantas Estrelas estarem reunidas em Acigam?

— Todos? — repito.

— Com exceção da menina Sirela.

— Então Hiago, Mégarus, Blessi, Markim e Urik são Estrelas. Com a senhora, são seis no mesmo lugar?

— Exatamente. E ainda falta uma chegar.

— Quem falta chegar? — um homem diz e se aproxima de nós. A bela roupa decorada se move graciosamente enquanto ele anda, e sua coroa, feita de círculos avermelhados, reflete a luz das luminárias de teto. Os cabelos curtos e a barba feita dão a ele um ar jovial.

— Montesco — a rainha fala em reverência.

— Nagisa — ele retribui.

— Agora não falta mais ninguém. Esse é Minau Montesco — ela o apresenta. — Regente da fabulosa cidade de Tênus, e este é o capitão da Guarda de Acigam, Fajon Dirrou — ela fala para ele.

O homem me oferece a mão em um cumprimento firme e depois diz sorrindo:

— Até que Acigam não é tão ruim para uma cidade que ficou fechada durante quinze anos.

Nagisa sorri sem graça e deixa o homem se afastar para cumprimentar outras pessoas.

Ele deve ser a outra Estrela, sinto a energia poderosa que Minau Montesco emana. A sala está repleta dessa energia. Sabendo que todos eles são nossos aliados, fico mais tranquilo. Duvido que alguma cidade tente invadir Acigam agora.

Depois de mais alguns minutos, o jantar começa a ser servido. Todos se sentam para saborear o prato de entrada, um delicioso mousse de queijos com ervas e damascos.

Meu lugar é ao lado de Babo e Nagisa. Mais à frente na mesa, Hiago D'Waniv come sem a companhia de sua escudeira, que permanece em pé atrás dele, observando. Ainda bem, pois não sei como ela colocaria a comida para dentro se não tem um espaço para a boca em sua cara.

Montesco, por sua vez, experimenta o mousse enquanto conversa com alguns dos ministros de Acigam. Entre uma garfada e outra, ele troca sorrisos e risadas, em uma demonstração sublime de simpatia e carisma.

Urik e Blessi bebem vinho e trocam poucas palavras. O estranho príncipe Markim se mantém deslocado na mesa. Fica apenas revirando a comida com um dos talheres, mas não arrisca colocar nada na boca.

Quando o prato principal é servido, vejo Mégarus e sua aprendiz se deliciarem com a carne de vitela. Ele toma cuidado para não sujar a barba e vez e outra sobe o guardanapo até os lábios. Por fim, a rainha Nagisa não parece ter muita fome. Ela, assim como eu, está prestando atenção nos convidados, vendo se tudo está do agrado.

Após terminarem a sobremesa, as pessoas começam a pedir licença e se levantam. Não sei quão longe fica a cidade de cada um deles e nem qual meio de transporte utilizaram para chegar a Acigam, mas estou certo de que todos os convidados devem estar cansados. A reunião será amanhã cedo e precisam dessa noite para descansarem. Após se despedirem, cada um é guiado por criados do palácio até seus respectivos quartos na torre menor.

Aguardo até que todos subam, inclusive Nagisa e Babo, depois me certifico de que os guardas estão em seus postos. Antes de ir ao meu quarto, devo fazer uma ronda. Passo mais de uma hora vagando pelos andares da torre menor e aprecio o silêncio precioso. Todos os convidados já devem estar dormindo, então decido ir checar a torre fina. Apesar de não ter nenhum hóspede por lá, é sempre bom garantir a segurança de Babo e da rainha.

Subo pelas escadas até o último andar e encontro a porta que dá acesso ao corredor principal aberta.

— Estranho... — reflito e a encosto.

Essa porta costuma ficar fechada, já que Nagisa e Babo usam os elevadores. Atravesso a passagem e sigo pelo corredor com cautela. Na esquina que leva até a segunda galeria do último andar, vejo alguém agachado, olhando para o outro lado. Aproximo-me até notar a menina aprendiz, Sirela. Seu casaco está encostado no chão e os cachos brancos refletem a pouca luz que entra pela janela.

— O que você faz aqui, garota? — pergunto ao tentar surpreendê-la, o que não surte efeito algum. Ela faz sinal com o dedo, pedindo silêncio e me ignora ao continuar atenta ao corredor.

— Te fiz uma pergunta — insisto e a pego pelo ombro.

— Fica quieto, senão ela vai saber que estamos aqui — responde, também com um sotaque engraçado, mas nem de perto forte como o de Hiago.

— Quem? — falo olhando para os lados. A torre parece deserta.

— A Eve, aquela mulher-robô.

— Mulher-robô?

No entanto a garota me puxa para junto dela, forçando-me a abaixar na esquina da parede.

— E o que ela está fazendo aqui?

— Se eu soubesse não estaria seguindo ela. *Dãr!*

Fico olhando para a pestinha por alguns segundos, tentando entender o que está acontecendo. Mas antes que fizesse outra pergunta, ouço um ruído à frente e vejo uma das portas se abrir. Dela sai a mulher de sobretudo escuro que chegou ao palácio junto com Hiago D'Waniv. Ela olha para os dois lados e segue até o final do corredor.

— Vem — Sirela chama e corre agachada atrás da mulher suspeita.

O que essas duas querem aqui? Estão espionando o palácio? Procurando algo para roubar? Não posso permitir isso.

— Vai me explicar o que está acontecendo — falo ao pegar a menina pelo colarinho.

Ela me olha enfezada e diz:

— Está querendo perder o seu braço?

— Você é folgada para o seu tamanho, sabia?

— Ok. Vou ser rápida, *tá?* Não sei você, mas eu não confio em construtos. A Eve é um dos construtos de elite do exército de Yana. Hiago a trouxe porque deve ter dado alguma missão para ela. Estou tentando descobrir qual é, só que fica muito difícil com você atrapalhando, caramba!

Isso não faz sentido algum. O que essa construto estaria procurando aqui? Não posso ficar participando desse jogo. Vou acabar com isso.

Sigo até a porta onde a mulher entrou e antes que eu alcançasse a sala, ela sai e me nota no corredor.

— Você estragou tudo — a menina diz, já atrás de mim. Mas eu a ignoro.

— O que faz aqui? Perdeu o caminho para o quarto? — pergunto para a tal Eve.

Contudo, ela não responde, apenas segue na minha direção como se quisesse passar pelo corredor de volta às escadas.

— Não posso deixar que saia daqui sem dar uma explicação — ameaço.

Ela me encara com aquele mesmo olhar de antes e fica parada, esperando algo.

— Vai falar?

Mas o único ruído que ouço não vem da mulher e, sim, da sala onde ela estava. Um barulho alto, que estremece todo o andar da torre. Caio de joelhos com o tremor

no chão e tapo o meu rosto da forte luz que viaja pelo corredor. Chamas tomam as paredes e parte do teto se desprende. Foi uma explosão.

Aproveitando que estou distraído com o que aconteceu, Eve corre para passar por mim. Consigo me reerguer a tempo e abro os braços para não a deixar sair. Também acabo abrindo a boca assim que ela salta e começa a andar por uma das paredes e depois pelo teto. Acompanho seu movimento com o rosto e me viro quando ela já está do outro lado, correndo para a escada.

— O que é isso? — grito e corro atrás dela.

— Eu te avisei — Sirela fala, vindo no meu encalço.

Eve é extremamente veloz. Quando chego às escadas, percebo que ela já desceu muitos andares. Minha opção é transformar as pernas em água e descer deslizando pelos degraus na velocidade de uma enxurrada.

Alcanço o saguão principal e lanço estacas de gelo na invasora. Mesmo correndo e de costas, ela percebe meu ataque e se vira, destruindo os projéteis com duas lâminas de aço que se projetam de sua mão. Os movimentos fizeram com que seu capuz se baixasse, revelando o rosto por completo e cabos que lhe servem de cabelos.

Ela é realmente um construto, porém sua composição é diferente dos grandalhões comprados por Acigam. O braço que vejo é fino e comprido, assim como o pescoço.

— Eu exijo explicações! — digo.

E a resposta que tenho vem do outro braço dela, que se revela em uma pequena metralhadora. Os disparos atravessam meu corpo e acertam a parede atrás de mim. Se não fosse minha habilidade de virar água, a desgraçada teria me matado. Preciso pará-la de qualquer forma, ou ela poderá ferir alguém.

Decidido, transformo meus pés em potente jato de água e projeto meu corpo para o alto, pulando para cima da inimiga. Antes de cair, lanço mais estacas de gelo que rasgam o sobretudo de Eve enquanto ela se esquivava. Aproximo-me e faço meus braços virarem espadas de gelo a tempo de me defender dos golpes que ela desfere com as lâminas de seu punho. Ao passo que lutamos, Eve vai se livrando das roupas rasgadas e revela o corpo mecânico, esbelto e prateado. Outras lâminas se desdobram como em um canivete e saem de suas canelas, antebraços e coxas. De repente, todos seus golpes se tornam imensamente perigosos. Navalhas e lâminas surgem em todos os lugares enquanto ela rodopia os braços e as pernas para me atingir. Seus movimentos não são nem um pouco humanos. Os ângulos que atinge com os membros dão a ela vantagem. Além disso, com os ganchos e espetos em seus pés, a mulher-robô consegue andar nas paredes, dificultando ainda mais a luta.

Sou obrigado a transformar diversas partes do corpo em água para escapar de seus cortes. Se continuar assim, ela conseguirá fugir. Depois de mais três rebatidas

em suas lâminas, tenho parte de minhas espadas estilhaçadas. As refaço rapidamente, mas sou atingido no peito e outra lâmina atravessa meu corpo em estado líquido.

Sorrio, tentando mostrar que ela não pode me ferir dessa forma, porém ela me prova o contrário. Mantendo a lâmina dentro de mim, Eve emite uma potente descarga elétrica pelo meu corpo e me lança na parede. Caio escorado com a forma física retomada. Tento verter-me em água novamente, mas o choque afetou meu controle, mal consigo me levantar. Sou um alvo fácil agora.

A construto se aproxima levantando as lâminas dos pulsos e prepara um golpe final.

— Ei, lata velha — a menina chama sua atenção.

Eve olha para Sirela, que deixa o casaco de pele cair. Vejo-a estralando o pescoço e alongando os braços, como se estivesse prestes a brigar. O que essa garota quer? Ela será destroçada.

— Por que não briga com alguém... — ela fala e, no meio da frase, sua voz engrossa abruptamente — do seu tamanho?

A fala é seguida de um urro assustador. O sorriso da garota dá lugar a um focinho largo e repleto de dentes enormes. As mãozinhas crescem até punhos gigantescos e o corpo, ereto, passa dos dois metros. Sirela se transforma em um monstro, grande e peludo, um gorila feroz de pelagem branca, bem na minha frente. Seria difícil acreditar que ele e Sirela são a mesma criatura se não fossem pelas miçangas coloridas da garota, que continuam presas no pelo do bicho, decorando o alto de sua cabeça.

Eve dá um passo para longe ao se dar conta da ameaça, porém Sirela não a deixa escapar. Com um ataque rápido e certo, a gorila albina acerta uma patada nas fuças da robô, fazendo sua cabeça rodar atordoada. Aparentemente danificada, mas ainda com agilidade, a mulher-robô se dobra para trás e anda como uma aranha pelo chão, depois pela parede, até sair por uma das janelas.

A gorila continua ao meu lado, como se averiguasse se estou bem. Quando ameaço me levantar, ela acena com a grande cabeça, pega o casaco do chão e desaparece pelas escadas.

Levanto-me ainda atordoado e vejo pessoas surgirem no saguão principal. É claro que essa barulheira toda chamou a atenção, não só de guardas como dos convidados e dos ministros. A rainha Nagisa se espanta ao me ver maltrapilho, com as roupas rasgadas. Outro que noto espiando a cena é Hiago. Ele parece bastante apreensivo.

— O que aconteceu aqui? — Babo pergunta.

Olho ao meu redor e vejo Mégarus. Atrás dele está Sirela, se escondendo nas roupas do mestre. Ela faz sinal para que eu fique quieto.

— Instalaram uma bomba na torre alta — falo, ofegante.

— Um atentado! — Hiago se exalta.

— Não posso afirmar isso ainda — retruco, olhando-o com firmeza.

Se houve um atentado, ele é o responsável, afinal a construto Eve estava sob seu comando. O que esse homem ardiloso está tramando?

— Nossos inimigos sabiam que estávamos em Acigam — Hiago continua. — *Querrem* impedir que essa aliança aconteça.

Sua frase deixa as pessoas em alerta. Alguns ministros soltam palavras de desespero, pedem uma posição da rainha e de Babo.

— Vamos decidir tudo na reunião. — Babo tenta acalmá-los. — Agora voltem para os quartos. A situação está sob controle.

Todos saem preocupados e Babo ordena antes de subir:

— Faça uma varredura no palácio e encontre o responsável por isso.

Aceno, mas não será necessário, eu sei quem está por trás disso. Só preciso provar. Mando os soldados cuidarem dos estragos causados pela explosão e saio do palácio em busca de alguma pista sobre a construto. Encontro apenas marcas na parede, buracos feitos pelos ganchos da mulher-robô, nada que prove as intenções de Hiago. Não há sinal de onde Eve tenha se metido.

Na manhã seguinte, algumas horas antes da reunião, eu decido procurar pela rainha. Preciso alertá-la. Hiago D'Waniv não é confiável. Essa aliança não pode acontecer.

Subo pelas escadas até o andar mais alto da torre fina e ouço uma conversa vinda de um dos quartos. Ao me aproximar, reconheço o sotaque de Hiago:

— *Exaggerro?*

— Exatamente. — É a rainha quem fala. — Quase incendiou a torre toda.

— *Querria* seus *ministorros* do lado da aliança, não *querria?*

— Mas gostaria de ser informada quando você tem em seus planos explodir o meu palácio. — Nagisa sabe que ele é o responsável... O que estão tramando?

— *Envolverria* você se já não tivesse dado *prrovas* suficientes de sua incompetência. Nem sei *porrrque* te devo satisfação.

A rainha dá uma risada irônica diante do insulto. Nunca a vi agir assim.

— Infelizmente você não tem escolhas. Precisamos um do outro para que tudo dê certo, lembra? E acho melhor você respeitar minha posição aqui e segurar seus fantoches de lata, ou terei que tomar providências.

— Está me ameaçando, *Esterrela* Trovão?

— Não, Senhor do Metal, estou apenas deixando claro que, nessa guerra, estamos do mesmo lado. Pelo menos por enquanto.

Escondo-me quando percebo Nagisa sair. Assim que a situação se acalma, volto atordoado ao saguão principal. Não sei se entendi tudo o que aconteceu. Parece que Hiago e Nagisa se conhecem há mais tempo do que eu imaginava. Estão juntos em

algum plano. Não consigo acreditar. Sempre admirei tanto a rainha, como pode estar envolvida nisso? Entrar nessa guerra é tão importante assim para Acigam? Não, não para Acigam. É importante para Nagisa, mas por quê? De uma hora para outra, meus pensamentos se embaralham, não sei o que concluir, muito menos como lidar com essa situação. Resta-me ir direto para o Salão das Armas, a reunião está prestes a começar.

No horário marcado, todos os convidados já estão acomodados em suas cadeiras. Representando Acigam, apenas Babo Seranto, Nagisa e eu. Mégarus Sehud veio sozinho. Na mesa ainda estão Hiago, o barão Urik, Markim, Blessi e Minau Montesco.

— Fizemos uma assembleia extraordinária mais cedo com os ministros — Babo diz. — O atentado de ontem os deixou bastante preocupados. Temem que existam inimigos infiltrados na cidade. Com as fronteiras abertas, não podemos mais controlar quem entra e quem sai. Estamos expostos.

— Meus *consturrutos* podem *oferrecer segurança*, sabe disso — Hiago fala.

— Sim, e eu mesmo pontuei esse fato a eles. Entre fechar as fronteiras novamente e firmar uma aliança com Yana, eles escolheram pela segunda opção.

— Isso é ótimo — Nagisa comenta.

Hiago apenas sorri. Eles conseguiram. Mesmo se eu tentasse impedir, o que eu diria? Como iria provar que o atentado foi uma farsa para forçar os ministros a apoiarem Yana? Eve nem deu as caras hoje. Estou de mãos atadas.

— Bem, estamos todos de acordo com a aliança? — Montesco fala.

— Parece que sim — Mégarus responde. E todos os outros presentes concordam.

— Esse é um passo muito importante — Hiago diz ao bater palmas — A Aliança de Ferro está *formada*!

Aplausos.

— Mas então vamos ao que interessa — Urik inicia e se volta para Hiago. — Como estão os avanços nas pesquisas de Yana?

Para responder, Hiago se levanta e demonstra satisfação ao espalhar pela mesa algumas plantas de projetos.

— Desenvolvemos novos *maquinárrios* que *acelerraram* a produção de *consturrutos*. — Ele aponta para os desenhos. — Em *brreve disponibilizaremos* novos lotes, ainda *melhorados*.

— Meus zangões estão na lista, certo? — Montesco questiona.

— *Clarro*, serrão os *primeirros* a *ficarem* prontos.

— E o satélite? — Nagisa pergunta.

— Foi lançado há algumas semanas.

— Excelente — Urik comemora.

— Ainda não o testamos — Hiago D’Waniv adiciona —, mas *preparrei* uma *demonstração parra* hoje. *Serrá* a oportunidade ideal parra vermos o tamanho de seu *poderr*.

— Demonstração? — Blessi comenta. Sua voz é doce, com um tom provocante. — Curioso.

— *Marrkim*... — Hiago chama.

O jovem careca se levanta pouco animado e estende as mãos para o centro da mesa. Seus olhos se acendem em uma luz forte e seus dedos liberam uma energia nebulosa que dança sobre o tablado e vai se acumulando, até formar uma grande esfera diante de todos. Ela é escura e sombria, mas logo se acende e começa a mostrar uma paisagem, um lugar distante.

— O que é isso? — não contendo a curiosidade.

— Markim controla a energia do Vácuo — a rainha me explica. — Quando as Trevas se misturam ao Ar, o novo elemento tem a capacidade de atravessar o espaço físico, abrindo túneis capazes de engolir tudo, ou simplesmente de encurtar distâncias. O que vemos através desse vórtice acontece exatamente agora, porém em outro lugar.

Incrível! Vejo o horizonte belo entre as montanhas. É noite lá, o que prova que realmente é um lugar distante. A imagem projetada no vórtice vai subindo até revelar algo que flutua no céu estrelado. É grande e imponente, uma complexa construção feita de aço e ferro, adornada por antenas.

— Qual o tamanho disso? — questiono, pasmado.

— *Maiorr* que esse palácio — Hiago responde.

Não pode ser. Como algo assim pode voar no céu? Que tipo de poder consegue mantê-lo dessa forma?

— Como funciona? — Babo pergunta.

— Ele *absorrve* parte da energia do nosso mundo e pode *redirrecioná-la*.

Parece fascinante. Eu vi a energia que rodeia o planeta através da luneta no observatório. Poderia essa coisa absorver parte daquela força?

— Hoje tem apenas dez *porr* cento de sua capacidade. Estamos desenvolvendo outras *forrmas* de energizá-lo. Em alguns meses *estarrá* completamente carregado — Hiago completa. — Aí nada *poderrá parrá-lo*.

— Fantástico! — Nagisa cumprimenta.

— Além disso — ele diz com um sorriso —, essa *crriança* vai revolucionar muitas coisas no mundo. Comunicação, espionagem — e olha para Montesco. — Até o *contorrole* mental de Tênus pode ser ampliado sem limites com satélites como este. Conseguem *imaginarr*?

— Realmente impressiona. — É o barão Urik quem se expressa.

— Afinal, como vai demonstrá-lo? — Blessi demanda.

— Vamos *mostrar* ao mundo que nossa aliança está formada, *carros* amigos — Hiago fala. — Acho válido *mandarmos* um recado *parra* as cidades que se *colocarram* em nosso caminho.

Vejo um sorriso sádico no rosto da rainha Nagisa. O que eles querem fazer?

— Marrkim — Hiago o chama novamente.

Agora o careca usa sua energia para separar a esfera em três vórtices distintos. Cada um nos mostra um lugar diferente. O do meio permanece focado no satélite que flutua no céu escuro. De um lado, a esfera visualiza o mar na costa de um continente onde uma dezena de navios está ancorada. O último vórtice apresenta um painel de controle, onde uma espécie diferente de construto está acoplada a ele. É como se ele e o painel fossem uma coisa só, ligados por cabos e filetes de energia.

— Essas são *embarrações* de *Menárria ancorradas* na região da Zona Vulcânica — Hiago explica. — Elas ameaçam atacar nosso *estaleirro* caso não cessemos a *prrodução* de armas.

— Isso é um absurdo. Temos o direito de nos defender — Blessi diz, com perplexidade.

— Mas *resolverremos* isso — Hiago exclama. — Gar, consegue me *ouvirr*? — ele pergunta na direção do vórtice que mostra o painel de controle.

Ao receber o chamado de Hiago, o robô responde:

— Afirmativo, Senhor do Metal. — O som mecanizado sai da esfera como se ele estivesse na sala junto conosco.

— Ative a *arrma*.

— Arma? — indago, surpreso.

Através da técnica de Markim, observo os olhos do construto se acenderem na cor índigo, então botões e alavancas no painel se movem sozinhas, iniciando o sistema. Logo minha atenção é tragada pelo vórtice central, que emite uma luz mais forte agora. Vejo o satélite se acender e, na parte debaixo, onde está uma antena espiralada, a quantidade de luz se intensifica. Os espirais se acendem, acumulando energia. Passeio meu olhar pela sala e vejo o rosto de todos sedentos pelo que está prestes a acontecer. Menos Markim, que continua indiferente a tudo, apenas concentrado em suas esferas negras.

Volto a olhar a imagem quando o satélite dispara para baixo um gigantesco raio colorido, como uma aurora. A força é tanta que a esfera treme no ar. Surge uma rachadura no tablado de madeira e um dos copos postos sobre a mesa se espatifa, deixando claro que resquícios da energia do disparo chegaram até nós através do vórtice de Markim.

Por fim, a terceira esfera se ilumina em um clarão que me faz esconder o rosto atrás das mãos. Meus olhos se arregalam quando a luz diminui. No mar, onde

estavam os navios, restam apenas destroços e a água revolta.

Diante da demonstração, todos na sala batem palmas, extasiados, exceto eu... e Markim, é claro.

— Ninguém pode com a Aliança de Ferro! — Hiago enaltece. — Tenho certeza de que o mundo todo *irrá* nos respeitar *agorrra*.

Nagisa me olha sorrindo e eu forço um sorriso de volta. Não estou certo do que sinto no momento.

O poder de fogo dessa arma é terrível. Afundou uma frota inteira com apenas dez por cento de sua energia? Ninguém considerou as vidas que foram perdidas ali, mesmo sendo navios inimigos? Ninguém nem mesmo cogitou a hipótese de mandarmos um alerta? Os tripulantes daquelas embarcações foram sumariamente executados. Essa é a aliança que precisamos fazer para manter Acigam segura?

Diante dos fatos, estou certo de que entramos do lado errado da guerra.



PARTE II
RECOMEÇO
por Leran Yandel

Capítulo 5

Às vezes fazemos escolhas. Às vezes escolhas são feitas por nós. É assim que funciona. Nem tudo no nosso destino depende apenas de nossas ações. É um conjunto de acontecimentos que vão moldando caminhos diante de cada um de nós. Foi assim que Luana e eu viemos parar em Tênus.

Hoje, três semanas após a derrota de Ilium e do exército de hordas, os arcanistas ainda precisam da energia de minha irmã para manter a Arca. E isso nos fez ficar na cidade, postergando nossos planos de voltarmos a Acigam para desmascarar Nagisa. Como não há muito o que fazer por aqui, decidi usar o tempo para aprimorar a técnica de encantos em outros metais. Ela foi decisiva na luta contra as crias e tenho certeza de que será importante nas próximas batalhas. Shaz não foi o último de nossos inimigos, temos que ficar atentos, prontos para o que está por vir.

— Lua — chamo ao entrar em seu quarto. Ela está sentada na escrivaninha, lendo algo.

Luana deveria descansar depois de seis horas ajudando os arcanistas. Ainda precisará voltar à Torre Central amanhã para uma nova sessão.

Ao me notar, ela disfarça e esconde o livro que lia.

— O que é isso?

— Nada — ela responde, se colocando entre mim e a mesa.

— Nada? — desconfio. — Que livro é esse? — pergunto e a tiro de minha frente, pegando o volume.

“Sussurro Ardente” é o nome. Não se parece com o tipo de história que ela costuma ler.

— Meus livros acabaram. Peguei esse emprestado com uma das ajudantes da Arca.

Viro o livro e leio a sinopse. Fala de romance, traição, meloso demais para mim. Continuo analisando e encontro palavras mais fortes, entre elas a expressão “vai te matar de prazer”.

— Luana?! — Viro o rosto com nojo enquanto seguro o livro na ponta dos dedos.
— Isso é uma história adulta!

— Me devolve, seu enxerido! — ela esbraveja e toma o livro da minha mão.

— Ah, eu não acredito nisso. Era só o que me faltava.

Nem vou discutir, apenas dou as costas e saio do quarto. Acabo indo ao apartamento de Gueth e Keon. Toco a sineta.

— Está aberta! — Gueth grita lá de dentro.

Encontro os dois sentados no sofá. Gueth continua com faixas no ombro e no peito, onde Ilium o acertou. Ele teve menos sorte do que eu, minhas costelas e o braço quebrado por Fibula melhoraram rápido. Ainda sinto algumas físgadas dependendo do movimento, mas abandonei a tipoia já faz alguns dias.

Os dois continuam conversando e rindo, como se eu ainda não tivesse entrado. Espanta-me como eles criaram uma amizade tão forte em pouco tempo. Talvez pelo fato de eu não ter confiado em Keon no começo, ele acabou se apoiando mais em Gueth, e isso os tornou bons amigos. Eu acho ótimo, mostra que nosso grupo está cada vez mais unido.

— Boa noite, Leran — o nairatiano fala assim que paro na frente deles.

— Não tem nada de boa essa noite — falo, rabugento.

— Xi... — Keon exclama e se levanta. — Não vou ficar ouvindo você reclamar da sua irmã de novo.

Encaro o telepata enquanto ele vai até a sacada e abre a janela. Passo a ouvir crianças brincando na rua.

— Poxa, Le. Você e Lua estavam se dando tão bem há alguns dias — Gueth lamenta. — O que aconteceu?

— Ela está lendo um tal de *Sussurro Ardente* — falo o nome do livro com uma voz sensual e irônica.

— Uau! — Ele ri. — Era a sensação da mulherada em Mabra.

— Eu nunca tinha ouvido falar — desdenho.

— Você não é muito chegado a livros, Leran.

Gueth tem razão, mas a ideia de Luana ler isso ainda me incomoda muito.

— Cara, quantas vezes vou ter que dizer que sua irmã já é uma mulher?

— Esquece — falo. — Você nunca vai entender. Tlavi é mais velha do que você, se fosse mais nova... — porém paro a frase ao ver a expressão de Gueth mudar. Seus olhos se entristecem.

— Oh, desculpa — tento remediar a situação.

Ainda estamos sem notícias de Tlavi e dos outros paladinos. Isso deixa Gueth extremamente preocupado. Sinto-me mal por tê-lo lembrado dela.

— Relaxa. Vamos mudar de assunto? — ele sugere.

— Sim.

— Já decidiu para onde vamos depois que sairmos de Tênus?

— Acho que chegou o momento de voltarmos para Acigam — falo.

— Essa é uma decisão importante — ele pontua coçando a barba por fazer. — Luana concorda?

— Acho que ela está com medo, mas não temos mais por que adiar. Seus poderes já evoluíram bem.

— Eu também estaria com medo no lugar dela. Enfrentar todos novamente não será uma tarefa fácil. Vocês deixaram muita coisa mal resolvida para trás. E ainda tem aquela rainha maluca.

— É — concordo e penso em tudo que nos aguarda em Acigam. Nagisa é mentirosa, manipuladora. Que história teria contado para colocar a cidade inteira contra nós? Vendo minha preocupação, Gueth se levanta e toca meu ombro.

— Estamos juntos nessa, Le. Vamos te ajudar com isso também.

— Por favor — Keon fala ao voltar para a sala — não aguento mais ficar em Tênus. Eu iria até para Cristália só para sair daqui.

— Agradeço muito a ajuda de vocês — falo, realmente feliz.

Os dois sorriem.

Com o desaparecimento de Tlavi, Gueth não tem mais ninguém. Nós somos sua família agora. E Keon, mesmo estando na cidade de seus pais, já ficou claro que ele não se dá bem com eles. Gueth me disse que o telepata tentou contato mais duas vezes com seu pai, porém acabou escorraçado. O motivo eu ainda não sei, mas não deve ser saudável para ele ficar aqui. Só precisamos esperar que Lua termine seu trabalho na Arca e todos estaremos livres para seguirmos em uma nova fase dessa jornada. E essa ideia me dá um frio na barriga.

Decido ir dormir. Já no meu quarto, tiro a camiseta e visto uma bermuda confortável antes de me enrolar nos lençóis quentinhos. Em poucos minutos, o sono se mistura com o temor de retornar para Acigam. Disse a Gueth que Luana estaria com medo, mas a verdade é que *eu* estou, talvez até com mais temor do que ela. Como vamos encarar Boom, Mael, Fajon? Eu ainda sou o responsável pela morte de Galek. Mesmo que prove a culpa de Babo e Nagisa no conflito entre a Guilda e o governo, não me livrarei do peso de ter matado um amigo. Sinto minhas mãos sujas. Não sei se estou pronto para olhar nos olhos de todas essas pessoas. E ainda tem a Judra. Voltar para Acigam significa me lembrar dela em quase todos os lugares. Como farei para esquecê-la?

Quando finalmente consigo dormir, a silenciadora volta a protagonizar meus pesadelos. Encaro seus olhos amarelos que, ora me ameaçam, ora me pedem socorro. Depois, acabo viajando no tempo e sou obrigado a assistir novamente uma das cenas mais dolorosas que vivenciei em Acigam:

— Sinto muito, meu jovem — Nagisa fala cheia de ironia e se aproxima de Luana. — Ela é a Estrela. Precisa morrer, é uma ameaça muito grande ao nosso governo.

A frase da rainha repercute em minha mente. Por que minha irmã precisa morrer? Que ameaça é essa?

— Como você tem certeza disso? — questiono furioso.

— Porque, como você desconfiava, foi ela quem roubou o pergaminho — Judra diz ao entrar na sala. Ela segura uma pistola apontada para a cabeça da rainha. Na outra mão está o suposto documento: o pergaminho.

Nagisa a encara com raiva e pergunta como Judra foi capaz de obter o objeto. As duas discutem e a rainha acaba desmascarada pela silenciadora.

Judra ameaça destruir o documento, mas Babo usa seu controle para nos enfraquecer. O ar some de nossos pulmões deixando uma única opção para a silenciadora: o anel do silêncio. Ela então sopra a poderosa técnica sobre todos na sala.

O que Judra não esperava era que tal técnica não surtisse o mesmo efeito em Nagisa. A rainha é uma Estrela e seu poder permanece grande mesmo diante do silêncio. Irritada, a Estrela Trovão lança um raio certo que atravessa o tórax da silenciadora e espatifa a janela atrás dela.

O barulho do vidro se estilhaçando me faz abrir os olhos e eu me levanto da cama suando. Já estou cansado desses pesadelos. Não aguento mais Judra nos meus sonhos. Preciso que ela deixe a minha vida em paz, que me permita recomeçar.

Uma brisa fria entra no quarto e então percebo uma das vidraças da janela quebrada. No chão está uma pedra pequena.

— Droga — falo ao sair da cama e ir até o parapeito.

Acordei por causa desse vidro quebrando e não por causa do sonho...

Olho para fora e tenho tempo de ver um vulto correr para um dos becos na esquina da rua. Só pode ser alguma brincadeira de mau gosto ou de fato estou ficando louco.

Saio do quarto ainda sem camisa e de bermudas. Desço as escadas do hotel e acabo assustando o porteiro, que não esperava por alguém a essa hora.

— Senhor Leran, aconteceu algo? — ele pergunta ao ficar de pé e logo ajeita os broches metálicos que prendem a camisa do uniforme.

— Não sei ainda. Por acaso você viu alguém estranho se aproximar do hotel?

— Não, senhor. Quer que eu chame a guarda?

— Esquece, só preciso de um pouco de ar.

Desço as escadinhas da entrada do hotel e enfrento o ar frio da madrugada batendo em meu tórax. Lembro-me de ter ouvido crianças brincando aqui fora. Talvez tenha sido uma delas que atirou a pedra.

Paro ao final da rua e me apoio na mureta de uma casa. Respiro fundo, dizendo a mim mesmo que preciso relaxar mais, que tudo isso é a minha mente exausta brincando comigo. Não foram dias fáceis. Não foi um ano fácil.

E pensar que há quase um ano eu estava em dúvidas sobre como seria o meu futuro após o colégio. É, certamente essa não era uma das possibilidades.

Engraçado como nossa vida muda de repente e segue por um caminho sem volta.

Incomodado com os pensamentos vagos e com o frio, decido voltar. Amanhã pedirei ao porteiro que arrume a janela. Dou alguns passos na direção do hotel e paro logo que ouço um sussurro que parece voar com o vento gelado:

— Leran...

Olho para os lados, para cima. Não há nada ao meu redor além de casas e ruas estreitas. Uma dessas vias passa entre dois prédios maiores e segue para um dos parques dessa região de Tênus. Foi por ali que vi o vulto correr, então decido seguir. Se isso for algum tipo de distúrbio mental, devo enfrentá-lo. Não vou deixar que essas coisas me enlouqueçam.

Continuo pelo beco, passo por casas, ruas e escadarias, até finalmente virar em um corredor sem saída. A escuridão não me permite ver direito. Apenas enxergo o muro a alguns metros de distância. O que me incomoda é que algo parece atrapalhar a visão completa da parede. Parte do muro está levemente embaçada, como se um objeto translúcido estivesse próximo a ele, algum vidro, plástico, ou mesmo um líquido pastoso.

Aproximo-me e noto que a deformação tem o contorno de uma pessoa. Dou alguns passos para trás, com cautela, mas mantenho a atenção firme no que está à frente. Meus olhos se arregalam ao tomar conhecimento da figura que se materializa diante de mim. Em poucos segundos, o vulto embaçado dá lugar a uma forma humana completa. Reconheço as vestes negras, o capuz e os olhos amarelados que se acendem de repente no meio do breu.

Minha respiração aumenta e eu procuro meu arco para me defender, infelizmente deixado no hotel. Dou mais passos para trás e a figura anda o mesmo tanto para frente, permitindo que seu corpo fique às vistas, na luz que vem de fora do beco.

As vestes negras são parecidas com as usadas pelos silenciadores de Acigam, mas não são exatamente iguais. Apesar de conter as mesmas partes rígidas que protegem pernas, cintura, peitoral e braços, as roupas de tecido, colocadas por baixo das armaduras, são justas, deixando claras as curvas femininas de quem as usa. As botas ganharam pequenos saltos e a capa desce esguia até o meio das costas. Só duas coisas são idênticas: o capuz, que cobre todo o rosto, e os olhos brilhantes que saltam de dentro do escuro sinistro em seu rosto.

— Sentiu minha falta? — a voz doce e sombria ecoa no beco. Em resposta, eu me afasto mais alguns metros.

Vendo minha reação, a silenciadora abaixa o capuz. Permaneço paralisado enquanto os assustadores olhos amarelados dão lugar aos olhos castanhos misteriosos. Seus cabelos louros estão enrolados em uma trança que cai para fora do capuz enquanto ela o retira. Minha boca, semiaberta, está mais focada em respirar do que em proferir qualquer palavra. Não pode ser verdade. Isso não é real.

— Você está morta! — digo após gaguejar.

Em vez de me responder, ela chega mais perto e se lança em meus braços, juntando seus lábios aos meus.

Não fecho os olhos. Pelo contrário, eles se abrem ainda mais com o susto, porém eu não reajo. O calor de sua língua reacende meus sentidos, me deixa tonto e tira o meu fôlego. Quando ela se afasta, não consigo conter as lágrimas. Elas escorrem involuntárias, abundantes.

— Isso parece morto para você? — ela pergunta.

Balanço a cabeça e então a puxo novamente, oferecendo um abraço firme e caloroso. Ouço-a também chorar baixinho em meu ombro. É um sentimento forte demais que estava represado há muito tempo, aguardando esse momento para explodir. Soluços vêm de ambos os lados. Senti-la assim, em meus braços novamente, é indescritível. É surreal.

Depois de alguns minutos abraçados e em silêncio, nos afastamos. Ansioso, emendo dúzias de perguntas:

— Onde você esteve? O que aconteceu? Você está bem? O que faz aqui? Por que ainda se veste assim?

Com o dedo indicador, ela fecha os meus lábios e pede silêncio, também se recompondo do choro.

— Não temos tempo para isso agora, arqueiro.

Sem me deixar fazer qualquer outra pergunta, ela continua:

— Temos que deixar Tênus essa noite. Ainda estão atrás de vocês.

— Quem? — Meu coração se enche de raiva. — Nagisa?

— Ela e todos os outros.

— Do que você está falando? Não estou entendendo.

A silenciadora retira com cuidado um pequeno cilindro preso à parte de trás do cinto e o abre. De dentro cai um pedaço de papel enrolado.

— Isso é o... — início surpreso.

— Sim — ela me interrompe.

Ao desenrolar o documento, a luz vinda de seus desenhos ilumina todo o beco.

— Nagisa esteve em Sonatri... — ela diz com um suspiro.

— Não pode ser — nego balançando a cabeça repetidamente.

— Muitas delas estiveram, Leran — ela reforça, fitando meu rosto. — As Estrelas se reuniram aqui.

Continuo abanando o rosto, descrente, confuso. A silenciadora me segura por um dos ombros e me faz olhar em seus frios e profundos olhos antes de dizer:

— Desta vez você vai confiar em mim?

Sua pergunta invade minha cabeça e me leva de volta à Acigam. Lembro-me de que ela tentou me dizer a verdade sobre Nagisa e Luana, de que ela se arriscou para

nos salvar, de que ela despencou da janela do Palácio Real. Balanço o rosto para me livrar da confusão e continuo em silêncio. Ela insiste:

— Vai confiar ou não?

Ainda atordoado com tudo e me sentindo em dívida pelo que ela fez, eu fecho os olhos, respiro fundo e aceno com a cabeça.



Capítulo 6

Tenho a impressão de ainda estar sonhando enquanto sigo Judra pelas ruas escuras de Tênus, de volta ao hotel.

— Coloque isso nos ouvidos — ela retira dos bolsos dois pequenos objetos de metal, do tamanho de botões.

— O que é?

— Coloque!

Obedeço. Um ruído agudo toma meus ouvidos nos primeiros instantes, depois some.

— São bloqueadores mentais. Manterão sua mente segura, livre do rastreamento — ela aperta o passo.

— Estão me vigiando? — pergunto, assustado.

— Você acha que não? — ela ironiza. — Nesse exato momento, você desapareceu dos radares da Guarda Vermelha. Isso levantará suspeitas.

— Então por que me deu isso?

— Porque se eu não desse, não iria demorar até que eles decifrassem que você está comigo e que vai fugir.

— E como vamos fugir?

— Primeiro volte ao hotel — ela fala, apontando para o prédio. — Eles irão até lá checar se está tudo bem. Ficarei escondida. Você apenas finge que estava dormindo. Assim que saírem, te encontro no seu apartamento.

— Ok.

— E não retire isso dos ouvidos por nada! — ela enfatiza.

Antes de entrar no hotel, olho para trás e já não vejo a silenciadora. Balanço a cabeça, tentando me concentrar. Passo pelo porteiro, aviso sobre a janela quebrada e subo ao apartamento. Poucos minutos depois, alguém bate na porta. Tomo um susto.

Demoro um pouco para atender. Quando a abro, dou um bocejo e pergunto aos três guardas o que querem. Eles me olham com desconfiança.

— O porteiro disse que uma janela foi quebrada aqui — diz a mulher entre eles. — Viemos ver se está tudo bem.

Três guardas para verificar uma janela quebrada? Judra tinha razão. Os malditos estavam nos vigiando o tempo todo. Essas máquinas de monitoramento

mental são nojentas.

— Ah, sim — falo com naturalidade. — Fui eu que o avisei. Devem ter sido as crianças. Mas amanhã ele vai arrumar, podem ficar tranquilos.

Um dos guardas tenta espiar por cima dos meus ombros para dentro do apartamento. Os outros dois trocam um longo olhar antes da mulher dizer:

— Tudo bem, então. Se precisar de algo, nos avise.

— Obrigado — falo e fecho a porta. Continuo apoiado nela, pensando.

Esse Montesco desgraçado! Colocou a guarda inteira no nosso encalço. O que ele quer conosco? Luana já está ajudando na Arca. Salvamos a cidade dele... Não faz sentido esse cerco.

Ao me voltar para a sala do apartamento, assusto-me com Judra me encarando.

— Como você entrou aqui? Quer me matar do coração?

Ela me olha sem muita paciência.

— E sua irmã?

— Dormindo. Será que você pode me dizer por que estão nos observando.

— Não é obvio, arqueiro? Montesco e Nagisa estão juntos. Shaz também estava.

— Impossível — refuto.

— Ele está esperando Luana terminar o trabalho na barreira para entregar vocês — ela fala indo na direção do quarto. — Com o que está por vir, Tênus precisará das proteções. — Judra para diante da porta e se vira para mim. — Acorde-a. Temos que sair ainda essa noite.

Sem prolongar a discussão, passo pela silenciadora e abro a porta do quarto de Luana. Entro com cuidado enquanto Judra aguarda na entrada.

— Lua — digo ao tocar minha irmã no ombro. Insisto algumas vezes até ela abrir os olhos.

— Que horas são? — ela pergunta, sonolenta.

— Precisamos ir — falo.

Mas Luana não se atenta a mim. Ela encara a porta e, em questão de segundos, seus olhos se acendem na violenta cor púrpura, fazendo alguns móveis ao nosso redor levitarem. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ela se levanta da cama e me afasta. Em seguida, atira uma enorme esfera de energia arroxeadada.

Judra contém o ataque com as mãos cobertas pelas luvas resistentes dos silenciadores e, antes que Luana atacasse novamente, entro em sua frente, mandando-a parar. Explico que se trata de Judra e que ela está comigo.

— Judra?! — Lua pergunta extremamente confusa ao ver a loura retirar as luvas queimadas. A energia ao redor de Luana desaparece e os móveis pousam. Então me pede explicações: — O que ela faz aqui?

— É uma longa história. Coloque isso nos ouvidos — falo entregando mais dois bloqueadores que Judra me passou.

Ainda confusa, Luana acata.

— Agora ela também sumiu dos radares — Judra afirma. — Precisamos ir. Eles terão certeza de que tem algo errado.

Enquanto preparo nossas coisas, conto a Luana o que está acontecendo. Ela me ajuda colocando o essencial em uma pequena mala e, em três minutos, estamos prontos. Com arco, aljava e mala nas costas, vou até a porta do apartamento.

Ao sairmos, Luana lembra:

— Onde estão Gueth e Keon?

Caramba, foi tanta adrenalina que me esqueci dos dois. Como pude?

— Quem? — Judra pergunta.

— Nossos amigos. Não podemos deixá-los — falo e corro para o apartamento do outro lado do corredor.

Bato na porta e tento acordá-los.

— Não podemos levar mais gente — Judra me puxa pelo ombro.

— Não vamos sem eles — Luana enfatiza.

A silenciadora dá espaço e se apoia na parede, cruzando os braços. Gueth abre a porta vestindo apenas uma calça de tecido leve.

— Por que você tem essa mania feia de me acordar, Leran? — ele diz, esfregando os olhos com os nós dos dedos.

— Estamos deixando Tênus essa noite — falo e ele fica ainda mais aturdido. Em seguida me viro para Judra e estendo uma das mãos: — os bloqueadores.

— Não tenho mais — ela diz, sem nenhuma expressão. — Esperava encontrar apenas você e Luana aqui.

Por um momento fico em silêncio. Gueth também está sob a mira dos radares de Tênus. Não podemos levá-lo sem os bloqueadores.

— Que barulheira é essa? — Keon diz ao aparecer na porta, ao lado do nairatiano.

— Vamos sair de Tênus — Luana fala.

— Não podemos — interrompo-a. — Se eles forem, Montesco vai nos seguir

— Então não vamos — minha irmã é categórica.

Judra apenas observa a discussão. Tento ser muito direto e claro ao explicar para os dois o que está acontecendo.

— Agora faz sentido Terandi ter entrado em Tênus — Gueth conclui, após ouvir a breve história.

Mas é claro. Foi Montesco que deixou. Eu já desconfiava que a bandida tivesse tido ajuda de alguém para entrar na cidade. A arca e o monitoramento psíquico deveriam tê-la impedido. No entanto a ideia de que o próprio Montesco permitiu

isso chega a ser assustadora. Esse crápula quase entregou sua própria cidade para as hordas. Ele estava junto com Shaz, está junto com Nagisa. É mais um ser doentio que sacrifica o próprio povo por ambições malucas. E as dele eu ainda nem sei quais são. Tenho medo de descobrir.

— Não temos a noite toda — Judra lembra, ainda apoiada na parede.

— Sem os bloqueadores, vocês dois estarão na mira dos radares — falo, finalmente concluindo a explicação.

Mas Keon me surpreende com sua reação:

— Você realmente acha que eu os deixo entrarem na minha mente? — ele pergunta, irritado. — Uma das poucas coisas que aprendi na telepatia foi manter meus pais longe da minha cabeça. Driblar os radares não é tão difícil.

— Ok, e Gueth?

— Talvez eu consiga mantê-lo protegido também. Se me concentrar bastante, acho que posso criar um campo mental ao nosso redor e inibir o rastreamento nas duas mentes — ele fala. — Só que isso me impedirá de usar a telecinese. Se precisarmos enfrentar guardas, estaremos perdidos.

— Fique tranquilo quanto às brigas, garoto — Judra finalmente desgruda as costas da parede. — Essa parte fica comigo.

Enquanto a silenciadora observa as escadas, preparando nossa rota de saída, Keon volta ao apartamento e pega suas luvas. Em seguida, se aproxima de Gueth e o encara bem no fundo dos olhos.

— Está pronto? — Gueth pergunta.

— Acho que sim — o telepata não parece ter muita certeza e então coloca as mãos nas têmporas do nairatiano.

— Eu confio em você — diz Gueth, o que faz Keon sorrir.

Concentrado, Keon faz com que as luvas se acendam. A luz azul ilumina a cabeça de Gueth e então se apaga.

— Pronto — ele fala ao tirar as mãos da testa do nairatiano. — Agora fique perto de mim.

Ambos voltam para dentro do apartamento e pegam algumas coisas. Mais dois minutos e Gueth sai trocado e de malas nas costas. Keon vem com seus discos presos no cinto da bermuda, com a armadura no tórax e com uma mochila.

Aperto o botão do elevador, mas Judra me impede.

— Por aí não.

Assim que a porta se abre, vejo os três soldados de antes, que sacam suas armas ao nos verem prontos para partir. Antes que atirassem, Luana estende a mão e lança uma poderosa onda de energia, jogando-os desacordados contra as paredes do elevador. Eu aperto o botão novamente e faço a porta se fechar.

— Escadas? — pergunto.

E todos descemos.

— Aonde vão? — o porteiro pergunta assim que passamos por ele.

Ninguém responde. Não podemos deixar que veja para onde estamos indo. Judra se intenciona para atacá-lo, mas eu coloco o braço em seu caminho. Apenas foco o olhar em um dos pequenos broches de ferro que prendem o uniforme do homem e, após acender meus olhos em vermelho, lanço um encanto elétrico na peça, fazendo o porteiro cair desacordado na cadeira.

Judra nos guia por dois becos até um dos canais que passa por baixo de pontes arqueadas.

— Sabem nadar? — ela pergunta.

— Nadar? — Keon repete em seguida.

— Não podemos continuar pelas ruas — a silenciadora fala. — O caminho seguro para fora da cidade é o esgoto. Ganharemos vantagem pelas galerias até um lugar mais próximo da saída de Tênus.

— Nadar enquanto mantenho uma barreira mental contra radares não é minha especialidade — o telepata enfatiza com sarcasmo enquanto mantém dois dedos em uma das têmporas.

— Então se esforce — ela fala e salta no canal.

Judra é levada pela correnteza até desaparecer em um largo bueiro onde a água entra por baixo das ruas.

— Você agora — digo a Luana.

— Caramba, vai molhar tudo dentro da mala — ela reclama e pula.

— Temos que continuar juntos — Keon fala para Gueth.

— Eu vou por último — digo.

Gueth segura firme em um dos braços do telepata e ambos saltam na água. Keon tenta nadar enquanto mantém uma das mãos na cabeça. Percebendo a dificuldade do telepata, Gueth o agarra firme para que suas cabeças fiquem fora da água. O problema é que o nairatiano também não consegue nadar muito bem devido ao ferimento no tórax. Vejo-os se debatendo até sumirem no bueiro.

— Ai, ai... — E pulo atrás.

A água está puxando com força. Meu braço e costelas também reclamam enquanto bato as mãos na tentativa de me manter em um curso seguro pelo canal. Prendo a respiração ao ver o buraco se aproximar e acabo sugado com violência pelo cano, dando voltas e cambalhotas dentro da água. Por sorte, a passagem é larga o suficiente para que eu não fique preso. É claro que Judra deve ter estudado esse lugar antes de nos trazer aqui.

Quando o cano termina, sou lançado em uma galeria pluvial e consigo colocar a cabeça para fora da água. Nado até a beirada e alcanço os pés no fundo. Luana

torce partes de sua saia, já fora da água. Gueth dá tapas nas costas de Keon, que parece ter engolido bastante líquido.

— Por aqui — Judra chama para avançarmos por um dos túneis escuros. Seus olhos retomaram o brilho amarelo e se destacam nas sombras do lugar. Mesmo com o capuz baixado, ela lembra a imagem assustadora dos silenciadores.

— Vocês estão bem? — pergunto aos três, antes de seguirmos Judra.

Luana acena com a cabeça. Gueth também. Keon não tem a mesma certeza.

— Perdi a concentração por alguns segundos na descida. Não sei se eles nos rastreamos entrando aqui — ele fala.

— Não adianta pensar nisso agora — digo. — Se nos movermos depressa, não irão nos achar.

O trajeto pelos túneis do esgoto é longo. Judra continua à frente com os olhos felinos dos silenciadores. Luana improvisa uma tocha com a energia da luz em uma das mãos e nos ajuda a enxergar.

— A saída é ali — Judra aponta para uma escada de mão — chegaremos na fronteira noroeste da cidade, bem próximos à barreira.

No topo está uma tampa de ferro pesada. Após subir, Judra a levanta e passa. Eu vou em seguida e me deparo com uma viela escura e estreita. Ajudo Luana a sair. Em seguida, os rapazes sobem.

A silenciadora faz sinal para que todos andem até a parede onde ela está. Ela aponta para o fim da ruela e pede silêncio. Então ouço ruídos de passos. Enquanto Judra espreita pela esquina, na parte de cima da parede, eu me abaixo e olho pela parte de baixo. São cinco, ou melhor, oito guardas de prontidão, usando cones e cavaletes para bloquear a rua. Além dos uniformes cor-de-vinho, vejo pistolas e tiaras com pedriscos rubros, que devem ampliar o controle mental que possuem.

É óbvio que a central da guarda percebeu nossa entrada nos esgotos e enviou soldados para todas as possíveis saídas. Não há como passar por ali. Keon não pode lutar. Mesmo que os vencamos, não sabemos se outros estão por perto. É arriscado.

— Teremos que voltar — sussurro para Judra. Ela ignora.

— Não saiam daqui — diz e então passa uma das mãos no cinto. Vejo-a ficar transparente aos poucos e se misturar com a escuridão do beco. Tomo seu lugar na esquina, de onde tenho clara visão dos guardas. Gueth, Keon e Luana se espremem atrás de mim para tentar ver também.

Dois guardas estão conversando enquanto os outros seis fazem um perímetro da área, um distante do outro. Não sei o que vai acontecer, não sei nem onde Judra está. Será que ela pretende derrotar oito soldados sozinha?

Em resposta a minha pergunta, um corte largo se abre na garganta de um dos homens. Ele cai agonizando, sem chance nenhuma de defesa. Não demora até seus

colegas perceberem a situação e dois deles correm para ajudá-lo enquanto os outros sacam armas e procuram pela ameaça.

Do outro lado da rua, o chicote se materializa vindo do meio do nada e acerta mais dois guardas, fazendo-os cair com os rostos desfigurados. A língua afiada da arma se retrai em seguida e desaparece novamente.

— Quem está aí? — um dos soldados grita, em uma mistura de irritação e medo.

— Apareça, covarde! — outro diz, empunhando a pistola.

Um dos cones balança, fazendo o soldado atirar na direção dele sem acertar nada. Eles ficam mais agitados. Judra aproveita que outros dois se distanciam do grupo e surge atrás deles, perfurando-os pelas costas com as adagas.

Judra agora não tem mais tempo para se ocultar novamente e se torna alvo de tiros vindos dos demais guardas. A silenciadora evita os primeiros disparos dando uma estrela para o lado. Assim que termina o movimento, suas adagas voam certas até o peito de dois dos guardas. O terceiro se concentra e usa telecinese para prender a silenciadora antes que ela atacasse novamente. Ela tenta se mover e não consegue. O soldado saca a arma e se prepara para atirar, mas, antes de conseguir, minha flecha o alveja na perna e a energia elétrica o paralisa.

— Foi quase perfeita — digo ao me aproximar.

— Estava tudo sob controle — ela replica enquanto alonga um dos braços, recuperando os movimentos.

O guarda eletrocutado continua no chão, ainda acordado. Judra pega as adagas dos corpos que matou e as guarda. Em seguida, se abaixa para ver o homem que acertei e, sem piedade, quebra seu pescoço com as mãos.

— Por que fez isso? — pergunto indignado.

— Inimigo bom é inimigo morto, arqueiro. Aprenda isso — ela fala e dá as costas.

— Então eu deveria ter te matado, *né*? — digo com raiva.

A silenciadora se vira para mim com um sorriso nos lábios e diz, dona da maior calma do mundo:

— Se um dia eu tivesse sido sua inimiga de verdade, você nem estaria aqui agora.

Fico sem reação. Como pode continuar tão fria? Tão cruel? É como se tudo o que passamos em Acigam voltasse à tona. De repente, me vejo na situação arriscada de tê-la ao meu lado. Não posso prever suas reações. Ou melhor, eu até posso. Sempre que ela tiver a vida e a morte nas mãos, vai optar pela segunda. Simples assim. Não sei se posso confiar nela, mas o fato é que se Judra não tivesse reaparecido, provavelmente estaríamos nas mãos de Montesco neste momento.

Gueth, Keon e Luana se juntam a nós e minha irmã me puxa assim que todos avançam pela rua. Sou obrigado a continuar e deixo os pensamentos sobre Judra

jogados ali, junto com o sangue da briga, sangue esse que faz tanto bem à silenciadora.

Capítulo 7

São poucos minutos de caminhada até alcançarmos a barreira. Estamos bem no meio da distância entre os dois bastiões do lado noroeste. É possível ver as torres se estendendo ao alto nos horizontes dos dois lados. Também é possível enxergar a parte de fora da Arca, pois ela ainda não foi recuperada por completo e a ilusão de antes não funciona. Mesmo assim, não podemos passar. A energia púrpura que a forma é densa, como uma parede. Estamos presos.

— Luana pode abrir — Judra aponta para a barreira.

— Eu?

— Sua energia ajudou a criá-la. Basta se concentrar e reabsorver parte do poder colocado nela.

As instruções da silenciadora parecem confundir minha irmã. Ela se aproxima da parede roxa, tentando descobrir por onde deve começar.

— Precisa de ajuda? — pergunto. — Posso tentar redirecionar a energia da barreira para algum objeto de metal. Talvez isso facilite.

— Essa energia é bruta demais — ela explica enquanto olha a parede luminosa. E então se senta diante dela. — Acho que consigo abrir, mas vou precisar de alguns minutos.

Luana se concentra e seus olhos se acendem na mesma cor da barreira. Está em transe agora. Ela começou.

— Ótimo — Judra fala. — Vocês dois fiquem de vigia ali — diz para Gueth e Keon.

Eles se olham e vão para a esquina da rua.

— Quem te colocou no comando? — indago, um pouco irritado.

— Se quiser ser o chefe, é só dizer — ela responde em tom monótono e se afasta de Luana para vigiar o outro lado da rua.

— Espera aí! — falo ao alcançá-la.

— Leran, não é o momento para discutirmos a relação.

— Qual relação? Não temos nenhuma.

— Não foi o que pareceu quando nos beijamos há algumas horas.

— Nos beijamos? Você me beijou!

— E você gostou bastante.

Judra fala sem olhar para mim. Ela permanece atenta na rua, o que me deixa ainda mais irritado.

— Não vou aguentar isso outra vez.

— Aguentar o quê, Leran?

— Essa situação. Não confio em você.

A frase finalmente a tira de sua posição indiferente. Ela esquece a vigilância na rua e me encara com uma expressão furiosa.

— Eu quase morri duas vezes — ela diz, esfregando dois dedos na minha cara.

— DUAS VEZES! Tudo para salvar o seu traseiro.

Depois de tirar os dedos do meu nariz, ela arregança o colarinho da roupa negra e deixa à mostra uma grande cicatriz no peito, próxima ao ombro esquerdo. Foi ali que Nagisa a acertou. Um milagre não ter atingido seu coração.

— Meu corpo está cheio de provas de amor por você — ela continua. — Acha que eu vim até aqui para quê? Te sacanear?

— Você me traiu — falo, ainda tentando argumentar.

— Eu realmente sou uma traidora, Leran. Mas não foi você que eu traí. Eu traí as pessoas que me criaram, que me deram comida, que me ensinaram a lutar e a sobreviver. E eu só os traí porque algo no meu peito me forçou, algo que eu nunca senti por ninguém e que sinto por você.

Fico em silêncio e baixo a cabeça, com vergonha.

— Agora se isso não for uma prova suficientemente grande para que você confie em mim, eu não posso fazer mais nada. Se quiser, me diga. Sumo da sua vida agora e deixo você com os seus problemas. Nem meus eles são.

— Não sei o que dizer... estou muito confuso.

— Confuso? Com o quê, garoto? O que mais eu tenho que fazer?

— Eu... — as palavras não saem.

Ela continua:

— Você tem que parar de ser egoísta, arqueiro. Acha que está sendo difícil só para você e para sua irmã?

— Claro que não. Preocupo-me com todos. Com Gueth, Keon... com você. Só que não vejo mais a pessoa por quem me apaixonei debaixo dessas roupas pretas. A Judra que eu conheci no mercado era uma mentira, um papel interpretado por essa outra Judra.

— Ah, é? — ela pergunta e me segura pela camiseta. — E isso? Também é mentira?

Sem ter tempo para me defender, ela me lasca outro beijo molhado. Não consigo largá-la. Ao invés disso, a abraço ainda mais forte e esqueço-me de Luana, da barreira, da fuga. Um gesto imprudente para o momento, mas necessário para

acalmar meu coração e mostrar que sim, eu posso confiar nela. Ela é ainda a pessoa por quem me apaixonei.

Após o beijo, ficamos com as testas encostadas, muito mais calmos. Sinto a respiração dela e ela sente a minha.

— Onde esteve esse tempo todo?

— Vagando por aí. Tentando me achar.

— Achei que estivesse morta — falo e aperto firme suas mãos.

— Achou errado. Sou durona, você sabe.

Abro os olhos e me vejo de mãos dadas com a silenciadora. Por incrível que pareça, meus sonhos se tornam realidade. Judra está de volta, viva, contudo ela traz consigo a imagem de seres cruéis cujas faces eu não gostaria de me lembrar.

— Por que ainda se veste assim? — balanço a cabeça com certa decepção.

— Porque sou uma silenciadora. Sempre fui e sempre serei. Foi isso que me manteve viva. Não dá para largar agora.

— Essas roupas me trazem lembranças ruins.

— A mim também, mas essas lembranças me deixam mais forte. Estou aqui porque eu as superei.

É, a silenciadora cruel e a mulher por quem me apaixonei são a mesma pessoa, são inseparáveis agora. Não posso mudar isso. Não há mais papéis para interpretar. Não há mais mentiras.

— Esse é um recomeço para nós, Leran — ela fala ao me olhar nos fundos dos olhos. — Sem julgamentos, sem farsas. Seremos nós mesmos. E se realmente nos amarmos assim, nada poderá nos separar.

Minha mão se aquece entre os dedos dela. Um recomeço? Será isso mesmo? Ao sairmos de Tênus, daremos novamente uma chance um ao outro? O olhar misterioso dela me prende, como sempre foi capaz de fazer.

— Judra... — início, mas tenho minha frase impedida por sua mão, que sobe e fecha meus lábios em um movimento suave e ágil.

— Shhh — ela pede.

Insisto em falar.

— Quietos!

Judra olha para os lados, atenta e coloca uma das mãos ao lado do cinto. Acompanho seu olhar com meu rosto, sua reação me deixa apreensivo. Gueth e Keon continuam atentos do outro lado da rua e Luana permanece em transe, focada na barreira, que já começa a ceder diante de sua energia. Não entendo a reação de Judra. Tudo está sob controle.

De súbito, a silenciadora saca a adaga e ameaça arremessá-la na direção de um beco, no entanto, seu movimento é interrompido. Ela permanece com o braço estendido, adaga na mão e o rosto voltado para a ruela escura.

— Não... não consigo... me mover — ela se esforça para falar.

Viro-me para a viela sacando uma flecha, mas antes de atirar, alguma pressão invisível acerta meu peito e me joga para longe de Judra. Caio de costas próximo à barreira, reativando a agonia das costelas ainda em recuperação. A dor me contorce e o ar foge dos meus pulmões.

— É assim que retribuem minha hospitalidade? — Minau Montesco surge do beco, acompanhado de soldados da Guarda Vermelha.

O disco de Keon rasga o ar na direção do regente e o ataque seria bem-sucedido se a arma não parasse a poucos centímetros do rosto do inimigo, no exato momento em ele levanta apenas um dedo. Montesco olha de soslaio para Keon, fazendo-o levar as mãos à cabeça em uma desesperada crise de dor. Ele grita e se debate antes de cair ajoelhado com os olhos esbugalhados. Está em choque.

— Tão amador — Montesco solta entre os dentes de seu sorriso malicioso.

Não há o que fazer diante da Estrela Mental. Ele faz sinal para que os soldados avancem sobre Gueth e segue na direção de Luana. Vejo o nairatiano armar o arado e se defender dos guardas. Eu pretendo ajudá-lo, só que antes preciso proteger minha irmã.

Levanto-me e me coloco entre Montesco e o corpo de Luana, ainda sentado e em transe.

— Vai ter que passar por mim! — digo.

Se tiver sorte, os bloqueadores que Judra trouxe talvez me protejam da telepatia de Montesco. Se eu conseguir neutralizá-lo com algum encanto poderoso, ganharemos tempo para fugir. Contudo o regente fala:

— Esses brinquedos podem funcionar contra o rastreamento, mas não servem de nada contra mim.

Fico incrédulo diante dele. Mesmo com os bloqueadores mentais, ele consegue entrar na minha mente. Sabe tudo o que estou pensando. Estará sempre um passo à minha frente, não há nada que eu possa fazer.

Retiro os bloqueadores das orelhas e jogo-os no chão com raiva. Saco uma flecha e digo, determinado:

— Mesmo assim, farei o possível para te impedir.

— Não vou perder tempo com você. Mas se quer mesmo brigar, te darei algo interessante.

Montesco olha para Judra e a silenciadora volta a se mexer. Ela dá meia volta e fica de frente para mim. O regente passa ao meu lado, indo até Luana. Movo-me na intenção de pará-lo, porém tenho meu corpo impedido pela adaga de Judra, que se prende no chão, à minha frente.

— O que está fazendo? — grito para ela, sem obter resposta.

A expressão no rosto dela é totalmente inerte. Não parece ter vontade nenhuma, é como um fantoche controlado por fios. Ela saca outra adaga e corre para cima de mim, obrigando-me a lutar.

Desvio de dois golpes de lâmina, sendo que o segundo me corta o rosto levemente.

— Judra, sou eu!

Ela continua. Após outro ataque, seguro sua mão e a desarmo. Recebo um murro na boca e um chute no estômago em seguida. Cara, ela bate muito forte!

— Não quero te machucar! — falo, mas mesmo que quisesse, não posso com ela. Mais golpes me derrubam. Já no chão, ela envolve meu pescoço na dobra de seu braço e aperta sem piedade. Tento falar e alcançá-la com minhas mãos, estou sufocando.

Enquanto continuo brigando para me soltar do mata-leão de Judra, Montesco se aproxima de Luana e estende uma das mãos para tocá-la, porém seu braço é atingido por um campo de força que minha irmã colocou ao seu redor, fazendo o regente recolher a mão.

— Garota insuportável. Terei que aniquilar sua mente, então.

Montesco se concentra e vejo Luana se contorcer. Seu estado de transe é atrapalhado por algo dentro de sua cabeça e a fenda na barreira, que antes se abria devagar, passa a regredir.

— Temos que impedi-lo — falo com dificuldades, ainda preso no golpe da silenciadora.

Diante da falta de resposta, uso a parte de trás da cabeça para golpear o rosto de Judra. Ela me larga e se afasta, levemente atordoada. Pego o arco novamente e saco outra flecha.

— Desculpa — digo e, em seguida, meus olhos se acendem, fazendo a ponta de aço brilhar.

Atiro no chão, diante dos pés da silenciadora, deixando a descarga elétrica a envolver em segundos. As vestes negras são feitas para absorver energia, sei disso, portando parte da força do encanto rebate no tecido negro e ricocheteia no chão de pedra, mas essa técnica é realmente poderosa e, mesmo resistindo, Judra cai paralisada.

Volto minha atenção para Montesco e preparo outro tiro. A intenção não é paralisá-lo, mas sim explodi-lo. A ponta metálica se acende em um vermelho vivo antes de sair voando até a cabeça do regente. Mesmo concentrado em Luana, ele consegue parar a flecha com sua telecinese, mas a explosão não é impedida. Montesco e Luana são envolvidos pelo fogo do encanto. E do meio da fumaça, vejo a coroa de círculos avermelhados sair rolando pelo chão.

Minha intenção não era ferir Luana, sabia que seu campo de força seria mais do que necessário para protegê-la do calor da explosão. Já Montesco não teve a mesma sorte. Quando a fumaça se dissipa, o regente está caído no chão, com parte das roupas chamuscadas. É claro que sua telecinese também acabou protegendo-o de maiores danos, contudo meu disparo foi efetivo em tirá-lo de dentro da mente de minha irmã. Furioso, ele se levanta e me arremessa para longe com sua força mental. Em seguida, volta sua atenção para Luana.

Luana agora está de pé dentro do campo que criou. Uma das mãos continua voltada para a barreira e outra fica na direção de Montesco. Os olhos na cor púrpura revidam o ataque do regente e eles entram em um novo duelo mental, dessa vez, aparentemente, mais equilibrado.

A fenda continua se abrindo e já é possível que uma pessoa passe por ela.

— Rápido! — Luana grita. A voz sai grave, afetada pela energia bruta que a domina no momento.

Após derrotar alguns dos guardas, Gueth ajuda Keon a se levantar e o traz até mim. Volto minha atenção para Judra que está tonta, com fumaça saindo de suas vestes. Acho que a manipulação mental de Montesco foi desfeita.

— Judra — falo ao ajudá-la.

Ela me olha confusa e se dá conta da situação: guardas caídos, a barreira aberta e Montesco e Luana em um duelo feroz de energia.

— Sua irmã não vai conseguir vencê-lo sozinha.

— Ainda mais tentando abrir a barreira — Gueth completa.

— Rápido! — Luana repete, com a voz forçada, claramente desgastada pelo combate com o regente.

— Vamos sair daqui logo. Essa cidade não presta! — o telepata reclama.

Corremos para a fenda na Arca. Gueth e Keon passam primeiro e Judra me manda segui-los. Eu me recuso, não vou deixá-las com Montesco. Sem me dar tempo para argumentar, ela me empurra para fora e volta até Luana. Vejo-a levar o anel até os lábios e o chiado forte do silêncio toma meus ouvidos.

— Judra! — grito. Mas minha voz não pode ser ouvida por ninguém, nem por mim mesmo.

Diante do ataque da silenciadora, o duelo de Luana e Montesco se desfaz. A energia dos dois diminui bruscamente e Judra tem tempo de puxar minha irmã na direção da saída enquanto a fenda volta a se fechar. A técnica foi efetiva em diminuir o controle mental de Montesco, no entanto, assim como Nagisa evitou o efeito do silêncio na torre de Acigam, o regente também não parece ter toda sua energia drenada. Furioso, ele estende o braço e lança Judra para fora da Arca, fazendo-a cair em cima de mim. Ao mesmo tempo, Luana fica do lado de dentro, presa pela telecinese dele. A fenda continua se fechando depressa.

Keon tenta voltar para ajudar, mas Gueth o segura. Levanto-me e corro para dentro da cidade em meio ao silêncio perturbador e Keon faz o mesmo após acertar um murro em Gueth.

Alcanço Luana e a seguro pelo braço. Já o mentalista passa por nós e salta sobre Montesco, permitindo que eu traga minha irmã para fora.

Enquanto a barreira volta a sua forma normal, vejo mais soldados da Guarda Vermelha chegarem. Keon levita como um boneco de pano e acaba arremessado no chão por Montesco. As costas do mentalista batem no piso duro e quicam duas vezes, fazendo sangue escorrer de sua boca.

— Keon! — o grito de Gueth quebra o efeito do silêncio.

Do outro lado da barreira, é a voz do regente que se destaca:

— Mandem abrir a Arca!

Mas não adianta. O muro de luz se fecha deixando Tênus para trás. E de todos nós, a pessoa que mais queria sair da cidade, acabou ficando nela.

Capítulo 8

Quase um dia de viagem pela estrada e estamos próximos ao rio que separa Sonatri do Reino do Norte. A ideia é atravessarmos a fronteira e voltarmos a Mabra.

Demoramos a chegar a um consenso. Gueth e Luana, obviamente, se recusaram a partir sem Keon, mas, com a Arca fechada, nem se quiséssemos seria possível entrar novamente. Luana acabou fazendo um trabalho melhor do que a encomenda na barreira. Segundo ela, enquanto estava em transe, em contato com a Arca, ela mudou a estrutura de toda a energia colocada lá durante os dias que ajudou os arcanistas. Isso tirou o controle que eles tinham sobre a barreira. Levará dias até Montesco reabrir as paredes, o que nos dará tempo para tomar bastante distância.

Judra também tinha planejado a fuga em detalhes. Próximo ao lugar onde saímos, haviam sido guardados mantimentos úteis para nossa viagem. Depois de preparar as coisas do lado de fora, ela conseguiu entrar em Tênus junto a uma caravana de comerciantes que pediu permissão para passar pela Arca.

Confesso que voltar a Mabra não estava nos meus planos, porém concordei com Judra que lá estaríamos seguros e teríamos tempo para pensar em um plano para irmos até Acigam novamente.

Luana, mais cansada, segue no lombo de um burro de carga, que Judra conjurou com um medalhão de cavalaria. O animal também carrega nossos mantimentos. Minha irmã tem sentido tontura e mal-estar desde que deixamos Tênus. Acredito que é devido ao esforço que fez para abrir a Arca. Mesmo assim, ela diz estar bem. Durante a viagem, Gueth e eu vamos à frente, em silêncio, enquanto a silenciadora guia o burro de carga por uma corda.

— Não dá para passar por aqui — Gueth fala ao ver a margem do rio que é largo, com forte correnteza.

— Deve haver uma ponte mais ao norte — Judra diz.

— Estamos caminhando há horas. Talvez seja o momento de procurarmos algum lugar para acampar. Deixamos a travessia para amanhã — sugiro.

Gueth concorda. Judra decide procurar por um campo mais fechado. Subimos pela margem até um bosque próximo a uma pequena bacia no rio, onde a correnteza é mais tranquila.

— Aqui está ótimo — ela conclui.

— Acho legal vermos se as Estrelas ainda estão longe de nós — falo.

Judra busca o cilindro para abrir o pergaminho de Khun. Após desenrolá-lo, Luana e Gueth se juntam a nós para apreciar a beleza das luzes que o mapa emite. Alguns pontos luminosos indicam a presença das Estrelas.

— Quatro delas estão nas Terras do Sul, em Acigam provavelmente.

— Realmente estão juntas com Nagisa. Maldita! — praguejo. — Quem são as outras três?

— Vácuo, Chamas Negras e Fumaça — Judra responde.

— Montesco ainda está em Tênus? — Luana questiona.

— Sim. E Gelo e Metal estão no continente oeste.

— Isso indica a localização exata das Estrelas? — Gueth pergunta, surpreso.

— Mais ou menos — Judra pontua. — É um resultado aproximado. Tudo depende da quantidade de energia que estão emitindo.

— Consegue ver onde está a Estrela da Cura? — ele pergunta e tenta arrancar o mapa das mãos de Judra. Ela o afasta.

— Calma aí, gato. Não tem nenhum resquício da energia da Cura no mapa nesse momento.

— Não é possível... — ele lamenta. — Isso quer dizer que ela está morta?

— Não sei. A energia da Cura não é a única que falta. Necromancia também desapareceu.

Isso deixa Gueth ainda mais aflito. Será que Tlavi e Shaz morreram enquanto se enfrentavam?

Judra continua analisando o mapa e aponta para um local, pouco mais ao norte.

— Tem outra que parece estar próxima de nós.

— Droga! — falo. — Deve estar nos procurando.

— Qual energia? — Luana pergunta.

— Cristais.

Gueth, Luana e eu chegamos a mesma conclusão:

— Ioseth!

— Talvez possamos ir até ele — Luana fala.

— É confiável? — Judra parece desconfortável com a ideia.

— Ele nos ajudou em Nuanto, poderá nos ajudar de novo.

— Não sei se é uma boa ideia, Luana — reflito.

— Acho que é nossa melhor opção. Talvez ele nos ajude a chegar a Mabra com mais segurança.

— Mas foram os paladinos que nos mandaram para Tênus. É provável que Ioseth esteja junto com as outras Estrelas.

— Eu confio nele — Luana diz.

— Bem, talvez não tenhamos nada a perder — Judra pontua.

— Vamos decidir isso amanhã, com mais calma — sugiro.

— Vou montar as barracas, então — Gueth avisa e vai pegar as coisas sobre o burro.

— Eu ajudo — digo e o sigo.

Gueth está visivelmente chateado com o que aconteceu em Tênus. E as notícias sobre sua irmã também não ajudam. Talvez ele precise conversar.

— Você está bem? — pergunto enquanto retiro a lona de dentro do saco.

— Vou ficar — ele responde seco, como se estivesse bravo comigo também.

— Cara — digo ao tocá-lo no ombro —, também estou preocupado com Keon.

— Engraçado, você sempre desconfiou dele. — Ele tira minha mão de seu ombro ao girá-lo e volta a pregar as varetas na terra.

— Tive meus motivos. Ele e os amigos dele tentaram me matar, mas agora sei que ele é diferente de Terandi e Balko. Confio nele tanto quanto confio em você.

— Ele se sacrificou por nós, Leran...

— Nós vamos salvá-lo.

— Então vamos voltar! — ele larga as varetas e me olha com firmeza.

— Não dá, você sabe. Tênus está trancada na barreira de Luana. E seria loucura.

Gueth baixa a cabeça. Ele sabe que é verdade.

— Talvez falar com Ioseth realmente nos ajude. Ele também pode ter alguma informação sobre sua irmã. Com eles teremos mais força para enfrentar Montesco e Nagisa.

Gueth concorda, mas ainda triste. Seria demandar demais dele que estivesse alegre agora. As coisas não estão fáceis para nenhum de nós.

Assim que terminarmos com as barracas, vejo que Judra e Luana separaram alguns alimentos, fatias de pão e legumes enlatados que Judra trazia com o burro. Depois de ter descarregado o animal por completo, ela desativa o medalhão, deixando o bicho desaparecer em um clarão de luz avermelhado, então guarda a peça na mochila.

— Comam algo — ela nos oferece.

Sento-me com Gueth e comemos. Estamos famintos.

Judra acende uma pequena fogueira para ajudar a iluminar e aquecer a noite, que vai ficando cada vez mais fria. Após terminarmos a refeição, Luana levanta uma questão importante:

— Como faremos com as barracas?

São apenas duas. Se eu dormir com Luana, Gueth e Judra dormirão juntos. Se eu dormir com Judra, Gueth dormirá com Luana... e agora?

— Meninas e meninos — Judra decide.

— Oi? Eu não vou caber na mesma barraca que ele — aponto para o nairatiano.

— Olha o tamanho dele!

— Você já dormiu em lugares piores — a silenciadora rebate. — E vamos revezar. Alguém precisa ficar de vigília.

— Eu começo — Gueth se prontifica. — Assim você terá mais tempo para dormir com espaço.

Dou risada.

— Ok, pego o segundo turno então — falo.

— Eu fico com o último — Judra pontua.

— E eu? Não sou inútil — Luana esbraveja.

— Você se esforçou bastante em Tênus. E não parece estar totalmente recuperada — Judra fala sem rodeios. — É melhor descansar a noite toda. E acredite, com o poder que tem, é a mais útil daqui.

Luana acaba concordando. Definidos os turnos, eu vou para cama e as meninas também. Gueth fica do lado de fora.

— Leran. — Ouço alguém me chamar.

— Hã?

— Acorda! — Uma mão me sacode.

— Me deixa, não enche o saco!

— Acorda, seu mala! — E tomo um tapa na cara.

— Oi, o que está acontecendo aqui? — pergunto alerta.

— Viu como é legal ser acordado do nada?

— O que você quer, Gueth?

— É sua vez de vigiar.

— Mas já? Não dormi nem quinze minutos.

— Você já está dormindo há quatro horas. Vai, levanta.

Contrariado, saio me arrastando da barraca para Gueth entrar. Antes que eu pudesse falar mais qualquer coisa, ele fecha o zíper e me dá boa noite lá de dentro.

Esfrego os olhos e, ainda sonolento, vou para perto da fogueira. Deixo o arco e a aljava no chão ao meu lado, caso precise deles, contudo é o marasmo de uma noite fria que me acompanha por quase três horas.

— Tudo tranquilo? — Judra aparece atrás de mim, dando-me um susto.

— Estava até agora.

Ela sorri com o canto da boca. Os cabelos soltos, a calça preta de algodão e a blusa de mangas compridas dão a ela uma aparência inocente. Vendo-a assim, até me esqueço de que se trata de uma silenciadora.

— Pode dormir mais um pouco, eu assumo agora.

— Perdi o sono.

Judra coloca mais alguns gravetos na fogueira e se senta ao meu lado.

— Queria conversar com você.

— Pode falar — ela responde mantendo o olhar firme nas chamas.

Aninho minha cabeça em seu ombro, aproveitando o quentinho do tecido da blusa, misturado ao calor de sua pele.

— Como você sobreviveu? — a pergunta é calma, não sai como uma cobrança. Quero saber a verdade, mas também quero que ela se sinta à vontade para me contar.

— Para ser sincera, também não sei direito. Algumas pessoas me ajudaram.

— Safira?

— Sim. Acho que devo mais aos magos do que gostaria.

— Irônico, não? Também devo mais a uma silenciadora do que gostaria.

Ela ri antes de continuar.

— Pelo que me lembro, Dairo me tirou do fosso depois que caí. As botas ajudaram a aliviar a queda, porém eu estava ferida demais.

— Dairo, o silenciador das facas? Achei que você o tinha vencido.

— Nós lutamos e depois chegamos a um acordo. Ele decidiu deixar Acigam. Por sorte, continuou no palácio, me vigiando talvez.

— Como chegou até Safira?

— Dairo me deu o disco que Milo usava. Disse que ele não precisaria mais da peça.

Agora sou eu que dou uma risada breve.

— Realmente não precisaria.

— Você o matou?

— Nunca achei que diria isso, mas destruí-lo me fez bem.

— Falando assim parece até um silenciador.

Viro meu rosto para olhá-la na face, contudo Judra permanece atenta à fogueira. Decido não comentar.

— Com o disco, consegui sair do Palácio Real e fui para o lugar onde Safira havia me tratado da primeira vez. Ela estava lá.

— E ela conseguiu te esconder dos magos?

— Por quase uma semana, enquanto meus ferimentos melhoravam. Ela me trouxe roupas, entre elas o uniforme de silenciador que os magos tinham descartado.

— E por que não me procurou em Mabra? Não foi lá que você nasceu?

— Não...

— Essa foi outra mentira?

— Não sei onde eu nasci. Também me contaram muitas mentiras em Acigam. Nesse tempo, eu estive em busca de um novo caminho. Passei por muitos lugares para saber a verdade sobre o meu passado.

— Deve ter acontecido muita coisa.
— Daria um bom livro — ela fala, sorrindo.
— Eu realmente acreditei que você estava morta, sabia? — digo, com certa tristeza.

Sua mão toca meu queixo e então levanta meu rosto. Ela me encara nos olhos, deixando-me ver minha face refletir em sua íris.

— Aquela garota que caiu da torre morreu, Leran. Sou uma nova pessoa agora, muito mais forte. Eu aceitei meu passado, aceitei o fato de ser uma silenciadora e aceitei ter me apaixonado. Sei que tenho fraquezas, mas resolvi me adaptar a elas.

— Ainda odeia os magos?

— Não.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Existem pessoas muito piores e mais perigosas que os magos. Elas são o foco da minha caçada agora.

— De quem está falando?

— Das Estrelas, é claro. Possuem poder demais. Se quiserem, podem destruir tudo. Isso não é equilíbrio.

— Nem todas são ruins.

— Por enquanto.

— Está dizendo que Luana também se tornará perigosa?

— Não sei, mas se se tornar, você terá uma decisão difícil em suas mãos.

Abaixo a cabeça, apreensivo. Judra continua:

— E se não tomar essa decisão, eu a tomarei por você.

Melhor nem pensar nisso agora. Mantenho minha cabeça apoiada em Judra e espero o dia amanhecer.

Gueth acordou bem-disposto. Usou sua técnica com os vegetais e fez crescer diversas frutas, complementando o café da manhã. Faltou só um pouco de carne.

— Não teria sido ruim ter trazido um presunto, *né*, Judra?

— Claro, inclusive seria ótimo para comer depois de ficar dias no lombo do burro.

— Se quiser, ainda tenho um pouco da minha mistura de ervas proteicas — Gueth diz e retira um saquinho da mochila.

— Afasta esse treco de mim! — reclamo ameaçando vomitar.

Luana ri.

— Ok. Bem, eu terminei aqui. Vou dar um mergulho — Após recolher sua parte da sujeira, Gueth segue para o rio.

Apesar do clima nublado, a manhã está um pouco mais quente do que o normal. Enquanto Gueth tira a camiseta para entrar na água, Luana, Judra e eu continuamos sentados, devorando o que resta da comida.

— Ele é muito gato, não? — Luana puxa o assunto enquanto observa o nairatiano.

Ignoro e continuo comendo. Mas Judra tem algo a mais para dizer:

— É um gostoso, isso sim.

— Ei, eu estou aqui! — lembro a elas.

— Relaxa, Leran — Judra fala. — Ele não te oferece nenhum risco.

Abro um sorriso e brinco:

— Sei que você prefere alguém carismático a um abdômen rasgado e sem graça.

— É... — ela diz com os olhos virados. — Vocês são tão ingênuos.

— Por quê? — Luana pergunta.

— Nada não — Judra desconversa e se levanta para desmontar as barracas.

Luana me olha confusa, mas eu também não entendi.

Antes de ajudar Judra com as coisas, resolvo tomar um banho também e Luana me segue. Passamos alguns minutos nos divertindo na água. Gueth brinca de jogar minha irmã para cima, tentando fazê-la dar um mortal após ser impulsionada em seus ombros. Depois de algumas tentativas, ela consegue uma pirueta perfeita.

— Você tem jeito para isso — ele comenta.

— As crianças vão ajudar ou não? — Judra grita do acampamento.

— Indo! — replico.

Subimos correndo e começamos a arrumar as coisas. Gueth e eu enrolamos as lonas enquanto Luana recolhia as hastes. Após colocar alguns mantimentos na mochila, vejo minha irmã se agachar e levar as mãos à cabeça.

— Você está bem? — pergunto assim que a alcanço.

— Tontura novamente. Um pouco de ânsia também.

— Você não devia ter ficado pulando na água depois de comer.

— É, acho que exagerei.

— Fica aqui sentada um pouco. Eu termino a sua parte.

Mas antes de eu sair, Luana vomita tudo o que comeu. Abaixo-me para ajudá-la.

— Caramba, Luana — lamento.

Mesmo tendo se livrado do café, a dor no estômago parece continuar. Ela abraça o abdômen e força a garganta outra vez. Tosse, tenta retirar o que a incomoda.

— O que foi? — Gueth chega ao notá-la passando mal. Judra aparece em seguida.

— A comida a fez mal? — Judra pergunta.

— Não sei. Acho que as brincadeiras na água não ajudaram.

— Sinto muito — Gueth diz, sentindo-se culpado.

Luana tosse mais algumas vezes e estão vomita de novo. Dessa vez, já com o estômago vazio, vem o líquido amarelo-escuro da digestão. Aparentemente aliviada, ela se senta e apoia as costas na mochila. Encaro-a, preocupado.

— Acho que estou melhor — diz.

Porém a sensação boa logo passa. Luana leva as mãos à barriga outra vez, se dobra e vomita novamente. Agora, a única coisa que sai é sangue. Muito sangue.

Capítulo 9

— Coloca ela na montaria, rápido — ordeno a Gueth.

Luana desmaiou e não responde aos meus chamados. Precisamos levá-la a Ioseth o quanto antes. Não sei o que está acontecendo com ela. Isso não pode ser apenas sintomas de uma má digestão, nunca vi alguém vomitar tanto sangue.

Judra ativa o medalhão de cavalaria, dando vida ao burro de carga. Enquanto Gueth acomoda Lua nas costas do animal, eu e Judra terminamos de recolher o que deu, deixando algumas coisas para trás.

Aumentamos a velocidade do passo para continuar a subida do rio até encontrarmos uma ponte para atravessá-lo até o Reino do Norte, depois seguimos para o local onde o mapa apontava a presença de Ioseth. Após duas horas de caminhada, o clima instável faz a chuva cair do céu cinza, o que nos atrasa. Cubro Luana com uma manta e Gueth ajuda a mantê-la seca com o guarda-chuva que tinha em sua mochila. No caminho, vou checando a pressão e a respiração de minha irmã. Também afago sua testa e ela responde com movimentos involuntários. Odeio vê-la assim. Sinto-me inútil sem saber o que fazer.

— Ali — depois de mais uma hora de viagem, Judra aponta para uma construção branca no horizonte.

Avisto colunas e um pórtico todo esculpido no alto. Ele dá entrada a um prédio grande e redondo, com uma abóboda dourada. Mais alguns minutos e chegamos à escadaria que dá acesso ao templo requintado, um palacete decorado com pedras brancas e ouro.

Dois paladinos estão diante dos portões de entrada. Ao nos verem, um deles se aproxima, fazendo perguntas.

— Precisamos falar com Ioseth — digo, já passando por ele e abrindo espaço para Gueth carregar Luana. Ele a tirou do burro e agora a segura nos braços.

— Tenha calma, rapaz — o soldado alerta.

— Está tudo bem! — a voz vem de cima das escadas.

O Senhor dos Cristais surge na entrada do palacete vestindo sua armadura dourada. Ele faz um sinal para os guardas e os manda nos levarem para dentro.

— Fico feliz em revê-los — diz assim que entramos. Sob nossos pés, uma poça de água se forma rapidamente, estamos ensopados.

Minha expressão é séria, mesmo diante de seu sorriso amigável. Ioseth vai até Gueth após notar que algo está errado.

— O que houve? — pergunta enquanto coloca uma das mãos sobre a cabeça de Luana, ainda desmaiada no colo do nairatiano.

— Ela passou mal — digo, agitado. — Vomitou sangue, apagou em seguida. Já estava se sentindo mal desde que deixamos Tênus, mas não tinha acontecido nada disso antes.

A Estrela dos Cristais continua avaliando minha irmã por alguns segundos e depois segue pelo corredor de entrada.

— Tragam-na.

No caminho, mais pessoas aparecem e uma paladina recolhe Luana dos braços de Gueth, colocando-a em uma maca.

— Para onde vai levá-la? — pergunto a ela.

— Fique tranquilo, Leran — Ioseth se intromete. — Sua irmã está exausta. Ela precisa de alguns cuidados e muito descanso. Os paladinos dominam a cura. Deixe-os cuidar dela agora.

— O que ela teve não pode ser apenas cansaço — afirmo.

— Saberemos exatamente o que aconteceu depois que a examinarem. Tenha calma.

Mas não consigo acatar a esse pedido. Algo sério está acontecendo com Luana e eu temo pelo pior.

— Tem algo mais te incomodando, Leran? — o paladino questiona ao ver minha expressão.

— Tenho medo de Luana não ter se recuperado por completo da infecção de Shaz.

— Não — ele é direto na resposta —, essa foi a primeira coisa que averigui. Não há resquícios da energia dele em sua irmã.

— E Tlavi? — Gueth, que até então seguia em silêncio, se intromete. — Sabem onde ela está?

Ioseth o encara com certo pesar e balança a cabeça. Gueth desvia o olhar.

— Mas colocamos paladinos no campo dedicados a encontrá-la — ele diz otimista.

— Acham que ela está viva? — o nairatiano pergunta, um pouco desacreditado.

— Se não achássemos, não perderíamos tempo mandando soldados atrás dela.

A fala de Ioseth acende um pouco de esperança nos olhos do rapaz. Gueth acena a cabeça e oferece um sorriso esperançoso.

— Venham — o paladino muda de assunto —, vou apresentar o lugar a vocês, depois poderão descansar e trocar de roupa.

Gueth, Judra e eu seguimos Ioseth por outro corredor e depois subimos algumas escadas.

— O que é esse lugar, afinal? — indago enquanto andamos. Vejo estátuas de mármore, diversas salas com móveis rústico, tapetes antigos e peças de guerra decorativas, entre armas e armaduras. Um prédio bastante exótico, longe de quase tudo, porém cheio de paladinos. No salão onde estamos posso ver, pelo menos, mais dez além de Ioseth.

— É um posto avançado da Ordem. Ele faz intermédio entre o Polo Luz e Sonatri. Boa parte dos paladinos recém-batizados é treinada aqui antes de serem enviados para Nuanto.

— Não parecia tão grande do lado de fora — Gueth pontua.

Judra continua quieta, olhando atenta para todos os lugares. Ela parece estar sempre pronta para algo, alerta, mesmo quando não está vestida com as roupas negras.

— O que foi? — pergunta ao me notar encarando-a.

— Nada não — e desvio o rosto com um sorriso.

— Até que vocês estão com um número grande de paladinos aqui — o nairatiano fala.

— Não tivemos muita opção. Acabamos trazendo a maioria para cá. Sonatri está em frangalhos. Este posto passou a ser o novo quartel da Ordem enquanto não recuperamos Nuanto por completo. Daqui, podemos dar instruções às tropas e auxiliar na recuperação do Reino Central.

— O estrago foi tão grande assim? — pergunto, porém tenho noção da resposta.

— Ainda há muitos desgarrados vagando pela região — ele responde descontente. — Nossos esforços agora estão em eliminá-los. De tempos em tempos, mandamos novas expedições que saem daqui.

— Entendo...

E isso prova que, se Shaz realmente morreu, a infecção não acabou junto com ele. Também confirmaria o fato de Luana ter vencido a infecção sozinha, enquanto reerguia a Arca.

— Por aqui — Ioseth indica um corredor.

Após deixarmos o salão, Ioseth nos leva a uma capela e nos apresenta a alguns sacerdotes de Phelgor. Em vez de usarem as pesadas armaduras, esses homens e mulheres vestem túnicas belíssimas com algumas placas douradas, mais decorativas do que protetoras. Segundo Ioseth, eles possuem uma ligação muito forte com a Luz. Mais deles ficam no Polo, ondem conseguem evoluir o controle do elemento ao máximo.

Depois da capela, o paladino nos mostra a enfermaria, lugar onde Luana está descansando. Em seguida, vamos para a área externa, passando pelo campo de

treinos e por um estábulo, onde preparam os medalhões de montaria e criam animais de verdade. Avisto um dos paladinos trabalhar em uma peça dourada, parece um dos medalhões, mas seu brilho é forte. O soldado usa um pequeno martelo, feito de ouro e pedras preciosas, e dá golpes delicados que não chegam a atingir o metal, parando em uma espécie de campo de energia que envolve o medalhão. A cada pancada é emitida uma faísca luminosa.

— O que ele está fazendo?

— Ah, este é Joshua. Ele é um ferreiro e um encantador como você. Está terminando o trabalho em um dos alazões dourados.

Meu avô nunca disse nada sobre usar martelos para manter a energia dentro de objetos. Se bem que nunca chegamos a criar algo assim, esses medalhões parecem requerer um nível bem avançado nos encantos. A armadura de Joshua é simples se comparada a dos outros paladinos. E seu capacete é na verdade uma viseira que serve para proteger seu rosto das faíscas e fagulhas normais em seu trabalho. Mesmo assim, o fato de termos outro encantador em nossa frente não é o que mais chama a atenção de Gueth.

— Alazão dourado? — ele indaga surpreso. — Vocês têm um deles aqui?

— Sim, alguns na verdade.

— Onde? — ele questiona empolgado.

— O que é isso? — pergunto confuso.

— Uma montaria rara dos paladinos — é Judra quem responde. — Dizem que corre quase na velocidade da luz.

— Como você sabe disso?

Ela dá de ombros.

— Isso — Ioseth pontua —, é exatamente essa criatura, mas não diria que se aproxima da velocidade da luz. Não chega a ser tão rápida assim, até porque ela destruiria a pessoa que estivesse viajando consigo.

— Entendi — digo.

— Deixe-me mostrar um deles a vocês.

Ioseth vai até o ferreiro e pega um dos medalhões da bancada.

— Temos apenas três no momento — informa, apontando para outro na mesa e para o qual o ferreiro trabalha. — Cada um é encantado com a energia do próprio Polo Luz, por isso conseguem ser tão rápidos e poderosos. Mas se vocês ouvirem falar tudo sobre eles, também sabem que a velocidade dura pouco, conseguindo, no máximo, percorrer alguns quilômetros, dependendo da quantidade de energia que possuem.

Ele toca o símbolo no centro da peça e a coloca no chão. Em segundos, um cavalo inteiramente dourado surge diante de nós. A crina é loura e a pele é

reluzente, chega a ofuscar meus olhos. Em alguns momentos tenho a impressão de que ele está pegando fogo.

— Quando colocado para correr, ele envolve o cavaleiro em sua aura protetora e dispara, praticamente se desintegrando em energia pura. Depois de percorrer o caminho indicado, ele se recompõe junto ao viajante e se desativa, e precisa ser recarregado no Polo depois de usado. Hoje é provavelmente o meio de transporte mais rápido, porém é extremamente caro e acaba ficando limitado às regiões próximas ao Polo Luz. Esses três acabaram de voltar de lá. Joshua está dando os toques finais.

— São realmente incríveis — Gueth parece hipnotizado com a criatura.

Após apresentar o animal de luz, Ioseth o desativa e devolve o medalhão para a mesa.

O paladino nos leva até outro salão, agora repleto de quartos. Aos fundos, nos indica três portas, são três cômodos com camas e banheiros, para dividirmos como quisermos. Agradeço.

— Encontrarão algumas peças de roupa secas nas gavetas da cômoda em cada quarto — ele diz. — Tentem dormir bastante essa noite. Amanhã conversaremos com mais calma. E sua irmã já estará muito melhor, te garanto.

— Obrigado, Ioseth — digo. Apesar de eu não gostar das Estrelas, devo admitir que Ioseth tem ajudado. Ele realmente parece uma boa pessoa. Até me sinto mais seguro aqui.

— Meu quarto fica do outro lado do prédio. Se precisarem de algo, podem me procurar.

Aceno com a cabeça e agradeço outra vez. Assim que o paladino vira no corredor, Gueth entra em um dos cômodos e Judra entra no outro, deixando o do meio para mim. Entro e tomo um banho. Após estar me sentindo mais limpo, penso em deitar, mas mudo de ideia. Saio do quarto e bato na porta de Judra.

Ouçó o som da tranca e depois Judra aparece, enrolada em uma toalha, com os cabelos molhados.

— Posso entrar?

Ela me olha dos pés à cabeça e fecha a porta. Aguardo uns minutos.

— Agora pode — ela diz ao abrir novamente, vestida com camiseta e bermuda de dormir. — Fazia tempo que não tomava um banho quente — fala e então se joga na cama, aproveitando o conforto das instalações paladinas.

Continuo em pé, olhando para ela. Em resposta, recebo um sorriso e ela bate a mão na cama, me convidando a me sentar ao lado dela. Sento-me.

— Podemos ver o pergaminho?

— Claro — ela responde e pega o item, na gaveta do criado mudo ao lado da cama.

Olho para o papel com medo de ver alguma energia inimiga próxima a nós, mas não há nada. Apenas duas Estrelas aparecem onde estamos, Luana e Ioseth. Com certo alívio, deixo o mapa sobre o móvel e abaixo a cabeça, pensativo.

Uma das mãos de Judra acaricia minhas costas. Ela sabe que não tem sido fácil e esse carinho agora é muito necessário. Não sei se vim aqui para ver o mapa ou para ficar com ela. Os dois, certamente.

Sua mão sobe até meu pescoço, dando-me um arrepio. Em seguida, vem um cafuné gostoso e confortável.

— Luana vai ficar bem, você vai ver.

Mas minha única reação é chorar. Devo estar bem próximo ao meu limite. São coisas demais acontecendo e já não sei ao certo como lidar com tudo.

Em vez de falar algo e tentar me consolar, Judra apenas me abraça e mantém o carinho. Passo a retribuir, afagando suas costas, e continuamos por alguns minutos, enquanto meus soluços passam. No fundo ainda sou um moleque com saudades de casa. Toda essa responsabilidade, essa correria, não sei se fui feito para isso. Não sei nem se alguém chegou a ser feito para isso. Ser adulto é difícil demais, principalmente quando se carrega nas costas a responsabilidade sobre os outros.

O cafuné de Judra se transforma em uma massagem relaxante em meu couro cabeludo, que depois desce aos meus ombros e destrava o músculo do trapézio. Solto meu pescoço e faço movimentos circulares com a cabeça enquanto Judra me aperta, mandando a preocupação embora.

Entre um aperto e outro, sinto beijinhos no alto das minhas costas. Depois na nuca. Ela abraça meu tronco e continua me beijando, agora atrás da orelha. E os arrepios correm pela minha espinha.

Minha mão vai até sua cabeça e a puxa, fazendo seu rosto tocar o meu. Viro o pescoço e direciono sua face até a minha, dando-lhe um beijo. O toque dos nossos lábios faz meu corpo tremer de leve. Ela me empurra para me deitar na cama e nosso beijo se intensifica. Judra morde meu lábio inferior e eu aperto sua nuca, arrancando dela um gemido.

Os corpos se enroscam com força, os pés se esfregam, as pernas se entrelaçam. Meu tronco pesa sobre o dela, me dando calor. Em um movimento rápido, me desfaço da camiseta, depois tiro a dela. Os beijos continuam, reacendendo uma paixão antiga, que havia ficado em Acigam. Mas agora não somos mais os adolescentes daquela cidade atrasada. Nossa relação não é mais ingênua e misteriosa. Eu sei quem Judra é e isso, de alguma forma, me atiaça.

Nesse recomeço, sem segredos e sem jogos, podemos nos entregar aos sentimentos mais profundos. Eu a amo e essa paixão dentro de mim finalmente tem espaço para crescer e explodir. Esperei isso por muito tempo.

Sua íris castanha dá lugar ao amarelo sinistro dos assassinos, mostrando que ela me deseja com todas as suas forças. Então meus olhos também se acendem, dando-me um frio na barriga. Eu a beijo ainda mais forte. Meus braços a seguram com firmeza, os dela também me prendem. Eu sou dela. Ela é minha. Um dominou o outro. O arqueiro e a silenciadora. Somos um só.

E após essa noite juntos, nada poderá nos separar de novo.

Nada.

Abro os olhos e me deparo com um lugar familiar. Parece a loja do meu avô, o porão, na verdade, contudo algo está diferente, nebuloso. Ele aparece sentado em sua cadeira e eu estou na mesa, diante de várias peças de metal.

— Você precisa aprender a dominar todos os materiais, Leran.

— Como?

— Para fazer encantos perfeitos, é necessário sentir a vibração do metal antes de transferir a energia. Cada um possui uma vibração diferente, uma força própria que interage com o meio.

— Não sinto nada — falo colocando a cabeça mais próxima aos pedaços metálicos.

— Venha, toque-os.

Meu avô se levanta e pega uma das minhas mãos, direcionando-a a cada um dos metais.

— Concentre-se.

O primeiro é um pedaço de ferro. Posso senti-lo denso, agressivo. Uma breve pulsação corre da peça para meus dedos. Repito o processo com todos os materiais, deixando por último o cobre. Esse parece conversar comigo. É maleável, dócil, por isso é o material que escolho para começar.

— Muito bem. O cobre é excelente para iniciantes — ele pontua. — Iremos aprimorar sua técnica com ele. Depois tentaremos outros metais.

Quando termino as lições com o cobre, chega o momento de tentar o próximo metal, mas antes que pudesse começar, o ambiente ao meu redor se desfaz e, em segundos, sou levado para outro lugar, mais sombrio e assustador.

Estou na sala redonda, cheia de tronos altos de pedra, o mesmo lugar onde vi Nagisa e Shaz ameaçarem Luana, porém, agora, mais cadeiras estão ocupadas.

A energia de Luana permanece no centro, sendo encarada por todas as outras. A voz trovejante da rainha tenta intimidá-la.

— Não vão me matar! — Luana rebate.

— Você é uma ameaça grande demais — o som tremido vem do ser no trono mais alto, da Estrela feita de chamas negras.

— Vamos achá-la, é uma questão de tempo. Não adiantou ter fugido de Tênus. — É um ser azulado de voz grossa que fala. Só pode ser Montesco.

Além deles, vejo outras quatro energias. Uma feita de vórtices que rodopiam em cores escuras, outra de gelo e névoa, uma terceira de fumaça escura e uma última moldada com pedaços de metal, como se fosse um golem. São sete, sete inimigos no total.

Em resposta às ameaças, Luana expande sua energia e inibe a presença das demais Estrelas. Seu poder engole parte dos tronos de pedra, despedaçando o piso do lugar.

— Começou! — a Estrela de Metal diz.

Mas o poder de Luana é grande demais e, antes que pudesse ver qualquer outra coisa, também acabo engolido pela energia e abro os olhos.

Estou em uma cama confortável, coberto por lençóis, ao lado de Judra. Meu corpo está molhado devido ao suor. Um brilho estranho no quarto me faz olhar para o lado e ver o pergaminho de Khun aceso.

Me levanto com pressa e noto uma energia muito poderosa se destacando em uma luz roxa que ilumina todo o quarto.

— O que foi? — Judra se levanta, assustada.

— Estamos com sérios problemas!

Visto as peças de roupa caídas e saio correndo do quarto, deixando Judra para trás. Passo pelo corredor na direção de onde minha irmã estava e, já nos arredores da enfermaria, paladinos passam com feridos em macas. Estão tirando as pessoas de lá.

— Ela vai destruir tudo — um deles fala, preocupado.

Quando chego ao local, Luana está levitando, com os olhos acesos e muita energia ao seu redor. As macas que restaram flutuam, batem nas paredes e são arremessadas longe. Placas do piso se desprendem, luminárias do teto estouram. Os paladinos fazem um cordão de isolamento com suas auras, tentando impedir que a energia dela avance.

— Luana!

Mas ela não me escuta. Sua feição é séria, agressiva. Lembra-me quando tentou matar os caçadores em Mabra, após sofrer o acidente de cavalo. Porém aqui não temos inimigos. Por que ela está assim? Será que o que vi no meu sonho foi real? Será que Luana realmente esteve frente a frente com as outras Estrelas naquela sala? E nesse caso, o que a Estrela de Metal queria dizer com “começou”? Começou o quê?

Uma das paredes simplesmente cai devido aos raios e os paladinos são obrigados a recuar diante da expansão brusca do campo de força púrpura. Preciso fazer algo, minimizar a energia para que ela possa controlá-la... Cobre, tenho que achar cobre.

Saio da enfermaria e peço por cobre a todos que vejo no local. Mas eles não parecem ter o material à disposição. Não demora até Judra e Gueth chegarem.

— O que está acontecendo? — ela pergunta. Contudo a resposta vem da parede próxima a nós, que simplesmente se desintegra em pedaços finos de concreto e deixa a enfermaria toda aberta, com Luana flutuando no centro dela.

— Não vamos conseguir contê-la — um dos soldados dourados alerta.

— Tenho que ajudá-la a controlar a energia. Ela está em transe outra vez.

— Vou anular seu controle — Judra ameaça, levando o dedo a boca.

— Espere, se fizer isso vai cancelar a aura dos paladinos também.

— Eles não parecem estar tendo muito sucesso — ela retruca.

A silenciadora toma a frente, passando os soldados dourados, e sopra o silêncio sobre Luana. No início parece funcionar, vejo a energia se retrair, como se fosse suprimida pela técnica dos silenciadores, mas o sucesso não dura muito. O campo de força se amplia ainda mais violento, ignorando o som do chiado e, com a pressão da energia, Judra e os paladinos são lançados longe.

Dou dois passos a fim de ver se Judra está bem, mas volto minha atenção para Luana, que tem agora sua boca aberta, liberando raios de energia que destroem o teto, até o céu escuro ficar visível.

— Cobre! Alguém me traga cobre — grito novamente.

— Você sabe usar outros metais — Gueth fala. — Vai logo! — diz e me dá um pesado escudo, que estava decorando a parede.

— A energia é muito poderosa — falo olhando para a peça. — Preciso de um material no qual sou especialista.

— Você não tem escolha.

Mais partes do prédio se desintegram enquanto Luana expande o turbilhão de energia, indicando que não há tempo. Diante da situação, coloco o escudo na minha frente e me sento, tentando me concentrar.

Meus olhos se acendem em vermelho e eu encaro Luana, em seguida, direciono o olhar para a peça de metal. Meu corpo se estremece na tentativa de entrar em contato com a energia bruta de minha irmã. Raios negros e claros se entrelaçam e ricocheteiam nas paredes, no piso e no teto. Um deles passa rente ao meu lado e abre uma fissura no chão de pedra. Os paladinos se reerguem, acendendo suas auras para me ajudar a conter a energia, então começo.

Com as mãos, oriento o início do fluxo. Luana sente um baque quando a energia começa a ser drenada. O escudo é de chumbo, um material extremamente difícil de

controlar, de condutividade baixa. Os primeiros feixes que eu desloco batem no metal e voltam para o turbilhão.

— Não está funcionando! — grito com raiva.

— Se você não conseguir, ninguém vai — Judra lembra, voltando a ficar ao meu lado. Ela segura um dos braços, ferido após a pancada do arremesso.

Retomo a concentração e toco o escudo, sentindo as vibrações do metal. É muito diferente do cobre, do aço e do bronze, com os quais já encantei, mas, aos poucos, começo a achar uma sintonia entre o material e a energia de Luana. Tento drenar os feixes no mesmo ritmo da vibração do chumbo e alguns passam a ser absorvidos.

— Isso! — Gueth comemora.

Porém, a drenagem é lenta demais. O pouco que consigo absorver é rapidamente repostado por mais energia que sai do corpo de Luana. Nem as auras paladinas funcionam mais. A cada segundo, eles são obrigados a recuar mais e mais permitindo que o campo de força de Luana engula todo o corredor a nossa frente e pressione as paredes estruturais da construção.

— Está derrubando os pilares de sustentação — um dos paladinos alerta.

O teto começa a ruir quando mais raios passam desgovernados e acabam acertando alguns dos paladinos. Um deles absorve mais energia e é desintegrado em segundos. Não sobra nada, nem sua armadura.

— Por Phelgor! — outra paladina grita. Sem ter como ajudar o colega.

Nunca vi a energia de Luana fazer isso. Está muito mais poderosa do que das outras vezes.

— O prédio vai desabar!

Recupero a atenção no escudo e retomo o fluxo de energia. Cerro os dentes, faço mais força para trazer o poder bruto de Luana para dentro do chumbo. O material começa a pulsar violentamente. Antes que pudesse continuar, o escudo se contorce e se despedaça na minha frente. Depois, sou levantado pela torrente de energia e acabo arremessado para trás. Gueth tem tempo de me segurar.

— Ela vai destruir tudo — ele fala.

Fecho os olhos e coloco as mãos na frente do corpo assim que avisto um poderoso raio vindo em nossa direção. Ouço um barulho retumbado e noto a energia de Luana sendo contida por uma parede cristalina. Uma barreira.

— Ioseth! — digo ao ver o paladino chegar. Ele veste uma bata clara, que indica que estava provavelmente dormindo.

— Afastem-se — ordena.

— Apenas eu posso pará-la. Preciso drenar a energia — retruco.

— Afasta-se — ele repete, sério.

Dou alguns passos para trás e Ioseth amplia sua aura, contendo o avanço da energia de Luana. Barreiras surgem em volta de minha irmã, exatamente no limite

de onde seu campo de força está. O paladino cria um cubo luminoso ao redor dela e impede o avanço de seu poder. Concentrado, ele faz as paredes de luz se moverem na direção de Luana, comprimindo seu espaço.

As mãos de Ioseth se estendem, como se ele empurrasse as paredes com a força física. Algumas ameaçam regredir, mas ele não permite. Empurra-as, tanto com seu poder quanto com seus braços.

O paladino coloca as mãos em formato de caixa e vai fechando-as. Enquanto o espaço entre suas palmas diminui, o cubo que prende minha irmã também se aperta. Luana parece ainda mais irritada por sentir sua energia sendo comprimida. Ela tenta expandir sua força, mas já não consegue. Quando as paredes de luz chegam rentes ao seu corpo, a energia púrpura do turbilhão é empurrada pela boca e olhos de Luana. Ioseth está fazendo com que ela mesma reabsorva o poder.

Enquanto continua enfiando energia goela abaixo de Luana, o paladino de aproxima e, assim que o campo de força se desfaz, ele coloca uma das mãos na testa dela e outra em sua boca, garantindo que a energia não saia. Suas mãos se acendem e o corpo de Luana também, selando o poder descontrolado. Minha irmã para de levitar e Ioseth a deita no chão, mantendo suas mãos brilhantes na cabeça dela.

Assim que termina, Luana fica deitada, tranquila, aparentemente dormindo.

— O que você fez? — pergunto ao me aproximar.

— Devolvi a energia para seu corpo e a lacrei com barreiras internas.

— O quê?! — pergunto furioso.

— A energia de sua irmã precisa ser contida. Achei que não aconteceria tão cedo, mas aconteceu, não tive escolha.

— Do que você está falando? — Gueth chega mais perto e, junto com Judra, também pressionam Ioseth para que ele explique o que está acontecendo.

— Existem duas energias primárias dentro de sua irmã — ele fala enquanto se levanta.

— Sim, como em qualquer Estrela — falo.

— Não, não é como em qualquer Estrela.

O encaro com desconfiança.

— Luana detém Luz e Trevas dentro de si. São energias antagônicas.

— São elementos que não se misturam. Eu sei.

— Errado, arqueiro. Em Luana eles se misturam, esse é o problema. Sempre que as duas energias atingem níveis semelhantes, elas se fundem dentro do corpo de sua irmã, fazendo-a entrar nesse estado. É a energia bruta tentando se libertar na forma de um elemento extremamente destruidor.

— Caos! — Gueth solta em um suspiro de preocupação.

— Sua irmã não veio ao mundo para equilibrar as energias. A função dela é muito maior do que essa.

Durante meses tentei entender qual era o real poder de minha irmã para ser capaz de ajudá-la, finalmente as coisas parecem fazer sentido. Mas diante dos fatos, percebo que minha capacidade de a salvar ficou infinitamente menor.

— Ela está aqui para destruir tudo — Ioseth conclui —, para reiniciar o sistema.

— Não pode ser...

E ele dá a resposta pela qual estive em busca durante todo esse tempo e sempre tive medo de descobrir:

— Luana é uma bomba-relógio, Leran. Ela é uma Supernova.

Capítulo 10

Enquanto meu cérebro tenta absorver a notícia, fico olhando para Luana deitada no chão, tão indefesa e inofensiva. Ioseth só pode estar brincando. Como minha irmã pode ser algo tão perigoso? Ela só precisa de treino, aprender a controlar sua energia. Nada será destruído. Eu não permitirei isso.

— Ajudem aqui — Ioseth fala e logo mais paladinos chegam para pegar Luana. — Coloquem-na em um dos quartos e fiquem de olho. Se acordar, me chamem imediatamente.

Os soldados acatam às ordens do Senhor dos Cristais e levam minha irmã em umas das macas que restou inteira. Ainda confuso com toda essa informação, eu apenas observo-a sendo levada.

— Vocês três venham comigo.

No caminho, passamos por paladinos feridos e pelas cinzas daquele que foi atingido em cheio pela energia de Luana, não sobrou nada. Vejo medo nos olhos dos soldados. Nem mesmo Shaz poderia ser tão assustador.

Enquanto seguimos Ioseth, tento processar as informações em meu cérebro. Luana, uma Supernova? Essas energias foram as que deram origem ao mundo. Lembro-me bem de Alb explicando os estudos de Khun quando achamos o diário e o livro da teoria da Supernova. Mas lá não falava nada sobre o nascimento de uma pessoa com essas energias dentro de si.

Assim que chegamos ao escritório do general paladino, ele pede que nos sentemos.

— Deveria ter nos dito sobre Luana em Nuanto — Gueth afirma, irritado. — Você sempre soube, não é mesmo? Sempre soube que ela era perigosa, por isso enviou o farol. Precisava achá-la.

— Sim, mas vocês saberem disso não ajudaria em nada naquele momento.

— Não tinha o direito de esconder a verdade — falo e me levanto.

— Se acalme, Leran, por favor. Eu ia explicar tudo com calma em Nuanto, mas não tivemos muito tempo juntos por lá, você sabe o porquê.

— Agora temos bastante tempo.

— Sim. Sente-se. — ele aponta para a cadeira. Eu me acomodo outra vez.

— Quando o farol de Luana foi forjado, todos no Arquipélago Celeste já sabiam que a décima terceira Estrela estava para nascer. Mantivemos o fato em segredo, no entanto as outras Estrelas descobriram e começaram a caçada. Quando eu finalmente soube do local exato do nascimento, era tarde demais, Nagisa já havia isolado Acigam. Os paladinos não tinham como interferir sem gerar um enorme alarde, ou pior, uma guerra.

— Então deixaram minha irmã nas mãos de uma maluca?

— Existem muitos fatores que você desconhece na política, Leran. O governo de Acigam é soberano em seu território. Tentei contatos diplomáticos diversas vezes e Nagisa se mostrou empenhada em encontrar a Estrela. Não sabíamos como ela faria isso sem o farol, mas depois descobrimos que ela estava usando o pergaminho de Khun. Era claro que ela tinha outros planos para a criança.

Judra troca um longo olhar comigo e pergunta em seguida:

— O que você sabe sobre o mapa?

— Willian Khun buscava uma forma de encontrar a Supernova antes que fosse tarde, esse era o maior objetivo de seu estudo. Ele chegou a trabalhar com os Paladinos antes de ir para Acigam. A real função do mapa sempre foi achá-la e, ao mesmo tempo, observar as outras Estrelas.

— Isso explica muita coisa — desabafo.

— Segundo seus estudos, o surgimento da Estrela Supernova é o resultado da falta de Equilíbrio entre as energias do mundo. Nesse caso, essa Estrela vem para reorganizar as energias, porém, uma vez que o Equilíbrio é severamente danificado, não há outra forma senão destruir tudo e recomeçar do zero.

— Não faz sentido — Gueth fala — Destruir para refazer o equilíbrio?

— É um ciclo: vazio, criação, ordem, desordem, destruição, vazio. As Estrelas Supernova são o começo e o fim de tudo. E a energia em Luana diz que o fim está próximo.

— Mas então isso já aconteceu antes? — Gueth questiona, espantado.

— Nunca saberemos. Essa pode não ser a primeira versão desse mundo. E também pode não ser a última. Se a função da Supernova é reiniciar o sistema, pode ter havido milhares de universos como o nosso antes de nós, que nasceram e colapsaram, sem deixar nenhum vestígio.

— É incrível — o nairatiano fala.

— É assustador — rebato.

— Não há uma forma de impedir isso? — Judra pergunta.

— Sim, matando a Estrela.

A frase de Ioseth me dá enjoo. Apoio os cotovelos nas pernas e me debruço.

— Mas matá-la resolveria mesmo o problema? — Judra pergunta.

Meu olhar a fuzila.

— Calma aí. Não estou sugerindo nada — a silenciadora se defende. — Afinal eu também ajudei a mantê-la viva até aqui, se não se lembra.

— Não sei ao certo — Ioseth responde. — Antes, certamente resolveria. Agora as coisas estão mais complicadas. Talvez matá-la adie o problema, assim como adiou há dois mil anos.

Ioseth usa os próximos minutos para nos explicar sobre outra Estrela Supernova que nasceu no passado e foi morta após uma decisão das outras Estrelas. Ela controlava o Fogo e a Água. Tinha dentro de si a energia bruta da Praga, mas acabou destruída antes que a força se libertasse.

— Dois mil anos parece um tempo razoável. Isso justifica o desejo da Constelação em querer matar Luana então — Gueth pontua.

— Talvez.

— Nesse caso, as Estrelas estão tentando salvar o mundo? Não consigo acreditar nisso — minha cabeça já está rodando.

— Provavelmente, mas do jeito delas. Acreditam que se conseguirem dominar a sociedade, terão mais controle para impedir as Supernovas. Como Nagisa tentou em Acigam.

Enquanto eles discutem, eu, novamente nervoso, me levanto e passo a andar de um lado para o outro da sala.

— Você está bem? — Judra pergunta.

Balanço a cabeça. Claro que não estou bem, não é possível estar bem diante disso. Estamos discutindo se vamos matar minha irmã? E os bandidos de repente parecem os mocinhos?

— E por que você está nos ajudando? — Vou de encontro a Ioseth, agressivo. — Se ela vai destruir tudo, era para você estar do lado deles, não do nosso!

— Tem mais coisas em jogo, Leran.

— Tente ser mais claro, por favor, Ioseth. — Gueth é direto. — Estamos cansados de ser poupados do que realmente está acontecendo.

— Luana vai, sim, destruir tudo, mas eu acredito que com treinamento e doutrina, conseguiremos adiar isso ao máximo, mantendo-a viva, pelo menos o suficiente para que ela nos ajude a derrotar as outras Estrelas.

— Você está usando minha irmã para sua guerra particular?! — Fico ainda mais furioso e o agarro pelo colarinho.

Judra me faz largá-lo.

— Não se trata de uma guerra particular, moleque! — Ele revida após se recompor de meu ataque. — É obvio que você não tem a menor noção do que está acontecendo no mundo nesse exato momento — ele acusa e aponta o dedo na minha cara.

— Explique, então — Judra fala.

— O Continente Oeste está em guerra. Yana avançou sobre diversos territórios e a única cidade que ainda resiste no norte é Romeda. Na semana passada, uma frota inteira foi destruída por um ataque da arma mais perigosa já criada até hoje. Essa arma está vindo para o Continente Leste. Yana já fez alianças com Tênus, Ilados, Miquenas, Marmênia e recentemente com Acigam.

— Como assim?

— Você não entende, não é mesmo? Está sempre mais preocupado em acusar em vez de prestar atenção.

Abaixo a cabeça, com certa raiva.

— Yana é governada por Hiago D’Waniv, Tênus por Minau Montesco, Acigam por Nagisa Cadorcia. Miquenas, Marmênia e Ilados também possuem forte influência política de outras Estrelas. Eles estão juntos tentando dominar tudo. Shaz também estava com eles. Tomaram a Constelação, anularam a influência dos paladinos, sumiram com Tlavi. Eles querem matar sua irmã, sim, não porque se preocupam com o mundo, mas porque se ela destruir tudo não haverá nada para eles governarem. A maior guerra que já vimos está prestes a começar e a vida de sua irmã é infinitamente desimportante perto disso.

Fico calado tentando absorver o que foi dito.

— Não posso fazer tudo sozinho — ele diz, mais calmo. — Estamos sem força para enfrentá-los. E só de pensar em viver em um mundo governado por pessoas como Nagisa e Hiago, é preferível que sua irmã o destrua.

— Nós vamos ajudar — Gueth diz. — Se era por isso que Tlavi estava lutando, eu lutarei no lugar dela.

— Mas depois de vencermos... se vencermos — digo —, teremos que matar Luana?

— Vamos pensar em uma coisa de cada vez — Judra pontua.

— O que eu estou oferecendo é tempo, Yandel — diz Ioseth. — Do jeito que sua irmã está, o Caos vai consumi-la em semanas, dias talvez, ela morrerá de qualquer jeito. Esses sintomas, essa doença, tudo é devido à energia da Supernova dentro dela. É como um câncer que não tem cura. Quando o corpo dela não suportar mais, o Caos se libertará e engolirá tudo. Se seguirem o meu plano, podemos adiar isso, ganhar alguns meses para pensarmos em alternativas.

As palavras de Ioseth me deixam confuso. A tontura toma meu corpo e me abaixo novamente. Eu fiz tanto para salvá-la e ela vai morrer de qualquer jeito? Isso não é justo.

— Ela vai morrer de qualquer jeito... ela vai morrer — é só o que consigo repetir.

— Todos vamos morrer um dia — Ioseth diz, se simpatizando com minha dor —, essa é a única certeza que temos.

Judra me toca o ombro e fala ao meu ouvido:

— A melhor opção é fazermos o que ele diz. Não temos escolhas.
É, nós nunca temos.

Depois de todos nós nos acalmarmos, começamos a discutir o plano de Ioseth. Decidi contar sobre o sonho que tive com a Constelação e o paladino ficou ainda mais certo de que as Estrelas estão unidas. Ele não acha que foi apenas um sonho. Luana pode ter usado telepatia para pedir minha ajuda e, com isso, me levou até o lugar onde estava. O que também explica as outras vezes que fui até a sala da Constelação.

E sabendo dessa guerra que as Estrelas planejaram, fica fácil deduzir porque deixaram Terandi entrar em Tênus. Com a queda da Arca, Shaz avançaria sobre a cidade e depois seria fácil justificar a aliança com Yana, visando tornar a cidade ainda mais segura. Sem os paladinos, que foram derrotados pelas crias, Tênus precisaria de um novo exército aliado.

Para Ioseth, o ataque de Shaz seria uma forma fácil de matar Luana, já que Montesco não poderia fazer isso sem causar problemas políticos, uma vez que estávamos sob a tutela dos Paladinos. Se ela morresse para as hordas, Montesco acertaria dois coelhos com uma só cajadada. Para nossa sorte, metade do seu plano deu errado.

Ioseth também nos explica com calma o que é a Supernova do Caos, a energia que minha irmã contém dentro de si. Segundo ele, uma das representações do Caos é a estrela de oito pontas, o mesmo símbolo que existe no farol de Luana. Diferente de uma Estrela normal, que tem poder completo apenas sobre o elemento secundário polarizado, Luana tem total controle sobre as duas energias que a formam. A relação é inversa, pois a Supernova é a origem das forças e não o resultado da junção delas. Sendo o Caos, minha irmã pode controlar tanto as Trevas quando a Luz com muita facilidade, e qualquer elemento secundário originado dessas duas energias. Ou seja, as variantes de Trevas: Necromancia, Veneno, Vácuo e Chamas Negras. E as variantes de Luz: Cristal, Mente, Eletricidade e Cura. Os limites de seu poder são desconhecidos.

Luana sempre treinou as técnicas da Luz, mas a infecção de Shaz elevou os níveis de Trevas em seu corpo, despertando nela controles que ela não possuía. Isso fez com que as Trevas se equiparassem à Luz que ela já detinha, e quando as duas energias aparecem na mesma proporção, o Caos se fortalece.

Para retardar o processo, Ioseth lacrou as Trevas dentro de minha irmã e usou sua própria energia para aumentar o nível de Luz dentro dela, criando um desequilíbrio entre as forças. Enquanto ela conseguir manter uma das energias mais forte que a outra, o Caos permanecerá adormecido. Para ganhar mais tempo, a ideia de Ioseth é

simples: precisamos levar Luana até o Polo Luz. A proximidade com o polo aumentará o desequilíbrio dentro de seu corpo. O Caos perderá força e ela conseguirá controlar seus poderes com mais facilidade.

Combinamos decidir os detalhes no dia seguinte e voltamos a dormir.

— Come mais um pouco — falo para Luana. Ainda restava metade do prato cheio.

— Não quero forçar.

Concordo e retiro a bandeja de sua frente. Luana ainda está fraca, mas essa noite de sono a fez bem, pelo menos está comendo. Com dificuldade, ela se levanta da cama e se senta na frente da penteadeira.

— O que aconteceu ontem? — ela pergunta, confusa, se olhando no espelho.

— Outra crise.

— Essa deve ter sido muito forte. Tenho algumas lembranças, mas não sei o que foi sonho e o que foi realidade. Só sei que os paladinos estão receosos de chegar perto de mim. Devo ter feito algo terrível.

Não é o momento de falar a verdade. Contar que ela desintegrou um paladino não vai ajudar, muito menos informar que ela é uma Supernova e guarda dentro de si a energia que vai destruir o mundo.

— Você acabou com a enfermaria inteira — é a única coisa que posso dizer.

Ela abaixa a cabeça, triste.

— Não sei se reconheço mais essa pessoa na minha frente — diz e aponta para o espelho. — Não sou eu. Cada vez menos me identifico com essa imagem.

— Não tem sido fácil, eu sei — falo e me sento ao seu lado no banco.

— Eles te explicaram o que está acontecendo comigo?

— Ioseth disse que é um processo normal, principalmente depois de tudo o que você passou.

Estou péssimo por mentir, porém não há o que fazer.

— E qual o plano agora?

— Vamos para o Polo Luz. Lá será mais fácil para você dominar de vez essa energia.

— Não tenho boas lembranças da última vez que estive em um Polo.

— Eu sei, mas no Polo Luz será diferente. A energia que ele polariza é semelhante a que você controla.

— São os paladinos que lideram as coisas por lá, certo?

Aceno com a cabeça.

— Quando vamos?

— Estamos esperando você se sentir melhor. Ioseth sugeriu que passemos mais alguns dias aqui.

— É, acho que será bom.

— Inclusive, essa noite teremos uma reunião com ele para definirmos alguns detalhes da viagem. Se quiser participar...

Luana fica pensativa.

— *Tá* me convidando para participar de decisões?

— Você já é bem grandinha e é parte importante do time.

Ela ri.

— Você bateu com a cabeça?

— Estou tentando ser um irmão mais compreensivo, ok?

Em resposta recebo um abraço espontâneo. De início, sou pego desprevenido, mas depois retribuo o carinho.

— Eu te amo.

— Também te amo, Lua.

No horário combinado, Judra, Gueth, Luana e eu estamos no escritório de Ioseth. Ele veste novamente a armadura de cor ouro claro. Sentado em sua cadeira, pergunta:

— Você está melhor, Luana?

— Sim, bem melhor. Obrigada pelo que o senhor fez.

— Disponha. Tenho certeza de que as coisas melhorarão ainda mais depois que chegarem ao Polo.

— Por sinal — digo —, precisamos de algum mapa para irmos até lá.

— Na verdade, eu pensei bastante em uma forma segura de fazê-los chegarem ao Polo Luz. A melhor opção é mandar um guia com vocês. Já designei um paladino para essa missão.

— Não é necessário — Gueth rebate. — Nos diga como chegar e estaremos lá em poucos dias.

— Eu insisto. Além do mais, Luana também precisará de alguém experiente no controle da Luz para ajudá-la.

Nos entreolhamos.

— Não sei se será uma boa ideia ter um desconhecido conosco — Luana fala.

— Não é um desconhecido. Vocês o conhecem.

— Minerva? — pergunto feliz.

— Quem é Minerva? — Judra indaga, desconfiada.

Minha felicidade desaparece e eu gaguejo para responder.

— Não, ela está em outra missão, recuperando Nuanto. A experiência dela na luta contra as crias é requerida em Sonatri. — Ioseth me ajuda.

— Então quem? — Gueth pergunta.

— Trata-se de um aprendiz que recebemos há alguns meses. Um guerreiro muito promissor e de extrema confiança. Esteve treinando no Polo Luz e conhece bem o caminho até lá. Devido a sua dedicação, conseguiu terminar boa parte do treinamento paladino em tempo recorde. Chegou aqui hoje pela manhã, pois participará da cerimônia de batismo e receberá sua armadura.

Um novato? Ioseth só pode estar brincando. No que um paladino aprendiz poderá nos ajudar? Além disso, eu não conheço ninguém que se enquadre nesse perfil.

— Gostaria que assistissem à cerimônia. Pouquíssimos não-paladinos tiveram a honra de presenciá-la — Ioseth finaliza.

— Não temos nada a perder — Judra fala.

— Vai ter comida? — pergunto.

Mas todos me ignoram e saímos do escritório.

Algumas horas depois, já na capela, Ioseth nos oferece cadeiras diante do altar e nos juntamos a outros paladinos que vão assistir à cerimônia. De cada lado do púlpito estão três sacerdotes. O mestre das barreiras toma seu lugar entre eles.

— Podemos começar — ele avisa.

Os sacerdotes usam as energias para acender globos de luz que ficam no teto e nas laterais da capela. Em seguida, se ajoelham.

— Guerreiros da Luz — o general começa —, hoje receberemos um novo membro em nosso grupo.

Ioseth aponta para a porta lateral de onde um rapaz da minha altura adentra a capela. Ele veste placas lisas de uma armadura dourada, aparentemente maiores do que seu corpo. Usa um capacete fechado que dança em sua cabeça e não me permite ver seu rosto. Está extremamente concentrado, olha apenas para frente enquanto anda. Ao chegar diante de Ioseth, ele se ajoelha de costas para nós.

Dois sacerdotes vão até o novato e colocam, cada um, um globo de luz ao lado do aprendiz. Então os outros membros da cerimônia, que estavam ajoelhados, agora se levantam, estendem as mãos e liberam uma poderosa energia luminosa na direção do rapaz.

— Neste momento a Luz de Phelgor toca sua alma em definitivo — Ioseth continua. — Ela e seu corpo serão um só, e por meio dessa união, sua armadura surgirá.

A aura do rapaz responde ao estímulo dado pelo poder dos sacerdotes e sua armadura passa a reluzir. Aos poucos, as peças se moldam ao corpo do jovem. As ombreiras se esticam e se apertam, o peitoral ganha cavidades e símbolos. As costas se desenham, a cintura se afina e as placas no cinturão se alongam. Então a cor do

metal muda de cor, dando ao dourado monótono diversas tonalidades de amarelo e cinza.

O capacete é o último a se adaptar. Ele diminui e se transforma em uma tiara fina, sem muitos detalhes, mas com pequenos chifres que se sobressaem aos cabelos castanhos. Agora, sem o capacete fechado, vejo os fios lisos da cabeleira que caem até logo abaixo das orelhas. Mas ainda não sei de onde Ioseth tirou que conhecemos esse cara.

O brilho diminui na armadura, os globos de luz se apagam e os sacerdotes relaxam suas auras.

— Incrível — falo boquiaberto. Não sabia que as armaduras se formavam desse jeito.

Ioseth toca o ombro do novato e o manda se levantar.

— Sua dedicação e brilhantismo foram os principais fatores para que obtivesse sucesso. Seu controle sobre a Luz se tornou inspiração para muitos dentro da Ordem e, por isso, escolhemos um nome digno de um autêntico manipulador. Seja bem-vindo, Manto do Sol.

Após receber os cumprimentos de Ioseth, o novato faz uma longa reverência.

— Obrigado, senhor.

— Ei, essa voz é familiar, não é? — Luana fala ao meu ouvido.

— Você acha? — pergunto. De fato, percebi algo nessa frase curta, mas não consigo ligar a voz a ninguém.

— Agora você já possui a armadura, porém ela ainda não está completa — Ioseth adiciona. — Ela continuará evoluindo junto com você.

Continuo atento aos dois e, de fato, algumas partes, como as manoplas e as botas, não mudaram muito de sua forma crua, tendo apenas se ajustado ao formato do corpo, porém sem ganharem cores e símbolos. Ioseth continua:

— Portanto chegou o momento de seguir na missão que te falei mais cedo. Será sua primeira tarefa oficial como paladino e seu último teste. Tenho certeza de que, se conclui-la, sua armadura chegará à forma final.

Ele acena com a cabeça.

— Vire-se — Ioseth fala, indicando o lugar onde estamos —, conheça os companheiros de sua jornada.

Seguindo a ordem do general, ele se vira com uma expressão alegre, mas assim que seus olhos cruzam os meus, o susto toma conta de seu rosto. E do meu também.

Apesar dos cabelos maiores e da barba por fazer, não há como não o reconhecer.

— Leran?! — ele pergunta, chocado.

E o meu choque é semelhante:

— Mael?!

Capítulo 11

— **D**esculpa, mestre, mas isso é alguma piada? — ele se volta furioso para Ioseth.

Sua reação deixa os outros paladinos incomodados.

— Tenha calma, Manto do Sol — um dos sacerdotes fala ao tocá-lo no ombro.

Não sei o que dizer. Luana também está calada.

— Sei que vocês têm diferenças para acertar — Ioseth pontua. — Superá-las faz parte da sua missão.

— Não existe nada para acertar com eles. São traidores. Mataram meu melhor amigo.

— Mael — falo ao me aproximar. Preciso explicar o que aconteceu, tentar acalmá-lo.

— Fica longe de mim! — ele revida e se afasta.

Apesar de Judra estar quieta, apenas observando, não demora até que ele também a reconheça.

— Ainda trouxeram a assassina?! — grita furioso.

— Chega — Ioseth ordena. Diante da fala do mestre, Mael abaixa a cabeça. — O que aconteceu na cidade de vocês pouco importa agora. Você sabe muito bem que tipo de ameaça estamos enfrentando. Foi por isso que se tornou paladino. Sabe também que, ao se tornar um guerreiro da Luz, você precisa colocar objetivos mais nobres diante de suas próprias vontades. Você fez um juramento, Mael.

— Eu sei, mestre, me desculpe. Mas...

— Sem ‘mas’ nesse caso, paladino. Você acompanhará a Estrela Luana até o Polo e completará essa missão, caso contrário, não chegará a ser um guerreiro completo.

Mael sempre foi uma pessoa muito sensata. Nunca o vi ficar nervoso dessa forma, nem mesmo durante as situações mais graves que vivenciamos em Acigam. As palavras de Ioseth parecem trazer o antigo Mael de volta, o Mael ponderado, justo. Tenho certeza de que ele vai entender tudo o que aconteceu. Vai nos perdoar.

— Cumprirei minha missão, mestre.

— Ótimo. Vocês partem em alguns dias.

Ioseth deixa a capela seguido dos demais paladinos e Mael é o último a sair. Eu o chamo.

— Temos muita coisa para conversar — início.

— Eu aceitei a missão, arqueiro — ele se vira e me fita nos olhos —, mas não quer dizer que aceitei sua amizade de volta. Nosso contato será apenas para o essencial. E assim que tudo acabar, espero nunca mais olhar para a sua cara.

Mael dá as costas e sai. Eu permaneço dentro da capela, me sentindo um lixo. Essa é apenas uma amostra do que me espera em Acigam. Ninguém vai acreditar em mim nem ficar do meu lado, ainda mais quando souberem o que Luana é de fato.

— Não sei — Gueth diz um pouco confuso —, acho que ele não gostou de revê-los.

Lanço um olhar oblíquo para o nairatiano.

— Vai dar tudo certo, Le. Eu falarei com ele depois — Luana diz. — Ele vai entender.

— Como as pessoas são rancorosas — Judra comenta.

— Não tem a menor graça.

— Não se preocupe comigo, Leran. Se depender de mim, Mael nem vai me notar — ela comenta.

— Faz bem.

O resto do dia passa depressa. Jantamos os quatro juntos e Luana faz uma última sessão de cura com um dos paladinos antes de ir para o quarto. Já pronta para dormir, ela penteia os cabelos longos ao se olhar no espelho. Deixo-a se deitar na cama e fico com o sofá. Prefiro assim, pois posso ver se algo errado acontecer durante a noite.

Acordo cansado e com torcicolo pela posição ruim. Luana ainda está em um sono pesado, portanto permito que descanse um pouco mais. Lavo o rosto, troco de roupa e saio. Bato no quarto de Judra e de Gueth, mas nenhum dos dois atende, já devem ter saído. Encontro o refeitório e como um pouco, em seguida, vou para a área externa.

Na arena de treinos, avisto Judra e Gueth, um de frente para o outro. Ela veste uma calça preta justa e um top enrolado por faixas para diminuir o volume dos seios. Ele usa regatas e uma bermuda de fazer exercícios. Os dois estão com luvas acolchoadas e descalços. Antes que pudesse chamá-los, Judra avança com socos.

Arregalo os olhos ao ver Gueth se desviar dos ataques. Os golpes são rápidos e as esquivas mais rápidas ainda. Ele consegue defender o último murro e segura a mão de Judra, no entanto ela usa um dos pés e o acerta nas costelas. O nairatiano dá um salto para o lado, sentindo o impacto do chute, e revida com um soco que Judra defende ao cruzar os braços diante do corpo. A força do ataque a faz dar uns quatro passos para trás.

— É só isso que você sabe, bonitão? — ela provoca.

Gueth estreita os olhos e salta para cima dela. Ele dá piruetas, giros e tenta atingi-la com chutes mirabolantes, que a silenciadora evita como se dançasse pela arena. Mãos e pés se encontram diversas vezes, emitindo ruídos secos de pancadas dolorosas. Nem em Acigam havia visto uma luta tão equilibrada.

— Te disse que não era melhor do que eu! — Gueth fala após acertar Judra no rosto com um murro.

Atordoada, ela se agacha e leva a mão ao maxilar.

— Eu ainda não acabei — ela diz e se levanta desferindo mais ataques.

Um de seus chutes pega em cheio na cabeça do nairatiano e o faz girar no próprio eixo. Sangue escorre do seu supercílio.

— Não acham que estão pegando pesado? — digo e eles não me dão ouvidos.

Sem perder a concentração, Gueth ataca Judra com mais murros e chutes. Ela agarra uma das pernas dele e o derruba, oferecendo um golpe de torção. Gueth se contorce, mas não cede. Com a outra perna, ele envolve o tronco da silenciadora e reverte a situação, tendo-a agora em uma chave de braço.

— Desista! — O nairatiano grita.

Judra tem seu braço imobilizado por Gueth, porém faz de tudo para se manter na briga. É claro que ele tem mais força física, no entanto os movimentos dela são tão traiçoeiros que sempre conseguem me surpreender. Ela escorrega o braço para fora da pegada de Gueth, deixando apenas sua luva nas mãos do lutador. Em seguida, o acerta com um murro e dá uma cambalhota para trás, parando em pé, pronta para lhe servir um chute. Gueth se levanta a tempo de defender o ataque e eles voltam a trocar investidas.

Do jeito que estão, vão se machucar feio. Chamo novamente e nenhum dos dois me escuta. A concentração é extrema. Acabo entrando na arena e me coloco entre os dois. Defendo um soco de Judra e depois empurro Gueth para trás.

— Que porcaria vocês estão fazendo? Querem se matar?

Os dois continuam bufando, contudo parecem retomar a razão.

— Para de falar asneiras — Judra responde, massageando um hematoma na coxa. — Com tudo o que está acontecendo, é melhor estarmos preparados.

Irritada, ela dá as costas e sai da arena. Olho para Gueth, de quem também recebo uma expressão repreensiva por ter atrapalhado. O que deu nesses dois?

— Qual o seu problema? — falo ao alcançar Judra. Ela retira a outra luva e a joga no chão.

— Meu problema é o mesmo que o seu: ficar viva. E você também deveria praticar mais técnicas de combate, sabia? Se bem me lembro, de todos nós, você é o que luta pior.

— O quê? Luto pior?

— Exatamente o que ouviu.

— Saiba que eu derrotei inúmeras crias...

— Bem, não vou discutir — ela interrompe. — Ioseth disse que podemos pegar novas armas com o ferreiro. Você destruiu sua espada em Tênus, não foi? Acho válido pedir outra para ele.

— Eu sei. Ia fazer exatamente isso antes de ver a briga de galos que vocês proporcionaram — falo, irritado.

Judra me encara e sorri.

— Está com ciúme porque Gueth estava treinando comigo?

— Você chama aquilo de treino?

— É assim que os lutadores de verdade fazem. Você pode voltar para suas bolotas de cobre.

Ela dá as costas e me deixa resmungando e mordendo os lábios de raiva:

— Vou te mostrar as bolotas.

Ainda com raiva, vou ao quarto, pego minhas armas e armaduras e sigo de encontro ao ferreiro. Passo pelo estábulo, onde ele estava no outro dia, e chego a um casebre aos fundos. Encontro-o trabalhando sobre uma mesa de ferro. Na verdade, o lugar é uma oficina com bigornas, câmaras de carvão e banheiras de água para resfriamento.

— Olá, Joshua.

— Olá — ele responde, amigável. — Leran, não é mesmo?

— Isso. Ioseth disse que talvez você pudesse nos ajudar com algumas armas.

— Sim, ele conversou comigo. Tenho várias coisas prontas. O que você precisa?

— Bem, primeiro tenho que repor meu estoque de flechas.

— Isso é tranquilo. Ioseth mencionou que você prefere cobre, certo?

— Pode fazer as flechas com aço mesmo, já aprendi como encantá-lo.

— Perfeito. Saber trabalhar com metais diferentes é uma grande evolução. Lembro-me que tive bastante dificuldade com metais mais pesados, mas com estudo e prática consegui encantá-los também.

— Nem me fale. Tem sido complicado aprender novos encantos.

— Você devia tentar ler um pouco sobre eles. Os livros me ajudaram muito.

— Sério?

— Sim — ele para o que estava fazendo e vai até uma estante no canto da oficina onde apanha um livro. — Dê uma olhada nesse aqui.

Pego o volume das mãos do ferreiro e o encaro com admiração.

— É um livro sobre encantos e materiais. Uma raridade, para falar a verdade. Pode te ajudar a aprender coisas novas.

— Você está me emprestando?

— Na verdade, você pode ficar com ele. É apenas uma cópia. O original está na Biblioteca de Nuanto. E eu já o li umas dez vezes. Vai ser mais útil em suas mãos,

afinal conhecimento é para ser dividido.

Não tenho como agradecer. Apenas sorrio e aperto a mão de Joshua, feliz.

— O que mais você precisa? — ele pergunta, sorrindo.

— Trocar a corda do arco. — Coloco-o sobre a mesa.

Depois de tanto tempo usando-o, está na hora de alguns reparos.

— Certo. Tenho algumas boas aqui. Vão melhorar a força dos seus tiros.

Em seguida, exponho as peças das vestes que Bartolomeu moldou para mim: peitoral, ombreira, botas e luvas.

— É, isso está ruim — Joshua segura peça por peça e as analisa contra a luz, procurando defeitos, arranhões.

— Dá para arrumar?

— Sim. Como já foram moldadas no seu tamanho, irei apenas aprimorá-las. E conseguirei novas luvas para você. Essas aqui estão muito gastas. Pegarei uma que também protege o antebraço. Você é destro, certo?

— Isso.

— Ok, sua luva esquerda deve ser maior então, para evitar que a corda do arco o machuque.

Olho para os roxos no antebraço e sorrio.

— Tem mais alguma coisa?

— Preciso de uma espada nova.

— Hum, o que houve com a sua antiga?

— Explodi *ela* com um encanto de expurgo.

Ele ri.

— Acontece às vezes. Então você é mais focado nos encantos temporários, certo?

— Acho que sim. Aprendi com meu avô. Mas não sei ao certo o que você quer dizer com temporário.

— Bem — ele diz e deixa as peças que mexia sobre a mesa —, existem dois tipos de encantos e são coisas bem diferentes. Os temporários liberam a energia acumulada aos poucos, servindo para ataques ou como fontes de energia. Por exemplo, o de expurgo que você aprendeu. Depois de um tempo, a energia se dissipa, ou o objeto acaba destruído. Já os encantos permanentes são mais usados para fabricar itens controladores. Alguns medalhões de montaria, pistolas de bolas de fogo e outras armas são feitas por meio de encantos permanentes. As armaduras paladinas também possuem encantos permanentes que aumentam sua defesa.

Muito interessante. Meu avô tinha realmente falado sobre os itens controladores e como são aprimorados pelos encantos, mas nunca tentei fazer algo nessa linha.

— O tipo de encanto que somos capazes de fazer está relacionado com nossas afinidades também — ele complementa. — Sou péssimo com os temporários. Por isso virei ferreiro.

Apesar de parecer experiente, Joshua é jovem, não deve ter mais de trinta anos. Legal saber que encantadores podem ter papéis importantes, mesmo entre os paladinos.

Conversamos por mais alguns minutos e acabo pedindo por uma espada que contenha bronze. Foi com esse material que consegui encantar sem destruir a arma lá em Tênus, porém era uma espada velha, que peguei de uma das crias. Talvez com outra, mais benfeita, eu consiga colocar diversos tipos de encantos. Sabendo de minha intenção, ele me promete algo ainda melhor:

— Irei engastar algumas pedras no guarda-mão e na lâmina. Isso vai ajudá-lo a manter a energia na arma por mais tempo.

— Isso é possível?

— Claro. Minha especialidade é fazer itens encantados. Garantirei que sua espada seja ideal para receber energia. Ficará excelente, você vai ver.

— Que maravilha. Em quanto tempo fica pronto?

— Já tenho uma lâmina com bronze quase pronta, veja se te serve.

Ele pega a peça curta de metal que estava sobre uma das bigornas. A cor é linda.

— Parece ideal. É praticamente do mesmo tamanho da que eu usava.

— É um formato comum por aqui. Ainda preciso polir e dar o acabamento no fio — ele fala. — Depois coloco as pedras que disse.

— Combinado — falo com empolgação.

— Se quiser acompanhar o processo, vai levar algumas horas.

A ideia me extasia. Enquanto ele trabalha na arma, eu aproveito para ler um pouco do livro de materiais e tirar algumas dúvidas. Já está entardecendo quando ele termina de fixar a lâmina na empunhadura. O serviço impecável deixa a arma ainda melhor do que a espada feita por Bartolomeu Norano, em Acigam.

— Segure. Veja se o peso está bom — ele oferece.

Balanço a espada, sentindo seu fio contar o ar ao meu redor com sons agudos.

— Tente um encanto.

— Não sei...

— Vamos, eu a fiz para aguentar isso.

Confiante, eu observo a lâmina e acendo meus olhos. Decido usar a técnica de expurgo e encantar a arma com Luz. De cara, as pedras que ele colocou na base da espada se acendem em amarelo e logo toda a arma brilha na mesma intensidade. Sinto que a energia é totalmente estável. Pequenos pedriscos engastados no vinco da lâmina também ajudam a manter a técnica funcionando, sem muito esforço da minha parte.

— Isso é fantástico.

Incentivado por Joshua, vou para uma área mais aberta para que eu tente outros encantos enquanto ele termina a armadura. Passo o resto da tarde praticando. E no

final, estou certo de que não preciso mais do cobre.

De volta ao quarto, encontro Judra saindo pelo corredor. Ela está com o estojo do pergaminho de Khun preso à cintura.

— Aonde está indo?

— Ioseth pediu para falar comigo. Ele quer ver o pergaminho.

— Como ele sabe que está conosco?

— Ele não parece ser ingênuo. E eu não tive como mentir.

— Vou com você.

— Como quiser — ela diz, sem se importar.

— Estamos indo para o escritório dele? — pergunto enquanto andamos.

— Não, ele disse para que eu o encontrasse em uma sala nos fundos do prédio. Por ali — ela indica um corredor.

Damos de cara com enormes placas de madeira que servem de portas. Muitas travas e grades deixam claro que guardam coisas de valor ali dentro.

— Talvez ele queira que deixemos o pergaminho aqui. Isso parece ser um cofre — falo.

— Jamais deixaria o mapa com ele. Quase morri para consegui-lo. Ele é meu.

— É claro que é seu. — O paladino aparece atrás de nós. — Não pretendo guardá-lo aqui. Seria óbvio demais.

Outros dois paladinos que chegaram com o general abrem as grades e a porta, dando acesso ao interior da sala. Meus olhos se arregalam ao ver diversos itens e armas. Um arsenal de objetos raros.

— Guardamos aqui algumas coisas importantes que encontramos em missões passadas. Trouxemos também alguns itens centenários de Nuanto, visando protegê-los de saqueadores.

Judra olha a tudo com a mesma admiração que eu. Cada um desses objetos deve valer uma fortuna.

— Você é uma silenciadora, não? — ele pergunta a Judra com tranquilidade.

Ela acena com a cabeça.

— Achei que tivessem sido extintos há muito tempo.

— De fato, no oriente eles foram — ela diz —, mas meus mestres levaram as técnicas para Acigam, o que permitiu que a doutrina permanecesse viva por mais alguns anos. Agora, talvez, eu seja mesmo a última — e ela se vira para mim —, até porque matamos quase todos os outros que conhecíamos.

— Entendo. Não duvido de sua capacidade em proteger o mapa. Você é sem dúvidas a pessoa mais adequada para isso, porém as Estrelas tentarão pegar o pergaminho de qualquer forma.

— Nagisa acha que estou morta.

— Isso nos dá vantagem — Ioseth pondera. — Não imaginam que o pergaminho esteja junto com a Estrela Supernova.

— Por que nos trouxe aqui? — questiono.

— Porque vocês terão que esconder o mapa de uma forma mais adequada.

Ioseth segue até os fundos da sala e pega um minúsculo cubo dourado sobre uma prateleira. Ele abre a mão e mostra o objeto em sua palma, que parece um dado.

— Este é o Baú do Infinito, uma peça rara usada para guardar objetos ainda mais raros.

— Desse tamanho? — minha expressão é de desdém.

— Seu tamanho é ilusório. Pode guardar uma infinidade de coisas.

O paladino coloca a peça no chão e diz:

— *Okam malkanul*.

A pequenina peça trepida, dá um salto, se estica e muda de forma até atingir a altura do meu joelho. O cubo se torna um grande baú dourado e sua tampa se abre automaticamente, revelando um interior brilhante, encantado com diversas energias.

— Esse item foi encontrado nas ruínas do Momanon, a antiga civilização que cuidava do Polo Luz. As palavras que usei significam “o lugar mais seguro” na língua deles.

— Qualquer um que sabe pode abri-lo?

— Não. Ele reconhece a energia de quem o trancou. Eu o tranquei da última vez, portanto se abriu com minhas palavras. Mas agora, Judra o trancará.

Ela me olha e depois foca no baú dourado.

— Eu o levarei comigo?

— Sim. Se for capturada, eles não saberão o que a peça significa. E se a roubarem, não conseguirão abri-la sem você. Sempre que vocês estiverem em segurança, poderão reabrir o baú para usar o mapa e depois guardá-lo novamente.

— Parece bom — digo.

Judra retira o pergaminho do estojo preso em sua cintura e o desdobra. Ela dá uma última olhada no mapa antes de colocá-lo no baú. Enquanto o admira, noto-a apertar os olhos, enchendo seu rosto de preocupação.

— O que foi? — pergunto.

Ela aponta para o local no mapa que apresenta uma luminosidade diferente. O ponto de luz está se movendo com velocidade, próximo à onde estamos.

— Tem uma Estrela vindo para cá!

Capítulo 12

— **D**eixe-me ver — Ioseth arranca o pergaminho das mãos de Judra. A expressão aflita é seguida de um nome: — Blessi.

— Quem?

— A Estrela da Fumaça.

Por alguns segundos, Ioseth olha ao redor, pensativo. Depois devolve o mapa e ordena a Judra:

— Rápido, guarde-o no baú.

Ela coloca o pergaminho dentro da caixa dourada.

— O que eu devo falar mesmo?

Ioseth vai até o ouvido dela e responde. Judra repete em voz alta:

— *Okam malkanul*.

Ao receber as palavras, o baú se acende, fecha a tampa e se encolhe em menos de dois segundos com um golpe de luz, voltando ao tamanho de um pequeno dado. Judra o coloca no bolso.

— Teremos que adiantar a partida de vocês. Vão, chamem os outros e arrumem as coisas. Blessi estará aqui em poucos minutos.

Judra e eu voltamos correndo até os quartos. Não sei o que essa tal Blessi pode fazer, mas pela reação de Ioseth, eu não quero descobrir.

— Avise Gueth, eu pego a Luana.

Judra acata e vai até a porta do nairatiano. Eu entro no quarto.

— O que foi? — Luana pergunta ao me ver agitado.

— Uma das suas amigas Estrelas está vindo para cá. Precisamos partir agora.

Luana retira o amuleto de dentro da camisa. Ele mostra um brilho fraco.

— Isso explica o calor que tenho sentido na joia nos últimos minutos.

— O que quer dizer que ela está ainda mais perto. Rápido.

Arrumamos as malas em menos de dois minutos. Visto minha armadura reparada e preparo as armas. Luana faz o mesmo, prendendo sua espada ao cinto.

Ao sairmos, encontramos com Judra e Gueth também prontos. Ela está com partes da roupa negra dos silenciadores e mantém o capuz abaixado. Ele vestiu as peças de sua armadura de madeira e a máscara de couro, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo.

— Estou um pouco cansado de correr — Gueth resmunga.

— Pelo menos ainda temos pernas — rebato.

— Vamos — Judra nos chama e vai pelo corredor na direção da saída do quartel paladino.

Do lado de fora, Mael prepara alguns cavalos. Ele veste a armadura paladina novamente, depois de Joshua ter incrustado algumas gemas encantadas no metal para aumentar suas defesas. Ao nos notar, o ilusionista me encara e depois troca um longo e duro olhar com Judra. Já ela mantém uma expressão firme, sem se intimidar.

— Cavalos normais não serão suficientes — Ioseth diz assim que chega.

— Não temos outra opção — Mael fala.

O general paladino leva a mão até o pescoço e retira seu próprio farol. A joia emite uma luz forte que pisca e cintila. Luana faz o mesmo e o amuleto dela tem a mesma reação.

— Você — Ioseth chama um dos guardas da entrada —, corra até Joshua e traga os alazões dourados.

Sem hesitar, o paladino dispara para dentro do quartel e desaparece nos corredores.

— Mael, leve-os até a lateral do prédio e se escondam. Faça uma ilusão para ocultar a presença de todos.

— Mas ela poderá sentir minha energia, não? — Luana pergunta, com medo.

— Deixa essa parte comigo. Vão, rápido — e ainda com a mão em seu farol, Ioseth completa: — Ela chegou.

Uma densa nuvem surge no horizonte e se movimenta com velocidade até nós. Seguindo a orientação do mestre paladino, todos corremos para a lateral do quartel e nos abaixamos. Mael toma a frente e se concentra. Logo a luminosidade diminui e uma sombra circular nos envolve. Aos poucos, uma cúpula de energia aparece sobre nossas cabeças e a imagem de tudo do lado de fora fica turva. Parece que estamos debaixo da água, mas na verdade, estamos invisíveis graças a ilusão de Mael. O ilusionista se senta e respira fundo, em total concentração. Agora temos que esperar.

Não consigo mais ver com detalhes devido ao efeito da ilusão. Ela afeta os dois lados, tanto para quem está fora como para quem está dentro. Enxergo apenas borrões onde Ioseth está, mas ainda escuto com perfeição.

— Blessi — ele fala.

— Senhor das Barreiras — ela responde com voz suave. Noto finalmente uma figura desforme surgir diante de Ioseth rodeada por um monte de borrões que parecem ser fumaça. Quando a neblina se assenta, a Estrela toma sua forma completa e vejo uma silhueta trêmula através da ilusão de Mael.

— Faz tempo que não nos vemos pessoalmente, não é mesmo? — Blessi fala.

— Uns vinte anos?
— Talvez mais.
— Pelo visto você não envelheceu nada — Ioseth diz em tom de elogio.
— Não posso dizer o mesmo de você.
— Não tenho a pretensão de viver para sempre, como muitos de nossos colegas.
— Uma pena. Você era lindo quando jovem.
— Bem, a que devo a honra da presença da Estrela Nebulosa?
— Vim conversar — Blessi responde e se locomove pelo lugar, parece estar procurando algo. — As construções paladinas são mesmo magníficas. Vocês têm um ótimo gosto.

— Obrigado — Ioseth fala e faz uma pausa.
Os dois parecem estar se estudando, tentando desvendar as reais intenções um do outro. Vendo que a conversa não evolui, Ioseth diz:

— Gostaria que fosse direto ao assunto. Sabe bem que a situação em Sonatri é delicada. Preciso cuidar do meu Reino.

— Sim, eu sei. Shaz fez um estrago e tanto, não é mesmo? Mas é por isso que me enviaram.

— Veio ajudar na reconstrução de Reino Central?
— Claro que não — Blessi suspira. — Sabemos que a batalha contra Shaz revelou o paradeiro de uma nova Estrela. Vim procurá-la.
— E resolveu iniciar as buscas com os paladinos?
— A Constelação acredita que o Senhor das Barreiras está escondendo a garota.
— Mesmo que eu estivesse, o que os fazem pensar que eu a entregaria?
— Foi por isso que me mandaram. Dentre todas as Estrelas, eu sou a que possuo maior diplomacia.

— Não sabia que sadismo e ironia haviam mudado de nome.
Blessi dá uma risada despreocupada e volta a andar.
— Temo que a Estrela dos Cristais não esteja mais colaborando com o equilíbrio.
— A palavra ‘equilíbrio’ também ganhou outro significado sob a tutela de vocês.
— Iose, por favor, diga logo onde a garota está. Pude sentir a energia dela enquanto eu viajava. Sei que está usando suas técnicas para ocultá-la agora. Suas barreiras podem fazer isso, eu conheço suas jogadas.

Apesar do tom de voz ameno e agradável, tudo o que sai da boca de Blessi soa como ameaça. Me dá medo só de ouvi-la falar.

Judra vem ao meu lado, no limite do círculo ilusório de Mael e faz seus olhos se acenderem.

— Consegue ver lá fora com isso? — pergunto em voz baixa.
Ela acena.
— Acha que ela vai desistir?

— Não vai. Ela sabe que estamos aqui.

Blessi permanece caminhando de um lado para o outro e então segue até onde estamos.

— Está vindo — Judra alerta.

Mael permanece concentrado.

— Eu gosto dos truques paladinos — a Estrela da Fumaça fala enquanto se aproxima. — Apesar de criativos, na maioria das vezes são ingênuos.

Ioseth não responde. Ele continua parado enquanto Blessi já está a poucos metros de nós.

— O que tem ali, Ioseth? — ela pergunta, com tom irônico. — Está usando uma ilusão?

Blessi avança mais e antes de chegar até nós, o general paladino ordena:

— Saiam daí!

Mael estava esperando a deixa. Ao ouvir a ordem do mestre, ele se levanta e sua cúpula ilusória se quebra em cacos de luz. Com o fim da técnica, posso ver Blessi por inteira. Uma figura aparentemente feminina, negra e bem jovem. Pela conversa que teve com Ioseth, a imaginei mais velha. Veste roupas de tecidos claros e esvoaçantes. Os cabelos estão amarrados para trás e caem em tranças pelas costas. Assim que nos vê, a Estrela sorri e avança, mas acaba parada em algo invisível. Ela apoia as mãos em uma parede de luz que se forma em sua frente e fala algo que não chega aos nossos ouvidos. Parece estar isolada.

— O que houve? — questiono.

— Ela caiu na armadilha do mestre Ioseth — É Mael que responde, já recebendo os medalhões de montaria trazidos por Joshua. O ferreiro chega esbaforido após a corrida.

Ioseth está concentrado. Ele prendeu Blessi em uma barreira.

— Prepare os cavalos, depressa — ele ordena. — Ela está dentro de minha prisão de cristal. É feita com a parede de luz mais firme que já criei, porém sei que não vai segurá-la por muito tempo.

Joshua ativa os três cavalos e inicia a preparação das montarias.

— Preciso direcionar o percurso — ele fala e começa a concentrar sua energia nos animais.

— Direcionar? — Gueth questiona. — Temos que sair daqui logo.

— Eles precisam de uma direção clara — Mael explica. — Não são como cavalos normais, não é só subir e balançar as réguas. Se não estiverem direcionados, podemos parar em qualquer lugar.

— Qualquer lugar parece melhor do que aqui — Luana comenta.

Enquanto Joshua prepara os bichos, Blessi anda pela prisão de cristal e vai Tateando as paredes, tomando noção do espaço onde está presa, porém, mesmo ali, a

Estrela continua sorrindo, sem estar muito preocupada. Ela olha para cima e então seu corpo se desforma em fumaça, como se evaporasse. Uma nuvem escura toma o espaço apertado da caixa de luz, preenchendo cada canto. Em segundos, pareço estar diante de um cubo de fumaça.

— Ela está aumentando a pressão dentro da barreira — Judra se surpreende. — Ele não vai aguentar.

Ioseth cai de joelhos, ainda mantendo o foco na técnica. A fumaça está cada vez mais densa, forçando as paredes da prisão.

— Já direcionei o primeiro — Joshua fala.

— Vamos sair juntos — respondo. — Enquanto os três não estiverem prontos, ninguém vai.

Nossa atenção é chamada por um barulho estridente vindo da prisão de cristal. A parede lateral se rachou e, por ela, um filete de fumaça escapa com pressão, como em uma chaleira. A névoa vaza por minúsculos espaços entre as partículas solidificadas de luz e desce ao chão, transformando-se em um rastro que segue serpenteando até nós. Ao se aproximar, ele se engrossa, cresce e ganha forma até se solidificar em uma gigante serpente acinzentada, de olhos fumacentos. Todos arregalam os olhos diante do monstro.

A criatura tenta um bote, mas Gueth acerta sua boca com um golpe do Arado. A arma se desdobrou em segundos e acabou presa na boca da cobra gigante, mantendo-a ocupada.

Um novo som de vidro se estilhaçando nos deixa ainda mais preocupados. A prisão inteira se desfaz e Ioseth cai, exausto. A face de Blessi reaparece em meio a fumaça enquanto cacos luminosos se desintegram a sua volta. O corpo vai voltando ao normal aos poucos, e sua roupa se mistura com a névoa restante. A única parte que não retoma a forma original é seu braço esquerdo, ele permanece cinza e alongado até se unir à cauda da serpente que luta com Gueth.

Com o outro braço, Blessi se estica e acerta Ioseth antes que ele se recomponha. Sua mão vira uma marreta larga e arremessa o paladino contra a parede lateral do prédio após uma forte pancada. Ele cai completamente atordoado. Para garantir que o paladino não atrapalhe mais, Blessi sopra uma nuvem esbranquiçada que envolve e sufoca Ioseth. Quando ele está completamente coberto, a nuvem se condensa e se solidifica, aprisionando o general em uma esfera branca e dura, parecendo pedra.

— Sua vez de ficar preso — ela fala.

Depois de se livrar dele, Blessi se vira para nós.

— Onde pensam que vão? — pergunta ao se aproximar.

Judra e Mael tomam a dianteira e se preparam para lutar com a Estrela enquanto eu armo uma flecha por de trás deles.

— Não posso com essa coisa — Gueth alerta, em seguida, a cobra arranca o Arado das mãos dele, fazendo a arma cair desativada perto da entrada do quartel. O nairatiano continua se esquivando dos botes como pode e revida com socos nas fuças da serpente.

— Terminei o segundo — Joshua avisa.

— Você vai, Luana — ordeno.

— Não tinha dito que sairíamos juntos?

— Mudança de planos.

Sem questionar, Luana segue até o primeiro cavalo, mas antes que pudesse alcançá-lo, Blessi envia uma esfera de energia nebulosa que passa por todos nós e atinge o alazão, fazendo-o evaporar. O medalhão cai no solo danificado, com fumaça preta saindo dele.

Minha flecha voa logo em seguida do ataque inimigo, no entanto ela vara o corpo de Blessi como se não encontrasse nada sólido. Então, Judra e Mael avançam sobre a Estrela Nebulosa. O recém paladino tenta acertá-la com seus machados e Judra desfere golpes de adaga, mas nenhum surte efeito, encontram apenas fumaça. Deixo o arco de lado e ataco com a espada, oferecendo um corte em seu braço esquerdo na tentativa de destruir a cobra que ainda ameaça Gueth. Obtenho sucesso em cortar a cauda da serpente, que estava solidificada, contudo ela não é destruída, muito pior, ela se separa por completo de Blessi e ganha vida própria.

— Valeu, hein?! — Gueth grita, agora tendo que se virar contra uma serpente mais ágil e mais furiosa.

Em Blessi, o toco de fumaça que restou em seu lado esquerdo se alonga e dá lugar a um braço fumacento e acinzentado antes de formar um novo membro.

— Que bizarro — Judra fala e avança com mais golpes.

— Por que insiste com isso? — a Estrela diz, desviando sem dificuldades dos golpes de Judra.

Mais paladinos saem do quartel e se juntam a nós, cercando Blessi. Para aumentar nossa ameaça, Mael se multiplica e cria mais de dez guerreiros de luz, repetindo a técnica que tanto usava em Acigam. Todos atacam ao mesmo tempo e Blessi começa a revidar com poderosos murros de suas mãos que ganham massa e crescem. O corpo da inimiga é praticamente intangível, uma mistura de carne e fumaça enquanto as roupas se esticam e se desfazem, deixando rastros nevoentos por onde se movimenta. Ela solidifica apenas o que precisa para atacar. Mesmo seu rosto perdeu a forma e a cor e se misturou a nuvem cinza.

Uma das cópias acerta o solo com uma machadada após varar a fumaça e abre um rombo na terra. Percebo então que o ilusionista avançou muito no controle das ilusões. Elas estão sólidas agora e oferecem tanto perigo como se ele mesmo estivesse atacando.

Depois de mais alguns minutos de luta, Blessi consegue se livrar de vários paladinos, jogando-os longe e destrói algumas das réplicas de Mael.

— Quase acabando aqui — o ferreiro avisa a respeito do terceiro cavalo.

— Mas um foi destruído — Luana fala. — Não cabemos todos em apenas dois.

— Eu fico! — Gueth grita de cima da serpente, de onde tenta estrangular o bicho com os braços.

— De jeito nenhum! — Luana revida.

— Vão logo — ele acelera.

Ignoro Blessi que ainda luta com os paladinos e corro para os cavalos, puxando Lua pelo braço.

A Estrela da Fumaça não pretende nos deixar ir, mas Judra saca o chicote e o faz atravessar o corpo nebuloso da inimiga. A língua afiada deixa um rastro de névoa avermelhada por onde passa e Blessi geme, materializando o braço em seguida. Um corte fundo aparece em seu ombro.

— O material do chicote anula a magia — a silenciadora avisa. — Fique aí ou vou te cortar no meio!

Mas Blessi ignora o aviso e avança. Ela retoma a forma física e desvia de diversas chicotadas de Judra com perícia. Após se abaixar de um corte horizontal da arma, ela balança o pescoço e joga seus cabelos na direção de Judra. No percurso, as madeixas se esticam e se juntam, revidando como um novo chicote. A ponta acerta a silenciadora, abrindo um corte em seu rosto, e Blessi ainda projeta um dos braços e acerta o tórax de Judra em cheio fazendo-a voar tão longe que cai depois de nós, perto dos cavalos.

— Não podemos com ela — Mael fala e aumenta o número de cópias para ganharmos tempo.

Mas sua técnica parece já ter irritado a Estrela.

— Acha que é o único que sabe se multiplicar?

A inimiga retoma a forma gasosa e se divide, criando três réplicas. Entretanto, para provar que as coisas sempre podem piorar, cada uma das cópias toma a forma de uma criatura diferente. Uma aranha assustadora, um lobo feroz e um urso corpulento. Todos imensos, cinzentos e com fumaça saindo dos olhos.

— Essa é uma das minhas especialidades, paladino — todas as criaturas falam em um uníssono assustador.

Elas atacam as réplicas de Mael e as destroçam em segundos, forçando o ilusionista a se afastar na direção dos alazões.

— Pronto — Joshua avisa.

Blessi tenta destruir os outros cavalos, mas é o ferreiro que os salva. Com seu martelo, ele defende as esferas nebulosas que saem do meio da fumaceira e se

coloca entre nós e a inimiga. Com ele protegendo os cavalos, a Estrela da Fumaça manda suas cópias atacarem.

Gueth finalmente recupera o Arado e acerta a serpente na cabeça, destruindo-a. O golpe ainda atinge o solo, onde o poder da alabarda abre uma grande vala e nos separa de Blessi e de suas criaturas. Apenas Gueth e Joshua ficam do outro lado.

— Vai — o nairatiano grita e salta sobre o aracnídeo gigante.

O lobo pula por cima da fenda que Gueth criou e cai rosnando diante de nós. Judra aparece e lhe dá um chute forte, fazendo-o cair no buraco. Um pouco de fumaça sobe pelas rochas após ouvirmos o corpo do bicho atingir o fundo.

Preparado para lutar, Joshua abaixa a máscara e encanta seu próprio martelo que, ao receber a energia, ganha uma projeção luminosa em seu formato, porém maior. O ferreiro agora segura um enorme martelo feito de luz e, com ele, maceta a cabeça do urso cinzento, que se desfaz em fumaça.

Blessi ressurge em sua forma humana enquanto caminha até nós. O ferreiro se coloca na frente, tentando acertá-la com marteladas, mas ela evita os golpes com facilidade.

— Vá com minha irmã — falo para Mael.

Ele me encara e sobe no cavalo com Luana, assumindo as rédeas.

— Não! — Blessi reclama e se transforma em névoa, ignorando a presença de Joshua.

Enquanto a nuvem passa pelo ferreiro, ouço-o tossir e, em meio a fumaça, ele leva a mão à garganta. Blessi se recompõe atrás dele e se vira, certificando-se de que Joshua não fará mais nada. O ferreiro olha para ela e depois para nós, ainda agonizando enquanto a névoa que respirou escapa por suas narinas e boca. Depois a fumaça sai pelos ouvidos, em seguida pelos olhos, que ficam esbugalhados. Sem mais reação, Joshua cai de joelhos e a fumaça passa a sair pelos poros de sua pele, que derrete. O pobre paladino despenca desfigurado ao chão, com parte dos ossos à mostra.

— Desgraçada — falo e preparo uma nova flecha.

Vendo minha intenção, Blessi evapora novamente e passa pela fenda levitando como um fantasma. Mael prepara o cavalo para partirem, mas Blessi acelera seu voo na nossa direção. Sem tempo para pensar, foco a visão na ponta de aço da flecha e busco uma energia capaz de impedi-la. Nenhum encanto que eu conheço pode pará-la, portanto preciso de algo novo. É então que me lembro de algumas páginas que li no livro dado por Joshua. Nele, sessões ensinam a combinar elementos e materiais. E é recordando-me disso que meus olhos queimam e penso no elemento que vai me ajudar. Ele está aqui, em todo o lugar. Em segundos, filetes brancos surgem ao meu redor e vão para a ponteira da flecha. Com um pouco mais de energia, um miniciclone a envolve e eu sei que está pronta para ser disparada.

O tiro vai envolto em um tornado horizontal que, enquanto atravessa o corpo fumacento de Blessi, explode em um grande golpe de ar, espalhando a fumaça dela por diversos metros.

Luana me encara espantada, porém não tem tempo de dizer nada. Ao comando de Mael, o alazão empina, relincha e quando toca o chão novamente com as patas dianteiras, ele desaparece em um raio de luz que vai até o horizonte, deixando pequenas marcas de queimado no chão.

Monto no cavalo que resta e chamo por Judra, no entanto ela está olhando para o outro lado da fissura, onde Gueth está caído próximo ao corpo de Joshua. Ele leva a pior na luta contra a aranha gigante. O bicho tenta vários golpes com o ferrão enquanto o nairatiano rola na terra para escapar.

— Eu dou conta! — ele grita. — Vão antes que Blessi se recomponha.

Não sei o que fazer. Não temos como passar pela fissura e ajudá-lo, ainda mais porque avisto um punhado de névoa girar no solo próximo a nós e tenho certeza de que não vai demorar até a Estrela estar inteira novamente.

Judra se aproxima do cavalo e me olha, depois encara Gueth.

Mais fumaça se acumula e já vejo os pés de Blessi se formarem.

— Sobe nessa droga de cavalo! — Gueth grita outra vez.

Estendo a mão para puxar Judra.

A fumaça já é grande e os braços de Blessi se esticam para nos alcançar. O rosto da Estrela sai da névoa e abre a boca, lançando sobre nós uma poderosa rajada de fumaça negra.

A silenciadora ameaça me dar a mão, mas em vez disso, ela acerta um tapa no traseiro do cavalo e se vira para a Estrela Nebulosa, soprando o anel do silêncio.

Grito por seu nome e minha voz já não sai. Com a pancada, o cavalo empina e, quando volta ao chão, sinto como se o mundo todo girasse muito rápido. No horizonte, a minha frente, céu e terra se separam, abrindo uma linha de luz que cresce em seu lugar. Ela se torna um gigantesco túnel no qual entro e, ao olhar para trás, a imagem de Judra fica menor e desfigurada antes de desaparecer como num piscar de olhos. A luminosidade do túnel me faz proteger a visão, minhas tripas se reviram, meu corpo se despedaça. Cada pequena parte se separa e é soprada como poeira em um vendaval. De repente, a luz forte se esmaga novamente na linha do horizonte, céu e terra reaparecem diante de mim e finalmente posso sentir meu corpo inteiro rolar pela grama ao lado do arco, da aljava e da minha mochila.

Por dentro, parece que meus órgãos ainda não se refizeram, tudo está se mexendo. Antes mesmo de me levantar, o estômago expulsa tudo o que guardava desde o dia anterior. Tonto, apoio-me nos joelhos e tento descobrir onde estou. Não sei se consegui ir tão longe quanto Mael e Luana. Talvez o silêncio também tenha afetado a viagem do cavalo.

Noto o medalhão de montaria jogado a alguns metros e o recolho, então continuo seguindo em frente, agora a pé. Se o cavalo vinha nessa direção, é para lá que eu devo ir.

Exausto após algumas horas de caminhada, enfim avisto alguém correr no sentido contrário, vindo até mim.

— Le! — Luana me alcança e me abraça. Mael vem logo atrás.

— Você veio sozinho? — ele pergunta.

— Sim — respondo cansado —, agora é com a gente.

PARTE III
CONSTRUTOS
por Fajon Dirrou

Capítulo 13

[Meses atrás]

A espera é desesperadora, dolorosa. Já são horas andando de um lado para o outro da tenda que serve de hospital no acampamento do mirante. Safira não aparece, não dá notícias. De tempos em tempos, troco olhares com Mael.

— Eu tinha que ter ido junto — ele desabafa, com lágrimas nos olhos.

— Você está ferido. Não teria ajudado em nada. — Sou duro, mas é a pura verdade.

Mael não participou da invasão a Vila de Mármore, pois ficou com Safira se recuperando do ferimento que teve na luta contra o silenciador das facas.

— Acha que ela vai sobreviver? — ele pergunta, desolado.

Não sei o que responder. Acredito que Mael esteja sentindo o que eu senti quando perdemos Sophia naquela maldita torre. Ele e Boom são próximos como amigos de infância, talvez mais do que isso. É triste vê-lo assim. Sinto-me culpado por não ter conseguido protegê-la. Agora está nas mãos de Safira. Se ela não puder salvar Boom, ninguém pode.

Mais algumas horas se passam e Simus entra de supetão na tenda, perguntando por sua sobrinha. Ele me olha e depois abraça Mael, que chora. Soube que a invasão do palácio foi um sucesso, mas Simus voltou assim que pôde para averiguar o estado de Boom. Quando chegou aqui, descobriu que ela não tinha sofrido apenas uma estocada no abdômen.

— Sinto muito — digo ao tocá-lo no ombro.

Ele ignora. Talvez esteja me culpando pelo que aconteceu. Simus pediu que eu a trouxesse de volta assim que a vii ferida pela bomba de espetos, mas eu não tive escolha. O silenciador apareceu diante de nós e fomos obrigados a lutar, ele jamais nos deixaria sair.

Já cansados de tanta espera, finalmente Safira atravessa a cortina que nos separa da área de feridos e nos olha com uma expressão de consolo.

— Ela vai ficar bem? — É Simus quem arrisca a pergunta.

Em vez de responder, Safira vai até Simus e se senta ao lado dele. Mael e eu apenas observamos enquanto ela explica algumas coisas. Quando termina, vejo um

dos homens mais poderosos da Guilda cair em prantos. Chega a chorar como uma criança enquanto Safira o consola.

— Posso vê-la? — ele pergunta após se recompor.

A curandeira consente e o guia para dentro. Eu e Mael ficamos do outro lado, espiando pela cortina.

Boom está deitada em uma das macas, com o corpo completamente enfaixado. Não sei se vai sobreviver, mas caso sobreviva, as consequências da explosão ficarão marcadas em sua vida para sempre. E, de todas as notícias ruins que receberíamos naquele dia, essa talvez fosse a melhor delas.

A guerra contra o governo tinha acabado, é verdade, mas as sequelas eram muitas. Depois de vermos Boom mutilada, ainda soubemos da morte de Galek e da traição de Leran, fatos igualmente dolorosos. O acampamento no mirante virou um mar de desolação e toda essa dor guiou os passos que cada um de nós daria em seguida.

Simus se afastou da Guilda e decidiu que Boom deveria deixar a cidade. A garota vivia com o tio aqui, mas seu pai morava em outra região, bem distante de Acigam. Não se viam há anos, porém, quando o homem soube do acidente de sua filha, exigiu que ela fosse viver com ele. E Boom aceitou partir, permanecer em Acigam era penoso demais para ela.

Mael, também desiludido com os acontecimentos, se responsabilizou por levar a amiga até os cuidados do pai. Despedi-me deles alguns dias depois, diante da linha de trem que segue para o norte, e a última imagem que tenho dos dois é a de Mael empurrando a cadeira de rodas de Boom antes de entrarem em um dos vagões. Nenhum deles voltaria à Acigam.

Para mim, sobrou cuidar dos que ficaram.

Durante à noite, eu vou com cuidado até uma pequena vila a noroeste de Acigam. O capuz ajuda a ocultar meu rosto, não seria bom ninguém da cidade me ver vindo até aqui.

Já são semanas depois da reunião entre as Estrelas e eu ainda não acredito no que vi naquela sala. Um satélite... uma arma devastadora colocada no céu. Ela pode atingir qualquer lugar, qualquer um. Ninguém está seguro contra a Aliança de Ferro. Como Acigam pode fazer parte de algo tão cruel? Seria essa a única forma de manter a cidade protegida? Não pode ser. Nagisa e Babo mostraram lados que eu não conhecia. Confiei neles, principalmente na rainha, contudo não posso concordar com o caminho que escolheram. Tentei argumentar, achar uma saída diplomática, porém nem mesmo Nagisa me deu ouvidos. Eles ainda convenceram o conselho de

que a participação na guerra era vital para manter a cidade segura e Acigam declarou apoio a Yana na guerra do Continente Oeste.

Se a Guilda estivesse de fato no controle da cidade, jamais estaríamos em uma situação como essa. Não foi para isso que libertamos Acigam de Cadornia.

E é essa preocupação que me leva até onde estou agora. Assim que chego ao meu destino, subo os degraus de uma varanda e bato na porta de madeira. Não demora até Simus atender.

— O que quer? Já fizemos o que mandou.

— Precisamos conversar. Posso?

Ele me encara com certa raiva, mas dá espaço e faz um gesto me convidando a entrar.

— Sente-se — oferece uma das poltronas.

— Eu realmente sinto muito por ter tirado vocês de Acigam.

— Vamos pular as lamentações, Fajon. Por que veio?

Sem delongas, conto tudo o que aconteceu. Falo da reunião com os líderes, das Estrelas, da tal Aliança de Ferro e do terrível satélite. Termino contando sobre a armação de Nagisa e Hiago para colocar Acigam na guerra e do suposto atentado que aconteceu no palácio.

Simus escuta a tudo sem surpresas, como se já soubesse das intenções ruins de Nagisa.

— Fico feliz que tenha enxergado, pelo menos, parte da verdade — ele diz assim que concluo.

— O que eu fiz e o que eu venho fazendo é para o bem de Acigam, Simus. Infelizmente não acredito que Nagisa e Babo compartilhem dessas mesmas intenções. E me sinto mal por ter demorado a perceber, mas acho que ainda não é tarde demais.

— Nunca é tarde, Fajon. Agora pensando em tudo o que você disse, algo está muito errado. Além de Acigam não ter vantagens em entrar em uma guerra assim, também não consigo entender o que Nagisa ganharia com isso. Eles estão tramando algo.

— Por isso vim até você. Não sei como agir.

— Continue perto deles. É a única forma de sabermos o que planejam. Irei falar com os outros, com Safira e Alb, deixarei todos preparados. É obvio que nossa cidade ainda não está livre. A Guilda precisa voltar à ativa.

— Farei isso.

A conversa com Simus termina com esse acordo. Realmente preciso estar perto de Nagisa para antecipar seus movimentos. E com a ajuda da Guilda, conseguiremos livrar a cidade dessas pessoas cruéis.

Enquanto caminho pela estrada de volta a Acigam, tenho a ligeira impressão de que sou observado. Paro por alguns instantes e fico atento ao meu redor. Nas margens da rua de terra estão várias árvores e moitas que balançam com a força do vento noturno. Após me certificar de que não é nada, continuo.

Mais alguns minutos e a sensação se repete. Será que Nagisa mandou alguém me seguir? Se ela descobrir que vim falar com Simus, tudo irá por água abaixo. Observo as moitas novamente e decido andar próximo a uma das margens da estradinha. Sigo por mais alguns metros e paro outra vez.

Encaro as copas de algumas das árvores e me aproximo de um arbusto, olhando para longe, por entre as plantas. Dou as costas para a moita e ameaço voltar para a estrada, mas antes de iniciar um passo, viro-me bruscamente e enfio a mão no arbusto, agarrando alguém pelo pescoço.

Puxo Sirela pelo colarinho fazendo minha mão virar líquido e logo se solidificar em gelo, apertando a jugular dela com uma lâmina afiada, quase como uma coleira.

— Se tentar se transformar, eu arranco a sua cabeça!

— Ei, ei, calma! — Ela gesticula, assustada.

— Por que está me seguindo? Fala!

— Não estava te seguindo. Estava dando um passeio.

— Não minta para mim, pestinha! — A trava de gelo se aperta.

— Ok, ok. Vi você saindo da cidade e quis saber aonde estava indo. E como você se mete em encrenca, pensei que talvez precisasse de ajuda.

— Ajuda sua?

— Ah, agora esqueceu que eu salvei seu traseiro da mulher robô?

— Não muda de assunto. Você deveria ter voltado com seu mestre para Ilados, por que ficou?

— Não posso falar...

— Ah, não? Então vou levá-la até Nagisa e dizer que te encontrei bisbilhotando. Vamos ver o que ela vai achar disso.

— Não seja idiota! Isso estragaria tudo.

— Estragaria o quê? Vamos, abre esse bico.

— Tá, eu conto, eu conto.

— Estou ouvindo...

— Desde que os construtos vieram, eu estou investigando a ida de alguns deles para o oeste, na direção do mar.

— O que tem naquela região?

— Vilas de pescadores e algumas cidades menores. É uma região repleta de lagos também. E dizem que em algum lugar por lá está uma das entradas do Polo Água.

— Isso fica perto de Acigam?

— Não tão perto, alguns dias de viagem.

— E o que os construtos querem?
— É isso o que eu preciso descobrir, *dãr*.
Com um pouco de raiva, solto a garota, que cai sentada.
— Ai!
— Você pretende segui-los? — pergunto a encarando.
— Sim — ela fala enquanto massageia o pescoço. — É a única forma de entender o que Hiago está tramando.
— Pois bem, eu irei com você.
— O quê? Você só vai me atrasar.
— É isso ou avisarei Nagisa.
Sirela faz um bico gigante e concorda.
— Preciso de dois dias para preparar o terreno em Acigam. Se tudo der certo, Nagisa nem vai sentir minha falta.

Dentro dos muros as coisas vão de mal a pior. Acigam recebeu mais armamentos de Yana, reforçando o exército de construtos dentro da cidade. Agora carros de guerra tomaram as ruas mais largas, vigiando o perímetro do Palácio Real. São como tanques, com rodas imensas, uma de cada lado da cabine. A parte de cima é equipada com diversos canhões que nem sei o que podem atirar, mas, de acordo com Babo, cada um deles tem poder de fogo vinte vezes maior que as antigas metralhadoras da guarda de Cadorcia. Assim como os construtos, cada veículo funciona sem a necessidade de um operador. A inteligência mágica os mantém ativos, o que chega a ser assustador. Ao lado dos tanques, os soldados de Yana marcham de um lado para o outro, relembrando as piores épocas da ditadura de Acigam. A população está com medo de novos atentados, mas também desconfortável com a presença de um exército tão apático e de aparência hostil.

No palácio, as coisas parecem mais calmas. Nagisa e Babo vivem em reuniões com o conselho de ministros ou debatendo assuntos secretos, mas sozinhos. Mesmo antes de visitar Simus, eu já estava acompanhando as movimentações da rainha e a vi se encontrando novamente com algumas das outras Estrelas. Elas chegam e vão embora quase imperceptíveis. Se eu não tivesse acesso a todos os andares da torre maior, jamais saberia dos encontros. E é um deles que eu observo no momento.

Nagisa entrou na sala de reunião com algumas das outras Estrelas e me deixou do lado de fora, fazendo vigia junto a dois construtos, um em cada ponta do corredor. Aproveitei uma distração da rainha e deixei uma fresta aberta na porta, o que me permite ouvir parte do que eles falam.

— Realmente a garota estava com Ioseth. — A voz doce de Blessi diz.
— A deixou fugir? — Nagisa pergunta.

— Usaram os alazões paladinos.

— E Ioseth? — Agora é a voz de Urik, a Estrela de Fogo.

— Ele é poderoso, vocês sabem. Consegui neutralizá-lo por alguns momentos, mas depois, quando ele se recuperou, decidi sair de cena. Não fazia mais sentido permanecer ali sem a garota.

De quem eles estão falando? Se a história que Simus contou for verdadeira, Nagisa e as Estrelas estão tentando capturar Luana.

— Quer dizer que você foi até lá e não conseguiu nada? — Nagisa provoca.

— Não seja ridícula, Gigi. Você ficou quinze anos com os muros dessa cidade fechados e também não conseguiu nada, querida.

Não posso ver o rosto da rainha, mas tenho certeza de que sua expressão não deve ser amigável.

— Do jeito que as coisas vão, a menina estará mais poderosa e será difícil pegá-la. Ela já escapou de Nagisa, de Shaz, de Montesco, agora de você, Blessi. — É Urik novamente.

— Se tivéssemos o *perrgaminho serria* mais fácil *buscarr* a menina — Hiago fala com seu sotaque acentuado.

“Deve ser o mapa de Khun que estava na torre”, penso.

— Ainda teríamos o mapa se não fosse a silenciadora insuportável — Nagisa esbraveja.

E ouvindo sua frase, percebo que Judra deve ter sido fundamental para que Leran e Luana fugissem de Acigam. Será que ela roubou o pergaminho da rainha?

— Silenciadora? A loura, amiga do arqueiro? — Blessi aparenta surpresa.

— Sim, como você sabe? Eu a matei. Não sei onde o pergaminho foi parar...

— Acho que você está equivocada outra vez, Gisa, — a Estrela da Fumaça interrompe.

— Pode, por favor, parar com esses apelidos?

Blessi ri.

— O que você descobriu, Blessi? — Urik pede explicações, sem muita paciência.

— Achei estranho eles terem antecipado minha chegada. Quando pousei na frente de Ioseth, ele já tinha escondido os moleques.

— Eles estão com o *perrgaminho* — Hiago conclui.

— Exato. E a silenciadora não está morta, ela está com eles, *Nagisa* — Blessi enfatiza o nome da rainha, atendendo ao pedido de parar com os apelidos.

— Aquela pilantra! — a rainha fala irritada.

— Temos que reaver o mapa — Urik diz. — Além de ser mais fácil caçar a garota com ele, ainda temos que achar a última Estrela.

— Veneno — Hiago menciona. — Da última vez ainda estava latente.

— Sim, mas tenho um pressentimento de que está para nascer.

— Ioseth não pode *encontarrá*-la antes de nós. *Prrecisamos* tê-la do nosso lado.

— Exatamente! — Urik concorda.

— Deixem o pergaminho comigo. — É Blessi quem comenta. — Agora que sei que está com eles, darei um jeito de pegá-lo.

— Ótimo. Vamos *discutirr* os *prróximos* locais onde *atacarremos*. — Hiago muda o assunto. — Estou cansado dessa *baboseirra* da garrota. Meus *consturrutos* estão *prrrontos* no continente Leste. Não posso deixá-los *parrados*. Tempo é *dinheirro*.

Próximos locais de ataque? Quer dizer que já enviaram mais construtos para cá? Que locais estão pretendendo atacar? Tenho que descobrir isso e passar para a Guilda.

— Espere um minuto — Nagisa fala. E então chama — Fajon?

Finjo não escutar.

— Fajon!

— Senhora? — Abro a porta e coloco a cabeça para dentro.

— Por favor, desça e garanta que ninguém suba. Nossa reunião levará mais algumas horas.

— Sim, senhora — respondo com certa decepção.

Obedeço e saio do corredor na direção dos elevadores. Não sei se ela percebeu que eu estava escutando, mas não posso ter Nagisa desconfiada agora. As informações sobre a guerra precisarão esperar.

Permaneço no andar térreo durante algumas horas, observando os acessos à torre, mas a única pessoa que chega é Diego Sartoro.

— O que está acontecendo lá em cima?

— Reunião da rainha com os líderes da Aliança de Ferro.

— De novo?

Não respondo, apenas demonstro desconforto.

— Também não estou gostando disso — ele fala, mais baixo.

— Preciso de sua ajuda, Diego — aproveito e também falo baixo ao seu ouvido.

Ele aguarda para que eu continue.

— Sairei da cidade por alguns dias. Tem algo errado acontecendo aqui e eu preciso descobrir o que é. Você consegue me dar cobertura?

Intrigado, o mago coça a grande cicatriz no rosto e me encara.

— Não consigo confiar em Nagisa — falo após olhar para os lados e garantir que ninguém nos observa.

Sartoro solta o ar com certa frustração e aponta para os queloides na face.

— Isso aqui ainda dói muito, mesmo depois de tanto tempo. Achei que ao tirar Cadorcia do poder e eliminar os silenciadores estaríamos fazendo essa cicatriz valer a pena, mas tenho a impressão de que as coisas estão longe de melhorar.

— É exatamente o que eu quero dizer.

Ele pensa alguns segundos e então diz:

— Alguns baderneiros estavam depredando as feiras na região do Bargio. Fiquei de mandar alguns soldados para lá, mas talvez essa seja uma oportunidade ideal para o capitão treinar os recrutas com situações reais.

— É a desculpa perfeita!

— Isso te dará os dias que precisa, sem se indispor com a rainha. Eu cuido das coisas por aqui.

— Obrigado, meu amigo.

— Espero que consiga achar o que procura e que isso ajude Acigam.

Agradeço e o deixo ir. Mais tarde, aviso Nagisa sobre o problema no Bargio e digo que irei até lá, passar alguns dias. Ela não parece se incomodar, muito pelo contrário, se mostra bastante solícita e diz que os construtos farão uma excelente guarda do palácio, eu não devo me preocupar.

Isso talvez reforce a hipótese de que ela já esteja desconfiando de mim. Não me quer mais tão perto. Sei que, ao me afastar, estarei quebrando o combinado com Simus, mas acredito que Sartoro poderá observar o conselho no meu lugar. E talvez eu descubra algo mais relevante indo com Sirela para o oeste. Os construtos não estão aqui apenas para proteger Acigam, disso eu tenho certeza. Vou descobrir o que Hiago D'Waniv quer.

Encontro-me com Sirela logo cedo na fronteira de Acigam. Ela está com uma pequena mochila nas costas e roupas mais leves. As miçangas decorando os cachos claros continuam iguais.

— Tem bastante comida aí, *né*? — ela pergunta apontando para minha mala.

— Não trouxe o suficiente para nós dois. Você não tem nada na sua?

— Não.

— Ok — respondo ao estreitar os olhos —, passaremos por algumas vilas. Eu compro mais comida, não se preocupe.

— Ótimo — ela fala e então fica pensativa. — Trouxe dinheiro para nos hospedarmos nas vilas?

— Dinheiro para nos hospedarmos? Você não trouxe nada?

— Eu sou uma criança — ela esbraveja. — Se você fez questão de vir junto, é esperado que, no mínimo, cuide direito de mim.

— Por acaso eu sou o seu pai? — pergunto, extremamente incomodado.

Diante da resposta, ela abaixa a cabeça. Depois volta a me encarar:

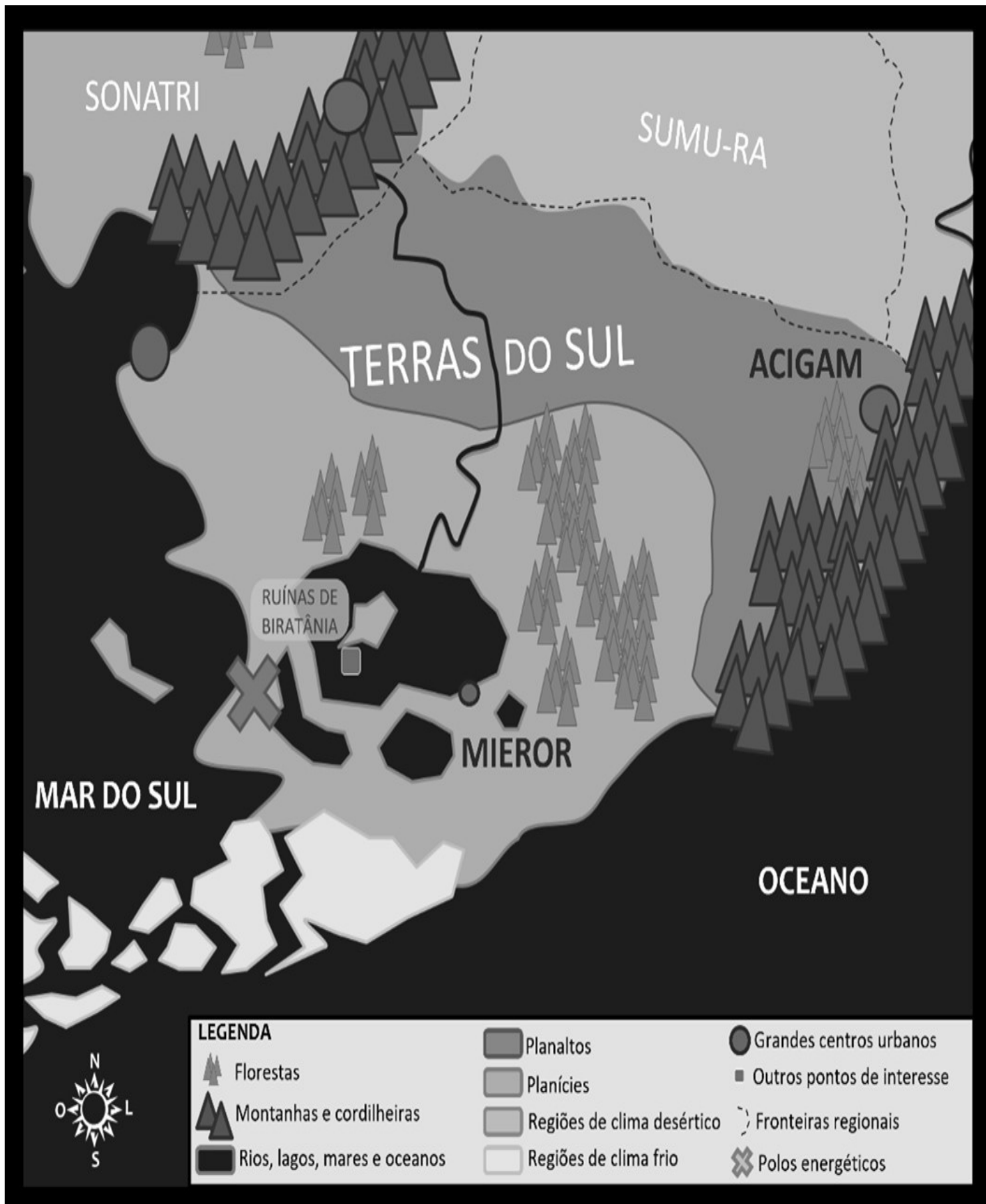
— Então vai me deixar dormir sozinha no frio e no escuro da rua? — Os olhos azulados de Sirela se destacam e se enchem de água, se transformando nos olhos doces de um gatinho.

— Está bem, vamos — falo e inicio a caminhada. — Pelo visto vou ter que comprar ração para você.

Capítulo 14

Seguindo a estrada para o sudoeste, passamos pela primeira vila após algumas horas. Nela, consigo um mapa e encho a mala com mais mantimentos.

— Pegue — entrego a garrafa de água à Sirela. Depois abro o mapa no chão da estrada.



Ela olha o papel com atenção enquanto bebe.

— De acordo com os comerciantes, a região do Polo fica depois de Mieror e da zona dos lagos. É bem longe daqui.

— É...

— Achei que tinha dito que eram apenas alguns dias de viagem.

— E são.

— Só se formos voando — falo bravo —, a pé demoraremos semanas.

— Mas nós não vamos a pé.

Sirela retira uma medalha de prata de sua mochila e a mostra para mim.

— É um medalhão de montaria. Estava recarregando, por isso não o mostrei antes.

Ouvi falar de alguns desses depois que as fronteiras abriram, mas não tinha chegado a vê-los em Acigam.

Ela passa o dedo sobre a peça, em um desenho em alto relevo, e a coloca no chão. Meus olhos são ofuscados por um brilho azulado e, em seguida, patas ganham forma diante de mim, cobertas pela pelagem branca, comprida e lisa que cai nas laterais do bicho, quase até os cascos. A cabeça surge do meio da luz e se mantém baixa, com o focinho próximo ao chão. Os olhos são bem pequenos se comparados ao tamanho avantajado do crânio. Chifres grandes e arqueados decoram sua cabeça felpuda. O corpo também é robusto e nas costas largas e gordas já está uma sela para montarmos.

— Você tem uma vaca de montaria? — pergunto um tanto intrigado.

— Olha o respeito com o bicho — ela fala e faz carinho no flanco do animal. — Não é uma vaca, é um iaque. Eles são muito comuns nas montanhas de Ilados. Ágeis, fortes, sabem nadar e andar por terrenos íngremes. Muito úteis e fofos.

Talvez eu não possa discutir sobre a utilidade deles, mas a fofura é no mínimo questionável.

— Vamos — ela diz, já pendurada nos pelos do bicho, tentando alcançar a sela.

De quatro, o iaque tem duas vezes o tamanho de Sirela. Ajudo-a a subir e monto, deixando a garota na minha frente. Balanço as rédeas e seguimos pela estrada.

Os passos do iaque são lentos, contudo estipulam um ritmo bom de viagem. Antes do entardecer, alcançamos outra vila, bem mais distante de Acigam. Descansamos enquanto o medalhão se recarrega e continuamos na manhã seguinte.

Por mais um dia inteiro, descemos para o sudoeste, beirando as montanhas. A estrada dá em uma pequena serra na qual abandonamos o planalto da região e chegamos às planícies. No dia seguinte, andamos por bosques e pequenas florestas até avistarmos água no horizonte, muita água.

— Seria o mar? — Sirela pergunta.

— Não — falo olhando para o mapa aberto nas costas dela. — É o lago de Biratânia.

— O maior do mundo — ela comenta com animação.

— Isso. Estamos perto de Mieror.

No final de mais um dia de viagem, finalmente chegamos na famosa região dos lagos de Biratânia. Um deles é imenso, cujas margens opostas não são possíveis de se enxergar, e existem diversos outros menores, formando piscinas naturais e lagoas entre as pradarias das terras baixas do sul.

O clima é bastante agradável, com uma brisa fresca que nos recebe aliviando o calor dos penosos dias de cavalgada no iaque peludo.

Seguimos por entre alguns dos lagos até chegarmos diante da cidade construída à beira do maior. Trata-se de Mieror, uma cidade pequena que mais parece uma grande vila. Ela se estende por alguns quilômetros nas margens, e avisto portos e centenas de barcos ancorados, de diversos tamanhos. Parte da cidade ainda fica sobre a água, construída em palafitas e deques de madeira, apresentando uma harmonia perfeita com a natureza. Muitas pontes ligam casas e construções por cima das águas tranquilas do lago de Biratânia.

Mesmo diante do iaque de Sirela, as pessoas se mostram receptivas. Elas acenam e sorriem enquanto passamos. É notável que o bicho chama atenção.

Andando pelas ruelas da periferia, a primeira impressão é que se trata de um lugar dependente da pesca, passamos por dezenas de feiras com barracas oferecendo pescado, porém o movimento não parece grande. E, em uma breve análise, não encontro produtos muito bons. Os peixes não estão frescos e o cheiro forte me deixa desconfortável.

As casas, em sua maioria, são de tábuas, mas também vejo algumas de tijolos e telhado de sapé. Diferente das ruas de terra da maior parte da periferia, próximo ao lago, o piso é construído em paralelepípedos escuros e pranchas firmes de madeira. Aqui, as construções também são maiores, com mercados e depósitos.

Sirela desativa a montaria e procuramos por uma pousada. Por Mieror ser a maior zona habitada da região, o centro comercial deve dispor de alguns lugares onde podemos dormir a um preço justo. Encontro uma hospedaria nas margens do lago, que fica sobre um dos deques no cais. A vista é privilegiada de todas as janelas dos quartos, inclusive do nosso, onde um beliche confortável vai nos dar uma noite de tranquilidade.

Antes do jantar, aproveito o tempo para conversar com alguns funcionários e pessoas da cidade que frequentam o hotel, tentando levantar informações relevantes. Um dos pescadores que entrega mercadorias na hospedaria me ajuda a entender melhor sobre a região. De fato, o Polo Água não fica longe daqui, mas pelo que entendi ele foi trancado há centenas de anos, tendo ficado isolado desde então por questões de segurança. Diferente de outros polos, esse não possui uma tribo ou um povo que o protege. É verdade que existem inúmeros acessos que podem levar até ele, porém, de acordo com o pescador, quase todos estão

submersos, a dezenas de metros abaixo da linha do mar. É praticamente impossível chegar até as entradas.

— Vocês ficarão muito tempo por aqui? — o pescador pergunta, depois de explicar sobre o Polo.

— Não sabemos ainda. Provavelmente será apenas essa noite.

— Entendo. Está difícil recebermos turistas, sabe? As pessoas ficaram felizes em ver vocês chegando — ele fala, com um sorriso amigável.

— Imaginei que essa região fosse movimentada por viajantes.

E de fato, olhando ao redor, não vejo outros forasteiros no hotel. Somos apenas eu e Sirela, que agora cochila no sofá do hall de entrada com os pés sobre a mesinha de centro. O restante são pessoas locais, entre elas o pescador, uma arrumadeira e o recepcionista.

— Ela já foi uma região mais movimentada, é verdade — ele diz com pesar —, mas tudo começou a desandar depois que a pesca foi afetada pela serpente do lago.

A frase do homem me deixa bastante apreensivo. Ele continua com tristeza na voz:

— A maioria dos pescadores está com medo de seguir para as partes mais profundas, onde estão os melhores peixes. Muitos barcos foram atacados nos últimos meses. Dizem que é uma besta que surgiu das profundezas. Talvez tenha vindo do mar, conseguindo passar por um dos canais subterrâneos que liga o lago aos oceanos. Ela não nos deixa pescar. Desde que soube, não me atrevo a levar o barco a mais de cem metros da costa.

É por isso que a mercadoria que vi na feira está tão ruim. Eles estão com medo do tal monstro aquático. Os turistas também se afastaram por causa disso.

Pergunto se alguma autoridade local tentou identificar e capturar a criatura, mas ele diz que não sabe ao certo. Apenas ouviu falar que o prefeito de Mieror teria feito um acordo com outras cidades para tentar resolver o problema.

— Quais cidades? — pergunto, desconfiado.

— Yana principalmente, aquela cidade grande do outro continente, que tem muitas armas.

Aceno com a cabeça. Presumi que essa fosse a resposta. Será por isso que os construtos estão vindo para cá? Neste caso, a intenção de Yana não é tão ruim. Devem mesmo estar caçando a serpente em troca de algum acordo com Mieror. Talvez também tenham colocado a pequena cidade na aliança na qual Acigam entrou.

Não sei ao certo o que pensar. Não acredito que a intenções de Hiago sejam nobres. Certamente, ao livrar Mieror da tal besta que assola os pescadores, ele terá o prefeito daqui nas mãos e poderá exigir qualquer coisa em troca.

Depois de mais alguns minutos de conversa sobre assuntos menos importantes, o pescador se mostra extremamente hospitaleiro e diz que posso procurá-lo caso eu precise de um guia para visitar a região. Agradeço por sua ajuda e me despeço.

Após jantar com Sirela, subimos e eu me deito na cama de baixo, deixando a garota na de cima. Tento dormir, mas a história da estranha serpente que surgiu no lago me mantém alerta por quase duas horas. Para piorar, o revirar na cama é embalado por um ruído alto e agudo: o ronco de Sirela.

Coloco o travesseiro na cabeça e tento ignorar o barulho, mas depois de alguns minutos, levanto-me para acordá-la. Assim que a vejo na cama de cima, meu incômodo passa. Ela está esparramada, com os braços abertos e a boca escancarada, parece exausta. Como uma criança pode ter uma missão dessas nas mãos?

Sorrindo, eu pego o lençol, todo amarrotado na lateral da cama, e a cubro até o pescoço. Sirela resmunga e se vira de lado. Então usa um dos pés para coçar instintivamente a cabeça, como um cãozinho. Sua flexibilidade me surpreende e me faz rir.

Antes de me deitar novamente, vou para a janela e fico olhando o gigantesco lago refletir a imagem da lua. É uma imensidão de água. Sinto-me tão bem diante dele, é como se minha afinidade com o elemento ganhasse mais força aqui. Talvez a proximidade ao Polo Água também aflore esse sentimento em mim. O ar úmido que entra pelas persianas é relaxante. Volto para o beliche e dou uma última olhada em Sirela que continua roncando, exausta.

Deito-me novamente e pego no sono, pensando que além de proteger Acigam e o povo da minha cidade, preciso cuidar dessa menina.

— Tá acordado? — ouço a voz estridente de Sirela.

Ela repete a pergunta três vezes até eu dar uma resposta manhosa:

— Que horas são?

— Quase 10 horas — responde pendurando-se de cabeça para baixo na cama de cima. As miçangas balançam em seus cachos brancos.

Ela pula para o chão com agilidade e me sacode, puxando-me para fora da cama.

— Saí mais cedo para comer algo. Estava com fome — ela diz.

— Achou algo bom? — pergunto sonolento.

— Sim, mas também achei um rastro de um dos tanques de Yana que vai para a parte oeste da cidade.

— Isso quer dizer que eles realmente estão aqui. Já devem ter começado a procurar a serpente — respondo, deixando a preguiça passar.

— Você acreditou naquela baboseira? — ela faz uma careta.

— Por que o pescador mentiria? E eu achei que você estava dormindo. Ouviu a conversa toda?

— Só a melhores partes, meus ouvidos são seletivos. De qualquer forma, tem algo muito estranho nessa história.

— Sim, mas se você achou pistas, por que não me acordou antes?

— Porque fiquei com sono depois do café e resolvi tirar uma soneca.

— Achei que sua missão fosse importante.

— Não mais do que comer bem e dormir. Estou em fase de crescimento.

Dou um sorriso falso e balanço o rosto.

— Então acho que pode esperar que eu me alimente também, certo?

— Claro que não. Você pega alguma coisa e vai comendo no caminho. Te encontro na rua em dez minutos.

Ela sai depressa, sem me dar tempo para contestar.

Do lado de fora, subo no iaque e dou a última mordida no sanduíche que peguei na cozinha da pousada.

— Para onde vamos? — falo com a boca cheia.

— Perto do lago, na parte mais à oeste. Alguns pescadores também confirmaram que viram construtos trabalhando em algo por lá.

Ainda não consigo entender o motivo pelo qual Yana estaria interessada nessa região. Teria Hiago feito uma aliança com Acigam só para estar mais próximo do lugar? É no mínimo curioso.

— Veja — Sirela aponta para os rastros de tanques que seguem para oeste até sumirem no horizonte.

Sem perder tempo, pegamos a estrada e deixamos Mieror para trás. O lago de Biratânia decora nossa viagem, preenchendo todo o lado direito da estrada, com uma porção infinita de água cristalina. Avisto até algumas ilhas bem ao fundo, sem ter noção da distância ou do tamanho delas.

São algumas horas de cavalgada até que a estrada adentra um pequeno bosque. É quando estamos no meio dela que os rastros dos tanques desaparecem.

— Devem ter parado aqui — Sirela salta do iaque e tateia a terra. Depois, abaixa o rosto e cheira o gramado. De gatinhas, ela segue por alguns metros, farejando o chão, como se fosse um cão de caça.

— O que você está fazendo? — pergunto após descer do bicho.

— O cheiro de ferro é bem característico — ela responde enquanto adentra uma parte mais fechada do bosque.

— Desde quando você consegue rastrear cheiros assim?

Mas a garota não responde. Em vez disso, vejo-a se transformar em um grande cão albino, que deixa as roupas e as sandálias para trás. A única coisa de Sirela que permanece são as miçangas, decorando os pelos de sua cabeça. O animal continua

farejando e se embrenha no mato. Desativo o iaque, pego nossas mochilas, recolho as roupas dela e a sigo.

Seria muito difícil que os construtos, com todo aquele tamanho e força, pudessem passar por aqui, deixando a mata ilesa, por isso não demora até surgirem galhos quebrados e até algumas árvores caídas. Alcanço o cão branco perto a uma clareira onde ele esquadrinha uma parte da terra e empurra grama com o focinho, revelando mais rastros do tanque.

— Eles camuflaram a trilha — digo, surpreso.

O cão acena com a cabeça, em um gesto estranhamente humano, depois salta e corre. Se algum pescador tentasse seguir o rastro, provavelmente o perderia no bosque. Foi o lugar ideal para os construtos ocultarem sua presença.

Alcanço Sirela já na saída da mata, perto de uma das margens do imenso lago. Ela continua farejando o chão, que agora voltou a ter linhas traçadas, indicando que o tanque veio por essa direção, contudo, Sirela para diante da água e dá um passo para trás. O rastro termina aqui, sendo banhado por fracas ondas.

— Entrou no lago — digo, surpreso.

Noto as roupas de Sirela serem puxadas das minhas mãos e, antes que eu me vire, a garota já está vestindo-as, de volta a sua forma humana. Após um suspiro, ela fala:

— Vamos precisar de um barco.

Capítulo 15

O centro comercial de Mieror realmente fede a peixe. O tempo talvez me fizesse me acostumar com o odor azedo, mas ele parece piorar a cada hora que passo na cidade.

— O melhor lugar para conseguir um barco seria no porto, não? — a menina me alcança e aponta o lago, na direção de onde as embarcações estão ancoradas.

— Não sei se é uma boa ideia irmos direto ao lago. Se a história da serpente for verdadeira, correremos perigo. Não posso arriscar isso agora.

— Vai dizer que está com medo dessa lorota? — ela ri.

— Essa não é a questão. Além do mais, precisamos de alguém que pilote. Não acho que algum pescador nos levaria.

— É só pagarmos bem.

— É só eu pagar bem, você quer dizer.

— Tanto faz — ela dá de ombros.

Reviro os olhos e continuo andando.

— Para onde vai, então? — Sirela se coloca em meu caminho, curiosa.

— Até a prefeitura, falar com o prefeito e ver o que ele sabe sobre os construtos.

— Hum-hum — ela murmura negando com a cabeça, em reprovação, como se minha ideia fosse a mais estúpida que já ouviu.

Apenas ignoro a pirralha e sigo pela rua. A prefeitura é uma casa simples de madeira e tijolos, decorada com duas bandeiras ao lado da entrada. Assim que passo pela porta aberta, dou de cara com uma sala ampla, com sofás e uma mesa larga de centro. Do outro lado, vejo um homem grande, que está em pé diante das escadas, que sobem ao segundo andar e, no canto esquerdo, a secretária. Ao me notar, ela chama minha atenção:

— O que o senhor deseja?

Olho para trás e percebo que Sirela não entrou comigo. E não há sinais da garota do lado de fora.

— O que o senhor deseja?! — a secretária insiste, ríspida.

— Desculpe, gostaria de alguns minutos com o prefeito. Sou um visitante do norte, tenho interesse em investir na cidade.

A mentira é necessária. Não posso falar que sou de Acigam. Se o prefeito conhece Hiago, talvez também conheça Nagisa.

— Entendo — a mulher responde e volta a mexer em alguns papéis sobre a mesa.

— Então? Consegue agendar um horário com ele ainda hoje?

— Não é possível — ela fala sem me olhar.

— Amanhã?

— A agenda dele está tomada até o final do mês.

Meus olhos se arregalam. Ele não pode ser tão ocupado assim.

— Senhora, é muito importante. — Me aproximo e coloco as mãos sobre a escrivaninha.

Ela me olha por cima dos óculos. Eu sorrio. A secretária retribui o sorriso e ajeita os óculos antes de me olhar nos olhos.

— Eu não dou a mínima — responde com grosseria.

Quando vou responder, indignado, noto o homem grande já ao meu lado, deixando claro que é melhor eu sair. Esse deve ser o segurança do prefeito.

Levanto as mãos, mostrando que não sou nenhuma ameaça e saio sem falar mais nada.

— E aí? — Sirela pergunta, sorrindo, apoiada na parede externa da prefeitura.

— Plano B.

— Não precisa. Vem comigo.

Ela segue pela lateral do prédio, dá a volta e chega até algumas tubulações que sobem pelas paredes de tijolos, devem servir para escoar a água do terraço.

— Acha que consegue entrar aí? — ela pergunta.

— Para quê?

— Para subir, oras! — Ela aponta para cima, até uma sacada. — Certeza que o prefeito está lá. Talvez você descubra algo.

— Isso tem menos de vinte centímetros de diâmetro.

— E você pode virar água, *dãr*.

— Nunca verti o corpo todo!

— É uma boa hora para tentar. E você não precisa se transformar por completo. Basta focar na metade de cima, o resto passa

— Do jeito que você fala, parece fácil. Por que você não vira um bicho pequeno e entra aí? Um esquilo, pombo, sei lá.

— Minha especialidade são os bichos grandes. Não viro coisas inúteis.

— Não seriam inúteis agora.

— Vai entrar ou não? — ela esbraveja.

— Você é muito folgada, sabia?

— Sim, sabia. Vai entrar ou não?

Mas nossa discussão é interrompida por uma voz exaltada que vem lá de cima, do gabinete do prefeito.

— Acho que ele está brigando com alguém.

Concentro-me e faço meus punhos virarem ganchos de gelo. Em seguida, escalo a parede de tijolos.

— Fica de olho — aviso Sirela, que prontamente faz guarda embaixo de mim.

Alcanço a sacada e consigo ouvir melhor a conversa. A voz exaltada de um homem continua ameaçando alguém.

— Diga a ele que nosso acordo está acabado! E saia já da minha cidade, leve aquele monte de ferro velho contigo.

Pela janela, vejo o prefeito em pé atrás de sua mesa, batendo os punhos na madeira. Diante dele, o ser esbelto de sobretudo escuro parece não se intimidar com os gritos.

— Melhor se acalmar, prefeito. — A voz mecânica ecoa pela sala, serena e indiferente. — A oferta do senhor D’Waniv é muito razoável.

— Ela é extorsiva, você quer dizer. Já cedi demais, não posso colocar a população em risco. Isso está fora de cogitação.

— Prefere a sua família correndo riscos?

A frase sai apática, sem tom algum de ameaça, mas o prefeito parece entender o recado. Ele se senta, aparentemente confuso.

— Onde foi que eu me meti? — diz para si mesmo, em um lamento.

— Já estamos perto de conseguir o que precisamos no lago. Depois deixaremos sua cidade em paz, tem minha palavra.

— A palavra de alguém como você não tem valor algum — ele fala, ainda em tom de lamentação. — Nem humana você é mais. Como pode entender a gravidade do que estão fazendo?

— Não tenho essa resposta, mas acho que chegamos a um consenso. Mantenha os pescadores longe das ilhas por mais alguns dias e ninguém se machucará.

— E a serpente?

— Daremos um jeito nela após terminarmos o trabalho nas ruínas.

— Pois bem, diga a Hiago que assim que isso acabar, eu nunca mais quero ver um de vocês na minha cidade.

No entanto a construto não responde, apenas dá as costas e sai do gabinete.

Desço às pressas e encontro Sirela com cara de dúvida, demandando saber o que ouvi.

— Eve — falo.

— A robô pernuda?

— Ela chantageou o prefeito com alguma coisa.

— Eu sabia que eles estavam tramando algo. — Sirela esmurra a palma da mão.
— E se Hiago mandou um de seus construtos de elite, a treta deve ser séria.
— Vem — puxo Sirela pelo braço —, vamos segui-la.

Voltamos para a frente da prefeitura a tempo de ver Eve virando a esquina. Corro, seguido por Sirela, e assim que alcançamos a próxima rua, diminuímos o passo para evitar que a construto nos perceba.

Com o sobretudo e o capuz, Eve esconde o metal de seu corpo, evitando chamar atenção. Ela desce uma escadaria na direção do porto e sobe em um píer. De cima, observo-a montar em um estranho veículo para apenas uma pessoa. Parece um dos tais mobins que chegaram a Acigam depois da abertura das fronteiras, mas esse é aquático.

Após dar a partida no veículo, Eve dispara para o horizonte em alta velocidade, trepidando enquanto o mobin dá pequenos saltos em contato com a água do lago. A capa do sobretudo segue a robô, esvoaçando, até que eu a perco de vista na direção das ilhas.

— Ainda acha que não precisamos de um barco? — Sirela pergunta.
— É, mas conheço alguém que pode nos ajudar. A próxima fase da nossa viagem será um cruzeiro pelas ilhas de Biratânia.

— Não, meu amigo, de forma alguma — o pescador replica, com os olhos estremecidos.

— Mas você disse que poderia ser meu guia. Eu gostaria muito de conhecer as ilhas.

— Acontece que é lá onde a serpente atacou os barcos. Não posso te ajudar com isso.

— Eu posso pagar — insisto retirando algumas moedas do bolso.

— Nenhum dinheiro me fará ir com vocês até lá.

— E por quanto você aluga o seu barco? — Sirela se intromete.

A encaro com raiva. Eu não sei pilotar um barco, nem ela. Como chegaremos às ilhas? Mas a pergunta faz o pescador hesitar.

— Você não está usando *ele* — a menina continua —, talvez se pagássemos por um ou dois meses do que você ganharia com a pesca, isso o manteria tranquilo até que resolvam o problema do monstro.

— É verdade — ele diz pensativo.

— E então, quanto quer por dois dias de aluguel?

O pescador olha para a garota, coça a barba e manda:

— Trezentos mabres.

— Ficou louco? — ela grita. — Aquele é o seu barco, não é? — pergunta apontando para a embarcação na água. — Aquilo não vale trezentos nem para comprar.

De fato, o barco está muito mais para um bote com motor.

— Ok — ele responde intimidado. — Pode ser cem?

— Oitenta e não se fala mais nisso.

— Tudo bem — O pescador dá um sorriso tímido.

Sirela me encara e indica o pescador com a cabeça... Claro, ela negocia e eu pago.

Abro a bolsinha de moedas e retiro o que tenho, só que não são mabres, ainda estou com as moedas de Acigam.

— Essas valem menos — o pescador reclama, porém acaba aceitando um pouco mais do que o negociado para ficar com elas.

— Até que aceitam bem as moedas de Acigam por aqui — comento com Sirela após entrarmos no barco de madeira. — Achei que teria problemas em trocar o dinheiro.

— O pessoal daqui está aceitando qualquer coisa — ela comenta —, mas se quiser ir para o norte, vai precisar dos mabres.

O mabre chegou há pouco tempo na economia de Acigam e ainda não está tão comum no mercado, por isso não ando com eles.

Enquanto arrumo as coisas no banco da frente do pequeno barco, Sirela mexe no motor, que liga e nos faz dar um tranco para frente.

— Não parece difícil — ela fala, olhando para os lados, meio envergonhada.

— Soltem a corda — o pescador grita, de cima do cais.

O barco está tentando ir para frente, porém permanece preso a uma estaca no píer. Me debruço na popa para desatar a corda, e, assim que consigo, a embarcação desembesta na água, fazendo Sirela cair sentada. No cais, o pescador leva as mãos à cabeça e fala algo, mas já estamos longe para ouvir.

— Eu disse que era fácil — Sirela manuseia o motor para fazer o barco dar a volta na primeira ilha.

— Cuidado com isso, ok? Se quebrar vamos ficar presos aqui.

No caminho, notei que o motor funciona com algumas gemas energizadas, presas nas laterais, uma tecnologia aparentemente simples. Fora de Acigam, essas pedras estão por todos os lugares, fornecendo eletricidade às coisas.

Após terminarmos o contorno de uma pequena península, chegamos à baía na ilha. Para nossa surpresa, vemos um enorme veículo parado na areia, um tanque-

barco. Possui rodas como as dos tanques de Yana, mas sua carcaça é similar à de uma embarcação.

— Foi assim que os construtos atravessaram o lago — a menina fala. — Ainda não tinha visto um desses.

— Isso mostra que eles têm uma infinidade gigantesca de veículos e armas — digo e então avisto algumas rochas à nossa esquerda. — Pare ali. Vamos continuar por terra.

Após amarrarmos o bote, descemos pelas pedras e alcançamos a praia a uns quinhentos metros do veículo de Yana. Não há sinal dos construtos ou de guardas por perto. Nem mesmo Eve. Seja lá o que estiverem fazendo, devem estar no interior da ilha.

Com a mochila nas costas, guio Sirela até as árvores logo em frente de onde aportamos. A melhor forma de chegarmos sem sermos vistos será pelo meio do mato.

O bosque não é muito fechado, portanto não podemos chegar muito perto. Vamos em diagonal, tentando achar sinais dos construtos. Sirela aponta para o lado, onde algumas peças de metal estão jogadas sobre a grama. Nos aproximamos com cuidado até vermos mais pedaços de máquinas e algumas ferramentas amontoadas.

— Estavam construindo algo — concluo ao analisar o material de perto.

— Por aqui — Sirela guia, novamente usando o olfato aguçado por sua metamorfose em animais.

São mais alguns minutos de caminhada até chegarmos a um muro antigo de pedra, tomado por musgo e vegetação. Sirela encontra uma abertura pela parede, que nos leva direto a ruínas de construções milenares, todas carcomidas pelo tempo. Restam as estruturas mais firmes, como arcos, pilastras e alguns blocos de rocha esverdeados por ervas daninhas e grama, que acharam espaço para crescer por entre as rachaduras nas pedras.

— É da civilização de Biratânia — a garota toca uma das pedras. — Deve ser uma das poucas construções na superfície.

— O que foi essa civilização?

— Um dos seis povos antigos que dominava cada um dos Polos. Eles eram os donos do Polo Água, mas acabaram extintos na guerra com os humanos, há milhares de anos.

— Interessante.

— Isso aqui é apenas uma amostra do tamanho do império que tinham. Eles dominavam quase todo o mar do sul e a costa do Continente Leste. A maior parte das construções permanece submersa, tomada pela vida marinha. Alguns historiadores afirmam que foram eles que cavaram os caminhos subterrâneos,

ligando os lagos daqui ao mar. Era uma forma de se locomoverem depressa até o continente durante a guerra.

— E por um desses túneis a serpente teria vindo — concluo.

— Provavelmente. Esse tipo de criatura não existe em lagos, deve ter ficado presa aqui. Se for verdade, claro.

— E nesse caso, Yana teria oferecido ajuda em troca de explorarem a região. Mas por que o prefeito estaria preocupado com a população?

— Porque eles querem chegar ao Polo — Sirela para diante de um buraco próximo às ruínas.

A abertura é grande, uns dez metros de diâmetro. Daqui, não consigo ver o fundo.

— Uma entrada para os túneis? — pergunto, olhando para baixo.

— Uma tentativa.

É isso. Os construtos estão escavando, buscando uma entrada para o Polo.

— Vem — a garota chama e segue para o bosque, no interior da ilha.

Andamos por mais alguns metros entre as árvores até que Sirela fica em alerta.

— O que foi?

Ela pede silêncio com o dedo e aponta para o ouvido. Então escuto, bem ao longe, o som baixo e constante de uma máquina funcionando intensamente.

Sirela continua espreitando pela grama até chegar perto da saída do bosque, já do outro lado da ilha. Coloco meu corpo atrás de uma das árvores e olho na direção do lago, onde estão diversos construtos, alguns protegendo o perímetro enquanto marcham, outros parados com suas armas a postos. São diferentes tipos deles, até alguns que eu não havia visto em Acigam. E o barulho vem de uma gigantesca estrutura de metal, repleta de roldanas e engrenagens. Sua base é formada por rodas largas nas bordas, cheias de cavilhas e um imenso espiral de aço, que gira violentamente, adentrando a terra. Uma perfuratriz, sustentada por quatro pernas arqueadas de ferro, que lembram as patas de uma aranha.

— Estão perfurando vários lugares para achar a entrada do Polo — Sirela conclui.

— Mas aqui ainda é longe de onde o Polo estaria, de acordo com os mapas.

— Sim, ele fica no fundo do mar, porém não acho que os construtos consigam nadar. Provavelmente querem achar uma caverna, algum túnel seco.

— Esse interesse de Yana pelo Polo é muito suspeito.

— Talvez não. Yana luta há anos com Romeda pelo controle do Polo Fogo. Hiago tem muito interesse na energia que os Polos podem fornecer. Ele deve estar procurando alguma fonte capaz de abastecer suas armas.

— O que, no mínimo, resultaria em algo extremamente perigoso.

— Além de afetar o equilíbrio do mundo.

— Mas ele é uma Estrela. Deveria fazer justamente o contrário.

Sirela ri.

— E as crianças que são ingênuas, não é?

Sirela está certa. Hiago não está nem aí para o Equilíbrio. Como líder de Yana e maior acionista das indústrias de armas da cidade, seu interesse está em estender a guerra, aumentando sua influência sobre o mundo, além de fazê-lo ainda mais rico. É por isso que o prefeito de Mieror está preocupado. Se algo acontecer ao Polo, sua cidade será o primeiro lugar a ser afetado.

Mas ainda não entendo por que Nagisa ajudaria Yana. Será que também está sendo enganada? Ou possui interesses diretos nessa guerra?

— Precisamos destruir esse troço — falo, determinado.

— Não podemos enfrentar todos os construtos.

Faço uma contagem rápida e somo dez robôs protegendo a perfuratriz. Alguns são menores, portando armas rápidas. Outros são grandes e corpulentos, dotados de pesados canhões de energia. Apesar dos tamanhos e formatos distintos, todos seguem o padrão de cores do exército de Yana, com placas de metal que alternam entre a cor índigo e o prateado. Também possuem o brasão da cidade estampado no peitoral. Nas costas, cada um deles têm dois cilindros ligados por fios aos seus corpos. Dentro deles, é possível ver um líquido claro e fluorescente, ardendo com o combustível vindo de gemas de energia. Parecem a origem do poder que os mantém ativados, como baterias.

Com toda a energia que essas coisas usam para funcionar, não me admira que Hiago esteja buscando fontes maiores, como os Polos. Tenho medo do tipo de arma que ele pode construir. Já não basta aquele satélite monstruoso?

— É melhor voltarmos, buscar ajuda — falo.

Mas algo chama a atenção do construto mais próximo de nós. Ele vira o rosto na nossa direção e seus olhos se acendem como um farol, nos ofuscando.

— Acho que é tarde demais pra pedir ajuda — Sirela comenta, preocupada.

Todos os robôs se viram para nós e suas baterias passam a brilhar em um anil fumegante, conduzindo energia para suas armas.

— Perímetro invadido — a voz mecânica é expelida por um deles.

— Autorização para capturar e interrogar invasores concedida — outro fala.

— Como vamos vencer tantos construtos? — pergunto e transformo meus braços em líquido.

Porém Sirela já não está mais ao meu lado. Ao me virar, vejo-a correndo para longe, adentrando o bosque de volta às ruínas.

— Aff... — praguejo, já sob disparos.

Abaixo-me para evitar a explosão de um tiro que pulveriza uma das árvores. Se continuarem atirando assim, não vão ter ninguém para interrogar.

— Autorização para exterminar invasores concedida. — A voz metálica corrige a ordem anterior.

Engulo em seco e, debaixo de uma saraivada de raios, corro.

Capítulo 16

Enquanto alguns dos construtos disparam de longe, outros correm atrás de mim e derrubam as árvores no caminho com garras eletrocutadas que surgem de seus punhos. Para piorar, o ruído alto vindo do céu indica um construto voador, e não demora até que ele também descarregue sua metralhadora, acertando o solo ao meu lado.

Já nas ruínas, corro por entre as pedras para despistá-los e uso os arcos de rocha para me esconder do inimigo aéreo. Assim que acho espaço, me jogo sob uma das construções.

Permaneço escondido, olhando por entre as pedras, enquanto o construto voador passa em um rasante e para um pouco mais a frente, sem me ver. Propulsores lançam chamas para baixo, fazendo-o flutuar a poucos metros do chão.

Os outros o alcançam e começam a vasculhar o local. Dois deles são bem robustos e conseguem levantar algumas pedras e troncos, na tentativa de me achar. Outros três, com canhões de energia no lugar de um dos braços, iniciam uma patrulha e sitiam as ruínas. O último, menor e mais ágil, se movimenta pelo mato e sobe nas pedras.

Dois inimigos passam bem na minha frente e eu prendo a respiração, evitando emitir até o menor dos ruídos. Um deles para por alguns segundos, ficando visível entre a fresta nas rochas. Ele chega ainda mais perto e eu me preparo para lutar, porém logo ele sai da minha visão.

Solto um suspiro de alívio, que não dura por muito tempo. Meu esconderijo é inteiramente erguido por um robô enorme, que joga todo o arco de rocha para trás, deixando-me cercado por construtos armados.

— Disparar — um deles ordena.

Coloco os braços na frente do rosto e os transformo em gelo, tentando me proteger da melhor forma possível.

E o som dos disparos é abafado pelo forte rugido que ecoa no bosque, servindo de entrada para a gorila albina de miçangas que salta de uma das árvores e derruba dois construtos com golpes certos. Os outros viram sua atenção para o animal e, antes que um deles pudesse atirar, tem sua cabeça decepada por uma mordida violenta.

Aproveito a distração que Sirela gerou e ataco os demais inimigos. Lanço um deles no meio do mato após jorrar líquido pelas mãos. Depois transformo o tórax em água para evitar os projéteis enviados pelo construto voador e revido com um jato preciso que o desestabiliza e o faz cair sobre as pedras, com as turbinas molhadas e pifando.

Mais tiros vêm do bosque, de onde outros três inimigos surgem em marcha. Em desvantagem, acabo me jogando atrás de uma árvore caída. Se continuar aqui, serei facilmente atingido. A única opção é utilizar uma das técnicas mais difíceis que tenho treinado: a tromba d'água.

Os tiros passam próximos, danificando o tronco que me serve de abrigo. Tento concentrar-me na técnica e armazeno energia para uma mutação poderosa. Dizem que a maior virtude do elemento água é a adaptação, a paciência em saber esperar a hora oportuna.

No meu caso, que sou um modelador metamorfo, a forma depende da vontade, do controle da mente sobre o próprio corpo. Nós podemos arquitetar o mundo com nossos pensamentos, controlando as energias nele contidos. É assim que Sirela faz. Uma garota tão pequena e frágil, capaz de se transformar em animais combinando diferentes energias e elementos. Não posso atingir transformações tão complexas quanto as dela, mas minha ligação com a Água é poderosa, o que me permite transmutar no próprio elemento. Assim como ela, eu também me adapto.

Um último tiro destrói o tronco na minha frente, lançando terra e grama para cima. Fico exposto, mas agora estou pronto para lutar de igual para igual.

Encaro-os com seriedade enquanto meu corpo se eleva em uma torrente de água. Minhas pernas se liquefazem e giram com velocidade, formando a grande tromba d'água que se desloca agilmente, desviando dos tiros inimigos. Com as mãos transformadas, disparo dezenas de miniestacas de gelo, que saem pelas pontas dos meus dedos e derrubam um dos construtos atiradores. Em seguida, me lanço sobre outro, levando-o com a enxurrada provocada pelo meu golpe.

Volto a atenção para Sirela e a vejo lutar com o robô maior que havia levantado as pedras. Ele tenta acertá-la com as garras eletrocutadas, mas, apesar de grande, a gorila também é rápida. Após evitar três ataques seguidos, o animal sobe nas costas do robô e começa a morder os tubos e os cabos que fornecem energia. Sirela arranca os dois cilindros transparentes, repletos de um material azulado e, após mais dentadas e murros, a gorila destrói as costas do construto, desativando-o.

A gorila então berra de dor ao ser atingida no braço por tiros de outros construtos, porém isso só a deixa mais furiosa. Ela espanca o próprio peito e avança para cima dos construtos que restam.

Enquanto Sirela derruba mais dois inimigos, eu termino com os outros, acertando suas baterias traseiras com poderosas lanças de gelo. Resta apenas o voador, que

recuperou o controle sobre as turbinas e está pairando acima de nós, contudo, ao invés de atacar, ele observa a situação e os destroços de seus colegas e voa para longe.

Cansado após o uso da técnica de água, retorno minhas pernas ao normal e tento correr atrás dele, mas não há como alcançá-lo. Em poucos segundos, perco-o de vista entre as copas das árvores.

— Deixa — Sirela fala, já em sua forma humana e vai na direção da praia novamente. Eu a sigo.

A garota chega aos pés da gigantesca perfuratriz que ainda trabalha jogando terra para os lados e, enquanto ajusta a camiseta mal colocada após ter se vestido, diz:

— Temos que parar essa coisa.

Caminho ao redor da máquina e visualizo mais tubos azulados brilhando. Alguns cristais fornecem eletricidade para o funcionamento da broca e os cilindros servem como bateria, armazenando a energia.

— Afaste-se — ordeno.

A garota dá alguns passos para trás e eu concentro energia na minha mão, transformando-a em água. Lanço uma grande estaca de gelo, que despedaça os cilindros, liberando toda a força armazenada. A explosão me faz cair sentado e logo as pernas metálicas da perfuratriz cedem, levando a máquina ao chão. O buraco que cavava acaba soterrado pela terra e pelos destroços.

— Hiago não vai ficar nem um pouco feliz com isso.

Sirela está certa, mas agora não tem mais volta. Se Yana quer algo com o Polo, eu preciso descobrir o motivo.

Por mais que vasculhemos a ilha, não há outro sinal dos construtos. Parece que o trabalho nessa área se restringia à escavação daqueles buracos. Decidimos voltar ao barco e seguir para outra ilha do lago. São quatro no total, três pequenas, como a que paramos primeiro, e uma bem maior, onde estamos agora.

— Me espanta como uma cidade conseguiu tecnologia para criar algo tão assustador como essas máquinas — comento enquanto andamos.

Diferente da outra, esta ilha possui uma vegetação mais densa. Seguimos os rastros na mata, indicando por onde os construtos provavelmente passaram.

— Não é apenas tecnologia — Sirela fala, demonstrando que realmente sabe muito sobre Yana. — Os construtos são modelados com metal e energia, mas o principal avanço que Hiago conseguiu foi dar inteligência mágica a eles. Não precisam de alguém os controlando todo o tempo, bastam ordens simples para que funcionem.

— Um exército desse pode dominar o mundo todo. Como chegaram a esse ponto?

— Yana tem a tecnologia bélica mais avançada de todas as cidades. Fica próxima às ruínas do Império Drassiano e serviu de posto avançado para os humanos na Guerra dos Polos, esse histórico fez dos armamentos a principal fonte de sua economia por séculos.

Yana vende armas para o mundo todo, isso não é novidade. Mabra e Tênus negociavam com eles, até Acigam fazia isso antes de abrir as fronteiras. Pelo que sei, Hiago D’Waniv era o dono da maior indústria armamentistas de Yana e acabou chegando ao poder devido a sua influência econômica e política na cidade. Sem contar que ele é uma Estrela, o que facilita as coisas. O próprio Willian Khun havia escrito sobre isso nos documentos que achamos no observatório. A energia abundante em seus corpos os deixa mais habilidosas e inteligentes, até sua sorte pode ser maior do que a de pessoas comuns.

O fato de Hiago comandar o setor bélico dá a ele interesses pessoais no crescimento de conflitos armados pelo mundo. Não apenas pelo dinheiro que ele ganha, mas também pelo poder que sua cidade passa a exercer sobre as demais. Sempre existe alguém se beneficiando com uma guerra e essa pessoa nunca suja as próprias mãos.

Depois de alguns minutos de caminhada pela mata, encontramos mais ruínas da antiga civilização de Biratânia. Estas estão mais bem conservadas, dando uma noção maior da imponência que esse povo antigo tinha. São dezenas de paredes e colunas esculpidas e decoradas em pedras coloridas, como os corais, porém tudo foi tomado pelo musgo.

Em um dos prédios destruídos pelo tempo, uma rampa sobe em espiral ao redor da construção, tentando chegar onde um dia deve ter havido um segundo andar.

— Pelo visto, não gostavam de escadas — digo, notando que em nenhum lugar existem degraus, apenas rampas.

— Eles não tinham pernas — Sirela esclarece —, apenas nadadeiras e uma longa cauda de serpente depois da cintura. Não andavam, rastejavam como cobras. Isso em terra firme, obviamente.

— Inacreditável — exclamo.

— Tá tão impressionado assim?

— Não — replico —, a história é boa, mas estou falando disso. — Aponto para um gigantesco buraco atrás de um dos prédios destruídos.

— Mais escavações.

— Mas essas não parecem ser dos construtos — falo.

Uma rampa desce acompanhando a beirada da cratera até sumir no escuro do abismo.

— Acha que leva ao Polo? — ela pergunta.

— Não sei.

— Aonde vai? — questiona ao me ver descendo.

— Procurar por mais pistas.

Demora até meus olhos se acostumarem com a pouca luminosidade. Quanto mais descemos, mais úmido e gelado fica o ambiente. A rampa segue por dezenas de metros a fundo, terminando em um piso rochoso, repleto de poças d'água. Um túnel estreito e comprido continua pela lateral da cratera, revelando uma caverna maior do outro lado. Devemos estar sob o fundo do lago.

Ao passo que seguimos pelo lugar, percebo meu corpo estranho, como se ele reagisse à presença de alguma energia poderosa. Por mais que ainda estejamos longe do Polo Água, de alguma forma essas cavernas exalam a força do elemento. Ao tocar uma das paredes úmidas, sinto como se a energia se entrelaçasse aos meus dedos, chega a me dar arrepios.

Sirela retira uma espécie de lanterna da mochila e ilumina o caminho pelo resto do túnel, até chegarmos em um complexo de cavernas e construções magníficas. Entre as paredes de pedra entalhadas com símbolos desconhecidos está uma estátua enorme que, apesar de lhe faltar a cabeça, um dos braços e parte da cauda, me dá a perfeita noção de como era o povo dessa raça antiga. Pela figura, trata-se de um guerreiro. O braço é comprido e magro, cheio de nadadeiras, empunha uma lança de ponta dupla em “U”, um bidente. As escamas de seu corpo são retratadas com perfeição na rocha maciça. O tórax lembra o de um humano, porém não existem representação de mamilos ou mesmo seios, não me permitindo identificar se é uma representação feminina ou masculina. Na base da estátua, está desenhada uma gota estilizada, separada em duas partes.

Toco a pedra por alguns segundos e novamente tenho a energia da Água inundando meu corpo. Essa civilização tinha uma ligação muito forte com o elemento. Tudo aqui me faz tremer de excitação.

— Vem ver — Sirela chama.

Encontro-a diante de outra rampa que termina na água abaixo de nós.

— Deve dar no lago, ou até mesmo em mar aberto — me refiro ao túnel submerso.

— Só tem um jeito de descobrir — ela se aproxima e tira as sandálias.

— Vai entrar?

— *Vamos* entrar — a garota corrige e puxa uma máscara estranha da mochila. — Vista isso.

Ela me entrega a peça transparente. Demoro um pouco a entender como vesti-la, mas acabo conseguindo.

— Esse item absorve o oxigênio da água. Poderá respirar sem problemas.

A máscara é fina e leve, cobrindo todo o rosto. Existem duas pedras brancas iluminadas na altura do maxilar, uma de cada lado, elas estão ligadas a filetes luminosos que seguem até o lugar da boca e do nariz. É um item controlador, um dos raros provavelmente. Mesmo podendo me transformar em água, eu não consigo respirar dentro dela, até porque meu rosto se mantém intacto durante minhas transformações. Ainda bem que a garota pensou em trazer isso.

Sirela veste outra igual e entra até a cintura na água. Antes de mergulhar, se vira e fala:

— Não poderemos nos comunicar direito lá embaixo, então fique atento aos sinais.

Mostro um O.K. com a mão e a sigo. Deixamos a mochila na caverna e adentramos a passagem inundada. Enquanto afundamos, as pedras da máscara brilham mais, servindo de iluminação na água turva.

O túnel é longo e vai se alargando ao passo que chegamos mais fundo. Quando termina, damos de cara com algo que me faz soltar muitas bolhas de exclamação pelo pequeno tubo na lateral da máscara.

Sirela para diante de um enorme portão coberto por algas que sela a saída. Atrás dele, vemos dezenas de prédios e casas, uma cidade submersa e escondida nas profundezas dessa caverna. Não demora até vermos peixes e outras vidas aquáticas passearem pelas ruínas. Eles são os moradores daqui agora.

Olho para a garota espantado e ela também não consegue esconder sua excitação. É uma visão magnífica, que jamais imaginei encontrar aqui embaixo.

Forço a grade e consigo abri-la. Vamos contornando as construções, admirados. Alguns prédios parecem ter cinco, talvez dez andares, todos esculpidos e moldados com pedras e corais. Aqui não existem rampas ou escadas, pois nadando se chega a qualquer lugar.

Tomo um susto com um grande cardume que sai de trás de um muro e passa diante de mim. Os peixes juntos formam linhas grossas entre mim e Sirela. Tento tocá-los, mas ao me aproximar, o cardume se abre, como se fosse um único ser vivo, evitando-me. Não resisto e começo a brincar com os peixes, vendo as formas que eles fazem ao nadar em sincronia. Eu e Sirela nos divertimos por alguns minutos até que outra coisa me chama atenção.

Mais ao fundo, próximo a uma espécie de praça central submersa, avisto ossos. Deixo os peixes de lado e mergulho para analisar as diversas ossadas semienterradas pelo calcário do fundo do lago. Peças de armadura e armas resistem a decomposição de centenas de anos cobertas por algas e corais. Sirela vem ao meu lado e aponta até um dos ossos que, pelo formato, parece uma cauda. São do antigo povo de Biratânia. Na verdade, eram guerreiros dessa civilização. Isso tudo não era uma cidade, mas, sim, um posto de guerra no continente.

Sirela faz sinal para seguirmos e eu deixo os ossos para trás. Mais adiante, após passarmos por outro portão, entramos novamente em um túnel que nos leva a uma saída por rochas submersas até um lugar bastante aberto, talvez o fundo do lago.

A sensação de ter muito mais água acima da cabeça faz meus ouvidos doerem. Indico que preciso subir e Sirela responde com um gesto para irmos devagar. Parece que estamos em uma região muito funda, pois a subida é demorada. Aos poucos, a sensação ruim da pressão vai sendo aliviada.

Apesar do local ser mais aberto que a caverna anterior, a visibilidade continua limitada, o que me faz questionar se realmente estamos no lago. Consigo enxergar apenas alguns metros a minha frente, mesmo com o auxílio da máscara. Continuo olhando para Sirela enquanto subimos, até que a expressão calma da garota muda e ela aponta assustada para trás de mim. Viro-me depressa, mas não enxergo nada, apenas a imensidão turva da água. Volto minha atenção para a menina, que está apreensiva, olhando para os lados enquanto continua subindo. É então que um vulto imenso passa próximo a ela, fazendo-a dar uma cambalhota na água. O movimento repentino desativa as pedras da máscara de Sirela e a luz que ela emite se apaga por alguns instantes. Preocupado por ela não estar respirando, nado até mais perto, ainda na tentativa de identificar o que foi que aconteceu. Aproximo-me de Sirela e, assim que a seguro, ajudo-a a reativar as gemas, que emitem uma forte rajada de luz, iluminando vários metros à frente da menina. De repente, o semblante de Sirela traz ainda mais medo. Quando me volto para onde ela olha, minha reação é a mesma.

Cheia de barbatanas e bigodes pontudos, com narinas do tamanho da minha cabeça e uma bocarra repleta de dentes afiados que mal lhe cabem dentro, o bicho diante de nós é medonho, de fazer inveja a qualquer história de piratas. Seus olhos avermelhados nos encaram enquanto o corpo de mais de quinze metros ondula, mantendo-o flutuando perto de onde estamos. Sem hesitar mais um segundo, a serpente abre a boca e avança sobre nós.

Não gostaria de descobrir dessa forma, mas os pescadores tinham razão em evitar o lago.

Capítulo 17

Empurro Sirela, projetando meu corpo para o lado oposto, e a serpente passa entre nós com violência. A pressão na água me joga para longe e demoro alguns segundos até reorientar minha posição.

Nado para cima, evitando outro ataque do monstro aquático, que parece furioso. Após errar a investida sobre mim, ele dá meia volta e fixa os olhos vermelhos na garota. Com uma das mãos, faço um movimento circular e aproveito o meu controle para impulsionar o líquido na direção da criatura. Meus dedos se misturam à água em volta de mim e uma forte correnteza desestabiliza o nado da serpente, fazendo-a bater nas pedras ao fundo.

Alcanço Sirela e a puxo para a superfície. Assim que meu rosto encontra ar, retiro a máscara e me dou conta de que ainda estamos nas cavernas, em um pequeno lago subterrâneo escuro. Uso a luz do equipamento e avisto terra firme a nossa esquerda.

— Você viu o tamanho daquilo? — Sirela questiona, estarrecida.

— Vai! — ignoro sua pergunta e aponto para a saída da água.

Começamos a nadar, mas não temos tempo de ir muito longe. Entre nós e o solo surge o monstro marinho novamente, projetando seu longo pescoço para quase dois metros fora da água, e não parece nem um pouco contente com o golpe que recebeu. Os dentes protuberantes são ainda mais assustadores ao ar livre.

Levanto lentamente um dos braços, tentando não fazer gestos bruscos, no entanto ela me percebe e enrijece as barbatanas espinhosas de sua cara. Sua bocarra se abre e um grito agudo nos ensurdece. As membranas do rosto do monstro vibram enquanto urra diante de nós.

Como não temos por onde passar, a única opção é enfrentá-la.

Meus pés projetam um forte jato de água, me elevando na altura da serpente. Do alto, lanço estacas de gelo que a acertam em cheio no pescoço, abrindo cortes. O bicho se debate e mergulha, em seguida me golpeia com sua cauda escamosa. A força do ataque me joga longe e meu corpo quica na superfície do lago como uma pedra atirada com efeito. Eu afundo atordoado, com dores fortes nas costas e na cabeça.

Volto a vestir a máscara para enxergar e respirar debaixo d'água. Tento nadar para a superfície, contudo uma fisgada no ombro limita meus movimentos. Vem um

frio na espinha ao notar a criatura se aproximando novamente. Não vou conseguir pará-la agora. Em desespero, uso o braço que não dói para transformar a água diante de mim em uma parede de gelo. Assim que se forma, ela me puxa para cima. Grudado ao bloco, consigo evitar o novo ataque, porém, assim que alcanço a superfície, a serpente destrói o gelo e me arremessa na água outra vez. Em uma nova pose de ameaça, ela se eleva diante de mim e prepara um bote final.

Fecho os olhos e, em vez de senti-la me dilacerar, ouço novamente seu grito. Retomo a visão e assisto à serpente sacudir sua cauda, abocanhada por uma morsa gorda e forte. A cor pálida da pelagem e as miçangas presas nos pelos da cabeça deixam claro de quem se trata.

O mamífero mantém as presas longas fincadas no corpo escamoso do monstro. E mesmo com toda a sacudida do rabo, Sirela não o larga. Aproveito a deixa para tentar um golpe final. Junto as duas mãos e uso a água do lago para dar mais volume ao meu ataque. Meus dedos se fundem em uma única estaca de gelo, que logo toma minhas mãos e meus braços. Arremesso-a com a força de um jato, impulsionando uma quantidade considerável de líquido na direção da serpente. A lança acerta a cabeça do monstro, perfurando-a.

Para minha surpresa, em vez de sangue, vejo faíscas e pequenas explosões. Com a cabeça em chamas, a serpente cambaleia e cai sobre a água, jogando dezenas de litros para cima. Em seguida, afunda, deixando seu corpo pesado levá-la de volta às profundezas.

Alcanço as pedras do lado de fora da lagoa e me jogo de costas, exausto. Sirela chega logo depois e se deita ao meu lado, em sua forma humana.

— Um construto? — pergunto.

A garota se senta e move a língua dentro da boca, como se tivesse algo preso aos dentes, então cospe um fiapo metálico.

— Pelo visto, sim — responde estendendo o pedaço de fio na palma da mão. — Devem ter usado o robô para procurar por caminhos submersos. Essa caverna certamente tem outras ligações com o lago acima de nós. É assim que a serpente vai até a superfície para assustar os pescadores.

— Hiago foi tão longe assim? Forjar um monstro?

— Ele também forjou o atentado em Acigam, lembra? Colocar um de seus construtos no lago de Mieror não parece tão difícil.

— E então negociou com o prefeito — concluo.

— Sim. Mas quando o prefeito descobrir que o monstro era uma das máquinas de Hiago, ele vai acabar com todas as negociações. Irão expulsar os construtos daqui.

— Não é tão simples assim — pondero. — Mieror não tem exército para enfrentar Yana. O mostro foi apenas uma desculpa para não levantar alardes sobre a presença dos construtos. Com ou sem ele, Hiago irá se impor. Precisamos achar Eve e impedir que ela chegue ao Polo.

— Se a serpente estava aqui, é porque estamos perto — Sirela fala. — A maioria dos construtos não consegue imergir, por isso estão cavando. Esse robô deve ter passado coordenadas mais precisas.

O que a menina diz faz sentido. Sem demora, levanto-me e olho para a continuação da caverna. Estamos no caminho certo, algo me diz que o Polo está naquela direção.

Enquanto andamos, a sensação de arrepio volta a tomar meu corpo devido a energia em excesso. A umidade deixa os túneis escorregadios, temos que seguir com cuidado, a passos lentos, uma vez que a iluminação também não ajuda. Nossas máscaras já estão carecendo de energia, o que deixa a intensidade da luz mais fraca.

As paredes molhadas refletem a pouca luminosidade, deixando a caverna com uma aparência gosmenta. Alguns morcegos e caramujos se camuflam nas rochas laterais e no teto, proporcionando agonia ao nosso passeio. Para piorar, qualquer palavra que pronunciamos, mesmo em voz baixa, é copiada meia dúzia de vezes pelo eco gutural.

A jornada se estende por algumas horas, mas nem o cansaço consegue ser maior do que nossa curiosidade. Eu preciso saber o que Hiago tanto quer com esse lugar. Além disso, a perspectiva de conhecer um dos Polos me deixa extasiado, ainda mais este, que contém a energia do elemento mais poderoso para mim.

— Sirela? — sussurro.

“Ela... ela... ela...” a caverna responde com um assovio amedrontador.

Estendo o braço e a faço parar atrás de mim.

— Estou ouvindo também — ela diz, sendo copiada pelo eco.

Além de nossas falas retumbadas, um chiado ecoa distante, como o barulho de chuva, ou melhor, de uma cascata.

Aceleramos o passo na direção do som até chegarmos diante de uma fina linha de água escorrendo pelo teto da gruta. Mas o barulho não vem apenas dela. Sirela corre até o final do túnel e, mais adiante, ele se abre novamente em uma caverna ampla. Meus olhos se encantam com a infinidade de líquido brotando das paredes e do teto em um show da natureza. São dezenas de cachoeiras altíssimas, despejando suas águas violentamente em outra lagoa subterrânea.

— Wow! — Sirela suspira.

Estalactites enfeitam o teto no alto, ficando entre os buracos por onde a água desce. Alguns morcegos se incomodam ao terem luz jogada em suas direções e saem em revoada pelos túneis por onde entramos.

— É o fim do caminho? — ela questiona ao ver que não há saída nessa gruta.

— Não pode ser, ainda tem muita energia vinda depois das cascatas. Deve haver outro túnel por baixo.

— Vou ver — Sirela salta para a pequena lagoa e, no caminho entre o chão e a água, seu corpo se transforma na morsa gorda, deixando as roupas boiarem.

Enquanto ela procura, ando pela caverna admirando as cataratas. Encontro, na parede lateral, um caminho estreito pelas rochas que parece levar até a cascata maior, mas com o grande volume de água que cai sobre ele, será impossível passar sem nos machucarmos.

— Nada submerso — a garota fala, já em sua forma humana, do lado de fora da lagoa.

— Acho que está ali — aponto para a abertura. — As cachoeiras estão escondendo o restante do túnel.

— Dá para passar?

Balanço a cabeça em negativa.

Ando até onde posso pela passagem lateral. Ao final dela, perto da primeira queda de água, uma estaca de pedra na base da parede me chama a atenção.

— Parece frouxa — falo e então a puxo, como uma alavanca.

O movimento gera um rangido e depois um “crack”. Em poucos segundos, o volume de líquido que desce pelas aberturas no teto diminui, as cascatas se afinam e revelam o novo túnel atrás delas.

— Sabia!

Sirela se apressa para me alcançar. Com cuidado, passamos pela abertura estreita e alcançamos a continuação da caverna. Assim que saímos da gruta das cachoeiras, o volume de água se intensifica novamente, bloqueando nossa volta.

— Ok, temos que continuar — falo.

Após poucos passos, meu corpo é tomado por um frio repentino. As roupas molhadas parecem congelar. Inconscientemente, abraço meu tronco e caminho mais devagar, tentando me manter aquecido. Sirela sente o mesmo e seus lábios ficam roxos.

— Como pode ter ficado tão frio assim? — Vapor quente sai de meus lábios. — Devemos estar abaixo de zero.

— São as distorções do Polo — ela responde tremendo. — Estamos perto.

A frase de Sirela me deixa animado, e me ajuda a ignorar o frio. Após o túnel, chegamos a um rio subterrâneo que corta nosso caminho, porém está completamente congelado. A névoa fria paira rasteira, ocultando parte do chão.

— Vem! — Pego a mão de Sirela e inicio a travessia por cima do gelo.

Porém, assim que piso no rio, o frio desaparece. Meus pés descalços sofrem com a temperatura do gelo, mas não por estar gelado... ele está fervendo. A própria

névoa está quente, lembrando mais o vapor de saunas. O calor toma o ambiente e passo a suar como um porco.

Atravessamos o rio, o que deixou meus pés ligeiramente queimados. Esbaforido pela temperatura, peço uns minutos a Sirela e me sento.

— Não vai melhorar — ela alerta, ofegante. — Temos que continuar.

Aceno com a cabeça e me levanto em um esforço tremendo.

Depois de alguns minutos, a sensação desagradável começa a melhorar. A nova surpresa vem ao passarmos perto de outra cachoeira, mas nesta, a água sobe ao invés de descer e, no alto, o líquido desaparece virando vapor. O teto está repleto de neblina entre as estacas de pedra.

— Isso é impossível! — exclamo.

— Os Polos distorcem os planos, Fajon. O elemento da Água é responsável pela umidade. Por isso as variações de temperatura. Além disso, não podemos confiar nas mesmas regras físicas que conhecemos lá fora. Aqui as coisas não seguem nenhum padrão lógico.

Realmente os Polos são muito poderosos. Só de estarmos próximos a um deles, todas as leis que regem nosso mundo oscilam. Tenho muito medo do que Hiago pode fazer com essa energia.

— Olha isso — Sirela chama.

A garota está diante de mais uma bizarrice. É um novo túnel, mas está tampado por uma parede, mas não de pedra, ou gelo, ela é feita de água.

— Se quisermos continuar, teremos que ir nadando — ela fala.

Enfio a mão dentro da estranha parede e ela se molha. É como se a água estivesse contida por um campo de força, impedindo-a de sair do túnel.

— Pegue — ela entrega sua máscara para mim — Irei em forma animal, assim conseguirei prender a respiração por bastante tempo — ela fala. — Estarei pronta para lutar caso algo aconteça.

Concordo, visto uma das máscaras e prendo a outra no cinto. A energia delas está acabando, então, se a minha parar de funcionar, posso usar a da garota. Sirela se transforma, deixando as próprias roupas caírem. Ela então as guarda dentro da boca, chupando-as como se fosse um espaguete. Faço cara de nojo.

A morsa entra no túnel e passa a flutuar diante de mim. Sigo-a e começo a respirar com o auxílio do equipamento. Antes de continuarmos, Sirela coloca a cabeça para fora da água e enche os grandes pulmões de ar. Depois, dispara na frente.

Para conseguir acompanhar sua velocidade, transformo os pés e propulsiono meu corpo com jatos. Logo o túnel desemboca em uma enorme lagoa subterrânea, mas essa é cheia até o teto. Fissuras no alto deixam luminosidade entrar, o que indica que talvez essa parte das cavernas tenha ligação direta com o lago, ou até mesmo

com o mar. Já andamos tanto aqui embaixo que não sei mais se ainda estamos próximos a Mieror.

O lugar revela um ecossistema inteiro, submerso e escondido com corais, algas e peixes. Nadamos atentos, mas apenas animais inofensivos cruzam nosso caminho. Sirela persegue alguns peixes, como se seu instinto animal fosse mais forte do que sua missão. Eu permaneço cauteloso.

Após cinco minutos seguindo pela lagoa, avisto a parede de rochas do outro lado. Nela, uma enorme porta redonda reflete a luz da minha máscara.

Algumas mantas flutuam em círculos próximo a porta submersa. São cinco animais dotados de quatro nadadeiras laterais, como se fossem asas de uma borboleta, porém os bichos são enormes, devem ter três metros de envergadura. Mesmo assim, o tamanho de Sirela as assusta, fazendo-as nadar graciosamente para longe. Aponto para a passagem e a morsa se aproxima.

Entalhada com pedras de cor azul, conchas e pérolas, a porta parece não ter sido afetada pelo tempo, está nova, linda. Ela é decorada com os mesmos símbolos que vi nas ruínas, inclusive tem uma referência ao bidente empunhado pela estátua no início da caverna. O desenho está bem no meio, dividido pelas duas abas de pedra e, entre suas pontas, a representação da gota que jazia na estátua.

Assim que toco um dos lados, minha energia interage com a da porta e os símbolos se acendem em um azul claro ofuscante. A luz espanta o restante dos peixes que ainda insistiam em nos acompanhar.

Então a porta se abre para dentro, liberando uma grande quantidade de bolhas. A pressão nos puxa e somos sugados junto com a água para uma sala que logo se enche até o teto. A porta se fecha em seguida e, aos poucos, a água que entrou começa a baixar e nos deixa no chão sobre poças.

Sirela passa por mim, novamente em sua forma humana e já vestida, e para diante de alguns capacetes estranhos e outras peças de metal colocadas diante de uma rampa que sai da sala e sobe.

— O que é isso? — questiono ao olhar as vestimentas de perto.

Mas a garota não precisa responder. As cores e o brasão impresso nos capacetes são o suficiente.

Não fomos os primeiros a chegar. Os construtos estão aqui.

Capítulo 18

— Como vieram até aqui? — Sirela pergunta.

— Não tenho ideia.

— Esta porta deveria estar lacrada. Hiago tem alguma chave, é a única forma de terem passado.

— Por isso a porta se abriu ao meu toque, já estava destrancada, mas agora isso não faz diferença. Eles estão aqui, precisamos ter cuidado. Venha.

Puxo Sirela pela rampa e seguimos silenciosamente. A próxima sala é repleta de estátuas e desenhos nas paredes, tudo representando o antigo povo que dominava este lugar. Agora posso ver a cabeça e a face de alguns deles. Criaturas bem estranhas, sem cabelos ou qualquer tipo de pelagem. Guelras e barbatanas aparecem no pescoço e por toda a lateral da cabeça que, em uma das estátuas, parece ser levemente achatada nos lados. Os olhos são grandes e bem redondos, como os dos peixes, e ficam distantes um do outro, um em cada lado do rosto.

Figuras de outros animais também estão representadas, como as mantas que vimos lá fora e um polvo bastante diferente, que, se considerada a escala dos desenhos, parece vinte vezes maior do que os humanoides do passado.

— Era o deus deles — Sirela fala ao me ver olhando para o bicho.

De fato, as imagens rústicas mostram os humanoides reverenciando o molusco gigantesco. Na mitologia, essa seria uma das formas que a Deusa Água tomou ao encarnar no nosso mundo.

— Até que você sabe bastante sobre eles, não é?

— Fiz o dever de casa. — Ela dá de ombros e continua para um corredor.

Mais à frente, barulho de passos pesados nos deixam atentos. Faço sinal para Sirela e espreito depois da esquina do corredor. Estamos diante de outra sala, com corredores que vem de diversos lugares. É como se fosse um salão central, talvez ligando as várias entradas do Polo.

— Ali — Sirela chama a atenção para um dos caminhos, de onde se pode ver luz. O ruído também vem de lá.

Sem demora, seguimos a luminosidade até vermos alguns construtos no final do túnel. Seus olhos mecânicos iluminam o caminho como lanternas. O grupo vira em uma bifurcação à esquerda. Nós esperamos.

— Conte seis — Sirela alerta.

— Pode haver mais. Fique atenta.

Continuamos devagar, e quanto mais andamos, mais sinto meu corpo pesar. Um mal-estar repentino me toma por completo, pareço intoxicado. Sirela sente o mesmo e se apoia na parede.

— O que é isso? Mais distorções do plano?

— Não — ela fala, preocupada. — Algo está acontecendo com o Polo. A energia está oscilando e isso nos afeta devido à nossa ligação com o elemento.

— Achei que a proximidade com o Polo nos deixaria mais poderosos.

— Isso se estivesse tudo certo com ele. A energia deveria estar plena, mas o fluxo é inconstante. Não consegue sentir?

Fecho os olhos e tento identificar o que Sirela menciona. A vibração no meu corpo está diferente. Antes, quando percebi a força da Água ao entrarmos nas cavernas, senti-me forte, energizado. Agora a sensação é outra. É como se o Polo estivesse sofrendo e eu sofro junto com ele.

— Os construtos são responsáveis por isso, tenho certeza.

Concordo com Sirela. Precisamos pará-los.

A próxima sala é larga e apresenta uma imensa porta decorada ao final. Esta, porém, tem mais de quatro metros de altura, indo do chão ao teto. Paramos no fim do corredor e observamos. Os robôs de Yana estão perante a passagem, liderados pela mulher de sobretudo escuro e cabos negros na cabeça: Eve.

A porta repete o padrão da decoração de Biratânia, com o bidente no centro. Próximo a cada ponta da arma, um dos símbolos da gota está entalhado na rocha junto a diversos outros sinais diferentes. Nas laterais, os dois batentes têm o formato de serpentes erguidas e, da boca de cada uma delas, jorra uma bela cascata.

Diante da porta, Eve levanta os braços e revela um pequeno baú prateado. Após abri-lo, uma luz azulada ilumina a passagem e a energia emitida de dentro da caixa metálica interage com a porta, fazendo seus símbolos se acenderem. Aos poucos, o bidente se energiza, as gotas desenhadas brilham em um azul forte e a porta se abre.

— É uma chave lá dentro — Sirela comemora —, eu disse!



Do outro lado da passagem aparece uma infinidade de água, novamente travada por algum tipo de campo de força. Cada milímetro está inundado.

Eve direciona a luz do baú até o líquido e ele se abre, formando um caminho que desce em uma rampa de gelo.

— Que coisa maluca — exclamo.

Mas ao invés de entrar, a mulher-construto recepciona alguém que já estava lá. O homem magro e careca sobe pelo caminho aberto e se estica, como se estivesse esperando por um período longo.

— Está feito — ele diz em tom monótono.

Em seguida, estende o braço e mostra um objeto de metal que lembra duas pirâmides, uma com a base virada para a outra. A peça flutua com a ponta inferior quase tocando a palma de sua mão coberta pela manga longa da blusa. Em cada uma das faces do objeto, eu vejo uma gema pulsando com energia azulada.

— Markim — sinto um arrepio ao pronunciar seu nome. É a Estrela do Vácuo.

Eve admira o objeto em silêncio. Markim fecha os olhos negros, respira fundo e então abre um enorme portal diante de si.

— Vou levar isso — fala, preguiçosamente. — Já podem deixar o lago.

Eve acena.

Ao entrar no buraco de energia, a Estrela se volta para Eve, dando uma última ordem:

— Antes, liquidem os invasores. — E desaparece junto com o portal.

Os construtos se mobilizam, sacando armas e Eve se volta para o corredor com surpresa. Não temos tempo para nos esconder.

— O capitão de Acigam e a pupila de Mégarus. — A voz mecânica e abafada ecoa na sala. Ela tampa o baú e o coloca no chão, fazendo a passagem se fechar novamente. Em seguida, passa pelos outros construtos e se posiciona diante de nós: — Vamos terminar o que começamos.

— É — Sirela provoca —, vamos!

A menina corre na direção dos inimigos se transformando no imenso primata. Ela se protege com os braços peludos de alguns disparos, salta e cai sobre os robôs, acertando três deles.

Eve, ágil como da outra vez que a enfrentamos, se dobra para trás e, como uma aranha, sobe pela parede, usando um dos braços como metralhadora para disparar em Sirela. Consigo entrar na frente e proteger a gorila com uma de minhas mãos, modificada em um escudo de gelo. Uso a outra para disparar estacas, que Eve evita com facilidade ao se locomover pelas rochas.

Sou obrigado a desviar minha atenção da robô e revido um golpe de outro construto, que usa garras eletrocutadas. Além do escudo, transformo a outra mão em espada de gelo e inicio a luta corpo-a-corpo.

A cada duas ou três defesas, sou obrigado a refazer o escudo e a espada, destruídos pela força dos ataques do inimigo. Me abaixo de uma investida e consigo espetar o abdômen do robô, arrancando gotas de óleo de suas engrenagens. Meu ataque o desorienta, dando-me espaço para destruir as baterias. A criatura cai em uma chuva de faíscas.

Aproveitando minha distração, Eve surge de cima e desdobra seus braços nas navalhas afiadas. Evito o golpe ao verter meu torso em água e, enquanto a arma da inimiga passa pelo meu corpo liquefeito, eu o transformo em gelo, prendendo-a em meu ombro. Uso a vantagem para acertá-la na cara com um murro gelado. A rigidez do meu golpe amassa a lataria no rosto de Eve, abrindo um rasgo horizontal em sua placa de aço. Ela cai escorada na parede, com o braço danificado pelo gelo do meu ombro.

— Agora você tem boca.

A robô emite um ganido irritado e se levanta. Ela estrala o pescoço para, depois, dividir seus membros. O braço com defeito dá lugar a dois novos, e as pernas também se multiplicam fazendo de Eve uma aranha metálica, cheia de patas mecânicas, todas armadas com lâminas e metralhadoras. O brilho de seus olhos se intensifica e ela salta sobre mim, rodopiando mãos e pés em ataques letais.

Defendo as investidas como posso, mas não consigo contra-atacar. Com os membros extras, Eve mantém sua firmeza no chão, impondo ainda mais força nos golpes. A movimentação dela é assustadora. Seu corpo se vira e revira alternando os membros que a sustentam com os membros que me atacam. Ela está dominando o combate.

Evito cortes e tiros transformando o corpo em água e gelo, mas é impossível manter a eficiência durante o combate todo. Quanto mais uso a energia da água, mais meu corpo se cansa. A proximidade ao Polo está cobrando um preço alto já que a energia dele, desestabilizada do jeito que está, atrapalha meu controle.

Depois de mais quatro ataques evitados, um chute doído me derruba de costas. Rolo para o lado, evitando as navalhas de três pés que tentam me mutilar, e uso as pernas para afastar meu corpo com jatos de água.

Eve pula outra vez, visando cair sobre mim e eu, sem pensar, uno as mãos e projeto um potente esguicho que a joga no teto. A robô grita de dor ao cair molhada no chão.

Levanto-me exausto e observo Eve se armar novamente. Mais membros surgem, transformando-a em uma aberração. A mulher-construto prepara um novo ataque, contudo a gorila cai sobre ela, desferindo murros e mordidas. Eve se debate e emite um gemido mecanizado enquanto tenta se soltar de Sirela. Vejo óleo e sangue espirrarem enquanto o macaco arranca os braços e pernas da robô a dentadas.

Quando termina, Sirela traz a cabeça de Eve na boca e a deixa cair ao lado de uma poça de óleo quente. Em seguida, desaba aparentemente ferida e sangrando.

Corro até a garota que, aos poucos, retoma sua forma normal. Ela lutou demais. Derrubou cinco construtos e ainda deu cabo de Eve. Não consigo acreditar que uma menina dessa idade possa fazer tudo isso. Não sei se tenho orgulho ou pena. Era para ela estar brincando em casa, com os pais e irmãos.

Checo os batimentos e descubro aliviado que Sirela está viva, mas parece bem fraca. Cubro-a com suas roupas e me sento ao seu lado.

— Vai ficar tudo bem — digo.

— Não para ela — responde.

Sirela ameaça se levantar, mas eu a impeço.

— Qual é? — ela reclama. — Estou bem.

— Você perdeu sangue, precisamos dar um jeito nesses machucados.

— Que machucados, ficou louco? — ela veste as roupas e mostra um dos braços, manchados de vermelho. — O sangue é dela.

— Ela não te feriu? — questiono espantado.

— Você *tá* me tirando, *né*? Foi fichinha!

— Não entendo. Como um robô pode sangrar?

— Eve é um dos construtos de elite de Hiago, já te disse isso. Ela não é como os outros — Sirela fala, esbaforida. — Ela era humana. Não foi modelada por energias. Provavelmente era uma controladora do metal e, com a ajuda de Hiago, modificou seu próprio corpo, transformando-se nisso. Não é inteligência mágica. Sua cabeça possui um cérebro — completa ao chutar o crânio robótico —, que agora não serve para nada.

— Parece terrível.

— Depende — Sirela responde enquanto vai até a parede de água. — Essa tecnologia ajudou muitos mutilados a recuperar movimentos. Foi desenvolvida para melhorar a vida das pessoas. Mas tudo pode ser usado para o bem e para o mal.

— Pelo menos não a veremos mais.

— Ela não, só que Hiago tem outros construtos de elite, ainda mais perigosos que Eve.

— Posso imaginar.

— Eve o seguia como guarda-costas, para missões simples — Sirela fala após analisar o lugar de onde Markim saiu. Ela segue até o pequeno baú de prata e o abre. — Os outros comandam os batalhões do exército de Yana.

— Gar é um deles? — questiono ao me lembrar do construto ligado ao satélite.

— Sim, uma das últimas criações de Hiago.

— Seu dever de casa foi realmente bem-feito — falo sorrindo.

— Ai! — Sirela reclama ao tentar retirar um bracelete azulado de dentro da caixa.

— O que foi? Essa é a chave?

— Sim, mas a energia dele está conflitando com a minha. Não consigo tocá-lo.

— Por isso Eve o mantinha na caixa.

No entanto, de alguma forma, a energia da peça conversa comigo. Me aproximo do bracelete formado por diversas pedras preciosas azuis, colocadas perfeitamente uma ao lado da outra. Assim que minha mão chega perto, as pedras brilham inundando-me com sua força. O poder é tanto que o cansaço da luta contra Eve passa. Sinto meu corpo energizado novamente.

— Que estranho — Sirela diz. — Tenta pegá-lo.

Assim que encosto o dedo na joia, algo inusitado acontece. Encontro-me em um lugar diferente. Na verdade, é o mesmo lugar, mas em uma outra época. Seres da civilização antiga de Biratânia passam diante de mim como se estivessem vivos, rastejando com suas caudas de cobra. As membranas de seu rosto se abrem e se fecham quando respiram. Os olhos de peixe são assustadores e ao mesmo tempo curiosos. Eles vão até a porta, se banham na água flutuante que envolve o Polo e saem de lá revigorados. Um deles veste um cocar de conchas e pérolas e empunha o bidente que vi representado tanto na estátua quanto na porta. No cabo da arma está o símbolo de uma gota.

Só pode ser o líder deles, um antigo rei ou imperador do povo de Biratânia. Após sair da água, ele vira o rosto na direção em que estou e me encara por alguns segundos, como se pudesse me ver. Receoso, usa o bidente para fechar a porta, assim como Eve usou o bracelete para abri-la. Com o barulho das abas se batendo, eu volto à presença de Sirela.

— O que houve? — ela pergunta, assustada.

— Uma lembrança, acho. Algo guardado nessa peça. — Pegó-a sem dificuldades e a observo na palma da mão. Na parte interna, o bracelete apresenta o mesmo símbolo da gota que encontrei na estátua, na porta e no cabo do bidente. Essa peça tem alguma ligação com a arma antiga que vi.

— Talvez você deva ficar com isso — Sirela fala —, sua ligação com a água é mais forte do que a minha.

Sem questionar, coloco a joia no pulso e ela, misteriosamente, se agarra ao meu corpo como se sempre tivesse feito parte dele. Sinto uma energia tremenda dentro de mim, como se a peça aprimorasse meu controle sobre a água.

Ando até a passagem e levanto o pulso. As portas se abrem outra vez e um túnel cilíndrico se forma dentro do líquido flutuante. Uma rampa de gelo nos permite passar. Descemos.

Estamos no meio do nada. A água ao nosso redor não tem fim. Para todos os lados que olho, a única coisa à vista é a porta por onde entramos, também flutuando em uma imensidão azul. Toco as laterais do túnel e sinto meus dedos se molharem. Sirela enfia todo o braço para fora e o movimenta lentamente no líquido. Embaixo, a rampa termina em uma gigantesca bolha, como se fosse um aquário redondo, porém guardando ar em um ambiente cercado pela água.

Ao chegarmos no final do túnel, piso em uma ampla câmara redonda, uma redoma de ar. O chão, também de gelo, nos permite ir até o centro do salão, onde uma massa disforme de líquido flutua sobre um altar congelado.

— O Polo! — Sirela fala, encantada.

A energia é inebriante. Ela ressoa com o bracelete, ressoa com o meu corpo. Posso respirá-la de tão densa que é. Porém, a massa de água está gotejando e perdendo vigor, como se derretesse. Cada gota que cai sobre o pedestal reflete em uma pontada no meu peito.

— Ele está morrendo — falo, cheio de tristeza.

— Isso explica a oscilação que sentimos. Markim fez alguma coisa com o Polo. Precisamos de ajuda.

Sirela se afasta enquanto eu continuo compartilhando a dor que a energia emite. É como se o Polo lamentasse e só eu pudesse ouvi-lo.

— Talvez eu consiga dar um pouco da minha energia para ele — penso em voz alta.

Estendo as mãos para tocar a massa de água. Não posso deixá-lo morrer. Ele precisa de mim.

— Não — uma voz rouca e grossa ecoa na câmara, meu corpo se paralisa de medo e de frio. Não consigo mover o braço na direção do altar. — Não faça isso — Mégarus aparece atrás de mim e me puxa para longe do Polo.

— O que faz aqui?

— Eu enviei as coordenadas do Polo para ele — Sirela fala. — Já o tinha deixado de sobreaviso caso precisássemos de ajuda.

Mégarus se aproxima do altar e o encara com seriedade.

— Você estava com Hiago e as outras Estrelas — acuso —, deve saber o que Markim fez.

— Ele roubou a energia do Polo — A Estrela de Gelo diz em um tom lúgubre.

— Como alguém pode roubar tanta energia?!

— O octaedro que vimos na mão dele — Sirela lembra.

— Octa o quê? — Então me lembro do objeto embebido em energia que Markim segurava.

— É uma peça que as Estrelas criaram usando um metal muito poderoso. Ela pode absorver uma quantidade praticamente infinita de energia — Mégarus explica.

— Os Polos são importantes para manter nosso mundo inteiro, não podem morrer. Você é uma Estrela, consegue reverter isso, não consegue?

Mégarus balança a cabeça então fala:

— A energia que restou vai aguentar por um tempo.

— Não podemos ficar parados. Temos que impedir Hiago e as outras Estrelas.

— Deixe essa parte comigo, rapaz.

— Não confio em você!

— Olha o respeito, Fajon — Sirela repreende — Meu mestre sabe o que está fazendo.

— E por que ele não veio antes?

— Porque estava ocupado com outro assunto importante. Não tinha tempo para achar as coordenadas do Polo, por isso enviei Sirela na missão. Além do mais, não posso me arriscar agora. Ainda sou aliado de Hiago. Enfrentá-lo ou qualquer outra das Estrelas derramaria muito sangue. Preciso descobrir o que ele quer com toda essa energia.

— Não é óbvio? Ele vai alimentar alguma de suas armas. Imagine aquele satélite disparando com a energia de um dos Polos. Será capaz de pulverizar o continente todo.

— Essa é uma hipótese, mas ele não seria louco de fazer isso. Hiago quer poder. Se ele destruir o mundo, não haverá o que dominar.

— O que faremos agora, Mestre?

— Você volta comigo. Ele segue para Acigam e mantém os olhos em Nagisa.

— Vai me dar ordens também?

— É uma sugestão. De qualquer modo, tenha cuidado com ela. É perigosa.

Entrefecho os olhos e o encaro. Mas não tenho certeza do que fazer. Vou enfrentar uma Estrela sozinho? Ainda mais Mégarus, que controla o gelo. Ele teria total vantagem contra mim.

— Como vamos sair daqui? — questiono.

— Com a Joia do Mar — ele aponta para o meu pulso.

De fato, o bracelete facilita muito nossa volta. Após deixarmos a câmara do Polo, ele indica o caminho mais rápido pelos túneis e, em poucas horas de caminhada, voltamos a região do Lago de Biratânia, saindo por uma caverna mais ao sul. Nossa bagagem acabou ficando nos túneis enquanto descíamos, junto com dinheiro e mudas de roupas, no entanto agora isso não faz diferença. Mégarus me dá um medalhão de montaria e algumas moedas para a volta. Ele agradece por eu ter cuidado de Sirela e pede que eu guarde muito bem o bracelete, a tal Joia do Mar, assim evitaremos que outros cheguem ao Polo com más intenções.

Me despeço de Sirela com um abraço e sigo pela estrada de volta a Acigam. Agora não há mais o que discutir. Simus sempre esteve certo quanto a Nagisa, ela é a grande vilã, assim como Babo. Não posso deixar a cidade nas mãos deles.

A viagem de retorno é rápida, faço apenas paradas estratégicas para dormir e comer. Em poucos dias, alcanço os muros de Acigam, que agora está totalmente tomada por construtos, o que me assusta. Outros chegaram do exterior e protegem tanto as fronteiras quanto as ruas principais. Vou para o palácio e tomo um banho. Em seguida, procuro por Diego Sartoro. Conto a ele o que descobri e ele me fala sobre os acontecimentos políticos dos últimos dias. Segundo ele, Nagisa conseguiu liberar mais recursos da cidade para a compra de armamentos, não só para proteger Acigam, mas também para montar um exército a fim de expandir os territórios da cidade. Ela convenceu os ministros, alegando que o mundo está em grande perigo e que a cidade precisa ajudar a restaurar a ordem em outras regiões.

Combino com Sartoro que precisamos de provas para convencermos os ministros a ficar contra Nagisa e Babo. Dessa forma, me comprometo a vasculhar os aposentos da rainha, já que tenho acesso a todo o palácio.

Dois dias depois, tenho a oportunidade de subir a torre alta, já que Nagisa e Babo ficarão a noite fora em visita a outra cidade. Passo por dois construtos guardando os elevadores e subo. Ao chegar lá em cima, encontro outros dois fazendo ronda no corredor que dá acesso aos quartos.

— A rainha não está aqui hoje. Vocês serão mais úteis protegendo a entrada do palácio.

— Sim, capitão — um deles fala, sem questionar.

Após descerem, me certifico de que mais ninguém restou no último andar e começo as buscas. Meu primeiro alvo é o quarto de Nagisa, porém nele não encontro nada útil, apenas roupas caras e joias. Vou até o quarto de Babo e repito o processo, sem muito êxito.

Passo a madrugada toda revirando outros cômodos, entre eles o escritório, a pequena biblioteca e a sala de reuniões privativa da rainha. Nada. Não acredito que ela tenha vivido aqui por tantos anos, sempre tramando pelas costas dos ministros, sem deixar nenhuma prova.

Depois de vasculhar tudo, resta apenas uma portinha no final do corredor, o pequeno porão onde os criados costumam guardar as ferramentas de limpeza. Decido abri-lo apenas para sossegar a consciência, já que não deve haver nada além de vassouras e baldes.

Assim que destravo a porta, me surpreendo com uma escadaria escondida que leva ao sótão da torre mais alta. Subo me perguntando por que nunca havia visitado esse lugar antes. Não consigo imaginar Nagisa em um lugar tão sujo e escondido.

No alto, encontro uma sala escura, repleta de estantes e livros. Uma mesa de madeira carcomida jaz no canto, onde repousam alguns mapas e folhas com anotações. Observo a tudo com atenção. Pelo que percebo, a letra nas páginas não é a de Nagisa, mesmo assim se trata de uma caligrafia familiar.

Após terminar de ler as páginas rasgadas, me dou conta de que elas foram escritas por Willian Khun, o cientista do observatório. O texto menciona o nascimento de uma décima terceira Estrela, um ser ainda mais poderoso que precisou ser destruído no passado pelas outras doze. Isso é inacreditável.

Surpreso, dou alguns passos para trás e digo, como em um desabafo:

— Ela sabia de tudo, das Estrelas, do observatório.

E, para me deixar ainda mais abalado, ouço o sinistro som de palmas, lentas e sádicas, vindas de trás de mim.

— Bravo, capitão.

Viro-me com o punho em riste, transformando-o em uma estaca de gelo.

— O que a senhora faz aqui? — indago furioso, apontando a estaca para a rainha.

Ela está sentada em uma cadeira do outro lado da sala, como se tivesse aparecido ali do nada.

— Vai atacar sua rainha? — Ela se levanta usando um tom sereno e pega seu cetro que estava apoiado na cadeira.

— A senhora deve muitas explicações ao povo dessa cidade.

— Eu estou fazendo o melhor para Acigam, você sabe disso — ela fala séria.

— Tudo o que Simus disse era verdade. Como fui burro!

— Vamos esquecer isso, Fajon. Eu gosto de você. Preciso de você ao meu lado.

— Não — balanço a cabeça com veemência. — Como capitão, eu devo zelar pelo bem da cidade. A senhora está levando todos à destruição. Não precisamos dessa aliança com Yana. Eu vi o que os construtos fizeram com o Polo. A senhora não pode concordar com isso.

— Aquilo foi necessário. E ainda temos trabalho a fazer nos outros.

— Não. Se insistir com isso, eu terei que detê-la. Então, tirarei Acigam dessa aliança tenebrosa.

Nagisa balança a cabeça com decepção na face e então me encara:

— Você não me deixa escolha.

Seus olhos se acendem em faíscas claras e o cetro se inunda com energia. A expressão da rainha deixa a tristeza e ganha o sadismo. Sorrindo, ela despeja sobre mim uma forte corrente elétrica que estilhaça o escudo de gelo que coloco no caminho, jogando-me no chão.

— Água e eletricidade não combinam, sabia? — fala em tom materno, porém cheio de ironia.

Levanto-me ferido, mas não me dou por vencido. Minha respiração se acelera assim que o cetro se energiza outra vez. Os raios tomam meu corpo, me queimando por dentro. Fico totalmente paralisado enquanto minha pele parece ser arrancada.

Em uma tentativa desesperada, meu corpo involuntariamente vai mudando de forma, o que piora as coisas e aumenta a condução da energia. Um dos meus braços derrete, caindo pelas frestas no piso de pedra e pelo pequeno ralo no canto da sala.

— É uma pena acabar assim, Fajon. Eu realmente gostava de você. Já é o segundo capitão que eu dispenso, acho que não vou contratar outro.

Após falar, Nagisa intensifica o ataque. Raios elétricos ricocheteiam pela sala toda, enquanto meu corpo segue em uma tremedeira frenética. Caio de joelhos e minhas pernas começam a se desfazer. Sinto meu rosto queimado, deformado. A pele dos lábios já está grudada. Não consigo respirar. Vou morrer.

O único alívio que sinto vem do bracelete que uso: a Joia do Mar. Ele está brilhando e então se funde a minha pele, deixando apenas o símbolo da gota, como uma tatuagem clara em meu pulso. O braço todo formiga e, aos poucos, a dor desaparece. Fecho os olhos e me deixo ser tomado pela força de Nagisa. Não há como resistir. Sinto tudo derreter e meu corpo desaparece.

Tenho a impressão de ser carregado por uma correnteza e não consigo reagir. É como se a água e eu fôssemos uma coisa só. Minha consciência está se esvaindo e, em pouco tempo, não consigo mais identificar nada. Minha visão escurece. Todos os sentidos se desligam.

Acordo jogado sobre o chão de pedra fria e úmida. O musgo gelado dá calafrios ao roçar em meu peito. Levanto-me atordoado e movo cada um dos músculos para ter certeza de que está tudo no lugar. Toco meu rosto e percebo que ele está normal, sem as queimaduras. Mas estou nu. A única peça que restou foi o bracelete, preso ao meu pulso.

Foi isso que me salvou. Eu nunca havia conseguido verter o corpo todo em água, mesmo tendo treinado por anos. De alguma forma, essa peça amplia minha modelação. Apesar da água conduzir eletricidade, no estado líquido, fiquei protegido das queimaduras mais sérias e meu corpo se regenerou ao voltar ao normal.

Nagisa deve pensar que estou morto e isso me dará alguma vantagem.

Caminho pelos esgotos até alcançar uma saída nas ruas escuras de Acigam. Estou no mercado. A primeira coisa que procuro é algo para vestir. Uso a lona de uma das barracas e sigo até a antiga loja de Alb Pinmur, o alfaiate. Preciso de algo que oculte meu rosto até eu sair de Acigam. O comércio ainda não abriu, o que diminui a chance de eu ser visto.

Entro pelos fundos e pego uma calça e um suéter com capuz. Pela janela, vejo os primeiros raios de sol anunciarem o dia. Logo o mercado estará cheio, preciso ir antes disso.

Sigo pela avenida, já entre os primeiros que chegam para trabalhar. O céu limpo e sem nuvens permite ver, distante no horizonte ao norte, algo metálico refletir os raios fracos do sol matutino. Não demora até as pessoas notarem e olharem para o alto. Os cidadãos debatem uns com os outros, em uma mistura de curiosidade e medo. Eles não sabem do que se trata, mas eu sei.

É a perigosa arma de Yana, o satélite que vi destruir uma frota inteira. Ele está aqui. Chegou ao nosso continente.

PARTE IV
POLO LUZ
por Leran Yandel

Capítulo 19

Luana passou as últimas horas com os braços cruzados para se proteger do frio. Emprestei a ela a blusa que trazia na mochila, mas não estávamos preparados para uma mudança tão repentina de temperatura. O clima piorou bastante desde que nos aproximamos das montanhas, ao norte. Segundo Mael, o templo do Polo Luz está na base de uma cordilheira, junto a cavernas de onde são extraídos os poderosos cristais e pedras de energia que fortalecem as armas e armaduras paladinas.

Além de minha preocupação com Luana, claro, não consigo parar de pensar em Judra e Gueth. Junto com Keon, já são três pessoas que se sacrificaram de alguma forma por nós. Isso não está certo, contudo, seguindo a máxima das escolhas, não foi uma decisão minha. Por mais triste que seja, os três sabiam das consequências e mesmo assim fizeram o que fizeram. Torço do fundo do coração para que estejam bem, principalmente Judra. Não aguentaria perdê-la outra vez.

Estamos em nossa última parada antes do Polo. Luana aproveitou para tirar um cochilo, enrolada em quase todos os panos que temos. Mael permanece sentado em uma pedra, comendo uma gororoba enlatada que trouxe na mochila. Entre ele e eu permanece o clima bem desagradável, e não me refiro ao frio. Desde que nos reencontramos, não tivemos oportunidade de conversar e passarmos as diferenças a limpo. Nas poucas vezes que tentei, ele se esquivou.

— Não vai falar comigo nunca mais? — pergunto, encarando-o, porém ele desvia o rosto e volta a buscar a sopa no fundo da lata com a colher.

A armadura de Mael reflete os raios fracos de sol, fazendo-o parecer extremamente superior, como um ser dourado sendo abordado por um mero indigente. Ele me ignora. Eu insisto:

— Como estão os outros?

Mael não tira os olhos da comida. Ele mexe com a colher enquanto responde:

— Quais outros? Os que você não matou? — E só então me olha, frio e calmo, mas com uma expressão extremamente cruel.

— Não faz isso comigo, por favor — imploro. — Só preciso saber se eles estão bem. Minha mãe, Simus, Fajon, Boom...

Mael balança a cabeça em um sinal que não consigo decifrar. Não sei se ele duvida de minha preocupação ou se as notícias não são boas.

— Saí de Acigam há muito tempo, arqueiro. A situação não era muito diferente da que você deixou.

— Por que saiu de lá?

Novamente ele me olha com rancor, mas responde:

— Acigam me tirou tudo. Minha família, meus amigos. Depois que a guerra acabou, percebi que eu não tinha mais motivos para ficar. Eu nem conseguiria permanecer por lá. Tinha que achar um novo objetivo. Deixei a cidade algumas semanas depois que você fugiu e conheci os paladinos enquanto andava sem rumo pelo Reino do Norte. Poderia ter acontecido qualquer coisa comigo, mas eles salvaram a minha alma. Sua doutrina me conquistou, acendeu a Luz quase extinta dentro de mim. Então decidi dedicar minha vida a ajudar os outros, usar meu poder para manter a ordem no mundo.

— Tive contato com muitos paladinos em Sonatri, todos muito justos e dedicados. Acho que você encontrou um grupo a sua altura, amigo.

Minha frase o deixa desconcertado.

— Não me chame assim, Leran — rebate, triste.

— Por quê? Nós éramos amigos, se esqueceu?

— Não, não me esqueci. Como eu poderia? E você conjugou o verbo muito bem. Nós *éramos* amigos. Nossa amizade morreu em Acigam, junto com Galek.

— Será que você não consegue entender? Eu não matei o Galek.

— Você estava lá e não fez nada. Ou pior, você atirou nele. Atirou contra seu amigo, uma das pessoas que mais confiava em você! Depois, você ainda se uniu àquela silenciadora.

— Judra me salvou inúmeras vezes. Se não fosse por ela, não estaríamos aqui. Ela impediu que Luana fosse morta por Nagisa. — Começo a perder a paciência. Mael não pode ser tão teimoso. — Você sabe da verdade agora, caramba! Sabe que Nagisa sempre quis matar Luana porque minha irmã é uma Supernova.

— Eu não tenho problemas com a silenciadora. Não posso odiar alguém que luta por suas convicções, mesmo quando elas são totalmente diferentes das minhas. Quando éramos inimigos, ela deu tudo de si, assim como sei que fará o mesmo agora que estamos do mesmo lado.

— Então por que você está me punindo?

— Porque meu problema está com aqueles que eram aliados e traíram nossas convicções.

Abaixo a cabeça. Em seguida, pego em uma das mãos de Mael. Ele tenta puxá-la, mas eu a seguro firme.

— Olha para mim — falo.

Ele vira o rosto e puxa a mão novamente.

— Olha para mim! — berro com lágrimas nos olhos.

Não consigo conter o choro. Caio de joelhos, como uma criança perdida dos pais. A morte de Galek é algo que permeia minha mente e me assombra.

Mael me encara com raiva.

— Você acha que não me sinto culpado?! Acha que consigo dormir tranquilo todas as noites?! — As frases são cortadas por soluços e pela falta de ar. Minha voz afina, mas não paro de falar, preciso pôr para fora. — O que aconteceu com ele foi um acidente. Eu estava desesperado! Luana tinha sido raptada. Judra era a única pessoa que podia me ajudar. Acha que foi fácil para mim?!

Mael fica em silêncio.

— Responde! — grito novamente, apertando a mão dele.

— Nós nos arriscamos por você, arqueiro. Galek se arriscou. Você o traiu.

— Estávamos em uma guerra! — falo e solto sua mão, em seguida dou um tapa na lata de comida que ele segura, jogando tudo no chão. Minha reação o assusta, contudo ele logo recobra a firmeza. — Eu precisava da ajuda dela. Galek ia matá-la, não tive escolha! Você sabe que eu jamais machucaria vocês. Você sabe de tudo que passamos, tudo o que aconteceu, Mael!

Mais uma vez eu recebo silêncio em resposta. Mael apenas me olha com certo receio.

— Precisei tomar muitas decisões difíceis para chegar até aqui — digo e me sento no chão molhado. — Infelizmente eu não acertei em todas elas.

Abraço os joelhos e continuo chorando. Não sei mais como me justificar. Eu errei. Se eu pudesse, voltaria atrás, tentaria algo diferente, mas não posso. Eu não posso!

Depois de alguns minutos com a solidão da minha culpa, sinto a mão firme do paladino afagar as minhas costas.

— Durante muito tempo em quis ver você sofrer pelo que tinha feito conosco — ele fala.

Eu levanto a cabeça e o encaro outra vez.

— Mas aqui, agora, eu estou me sentindo mal, porque no fundo sei que você jamais faria algo de ruim para a Guilda de propósito.

— Jamais.

— Te devo desculpas. Acho que eu precisava culpar alguém por tudo, e acabei despejando essa ira em você.

— Você não tem que se desculpar. A culpa é minha. Sempre foi.

— Tudo o que aconteceu não foi fácil para nenhum de nós. Todos fomos vítimas — ele diz com lágrimas nos olhos. Faz uma pausa, sorri e continua: — Apesar de ter recusado a missão quando vi vocês, eu fiquei feliz por saber que estavam bem.

Meu sorriso é involuntário em meio aos soluços.

— Irei ajudar você e sua irmã como fiz em Acigam. Não apenas porque me deram essa tarefa, mas porque vocês são e sempre serão meus amigos.

A frase de Mael me traz uma sensação de paz tão grande que eu volto a chorar, agora de alívio.

— Fico feliz por fazermos um time novamente — falo após uma fungada.

— O melhor time, arqueiro. — Ele estende a mão, e eu o cumprimento.

Enquanto nossas mãos se apertam, um brilho forte surge nas placas douradas dos braços de Mael. Ele me solta e observa assustado às peças mudarem de forma. As manoplas ganham símbolos enquanto suas laterais recebem uma coloração mais viva.

— Acho que você já cumpriu parte de sua missão — falo contente.

Mael abaixa a cabeça, encabulado.

— Me livrei do rancor, do ressentimento. Era disso que Ioseth falava. Agradeço por ele ter me mandado com vocês.

Coloco a mão em um dos ombros do ilusionista e ele acena com a cabeça. Feliz, a única coisa que posso fazer é agradecer:

— Obrigado.

— Ali — Mael aponta.

No horizonte, as montanhas já são grandes, largas e brancas. Quanto mais nos aproximamos, mais frio fica, e não demora até a neve fazer parte da decoração. Luana se encanta com os flocos caindo. Eu também. Não era comum nevar em Acigam. Se bem me lembro, acho que presenciei apenas uma vez, em um inverno muito rigoroso. Mesmo assim, nada que eu tenha visto se compara com a quantidade de neve na minha frente.

— Também fiquei assim quando vim aqui pela primeira vez — o paladino fala com um sorriso nos lábios. Ele nos guia após a estrada terminar em um monte de neve.

— Falta muito para chegarmos? — minha irmã pergunta, com os lábios roxos.

— Não. Temos sorte de não estar nevando forte agora.

— Fica mais perto de mim — falo ao envolvê-la em meus braços —, assim a gente aquece um ao outro.

Nosso caminho termina diante de um portão prateado, protegido por alguns paladinos de armadura e roupas de pele. Ao verem Mael, eles abrem passagem e entramos em uma espécie de vila, repleta de pequenas e belas construções envoltas em neve. Toda a arquitetura lembra o posto avançado paladino, com pilastras e pórticos. As estruturas têm um tom claro, quase misturado ao branco da neve.

No final da vila, encostado nas montanhas, chegamos a um gigantesco templo. Em sua entrada, escorada por seis pilares grossos de pedra clara e polida, estão dois paladinos robustos. Mael passa por eles e diz que somos enviados de Ioseth. Sem hesitar, os guardas nos escoltam para dentro.

Entramos por um corredor principal, enfeitado com cristais e estátuas de guerreiros paladinos, depois somos colocados em uma sala lateral, bem aconchegante. O ambiente interno é muito agradável, com lareiras e esferas de energia posicionadas no alto, fornecendo calor. Luana coloca as mãos próximas ao fogo e respira aliviada. Tapetes grossos cobrem o piso de mármore e poltronas felpudas deixam tudo ainda mais quentinho. É em uma delas que me jogo, sendo abraçado pelo tecido.

— O templo é liderado pelos gêmeos paladinos Abian e Damian, dois mestres poderosos no controle da luz. Dizem que eles podem vislumbrar o passado e o futuro de uma pessoa só de olhar para ela.

— O futuro? — Luana pergunta, surpresa.

— Sim, mas quase nunca expõem o que enxergam.

— Se podem ver o futuro, eles devem saber como vencer Nagisa!

— Não é assim que funciona, Leran. Se eles tiverem algo a dizer que vá de fato ajudar, pode ter certeza de que o farão.

Depois de alguns minutos, uma paladina adentra a sala.

— Deviam ter vindo melhor preparados — ela fala após nos ver passando frio, encolhidos próximos à lareira. Além de eu estar aconchegado na poltrona felpuda, tomei a liberdade de me cobrir com parte do tapete.

— Não tivemos tempo — Mael explica. — Partimos às pressas devido a um ataque inesperado.

— Entendo. Vim avisar que os Mestres do Polo estão prontos para recebê-los. Sigam-me, por favor.

Depois de sairmos da sala, a mulher nos guia por alguns corredores até uma capela, mais ao fundo do templo. Sua porta de madeira é enorme, toda decorada com metais dourados. A paladina abre a passagem e faz sinal para entrarmos, então ela volta pelo mesmo corredor.

Mael adentra a capela e faz uma longa reverência a dois homens magros, sentados no chão sobre um carpete branco. Estão em posição de lótus, em aparente meditação.

— É bom tê-lo de volta, Manto do Sol — cumprimenta um deles sem nem abrir os olhos.

— É sempre bom revê-los, mestres.

Eles vestem uma túnica justa, repletas de símbolos dourados. As roupas são iguais, assim como a tiara em suas cabeças, toda decorada com cristais pontudos,

que refletem a luz das velas colocadas no altar atrás deles. O rosto dos dois também é parecido. São jovens, porém transmitem muita sabedoria. A diferença está nos cabelos. O primeiro tem cabelos compridos e encaracolados que caem abaixo dos ombros, onde estão presos por um nó. O segundo usa um corte batido, bem curto.

— Vocês devem ser Leran e Luana — o outro comenta. Ele abre os olhos e sinto uma energia imensa inundar a capela. Leve como uma pluma, o mestre paladino levita, saindo de sua posição sentada até parar em pé. O outro faz o mesmo e ambos caminham até nós. Eles são muito altos. Devem chegar perto dos dois metros de altura.

— O arqueiro encantador e a Estrela que querem matar — eles falam em sincronia, como se um completasse a frase do outro.

— Isso — respondo, inseguro.

— Sou Abian — o homem de cabelos compridos se apresenta baixando levemente a cabeça, que é sustentada por um longo e fino pescoço. Depois, diz o nome do irmão, que repete o cumprimento.

— É um prazer conhecê-los — Luana fala e toma a frente, estendendo uma das mãos.

Damian hesita, mas Abian a cumprimenta, envolvendo a mão de minha irmã em seus longos dedos. Nos segundos em que a toca, o mestre paladino fecha os olhos e oferece um aperto firme. Luana estranha e puxa a mão, aliviando a dor ao sacudi-la.

Os gêmeos se entreolham e Damian balança a cabeça em um breve sinal negativo.

— O que houve? — pergunto preocupado.

A simpatia e a hospitalidade dos mestres desaparecem. Com um olhar severo, Damian se vira para nós e fala sem cerimônias:

— Vocês não são bem-vindos ao Polo.

— Como?

— Acredito que meu irmão tenha sido bastante claro, Leran — Abian confirma, oferecendo um olhar duro.

Eles se aproximam de nós, nos intimidando com seu tamanho e energia.

— Só há uma coisa que essa Estrela trará a esse lugar.

E Abian completa a frase do irmão, como se proferisse o que enxergara ao tocar Luana nas mãos:

— Destruição.

Capítulo 20

A reação dos gêmeos nos pega de surpresa. Como assim não somos bem-vindos? Eu sei que Luana pode acabar com tudo, mas é por isso que viemos até aqui. Percorremos quilômetros para que ela possa controlar seu poder.

— Ioseth disse que nos ajudariam — Minha irmã fala, indignada.

— O Senhor dos Cristais não é soberano aqui, Estrela.

Luana me encara, desorientada.

— Mestres — Mael se intromete. — Sei que os senhores sabem muito, possuem uma visão de mundo maior do que a nossa. Essa é, de fato, a palavra final? Não podem reconsiderar?

— É a palavra final — eles respondem uníssonos.

— Mas... — início e Mael me faz sinal para não discutir.

— Perfeito. — Ele aceita. — Peço que nos deixem permanecer aqui até amanhã, pelo menos. Não temos onde passar a noite.

— Terá nossa ajuda com isso, Manto do Sol. Mas devem partir em breve.

— Obrigado, mestres.

Mael faz uma nova reverência e deixa a sala, nos puxando. Os dois paladinos voltam ao carpete, retomando a calma de antes. Eles se sentam, dobram as longas pernas e voltam à meditação.

— Vai desistir assim? — pergunto irritado a Mael enquanto voltamos pelos corredores.

— Não podemos discutir com eles. Se estão dizendo que não podemos ficar, é porque não podemos.

— Viemos aqui para isso, Mael — Luana fala, também inquieta.

— Eles tiveram uma visão. Podem ter vislumbrado um de seus ataques ou talvez algo relacionado à energia do Polo.

É, da última vez que Luana entrou em contato com uma energia poderosa, no Polo Terra, ela não se sentiu bem. Talvez a energia da Luz piore as coisas ao invés de melhorar. De qualquer forma, não consigo aceitar esse fato. Realmente viemos até aqui à toa?

— Se estão dizendo para irmos, essa é a melhor opção para todos — o ilusionista completa.

Decido ficar calado.

A paladina que nos recebeu volta e nos leva até os quartos.

— Sinto muito — ela diz ao se despedir.

Luana parece triste. Sem falar mais nenhuma palavra, ela entra para tomar banho. Mael opta por descansar após toda a viagem. Diz que podemos conversar com mais calma na manhã seguinte. Eu, ainda indignado, entro no meu quarto e me deito na cama confortável, onde me reviro por algumas horas. Não consigo fazer nada se não pensar no que os gêmeos teriam visto para nos expulsarem daqui. Será que Luana não tem salvação? O Caos é tão poderoso assim, a ponto de ignorar tudo o que estamos tentando fazer e nos levar a um destino inevitável? Eu tenho que saber o que eles viram.

Determinado, saio do quarto durante a madrugada e volto aos corredores do templo, evitando cruzar com paladinos. Passo escondido por um saguão e retorno à porta da capela. Encontro-a fechada, mas a abro sem me preocupar. Dentro, os dois mestres continuam sentados no mesmo lugar, como se não tivessem saído dali desde que falamos, horas atrás.

— Vocês têm que nos ajudar — imploro.

Eles permanecem imóveis.

— Se viram o futuro dela, devem saber uma forma de parar o que está para acontecer.

Novamente recebo silêncio

— Será que não entendem? A energia de Luana não vai destruir apenas o Polo, ela vai engolir tudo. Sabem que ela é uma Supernova, não sabem?

Continuo encarando os dois, que permanecem serenos, sem oferecer sequer um gesto em troca. Com mais raiva diante da indiferença, eu vou até o carpete branco e berro:

— Estão me escutando?!

Em resposta, Abian abre um dos olhos e fita minha bota sujando o claríssimo tecido do lugar onde eles se sentam. Ele fecha os olhos novamente e volta a me ignorar.

Bufo de ódio e dou as costas.

— Realmente foi perda de tempo vir até aqui. Vocês não passam de dois egoístas. Todos vamos morrer e a culpa será de vocês.

— Nossa não — um deles fala, antes que eu saia da capela.

Viro-me, mas os dois continuam sentados de olhos fechados.

— O único culpado é você mesmo, Leran.

— O quê? — Fecho os punhos e ameaço avançar sobre eles. — Como ousam dizer isso?

— Sua mente é inquieta, rapaz.

- Não poderá ajudar sua irmã assim — o outro complementa.
- Você é o responsável pelo atraso dela.
- Você insiste em mantê-la prisioneira de suas vontades.
- Não é verdade — falo mordendo os lábios. — Eu devo protegê-la.
- Está errado — Abian retruca e é seguido por Damian:
- Mais uma vez, errado.
- Seu papel como guardião se encerrou.
- O farol está com ela.
- A Estrela está pronta para dar um passo adiante.

Eles intercalam as frases, me bombardeando com acusações.

- Então por que não a ajudam? — pergunto.
 - Porque é você que não está pronto.
 - Você não está ajudando sua irmã.
 - É mentira! — rebato.
 - Até agora você usou suas habilidades para contê-la, não para fazê-la evoluir.
 - Como?!
 - Você nunca vai entender, infelizmente.
 - Essa conversa acabou, Leran — Damian fala e Abian complementa:
 - Você pode ir.
 - Eu não vou a lugar algum enquanto não me disserem o que viram.
- Eles não respondem.

— Ela vai morrer de qualquer forma, não vai? — Com lágrimas de ódio escorrendo dos olhos, corro até os mestres do Polo Luz e me ajoelho, baixando a cabeça. — Por favor, eu imploro, ajudem Luana. Eu faço o que quiserem.

Arrasto-me até Abian e o puxo pela túnica.

— Se eu sou culpado, então me ensinem a mudar, me ensinem a fazê-la mais forte.

— Sente-se — Damian indica o carpete com a mão após um longo suspiro.

Atordoado, eu recobro a respiração e obedeço. Acomodo-me diante dos dois, que permanecem de olhos fechados. Sentado em frente a eles sinto-me ainda mais inferior. Permaneço ali por quase um minuto, olhando para os lados, extremamente desconfortável.

— Feche os olhos — Abian ordena.

Eu acato.

A energia na sala é forte. Os corpos dos mestres exalam poder, irradiando uma luz branda que consigo visualizar mentalmente.

- Desculpa por invadir esse lugar — falo mais calmo, com certa vergonha.
- Sabíamos que viria — Abian minimiza.
- Respire fundo. Tente visualizar um lugar tranquilo — Damian continua.

A voz deles entra em meus ouvidos como uma música, fazendo minha respiração desacelerar ainda mais.

— A preocupação exagerada nos deixa vulneráveis, Leran.

Encho os pulmões de ar e busco vários locais em minha memória: Mabra, Tênus, Nuanto, o deserto, todos repletos de lembranças ruins. Volto para Acigam, antes da guerra civil e me deparo com o mirante, onde meu pai e eu passávamos horas observando os limites da cidade. Então retiro os muros, retiro a cidade e deixo apenas as montanhas, o banco de pedra e um vasto campo diante de mim, infinito e belo.

— Nossa mente deve estar serena para que possa tomar decisões mais assertivas.

A calma inunda o meu corpo. Não apenas pelo pensamento tranquilo, mas também pela energia dos gêmeos, que me abraça ternamente.

— Você é um encantador. Podemos ver que já precisou superar sentimentos diversos para se aprimorar nessa técnica.

Não respondo. Tento me concentrar no lugar calmo.

— Mas sua cabeça permanece aflita.

— Ajudaremos a purificá-la.

Estou no mirante, sentado no mesmo banco onde eu e Judra nos beijamos pela primeira vez. Ela surge em minha lembrança, e logo sua imagem se espalha com o vento, deixando-me sozinho novamente. Os paladinos estão mantendo as preocupações distantes.

— Imagine a Luz de Phelgor tomar seu corpo. Deixe-a limpar tudo o que te incomoda.

Enquanto vejo as árvores no campo balançarem com o vento, fantasio um suave feixe de luz descer do céu e me envolver. Por ele, sobem minhas preocupações. Acigam, Judra, Luana, tudo parece sumir. Imagens desconexas se materializam sobre minha cabeça e desaparecem dentro do raio luminoso.

Permaneço no estado de meditação por mais tempo, não consigo saber o quanto. São minutos, talvez horas, de tranquilidade, como se minha mente se esvaziasse por completo. Volto apenas quando um dos gêmeos me chama:

— Leran?

— Leran. Pode abrir os olhos, lentamente.

Aos poucos, me despeço do mirante e volto à capela. Coço os olhos e solto um enorme bocejo.

— Desculpe.

Damian apenas sinaliza com a mão, mostrando que não tem problema.

— Agora que está mais calmo, podemos falar sobre o que você busca.

— Obrigado. Acho que eu estava precisando disso.

Realmente me sinto melhor.

Abian sorri pela primeira vez desde que o vi e Damian fala:

— Sabemos que está preocupado com sua irmã, porém o futuro dela é incerto para nós. A destruição que vimos não é referente a energia dentro dela, mas, sim, de outros que virão buscá-la.

— Quem? Acha que as outras Estrelas teriam coragem de atacar o Polo? — pergunto.

— Talvez. Tempos sombrios estão vindo.

— Uma guerra sangrenta.

— Não temos mais poder para manter o mundo seguro.

— A Ordem entrou em seu declínio.

— A vinda de Luana deve acelerar isso.

— Não entendo — interrompo. — A Ordem dos Paladinos é uma das maiores forças do mundo. Vocês têm poder suficiente para proteger esse lugar e para proteger Luana.

— Não podemos protegê-la do que está por vir.

— O que está por vir? Vocês podem ver o futuro. Se não querem falar tudo, pelo menos digam alguma coisa que nos ajude. Não nos faça sair daqui de mãos vazias.

— A energia das Estrelas é muito poderosa, Leran.

— Ela escurece nossa visão.

— No caso de sua irmã é ainda mais sério.

— É imprudente tomar decisões assim. Sabemos apenas que ela não deve ficar.

Abaixo a cabeça com certa decepção, mas entendo.

— Existe algo sobre mim que vocês poderiam falar? Talvez isso já ajude.

Abian e Damian se entreolham por um microssegundo, como se combinassem o que dizer, ou como me dizer.

— Suas provações ainda não acabaram — um deles começa.

Isso parece meio óbvio, principalmente considerando que Nagisa ainda quer minha irmã morta, porém os gêmeos me surpreendem.

— Essas provações não serão apenas relacionadas a sua irmã e às Estrelas.

— Do que estão falando? — indago, confuso.

— Você tem muito o que reconstruir do seu passado.

— E alguns erros cobrarão seu preço cedo ou tarde.

Aceno com a cabeça. Tudo faz sentido. Terei que voltar para Acigam para tentar reconquistar a confiança de todos, assim como aconteceu com Mael. E por mais que muitas das coisas pelas quais fomos acusados não sejam verdade, ainda pesa sobre minhas costas a morte de Galek.

— Você também precisará ser forte para encarar novas perdas.

A última frase me deixa ainda mais preocupado.

— Outros irão morrer?

— Uma perda não está relacionada apenas à morte, Leran.

— Sim, eu sei — falo, desiludido.

De repente, toda a calma que a meditação me trouxe desaparece. Quais outras pessoas eu poderia perder além de minha irmã? Minha mãe? Meus amigos? Por mais que eu pense em nomes, apenas um se sobressai na minha mente: Judra. Agora que ela voltou para mim, seria injusto demais perdê-la outra vez. Assim que sairmos daqui eu tenho que achá-la. Ela pode estar correndo perigo. E se Blessi a capturou?

— Não posso perder mais ninguém. Não vou deixar isso acontecer — digo com firmeza.

— Sua determinação é grande, Leran. Só é preciso ter paciência — Abian fala.

— Olhar para o futuro traz mais perguntas do que respostas, não é mesmo? — Damian completa. — Era isso o que buscava?

Nego com a cabeça. Realmente estou ainda mais perdido agora.

— Esse é o problema de vivermos em função de coisas que ainda não aconteceram — ele continua.

— E o que eu devo fazer então?

— Nosso conselho é muito simples, Leran.

— Aproveite o presente. Ele não tem esse nome à toa.

Capítulo 21

— Fiquei feliz que você e o Mael se acertaram. Algumas coisas começam a dar certo pelo menos — Luana comenta enquanto caminhamos pela neve durante a manhã.

— Eu também, e muito aliviado — digo ao ajustar a parte de cima do casaco, cobrindo melhor meu pescoço.

Os paladinos nos arrumaram roupas quentes: gorros, luvas, botas e casacos de pele.

— Esse lugar é lindo, não é? — comento.

— Muito. Não achei que a neve pudesse ser tão bela.

A Cidadela de Phelgor é simples se comparada a Nuanto, mas suas construções, envoltas pelo branco, dão um tom muito especial para esse lugar. O sol fraco da manhã colabora, refletindo seus raios nas abóbadas das casas. As montanhas, de alguma forma, me lembram a cordilheira de Acigam, que abraça a cidade. O mesmo acontece aqui.

Apesar do frio, a vila dos paladinos é aconchegante. Nosso passeio continua pelas ruelas cobertas de neve, até chegarmos em um pequeno bosque de árvores finas e altas, cujas folhas que ainda estão presas repousam cobertas de neve.

— Ainda estaremos todos juntos de novo — Luana fala, admirando a paisagem.

— De quem você está falando?

— De nós, da mamãe, de nossos amigos de Acigam. E do Gueth, do Keon. E até da Judra. Todos juntos.

Sorrio pensando na possibilidade. É bom ver Luana otimista, o otimismo é o primeiro passo para vencermos a energia dentro dela, mas o que os gêmeos me disseram na noite anterior volta a me deixar aflito.

— Você está bem? — Ela nota minha expressão.

— Sim.

— Não parece. — E me encara com os olhos entrefechados.

— Estou com medo, Lua — desabafo.

— Você, com medo?

Aceno a cabeça com seriedade. Ela sabe que não estou brincando.

— Ei... — Luana fala e me abraça. — É por minha causa? Sinceramente acho que devemos ir mesmo. Vamos dar um jeito. Sempre damos um jeito juntos.

— Fico muito feliz de vê-la assim, segura. Sei que vamos sair dessa.

Ela sorri, porém logo meu ânimo desaparece novamente.

— Não é só por minha causa, *né?*

Balanço a cabeça.

— Judra... — Luana mata a charada evidente. — Ela está bem, você sabe.

— Não tenho tanta certeza.

— Ela não morreu depois de levar um tiro no peito e cair de quase quinze andares. O que você acha que pode matar aquela cretina?

Apesar do xingamento, não consigo deixar de abrir um sorriso. Luana tem razão, Judra é dura na queda. Vaso ruim não quebra.

— Só não se esqueça de que aquela *cretina* salvou nossas vidas, e mais de uma vez.

— Não me esqueço. Eu já aprendi a gostar dela.

Olho para Luana com admiração. Ela está sendo mais forte do que eu. Sem dúvida amadureceu muito após tudo o que aconteceu em Sonatri. Os gêmeos estão certos, ela não é mais minha protegida, é minha parceira, e se trabalharmos juntos, conseguiremos ir muito mais longe.

Depois de nosso passeio, voltamos ao templo e encontramos Mael com as malas prontas em uma das salas com lareira. Pegamos nossas coisas e, antes de sairmos, Abian e Damian aparecem no corredor. Mael se endireita de supetão e reverencia a presença dos dois.

Eles nos encaram e se entreolham em seguida.

— Novamente agradeço a hospitalidade, mestres — Mael se adianta. — Já estamos de saída.

Luana e eu também agradecemos, porém Abian nos surpreende:

— Se forem, perderão o treinamento.

— Treinamento? — Luana pergunta, intrigada.

— Não foi para isso que vieram?

— Sim, mas...

— Estejam prontos — Damian corta Luana —, começaremos ainda hoje.

Os dois dão as costas, deixando Luana, Mael e eu confusos.

— O que os fez mudar de ideia? — Luana pergunta.

Mas eu não sei essa resposta. Talvez tenha sido a conversa de ontem na capela, ou eles vislumbraram um futuro diferente.

Mael sorri para nós. E Luana, após se recuperar da surpresa, também demonstra felicidade. Diante dos novos fatos, só no resta esperar.

Próximo a hora do almoço, encontramos Abian e Damian na sala principal do Templo da Luz. Eles ainda usam as coroas de cristais, mas agora estão vestindo armaduras. As peças de ambos são muito semelhantes: ombreiras alongadas, peitoral reto e cinturão dividido em diversas placas douradas. O metal da armadura dos dois é decorado com os mesmos símbolos, nos mesmos lugares, contornando manoplas, abdômen e grevas. A única diferença está na tonalidade. A armadura de Damian é clara com símbolos mais escuros, enquanto a de Abian tem uma combinação oposta de cores.

Mael chegou antes de nós e está em pé ao lado das poltronas onde os paladinos se sentam.

— Notamos que você está bem equipado com armas e armadura, Leran — Abian comenta.

— Sim, ainda tenho as peças que me fizeram em Acigam. Elas foram consertadas por Joshua, o ferreiro de Ioseth — falo e fico triste ao lembrar-me dele. — Ele me ajudou com as flechas e a nova espada também. — Afasto o casaco para mostrar a arma na bainha presa ao cinto.

— Isso é ótimo — Damian diz —, porém Luana não dispõe de algo parecido.

— Pois é — ela fala.

— Ela tem a espada que ganhou em Nuanto, está ótimo — falo e recebo um olhar duro de minha irmã. — OK. Ela precisa de uma armadura também.

— Era exatamente isso que íamos sugerir. Para passar pelo treinamento, Luana tem que estar mais bem equipada.

— Vocês têm mais ferreiros aqui?

— Os melhores — Mael conclui.

— É, porém não temos tempo para construir algo específico para ela — Damian fala.

— Pensamos em outra coisa — Abian completa.

— O quê? — Minha irmã se atíça.

— Venham. — E os dois se levantam, saindo por um dos corredores.

Nós os seguimos até um galpão repleto de mesas de trabalho, bigornas, fornalhas e placas de metal dourado. Deve ser aqui que os ferreiros paladinos trabalham.

— Esses materiais são usados para fabricarem as armaduras dos paladinos, as peças matrizes que se transformam em partes únicas após receberem a energia de seus usuários.

— Cada peça é encantada diretamente com a energia do Polo Luz. Isso já garante proteção ao paladino que a usa.

— Sabemos disso — falo. — Vimos Mael ganhar a dele.

— Estão sugerindo que eu pegue uma delas? — Luana se adianta.

— Não. Estamos sugerindo que você *conquiste* uma delas.

— Essas peças são raras, dadas aos paladinos depois de muito treinamento — o outro gêmeo continua.

— Se você usar uma sem preparo, sua energia poderá danificar a peça, ou até mesmo te machucar.

— E como farei para usá-las então?

— Com a ajuda dele. — Abian aponta para mim.

— Minha ajuda?

— Soubemos que você é um encantador, correto?

— Sim. Aprendi com meu avô.

— Encantadores bons são raros. Todos que encontramos acabam se tornando artífices aqui no Polo. Seria uma excelente oportunidade para você.

A ideia parece interessante. Será que eu seria capaz de criar itens a partir das energias? Ou mesmo desenvolver armas encantadas, como a espada que Joshua fez para mim? Mas eu não posso ficar aqui. Tenho que ajudar Luana e vencer essas Estrelas, elas não podem sair impunes.

— Desculpe, mas como um encantador poderia ajudar minha irmã a usar a armadura?

— Dosando a energia que ela passará ao metal.

— Se Luana vestir a armadura diretamente, as peças não irão suportar a força, pois a energia dela ainda é muito instável, porém, se o poder da Estrela for dosado e enviado ao material, ele absorverá o necessário para tomar forma e sua irmã poderá usá-lo em seguida, terminando o processo.

— Parece arriscado — diz Luana.

— Da última vez que precisei controlar a energia dela, as coisas não acabaram muito bem. — Lembro-me do posto paladino.

— Vocês precisam tentar. Após criada, a armadura também ajudará Luana a controlar sua energia.

— Além disso, está na hora de vocês aprenderem a trabalhar juntos.

— Mas nós sabemos trabalhar juntos — falo.

— Não sabem — os dois reparam ao mesmo tempo, como se fosse a coisa mais óbvia.

— Você foi um guardião, fez bem seu papel. Mas agora devem ser um time, combinando suas habilidades

— Essa é a primeira lição.

— O que me diz? — pergunto a Luana, encarando-a.

— Sabe que eu confio em você. Agora você também tem que confiar em mim. Diante da frase de Luana, viro-me para os gêmeos e digo:

— Por onde começamos?

— Por aqui — Abian chama.

Com um sinal, o outro gêmeo pede que Mael pegue algumas das peças básicas e as coloque na mesa de trabalho a nossa frente. Ele traz peça por peça, montando a armadura deitada: braços, peitoral, cinturão, pernas e capacete.

Os gêmeos orientam para que Luana se sente diante dos metais dourados e eu me sento do outro lado da mesa. Seguindo as ordens dos paladinos, minha irmã estende as mãos e toca levemente o peitoral da armadura.

— Deixe a energia sair aos poucos.

Ela acata e permite que seus olhos se acendam na cor púrpura. As mãos passam a brilhar em roxo e a armadura dourada escurece no lugar onde Luana a toca. Rastros negros tomam o peitoral dourado, como veias infectadas.

— Dose a energia — Abian ordena.

— O metal está sugando, não consigo largar — ela fala, tentando tirar as mãos.

— Não é para largar — o outro explica —, apenas controle o quanto de energia é emitido.

Mas Luana não consegue. Em segundos, o peitoral fica completamente negro e começa a estalar, surgindo trincas. O mesmo acontece com as outras partes sobre a mesa, que sugam a energia de minha irmã por tabela.

— Sua vez, Leran.

— Eu? O que eu faço?

— Absorva o excesso.

Olho para os lados, em busca de algo para onde eu possa transferir a energia, mas a única coisa que vem em minha cabeça é a espada nova. Retiro-a do cinto e a seguro. Em seguida, acendo meus olhos para drenar a energia de Luana e direcioná-la para a arma.

Claro que, apesar de já ter testado a espada com alguns encantos que conheço, é a primeira vez que tento direcionar a ela tanta energia de uma só vez. Apenas desejo que ela aguento.

Enquanto absorvo o poder de Luana e o jogo na espada, a lâmina e as pedras encrustadas no metal ganham uma coloração arroxeada. Vão escurecendo e começam a brilhar em um tom macabro. Ao mesmo tempo, as peças da armadura sobre a mesa voltam a ganhar vida.

— Continuem — Abian diz, sereno.

Luana cerra os dentes, fazendo uma força tremenda para dosar a quantidade de energia. Como resultado, a armadura começa a ganhar uma forma diferente. O dourado desaparece por completo e as peças diminuem, ganhando os contornos de um corpo feminino. As ombreiras encolhem e se arredondam, ganhando cavilhas pontudas. As luvas se afinam e surgem braceletes na altura dos braços. As botas se

alongam e o cinturão se molda em placas curtas e curvadas, repletas de desenhos claros. Depois, o capacete se contorce até sobrar uma leve tiara.

— O toque final — Damian fala ao colocar duas ametistas, uma no alto da tiara e outra no centro do cinturão. Ao encostarem no metal, as pedras se fundem às peças.

Os olhos de Luana se apagam e ela tira as mãos da armadura, ofegante. Eu também termino o encanto e fico entusiasmado com o resultado. As vestes de metal parecem leves e confortáveis, mas são imponentes.

— Deu certo — comemoro, deixando meus olhos se apagarem e o restante da energia se dissipar.

Mas Luana chama minha atenção e aponta para a espada, que pulsa em um brilho extremamente forte. Ela vai explodir.

Assustado, aponto a arma para longe de todos e libero a energia aprisionada. Um raio de cor púrpura cruza todo o galpão e estraçalha parte da parede e da cobertura do prédio, abrindo espaço para que a neve entre. Então vem um clarão roxo seguido de um grave estrondo e um forte tremor de terra.

Depois que a poeira abaixa, eu consigo ver pelo buraco aberto no teto uma das montanhas no horizonte, onde uma imensa cratera agora faz parte da paisagem.

Capítulo 22

— Acho que formamos uma dupla e tanto — falo ao ver os gêmeos com os olhos arregalados.

Luana sorri, levemente assustada.

— Vejo uma evolução — Abian inicia, ainda espantado com o poder de Luana. Damian continua:

— Descansem até o almoço. Alimentem-se bem e fiquem preparados. Iremos ao Polo mais tarde.

— Já? — Minha irmã pergunta. — Achei que iriam me ensinar mais técnicas da Luz antes.

— Infelizmente nós não temos o que ensinar a você agora. Seu poder já cresceu muito. O treinamento pelo qual precisam passar será dado no próprio Polo.

— Não entendo — falo.

— Luana tem que aumentar seu controle sobre a Luz. Nada melhor do que estar em contato direto com o poder mais puro do elemento.

— E não se preocupe quanto à radiação, Luana — Abian adiciona. — Foi por isso que fizemos a armadura. Ela irá te proteger das sensações ruins que sentiu no Polo Terra.

Minha irmã acena e agradece aos mestres paladinos. Eles então se despedem e seguem para a capela. Luana e Mael vão para o lado oposto, na direção dos quartos. Ela usou bastante energia para forjar a armadura, precisa descansar.

— Você não vem, Le? — minha irmã pergunta.

— Já alcanço vocês.

Em vez de segui-los, vou para o outro lado e alcanço os gêmeos.

— Desculpa a pergunta, mestres, mas o que os fez mudarem de ideia?

Os gêmeos trocam novamente um olhar breve.

— Venha conosco — Damian indica a porta.

Entro novamente na sala onde os gêmeos meditam e as portas se fecham sozinhas, movidas pelo poder dos dois.

— Realmente agradeço por estarem nos ajudando, mas gostaria de saber o motivo por terem mudado de ideia de forma repentina.

— Acreditamos que alguns sacrifícios precisam ser feitos para o bem maior — Abian fala e se senta na posição de lótus, acompanhado do irmão.

— Sacrifícios?

Damian fecha os olhos e usa um dos dedos para desenhar um triângulo no ar, com feixes amarelados. A energia que ele libera toma a sala e o desenho engrandece, ficando entre mim e os gêmeos.

— Este é o esquema das energias no mundo.

— As pontas do triângulo representam as três Supernovas que se derivaram nos elementos primários.

Em cada ângulo do grande desenho, dois símbolos aparecem. No primeiro, no começo de cada um dos vértices, surge a representação do sol e da lua.

— Luz e trevas — falo. — As energias que formam o Caos.

— Sim, dois elementos que vivem juntos no corpo de sua irmã.

No outro ângulo, uma gota e uma chama aparecem.

— Fogo e água — concluo.

— Exato, os elementos derivados da Praga.

Por fim, no ângulo de cima, mais dois desenhos ganham forma: um sopro e uma rocha.

— Terra e ar — digo.

— Isso, que se originaram da Tormenta.

Abian continua o desenho, traçando mais linhas com sua energia. Ele liga cada um dos símbolos em pares, fazendo surgir outros doze elementos: as energias secundárias.

— E temos as doze Estrelas — ele finaliza.

Damian complementa, balançando a cabeça com preocupação:

— Mas esse sistema está comprometido.

Alguns símbolos começam a piscar e lentamente se apagam.

— Energias poderosas ganharam destaque e outras se enfraqueceram.

O símbolo da gota perde força, enquanto algumas representações de Estrelas passam a brilhar com mais intensidade.

— E outras energias correm perigo.

O sol e a rocha também se enfraquecem, deixando alguns dos símbolos secundários ainda mais brilhantes. Pelo jeito, os Polos parecem estar sofrendo com o desequilíbrio, enquanto as Estrelas se fortalecem. Um dos símbolos que se acende mais é a junção de Fogo com Luz, ou seja, a Eletricidade de Nagisa. Além dela, Chamas Negras, Metal e Mente aparecem mais intensas, enquanto Cura e Necromancia praticamente se apagam.

— Tlavi... — lamento, pensando em Gueth.

No entanto, na ponta esquerda do triângulo, o símbolo do Caos se forma e ganha força, sugando a energia de todas as outras representações. O desenho inteiro se desfaz, restando apenas o símbolo de Luana flutuando no meio da sala. Ele pulsa, repleto de força, antes de explodir em um anel de luz.

Cubro os olhos me protegendo da luminosidade. No ar, sobram apenas partículas minúsculas de luz, que caem delicadas e desaparecem.

— É assim que o mundo acaba, Leran.

Engulo em seco, imaginando minha irmã explodir em uma Supernova, levando tudo consigo.

— Temos que impedir isso. Ioseth disse que poderíamos adiar o fim se Luana fortalecesse a Luz em relação às Trevas, por isso viemos até aqui.

— Ela pode adiar, mas não impedir que aconteça.

— E as Trevas dentro dela ainda são muito poderosas. Vide como a armadura ficou depois de absorver sua energia. Nunca um paladino conseguiu algo como aquilo.

— Se tudo é inevitável, por que estão nos ajudando?

— Porque sempre existem caminhos diferentes que levam aos mesmos lugares, Leran.

— Ontem tivemos uma nova visão na qual um time habilidoso lutava ao lado da Estrela do Caos.

— Antes duidávamos que você sozinho pudesse adiar o inevitável, portanto treiná-la seria perda de tempo.

— Porém, agora, as coisas mudaram.

— Já temos amigos formidáveis que vêm nos ajudando — falo.

— Sim, mas o grupo que vimos era muito coeso e sincronizado. — Abian diz e me encara: — E era liderado por você, arqueiro.

— Por mim?

— Exato. Também tivemos a mesma surpresa.

A fala de Damian me arranca um sorriso sem graça.

— Seu maior dom talvez não esteja em proteger Luana diretamente — ele continua.

— Está em unir e liderar guerreiros habilidosos, capazes de superar suas diferenças em prol de um bem maior — o outro completa.

— E quem seriam eles?

— Isso apenas você saberá. Primeiro terá que encontrar indivíduos nos quais pode confiar.

— Como você mesmo disse, talvez já conheça alguns deles. Mas fazê-los trabalhar juntos será o seu maior desafio.

Sim. Sem dúvida meu caminho já foi cruzado por várias pessoas formidáveis, que adoraria ter em um time para lutar ao nosso lado. A pergunta é se elas estariam dispostas a fazer isso. De cara penso em Judra, que, mesmo depois de quase ter morrido, voltou para nos ajudar. Também penso em Gueth e Keon, que se arriscaram por mim e por Luana na batalha contra Shaz. Também imagino Tohul e Minerva, que já lutaram ao meu lado e foram de grande ajuda. Por fim, me lembro dos antigos membros da Guilda: Mael, Boom e Fajon. Dentre todos os nomes que vêm em minha cabeça, Mael é o único que está ao nosso lado nesse exato momento, portanto como posso criar um grupo de guerreiros confiáveis se não consigo nem manter meus amigos por perto?

— Um passo de cada vez, Leran — Abian corta meus pensamentos.

— Lembre-se que você não será um bom líder se não aprender, inicialmente, a trabalhar junto com sua irmã. Se não saírem daqui unidos a ponto de combinarem suas habilidades como fizeram com a armadura, falharão.

Acho que a mensagem está clara. Para ser um líder eu preciso saber reconhecer as forças e as fraquezas de cada membro do grupo. Tenho que usar as sinergias do time, escutar as opiniões divergentes e ceder espaço para que todos também tomem suas próprias decisões, só assim poderemos confiar uns nos outros.

— Não irei decepcioná-los — digo com firmeza. — Passaremos pelo treinamento no Polo e farei de tudo para impedir as Estrelas. Vocês têm a minha palavra.

Os gêmeos acenam com a cabeça.

— Agora vá descansar. Você está bastante desgastado depois que direcionou a energia de sua irmã.

Agradeço, acato a sugestão e vou para o meu quarto.

Conforme combinado, o resto da manhã foi usado para o descanso. No almoço, pães, leite e bastante carne de cordeiro mataram nossa fome. Luana evitou a última opção, já que prefere vegetais. Logo depois, nos encontramos com os gêmeos em um corredor aos fundos do templo.

Mael vestiu sua armadura, assim como Luana.

— Você está magnífica — falo fazendo minha irmã dar uma voltinha.

A tiara de metal prende seu cabelo para trás, deixando-o cair sobre as ombreiras arredondadas. A armadura lilás é bem leve, com partes delicadas, mas que protegem órgãos vitais. As luvas e braceletes deixam suas mãos livres para que ela possa controlar energias com facilidade. O cinturão e as botas parecem extremamente confortáveis, permitindo total mobilidade. Entre as peças de metal, ela também veste roupas de tecido na cintura e na barriga. Se não fosse minha irmã, diria que é uma experiente maga de batalha.

Eu também estou equipado: ombreira, luvas, botas, peitoral, aljava e arco nas costas, assim como a nova espada presa ao cinto.

— Nunca havia visto uma armadura paladina dessa cor — Mael comenta, se referindo a Luana.

— É porque não sou uma paladina.

— Certamente — um dos gêmeos diz. — Mas sinta-se honrada por ser a primeira pessoa não-paladina a ganhar uma dessas.

— Claro, mestre Damian. E sou muito grata por estarem dedicando o tempo de vocês para me ajudarem.

Após se certificarem de que estamos prontos, os gêmeos nos guiam pelo templo em uma caminhada por diversos corredores.

— Os paladinos vivem no Polo Luz há centenas de anos — Abian explica. — Modificamos o lugar. Hoje, usamos sua energia para nos guiar, de uma forma consciente, é claro.

Ao final do quarto corredor, chegamos diante de um portão de metal dourado, repleto de palavras em uma língua desconhecida, diferente da que vi no Polo Terra. Abian empurra uma das abas com um leve toque de uma das mãos. Damian abre a outra, fazendo a enorme porta parecer leve como uma pluma. Após passarmos, tento mexer em uma das abas e ela não se move nem um milímetro, pesa toneladas.

— Venha, Leran — um deles chama ao me notar para trás.

— Este é o interior do templo — Damian apresenta, assim que os alcanço. — Aqui a energia do Polo é mais forte.

O corredor termina em uma impressionante caverna de rocha marrom, repleta de cristais pequenos nas paredes, no teto e no piso.

— Isso me lembra o bolo com frutas secas da mamãe — comento com Luana e minha boca se enche de água.

— Como você consegue pensar em comida? Acabou de almoçar quase meio quilo de carne.

Mas é a minha barriga que responde com um grunhido embaraçoso. Mael, que passou à frente, franze as sobrancelhas.

— Digestão — explico, dando um tapinha na pança.

— Só se você engoliu uma pessoa viva — Luana fala e me puxa em seguida. — Vem logo, eles já estão lá na frente.

— Como dissemos, os paladinos adaptaram esses caminhos, tentando diminuir as distorções que o Polo cria. Aqui é o começo das cavernas que levam ao centro de energia. Peço que tenham cuidado e nos sigam em silêncio — ele diz, olhando para mim. Fico sem graça e aceno com a cabeça.

Assim que adentramos o túnel, Luana demonstra aflição, mas os gêmeos a tranquilizam:

— A armadura irá diminuir a radiação do Polo, fique tranquila.

— Sim, já posso sentir a energia da Luz.

— Isso é normal. Vamos.

Mais alguns minutos e chegamos a uma câmara dentro da caverna. Ali, os cristais são muito maiores, formando uma galeria de pedras brilhantes e transparentes. Sobem como arbustos endurecidos em sua forma mais rústica e bela de prismas.

— Esta é a sala dos espelhos de quartzo.

Luana dá um passo para entrar, porém um dos gêmeos a impede, colocando seu braço comprido na frente.

— O que foi? — pergunto.

É Mael que explica:

— Não se deve entrar aqui sem um dos mestres do Polo.

Os gêmeos se viram para nós e apenas observam, saindo da frente de Luana.

— Seria falta de educação? — questiono.

— Não, Leran, seria burrice mesmo. Estamos próximos demais do Polo, as distorções são traiçoeiras — Mael responde.

— Eu sei como é, estive no Polo Terra.

— Aqui é diferente — Damian diz e é seguido por seu irmão:

— Você certamente não sabe qual é distorção mais forte aqui no Polo Luz, sabe?

Penso por alguns instantes e balanço a cabeça. No Polo Terra, lembro que as dimensões eram trocadas. Formas, distâncias, toda a minha noção de espaço tinha sido afetada. Diante da hesitação, é Luana quem responde:

— Eu sei.

Busco minha irmã e a encontro já dentro da sala, ignorando a orientação dos gêmeos para que não entrasse sozinha. Ela está diante de um dos cristais, encarando seu próprio reflexo. Me espanto ao ver uma imagem extremamente inusitada na pedra brilhante. É Luana, eu sei, mas está diferente, está mais velha, mais sombria. Seus olhos trazem dor e frieza. Cicatrizes profundas aparecem em seu rosto. Os cabelos estão mais curtos e a armadura que acabou de ganhar aparece em pedaços. Suas mãos ficam acesas com a energia poderosa de cor púrpura. Parece ter enfrentado uma batalha feroz, e não posso dizer se foi a vencedora. A única coisa que sei é que ela traz a mesma expressão maligna que vi quando conseguiu controlar as crias da morte, em Nuanto. Eu duvido que a pessoa naquela imagem tenha controle total da Luz, muito pelo contrário. Talvez tenham sido as Trevas que venceram o duelo. Ou pior, foi o próprio Caos.

Luana se vira para mim e para os paladinos e o reflexo faz o mesmo, nos encarando. Sinto minha espinha gelar.

Com tristeza na voz, ela responde à pergunta de Mael.

— Ele distorce o tempo.



Capítulo 23

Aquela imagem seria a de minha irmã no futuro? Não pode ser. Estamos aqui para que ela aumente seu controle sobre a Luz e para impedir que a energia do Caos tome seu corpo. Ela não pode ficar assim! A não ser que tudo que tentarmos dê errado.

— O tempo não é algo exato, Estrela — Damian vai até Luana e desfaz a imagem no cristal ao passar uma das mãos diante dele.

Minha irmã olha para o mestre do Polo ainda desolada, e ele tenta desmerecer a visão:

— Vocês poderão ver futuros possíveis aqui e coisas do passado também. São projeções, teorias baseadas em coisas pelas quais já passaram.

— Era isso que íamos explicar antes de entrarmos — Abian fala.

— Evitem focar a atenção nos cristais enquanto passamos. Acreditem, isso não irá ajudar vocês — o outro gêmeo acrescenta e segue calmamente pela câmara. Enquanto ele passa, as imagens nos cristais oscilam.

Luana acena com a cabeça e segue Damian, cabisbaixa. Ela está com medo, eu sei, não quer saber o que a espera. Só torço para que o Polo não mostre que ela pode destruir o mundo todo com seu poder, é capaz de Luana fazer alguma besteira se descobrir.

Vou em seguida, mas confesso que não consigo suprimir a curiosidade. Entre um espelho e outro, vislumbro meu reflexo em formas diferentes. No primeiro vejo-me infantil, o garoto bagunceiro de quase dez anos atrás. No segundo cristal, o reflexo se transforma e ganha uma forma austera. Encaro meu rosto mais velho, barba por fazer e cabelos grisalhos. Então vem o relance de uma mulher segurando uma criança. Só que não vejo seu rosto. Tento me aproximar do espelho, e Abian toca meu ombro mandando-me seguir. A imagem se desfaz enquanto me afasto.

— Não pare — ele ordena no meu ouvido.

Continuo o caminho pela câmara, sendo apresentado a imagens do passado e de prováveis situações futuras. Não apenas eu, como pessoas importantes de minha vida aparecem. Vejo meu pai e meu avô, quando eram vivos, em Acigam. Depois minha mãe, mais velha, uma senhora cansada. Judra, Gueth e Keon estão comigo em outro espelho, no qual observamos preocupados o mapa de Khun. Depois

verifico rostos ainda desconhecidos, pessoas sofrendo, outras rindo. Sinto o calafrio da morte ao assistir explosões e batalhas. Relembro o calor do beijo de Judra em outra lembrança. E dezenas de visões confusas se misturam diante de mim e me deixam completamente desorientado.

Logo que saio daquele espaço, me apoio nos joelhos e respiro fundo, tentando reorganizar minha mente.

— Dissemos para não olhar, Leran — os gêmeos repreendem.

— Sinto muito, foi mais forte que eu — falo, completamente arrependido.

Luana passou aparentemente bem, deve ter seguido à risca a orientação. Já Mael está com um semblante desiludido, parece triste com algo.

— O que você viu? — pergunto a ele.

— Nada demais — ele desconversa e segue os gêmeos.

— Não me parece nada demais.

Porém ele me ignora.

Em seguida, chegamos diante de estruturas antigas, com desenhos nas paredes e no piso. Muros foram erguidos com blocos de pedra clara, precisamente alinhados e simétricos. Cada bloco tem o mesmo tamanho e formato e servem de sustentação para o teto da nova sala onde entramos, iluminada por globos de luz flutuantes.

— O que é isso? — pergunto, mostrando um dos desenhos marcados em baixo relevo.

Nele, seres esbeltos e aparentemente compridos estão representados em marcações achatadas, sem nenhuma perspectiva, e eles são seguidos por quadrados flutuantes. Não entendo muito bem o que isso significa, mas Abian explica:

— As criaturas desenhadas nas paredes são membros do antigo povo de Momanon, os golens de cristal que dominavam o Polo Luz antes dos humanos. Dizem que eles tinham um grande poder telecinético, por isso a precisão de suas construções. Não sabemos muito sobre suas habilidades, eles simplesmente desapareceram durante a Guerra dos Polos.

— O império humano mal chegou a batalhar contra esse povo — Damian continua enquanto andamos. — Quando os primeiros homens chegaram aqui, o lugar já havia sido abandonado. Algumas centenas de anos depois, os paladinos se tornaram seus novos guardiões.

— Então esses muros foram erguidos com o poder da mente de golens feitos de cristais? — Luana pergunta ao tocar a parede, deslumbrada.

— Provavelmente — Abian fala —, contudo não sabemos se seus corpos eram exatamente de cristal. Os poucos cadáveres encontrados e os documentos relatando encontros com esse povo indicam que se tratava de criaturas basicamente inorgânicas, que não possuíam sangue ou mesmo órgãos internos. No entanto, eles eram dotados de consciência e um senso coletivo incomparável.

— Como podem ver nos desenhos — o outro gêmeo continua a explicação —, não existe a figura de um líder. Todos dividiam as mesmas funções e andavam juntos.

De fato, todas as figuras mostram os seres de cristal como semelhantes. Ninguém se destaca entre eles. Vou andando pela sala até que uma das artes me chama mais a atenção. Nela, as criaturas estão em torno de um objeto colocado sobre um pedestal.

— O que é isso?

— Acreditamos ser uma referência à chave deste Polo.

— Chave?

— Sim, um item raro que te permite entrar e sair do Polo Luz sem dificuldades. Deve ter sido criado a milhares de anos e foi cultuado pelo povo, devido a sua forte ligação com a energia da Luz.

— Vocês têm esse item? — Luana pergunta.

— Não, mas estamos indo para o lugar onde ele está guardado, provavelmente.

Eu e Luana nos olhamos e continuamos a seguir os gêmeos. Mais construções antigas surgem nas esquinas dos túneis. A caverna vai se alargando, até dar espaço para um amplo salão de pedra, maior do que todas as cavernas pelas quais passamos até agora. O teto também é bem alto, uns trinta metros talvez.

— Estamos no interior de uma das montanhas da cordilheira.

— Incrível — Luana exprime, não se referindo à caverna, mas, sim, a uma das construções dentro dela.

A nossa frente está uma gigantesca pirâmide feita com os mesmos blocos perfeitos do povo de Momanon. Sua ponta sobe até quase tocar o teto e cada um dos lados, na base, deve ter mais de cinquenta metros de largura. Toda sua lateral é entalhada por desenhos antigos, além de cristais que parecem ornar perfeitamente com todo o projeto, decorando e fornecendo energia à construção. Raios luminosos correm de um cristal para o outro, contornando a pirâmide, que parece protegida por uma espécie de campo de força.

Abian e Damian se posicionam na parte frontal da pirâmide e se distanciam um do outro. Suas auras se acendem e passam a interagir com a energia que circunda a construção. Eles fecham os olhos e respiram fundo. Por alguns instantes, os feixes luminosos param de envolver a pirâmide e alguns blocos entre os gêmeos se deslocam, afundam e revelam uma passagem para dentro.

— Vamos — eles falam.

Passo pelos gêmeos e adentro a construção por um buraco quadrado que surgiu em sua lateral. O lado de dentro da pirâmide me surpreende. Toda a estrutura do lugar é transparente. Paredes e piso dão a impressão de que nada está ao nosso redor. Estou em uma sala de vidro que voa no céu. O único resquício da caverna onde estávamos vem da porta quadrada, que continua aberta atrás de mim.

No centro da sala, está um pedestal transparente, erguido a quase quatro metros de altura, mas que não chega nem perto do topo da pirâmide, a dezenas de metros acima de nós, em um teto que se afunila enquanto sobe. No alto do suporte cristalino, há uma minúscula partícula de energia flutuando em movimentos circulares alternados. Lembra um pequeno sol, cuja luminosidade me impede de encará-lo por muito tempo. Luana para diante do pedestal e admira o ponto luminoso.

— Este é o Polo Luz — Abian apresenta, deixando a porta se fechar atrás de si.

Minha irmã fecha os olhos e sente a força da energia que inunda esta sala.

O pedestal no qual a partícula se encontra é imponente, nos faz parecer pequenos diante do poder do Polo.

— É aqui que devemos treinar? — pergunto.

— Não — Damian é direto.

Ele passa pelo suporte de cristal e segue até o outro lado da sala. Ao tocar na parede, as divisões dos blocos surgem e o vidro escurece. O que parecia transparente dá lugar a uma nova porta, imensa, repleta de gravações e desenhos, como os que vimos no caminho até aqui. Novamente os seres de Momanon aparecem reverenciando o objeto disforme, como se ele estivesse guardado ali dentro.

— Depois dessa porta está o Dédalo.

— O labirinto do Polo Luz — Abian adiciona ao se aproximar do irmão.

— Lá, as distorções do Polo não são controladas como aqui fora, não temos como protegê-los do que pode acontecer.

— Os desafios mudam de acordo com a mente de quem o adentra. É um lugar vivo, extremamente dinâmico. O principal objetivo não é encontrar a saída, mas, sim, algo que te ajudará em sua jornada pessoal.

— Algo que pode nos ajudar? — Luana pergunta, um pouco confusa.

— É neste lugar onde a chave do Polo está guardada. E ela é o único objeto capaz de aumentar o controle da Luz dentro de você, Estrela.

— Alguns paladinos tentaram encontrar esse objeto sagrado antes, mas nunca voltaram de lá de dentro, talvez porque não fosse esse o objetivo maior de suas jornadas individuais.

— Mas acreditamos que seja o da sua.

Luana parece incerta, contudo não podemos hesitar agora.

— Tudo que fizemos até aqui foi arriscado — falo, determinado. — Se essa é a única solução, iremos entrar e encontrar essa chave.

— Pois bem — Abian diz e indica a porta com uma de suas mãos, nos convidando a entrar.

Com coragem, sigo até a passagem, seguido de Luana. Mael se coloca ao meu lado, pronto para nos ajudar, porém Abian o impede:

— Não faz parte do seu destino seguir com eles. Você deve esperá-los aqui, independentemente do tempo que demorem para voltar.

— Seremos rápidos – digo, enfático.

— Não é tão simples assim, Leran — Abian começa e é seguido do outro gêmeo.

— Sua irmã foi precisa ao dizer que a maior distorção do Polo Luz é o tempo.

— Dentro do Dédalo, o tempo não se passa como se passa fora dele. Esse é o maior risco.

— Portanto saibam que o tempo será o recurso mais precioso de vocês lá dentro. Não há margem para erros. Vocês devem resolver os mistérios do labirinto o mais rápido possível.

Luana me encara com receio, cerra os dentes e fita a porta diante de si. Ela estende a mão para mim e eu a seguro com firmeza.

— Estamos juntos — falo.

Ela acena com a cabeça.

A porta se abre, revelando uma iluminação forte do outro lado. Olho para os gêmeos e eles fazem sinal para que entremos.

— Boa sorte — diz um deles.

Com passos lentos, adentramos o Dédalo. A porta atrás de nós começa a se fechar, dando tempo para que Damian fale sua última frase:

— Foi um prazer conhecê-los.

E os dois dizem juntos, em um tom de lamentação.

— Adeus.

A porta se fecha em uma batida.

— Adeus?! — pergunto e me volto para a passagem, que já não está mais ali.

A luz se ameniza, revelando um gigantesco espaço aberto, sem fim. Não há nada em nenhuma das direções, apenas um amplo salão de mármore sem paredes, teto, ou qualquer tipo de limites. E uma névoa rasteira se estende por todo o lugar, dando-me calafrios.

É desolador, solitário.

É infinito.

Capítulo 24

— **O** que vamos fazer? — pergunto.

Não tenho ideia de onde estamos. O piso claro e encoberto por névoa não tem fim. Olho ao redor, buscando alguma referência, mas sinto tontura e caio de joelhos.

— Você está bem? — Luana me reergue e apoia meu braço em um dos ombros.

— Sim. — Recobro a orientação. — Precisamos ir para algum lugar, ficar parado aqui não vai ajudar.

— Concordo, mas para onde?

Eu não sei. É buscando alguma direção que noto, sob uma das botas de Luana, um símbolo arroxeadado se acender na lajota de mármore claro do piso. A luz passa pela névoa rasteira e chama minha atenção.

— O que é isso?

— Parece um dos desenhos do templo — Luana diz.

Exato, como aqueles feitos nas paredes de bloco que vimos antes de entrar.

— Veja. — Luana aponta para outro desenho se acendendo a alguns metros de nós.

Assim que o alcançamos, a luz de um terceiro símbolo surge ainda mais adiante.

— Está indicando um caminho — concluo.

Em poucos segundos, mais símbolos de cor púrpura surgem e formam uma trilha que desaparece no horizonte.

— Levaremos dias para achar o fim disso — Luana diz, apreensiva.

— É nossa melhor opção até agora.

E seguimos os desenhos por horas.

O odor da névoa é levemente doce. De alguma forma, ele nos mantém calmos, caminhando por inércia. De tempos em tempos, Luana e eu alternamos gritos, tentando chamar a atenção de alguém. Meu último ‘oi’ foi respondido apenas pelo eco.

Não há sol, céu, estrelas, nada que possa nos guiar. A caminhada de horas logo se torna de dias. Já não sei há quanto tempo estamos andando nesse lugar. Não sinto fome, sede, nem frio ou calor. Nem mesmo sinto cansaço de tanto andar. E os símbolos não terminam. Eles mudam de forma, mudam a intensidade de seu brilho,

mas sempre seguem em linha reta, na direção de algo desconhecido, que ainda não vimos.

— Estou entediada — Luana, fala.

Esse sentimento é o mais forte em mim também. Será que vamos andar por toda a eternidade? Foi isso o que aconteceu com os outros paladinos que tentaram encontrar a chave do Polo? Os gêmeos disseram que o labirinto se adapta a nossas mentes, mas aqui não há nada. Que tipo de desafio é esse? Durante todo o tempo que andamos, tentei pensar em diversas saídas, mas parece que o Dédalo não responde a mim, ou pelo menos eu não sei a forma correta de conversar com ele.

— Não queria que isso estivesse acontecendo, nada disso, Leran — Luana lamenta. — Talvez essa seja a melhor solução, ficarmos presos aqui. Assim ninguém mais precisa se ferir por minha causa.

— Sinto muito — respondo. Contudo sua frase instiga algo em minha cabeça.

É isso. Os gêmeos disseram que o Dédalo se molda para oferecer desafios a quem entra, mas não é a minha mente que ele está lendo. É a de Luana. Esse vazio representa as proteções que ela mesma construiu. Ela não quer machucar os outros, então está nos prendendo aqui. Está evitando achar uma saída.

— Luana. — Seguro-a e a encaro. — Essa é a sua mente nos impedindo de seguir.

— O quê? Não.

— Sim. Você está com medo dos seus poderes, então está se mantendo presa.

— Não — ela fala e se solta de mim.

O piso ao nosso lado se racha. As placas de mármore revelam terra seca e pedaços de grama.

Está dando certo.

— Você precisa pensar em uma forma de controlar seu poder, não de suprimi-lo.

— Eu machuco as pessoas! Você viu o que eu fiz no posto paladino.

— É por isso mesmo que você tem que lutar para dominar a energia.

— Eu estou lutando.

Algumas árvores secas brotam atrás de Luana.

— Não, você está fugindo. Você evitou olhar nos cristais. Não quis ver seu futuro.

— Eu segui as ordens dos gêmeos.

— Você estava com medo.

— Eu não estava com medo! — Ela grita e um enorme castelo negro sai da terra, fazendo tudo tremer. Lua olha para trás e se dá conta da construção que surgiu repentinamente e então cai de joelhos.

— Sim, eu estava com medo — ela fala, se dando conta da realidade.

O cenário ao nosso redor muda completamente. Agora, o cheiro doce da névoa dá lugar ao odor forte de terra. Árvores secas tomam a paisagem, enfeitando o entorno do castelo com um bosque sinistro.

— Precisamos entrar — falo e estendo uma das mãos para ela.

Luana se levanta, confusa, mas decide seguir. Passamos por uma escadaria até a porta semiaberta. Um rangido alto retumba no salão principal ao empurrarmos a aba de madeira. O interior é sombrio, com poucos feixes de luz que entram por pequenas aberturas na parte mais alta das paredes. Nos limites dos dois lados do salão, estátuas de metal negro estão aos montes. Cada uma representa uma pessoa em agonia. Nosso caminho é emoldurado por dezenas de rostos sofridos. Luana os olha enquanto anda.

— Você não será a responsável pelo sofrimento delas — conforto minha irmã, tocando-a no ombro.

— Eu já fui, Leran — ela responde e aponta para uma das estátuas.

Eu conheço aquele rosto. É Sandra Galek, a mãe de Gabriel. A escultura está ajoelhada e com as mãos para cima. Sua expressão é terrível, como se chorasse e implorasse por algo. Ela sofre pela morte do filho e do marido, ambos mortos em Acigam.

— Eu fui o responsável pela morte do Galek, não você.

— Tudo que aconteceu em Acigam foi por minha causa, Leran. Nagisa sempre quis a mim. E você atacou Galek para que Judra te ajudasse a me salvar.

— Você não pode pensar assim. Não teve culpa de nascer Estrela.

— Olhe para os outros. Todos aqui sofreram por minha causa.

Observo com mais atenção e vejo dezenas de rostos familiares. Pessoas de Acigam, de Mabra, de Nuanto, Tênus. Avisto nossa mãe, nosso pai, nosso avô, e nossos amigos: Gueth, Judra, Boom, Mael, Fajon, Minerva...

— Os caçadores destruíram um bairro todo em Mabra para me levar de volta. Nuanto acabou devastada pelas crias por nossa causa. Depois Tênus foi atacada porque Shaz me queria. Isso nunca vai acabar.

— Luana, por favor!

— Quantas outras estátuas me farão lembrar do sofrimento das pessoas? — Ela fala até parar diante da última escultura: um rapaz demonstrando muita dor, com as mãos no abdômen, onde provavelmente há um ferimento grave.

— Eu não quero que acabe assim, Leran.

Ao me aproximar, tomo conhecimento de quem se trata. Sou eu ali, sentindo a morte se aproximar.

Não tenho como argumentar. Apenas a abraço.

— Não vai acabar assim — falo com firmeza.

— Queria ter tanta certeza. Pensei que eu estivesse sendo forte ao encarar as coisas de cabeça erguida, ao encorajar você a seguirmos em frente, mas, na verdade, eu estava apenas disfarçando meu medo de ferir as pessoas.

— Você não vai ferir ninguém se trabalharmos juntos. Foi isso que os gêmeos disseram. Vamos controlar seu poder. *Você* vai controlar o seu poder.

Luana mantém os olhos fixos na minha estátua até que eu a puxo e a faço seguir.

Aos fundos do salão, uma árvore alta brota do piso de pedra, com galhos retorcidos e escuros, lembrando o ferrão negro que Gueth usou para destruir Ilium. Centenas de folhas secas se estalam enquanto andamos e quebram o silêncio macabro do lugar.

A copa alcança a altura de um mezanino no andar superior. Luana encara o lugar, mas o único caminho para continuarmos é uma porta aos fundos.

Assim que abrimos a passagem, um cheiro azedo toma nossas narinas. A nova sala é ainda mais escura que a primeira e, para nos dar visibilidade, Luana conjura uma pequena esfera de energia na palma de uma das mãos. Após entrarmos, ela leva a outra mão à boca ao ver onde estamos. Parece um mausoléu, com túmulos e caixões dispostos ao nosso redor.

— Shaz — Luana fala, então aperta o próprio ombro, onde fora ferida pelas crias em Nuanto, como se sentisse a infecção outra vez.

— Ele não está aqui. É a sua mente.

Ela me ignora e continua o caminho, passando pelas tumbas.

Nunca fui fã de cemitérios, e posso garantir que a experiência que tivemos em Sonatri colabora para que esse fato não mude tão cedo. Mas tirando a parte macabra dos mortos se levantarem, acho que meu repúdio a lugares como esse tem a ver com a morte do meu pai. Odiava visitar seu túmulo, era um sofrimento desnecessário.

E é entre as covas nesta sala que a lápide com o nome dele aparece diante de mim: Caio Yandel.

Involuntariamente, dou passos para trás e esbarro em outro caixão.

— O que isso faz aqui? — pergunto irritado.

Mas Luana não responde.

— Luana?

Olho ao redor e não a encontro. Estou sozinho com os mortos.

Repito o chamado algumas vezes sem obter resposta. Saio de perto da lápide e sigo pela sala, procurando por Lua. Sem a ajuda dela, o caminho se torna mais escuro. Enquanto ando, dou uma topada em algo duro e salto pronunciando palavras feias. Sento-me em uma das tumbas e retiro a bota para massagear o pé. Em seguida, uso a espada para iluminar o caminho com um breve encanto de luz, mantendo a lâmina acesa.

Aponto para o lugar onde bati o pé e, para minha surpresa, é novamente a lápide com o nome do meu pai.

— Isso só pode ser brincadeira.

Calço a bota e me levanto a tempo de ouvir um ruído abafado, vindo de um dos cantos da sala.

— Luana?

Dou alguns passos para trás e coloco a espada diante de mim. O ruído diminui, mas depois vem de outros lugares. As tumbas e os caixões começam a se sacudir, me trazendo pavor.

Preparo-me para sair correndo quando uma mão agarra minha perna, vinda de dentro de uma das covas. Com um golpe rápido, eu amputo o braço podre e depois acerto a segunda cria que já saía de dentro de outra tumba.

— Era só o que me faltava.

Corro até o final da sala, me livrando de mais dois mortos que se colocam no caminho, porém não há saída. Viro-me de costas para a parede e troco de arma. Aponto uma flecha que faço se acender com o encantado de expurgo deixando o aço da ponteira brilhar e explodir assim que atinge o peito de uma das crias, pulverizando outras dez que estavam próximas. Após mais três disparos, elimino todas, ou quase todas.

Resta um deles que vem mais devagar. Ele me olha com atenção e não apresenta a mesma agressividade dos outros.

— Ah, não — lamento ao reconhecê-lo.

Meu pai, reerguido de seu descanso pela infecção de Shaz.

— Não se aproxime — eu aviso.

No entanto, ele continua avançando. Me aperto na parede, tentando me afastar, mas não adianta, ele já está a poucos metros.

Aponto uma nova flecha que não tenho coragem de disparar.

— Não pai, você não!

Quem está fazendo isso comigo? Será que a mente de Luana trouxe esses monstros de volta? Não, isso está na minha cabeça. O Dédalo também está me testando. Ainda assim, eu não posso atirar. Mesmo nesse estado, o olhar é o mesmo de admiração e carinho que ele sempre me ofereceu. Faz anos que não o vejo, que não sinto sua presença. Confuso, eu guardo o arco e abro os braços. Ele é meu pai.

A cria se aproxima e me agarra. Por poucos segundos, ela me encara, com aquele mesmo olhar doce e protetor. Eu coloco a cabeça em seu ombro e antes que ele tentasse me morder, trespasso-lhe a espada, embebida em energia de expurgo. O corpo do meu pai desaparece, junto com todas as tumbas e os restos das crias. Com lágrimas nos olhos e ofegante, posso ver uma porta na parede ao meu lado, por onde saio.

Chego em uma escadaria em caracol e subo até atingir o andar superior, em um novo salão, cujo o piso é feito de lajotas quadradas. O lugar não me é estranho. Reconheço os filetes de energia iluminando o teto e as paredes. Não estou mais no castelo. Essa é a torre do Observatório de Acigam.

É o som de “click” que me traz à lembrança as defesas contidas nessa sala. Sem pensar, disparo para o outro lado e salto os buracos que se abrem na minha frente. Diversas lajotas se revelam alçapões, prontos para me enviarem direto a uma armadilha letal. Acelero o passo, pisando com um pé em cada uma das placas e pulo de uma para a outra até alcançar a escada do outro lado. Agarro-me ao corrimão assim que a última armadilha sob mim se abre, quase me deixando cair.

Respiro fundo, recobrando o fôlego e continuo a subida.

— Mas onde Luana se meteu?

Termino os degraus e chego ao mezanino que vi no salão principal do castelo. Posso ver a copa da árvore seca logo abaixo e uma nova porta a minha esquerda, aberta.

Ao me aproximar, ouço uma melodia triste, um suave assovio que copia uma canção que costumava ouvir quando era criança.

Entro com os ouvidos aguçados pela curiosidade e pela lembrança. Deparo-me com uma sala repleta de móveis empoeirados, cobertos por lençóis brancos. As janelas estão fechadas, mas a luminosidade é confortável. O som vem do outro lado e, ao chegar mais perto, consigo identificar a melodia.

Alguém está assoviando a música que minha mãe costumava cantar depois que meu pai faleceu. Isso só pode estar na minha mente, não é possível.

Logo a introdução termina e uma voz baixa inicia a letra:

“Ela surge de repente
Trazendo uma flor
Com espinhos, com veneno
Com carinho e dor”

A letra me remete o mesmo arrepio que sentia ao ver a tristeza da dona Laura enquanto ela cantava isso na cozinha de casa, achando que ninguém a ouvia. De forma inconsciente, eu continuo e relembro a segunda estrofe:

“As intenções são justas
Ela tem critérios
São doze contos, doze dons
Os doze mistérios”

Vou seguindo o som que mais parece um lamento, um choro. Passo por alguns dos móveis, procurando por trás deles para ver se encontro quem está cantando, mas não acho nada. A música continua:

“Recebem, relutantes
E negam sua mão
A passagem deixa marcas
Imploram por perdão”

É então que, sentada próxima a uma mesa, encontro Luana. É ela quem canta enquanto folheia um livro antigo:

“Ela não diz mentiras
Espreita pelo ar
São doze contos, doze dons
As formas de matar”

Chego perto e termino a música, com sua última parte:

“Talvez eles entendam
Consigam aprender
E com sorte, pelos contos
No fim sobreviver”

Luana me olha e fecha o livro. Em seguida, ela se levanta.

— Doze contos? — pergunto. — Você se lembra disso? Era tão pequena.

— Claro que me lembro. A história dos contos que podiam enganar a morte. A mamãe me contava essa história quando eu perguntava sobre o papai. E cansei de ouvi-la cantarolar isso.

— É, mas ela trocava “matar” por “amar” na penúltima estrofe.

— Sim, talvez para não ser tão forte para gente.

— É... — falo com um sorriso.

— Sabe, Le, esse lugar tem um poder incrível. Minha mente pode mesmo fazer as coisas aqui acontecerem.

— Exato, por isso vamos achar logo a chave e sair daqui.

Ela se aproxima e me encara com um olhar doce.

— Mas eu estava pensando. Eu realmente não quero sair daqui.

— *Tá* falando sério?

— Muito. Esse lugar pode ser perfeito, Le. Podemos ter tudo o que sempre sonhamos.

Antes que eu pudesse falar, Luana se concentra e o ambiente muda outra vez. Os lençóis voam e se desmaterializam. As paredes ganham cor. Os móveis antigos se rejuvenescem. A sala muda de dimensões e se torna extremamente aconchegante. O sofá, as almofadas listradas. A escada que sobe aos quartos. Estamos na nossa casa, no Bairro das Oliveiras. Até mesmo nossas roupas mudam, virando pijamas, como se estivéssemos em casa em uma manhã de domingo.

— Nossa casa nos esperou esse tempo todo, Le.

Meus olhos se arregalam enquanto contemplo o lugar.

— Isso não é real.

— Mas pode ser.

Não, nossa casa foi destruída pelos silenciadores. Não temos mais um lugar para onde voltarmos. No entanto, um aroma extremamente agradável me tira dos pensamentos.

— Que cheiro é esse?

— Está pronto, crianças.

— Crianças?

— Mãe! — Lua corre para a cozinha.

Mas que porcaria que está acontecendo aqui?

Vou até a cozinha e lá está ela, de avental, colocando as panelas na pia, os pratos na mesa. Luana a abraça e dá um beijo estalado em seu rosto antes de se sentar. Eu fico estarecido na porta, sem saber o que fazer.

— E meu beijo, Le? — Minha mãe passa diante de mim segurando a travessa de ensopado com luvas fofas de pano. Ela estica o pescoço e me oferece a bochecha. Sem graça, eu dou um beijo em seu rosto.

— Sente-se. O pai de vocês já deve estar chegando.

Não... isso não está acontecendo.

— Luana, desfaça isso agora! — falo irritado.

— Olha os modos, Leran. Já está implicando com ela?

— Ela que começou...

E de repente me pego argumentando com minha mãe, como se Luana e eu fôssemos crianças novamente. Balanço a cabeça com força. Não posso cair nessa ilusão, Luana vai nos prender aqui.

— Ele está assim só porque eu fiquei mais poderosa que ele, mãe.

— Mais poderosa? Do que você está falando?

— Filho, sua irmã é uma Estrela, é natural que isso iria acontecer. Você não precisa ter ciúmes, você será um encantador magnífico.

— Como você sabe sobre essas coisas?

— Calma, Leran — Luana fala. — Estamos em um lugar perfeito agora. Vem ver.

Ela pega minha mão e me leva até a porta de casa. Assim que saímos, minha boca se abre. É Acigam, sei que é, mas a cidade está moderna, com prédios e veículos parados na rua.

— Você tem que parar com isso — agarro Luana pelos ombros e a chacoalho.

— Não vou parar. Viveremos aqui para sempre. Felizes. Eu tinha te dito que ficaríamos todos juntos de novo, não disse? Ninguém mais precisa se machucar.

— Isso é loucura!

Mas ela me ignora e dá as costas, voltando para dentro.

— Você não me dá escolhas.

Pego o castiçal sobre a mesa e preparo um encanto de eletricidade. Tirarei ela daqui na marra. Porém, antes de acertá-la, ela se vira com um golpe rápido e me desarma. Em seguida, me envolve em um campo de energia, deixando-me imóvel. Não consigo nem falar.

— Foi você que não me deu escolhas, Leran — Lua fala, com o olhar sombrio.

— Acabei de te dizer que já sou mais poderosa que você. O que te faz pensar que pode me derrubar com um encanto?

A face da minha irmã se torna irreconhecível. Sua roupa se rasga e revela a armadura negra que forjamos. As marcas de batalha surgem em seu rosto e ela envelhece. Agora está parecendo o reflexo que vi na sala dos cristais. Resmungo, tento me debater, mas nada surte efeito.

— Fique tranquilo — ela diz —, amanhã isso será apenas um sonho ruim.

Capítulo 25

Um clarão toma a sala e as paredes de nossa casa vão, mais uma vez, pelos ares. Uma potente rajada de energia acerta Luana em cheio e a lança sobre os móveis. O efeito de seu campo de força acaba e consigo voltar a me mover.

— Fica longe dele.

Do outro lado da parede destruída está outra Luana, o que me deixa bastante confuso.

A primeira, que foi atingida pela rajada, se reergue ainda mais feia. Sua pele está danificada devido ao ataque e parece quebrada em cacos. Alguns pedaços caem, revelando partes de um ser feito totalmente de cristais.

— O que é isso? — pergunto para a segunda Luana. E tenho que alertá-la, pois um segundo Leran pula sobre ela, agarrando seu pescoço.

— Luana?

Ela acerta uma cotovelada firme em mim, quer dizer, no outro Leran, e depois o pega pela cabeça e o joga para frente em um movimento com o tronco. Assim que ele cai no chão, Luana agarra sua espada e a crava no peito do inimigo, fazendo-o se espatifar como uma taça de vidro.

— Acho que estávamos separados desde que entramos, Le. Você com essa cópia barata de mim e eu com essa de você — ela aponta para os cacos.

— Como assim?

— Ele estava fazendo de tudo para me manter aqui dentro, até que percebi que não era você. Assim como essa aí não sou eu.

Luana lança um novo raio na criatura, terminando de revelar sua forma. Um ser extremamente cumprido se alonga a quase três metros de altura. A cabeça é oval, lisa e sem nenhum orifício. Não encontro ouvidos, nariz, olhos ou boca. Quatro longos braços se esticam e ganham movimento lento e cadenciado. O corpo, todo feito de cristal translúcido, range em cada articulação, como se essa sua forma não fosse usada há séculos.

— Esse é o desafio do Dédalo — Luana fala. — Alguns seres do antigo povo de Momanon ainda vivem aqui dentro e estão usando nossas memórias para nos manter presos.

— Como você descobriu isso?

— Porque enquanto tentavam entrar na minha mente, eu entrei na deles.

Sem dar maiores explicações, minha irmã salta para cima do monstro de cristal e acerta duas espadadas, que a criatura defende usando o braço rígido como pedra. Os golpes geram estalidos e faíscas. Luana ataca por cima e por baixo, desvia de investidas do monstro e contra-ataca, demonstrando tudo o que aprendeu até agora. Enquanto lutam, o ambiente ao nosso redor se desfaz. A sala da minha antiga casa evapora. O chão se quebra e revela um abismo no qual os pedaços despencam sem achar o fundo. A única parede que sobra é a que está atrás do monstro de Cristal. E nela a última porta, nossa saída.

Com o fim da ilusão, volto a usar minha armadura e encontro meu arco jogado. Pego-o e disparo uma flecha certa na cabeça da criatura, porém a seta ricocheteia e cai no abismo.

— Golpes normais não vão adiantar — alerta.

Mas Luana sabe disso, ela está tentando afastar a criatura da porta.

— Por aqui — ela grita assim que faz o monstro recuar, acertando um chute que o joga sobre os escombros.

Corro. Assim que passo pela porta, volto ao castelo, que também está desmoronando. Parte do mezanino caiu. Estamos próximos a árvore enquanto pedaços do telhado despencam e são amortecidos pelos galhos, e é por ela que Luana e eu descemos até o saguão principal.

— Rápido — Luana chama para a direção da saída.

As estátuas de pessoas sofrendo se desmontam uma a uma perante o forte tremor. Vamos pelo corredor, desviando de pilastras e paredes que cedem à nossa volta e o piso vem se desfazendo a poucos passos atrás de nós. Não vamos conseguir.

— Vai — Luana toma a frente e segue para a saída, estendendo a mão para mim.

A rocha sobre os meus pés vacila e, mesmo saltando, não consigo alcançar minha irmã. Sinto meu corpo cair e logo ser amparado por um novo piso, dessa vez feito de energia púrpura.

Luana me projeta para cima e ambos nos jogamos para fora do castelo, rolando pela escadaria externa. Assim que chegamos ao solo, o castelo inteiro é engolido por uma enorme cratera aberta no vasto piso de mármore claro, levantando nuvens de poeira.

— Você está bem? — perguntamos um ao outro, ao mesmo tempo.

— Sim — ela responde.

— Eu também.

Estamos novamente no infinito espaço onde fomos deixados assim que entramos. A diferença agora é que um buraco de centenas de metros quebra a monotonia da paisagem.

— De volta à estaca zero.

Mas Luana saca novamente a espada e fica atenta ao piso.

— O que foi?

— Cuidado.

Também empunho as armas e me preparo. Um ruído no chão me deixa alerta e outro atrás de mim me faz virar. E é no terceiro barulho que o piso se abre e a criatura de cristal se reergue, revelando metade de seu corpo para fora da terra. Desta vez ela está muito maior do que antes, com mais de dez metros de altura, só da cintura para cima.

Disparo uma flecha, mas sem muito sucesso, e sou obrigado a saltar para o lado, desviando de um de seus braços gigantes que tenta me esmagar.

Não satisfeito em apenas bater, o monstro usa uma das mãos para acumular energia e dispara um raio que me acerta em cheio, fazendo-me rolar pelo piso de mármore. Não tenho como evitar os gemidos assim que tento me levantar. Tudo dói.

Reparo que apesar da força do ataque, minha armadura permanece inteira. Os ajustes que Joshua fez ficaram excelentes. Ele deve ter colocado algum encanto permanente para ajudar na proteção contra energias. Se não fosse por isso, eu talvez estivesse despedaçado agora.

Volto minha atenção para o monstro, que dispara raios contra a barreira de energia de Luana.

— Tente algum encanto! — ela grita.

Só que não sei o que pode destruir essa coisa.

— Pensa, Leran — digo a mim mesmo.

Saco uma flecha e acendo meus olhos. A ponteira brilha na cor azul antes de ser enviada. Assim que atinge o braço que dispara em Luana, a flecha libera a energia gelada e envolve todo o membro do monstro com gelo, impedindo-o de se mover.

A criatura usa os outros braços para golpear as camadas congeladas e se solta. Repito o processo e imobilizo outros dois membros do monstro.

— Vai, está funcionando — Luana comemora.

E antes do próximo tiro sair, uma aura brilhante passa a emanar de todo o corpo cristalino do inimigo, derretendo o gelo em segundos. Ele vira sua face sem expressões para mim e aponta as quatro palmas de uma só vez, iniciando um golpe definitivo. Os disparos só não me acertam porque Luana se joga na frente e levanta uma nova barreira, ainda maior, que engloba a nós dois.

— E agora? — pergunto preocupado.

A energia do ataque não cessa. Ele alterna entre os quatro braços para conseguir jogar rajadas constantes. Há sempre dois membros atirando, enquanto os outros se recarregam. A energia é tanta que cobre toda a barreira de Luana, fazendo minha irmã manter sua concentração em níveis muito elevados.

— Se ficarmos dentro dessa bolha, não conseguiremos destruí-lo.

— E se eu desfizer a barreira seremos evaporados! — ela fala, com os dentes cerrados.

Olhando a fonte dos ataques, noto que a palma de cada uma das mãos possui um círculo de pedra feito de uma cor mais clara. É de lá que os raios saem.

— Se eu pudesse atirar... — digo, pensando em alguma possibilidade.

Luana continua com os braços abertos, como se também usasse a força física para manter as paredes da bolha púrpura de pé. E, em vez de demonstrar mais desgaste e cansaço, sua face traz um sorriso.

— Você pode atirar — ela responde.

— Ficou maluca? A flecha vai rebater na barreira e pode nos acertar.

— Ela não vai bater na barreira.

— Como?

— Confia em mim! Mira naquela — ela aponta para uma das mãos que acabou de parar para se recarregar.

Desconfiado, saco a flecha e aponto no alvo.

— Vai — ela ordena.

Carrego a ponta com um poderoso encanto explosivo e rezo para que Luana saiba o que está fazendo. Solto a corda do arco e fecho os olhos. Então escuto o som abafado da explosão, que destroça uma das mãos do monstro.

— Na outra — ela fala.

Armo um novo tiro e solto, mas dessa vez fico atento e vejo a barreira, bem na hora que a flecha de aproxima, abrir um pequeno círculo permitindo sua saída. Outra mão acaba em pedaços.

— Você é demais! — grito, empolgado.

— Faltam duas.

Agora, o monstro alterna entre seus dois braços restantes para manter a ameaça sobre o escudo. Assim que o primeiro para e dá espaço para o segundo atacar, lanço uma nova flecha, que pulveriza a penúltima mão de cristal.

Aproveitando a desvantagem da criatura, que é obrigada a parar os raios para recarregar sua única mão restante, Luana usa a energia da barreira que ergueu e a reagrupa em suas mãos, para, em seguida, arremessar uma violenta lança de energia arroxeadada que atravessa o braço do inimigo e o deixa em cacos.

— Acaba com isso, Leran — ela diz e abre a palma da mão, me oferecendo uma esfera de sua energia.

Eu sei o que ela pretende.

Saco outra flecha e miro na cabeça do monstro. Meus olhos se acendem enquanto encaro o poder na mão de Luana. Os olhos dela também passam a brilhar. Quando fixo a atenção na ponteira, a energia de minha irmã vai desenfreada para a flecha. Luana sente tontura e cai de joelhos, mas não desiste, ela mantém a mão estendida,

me entregando mais de sua força. É parecido com o que fizemos com a forja da armadura, mas aqui eu não quero dosar a energia dela, quero usá-la, e isso requer mais esforço. Enquanto me concentro, sinto sangue escorrer do meu nariz, mas mesmo assim não paro. Não é apenas ela que deve se sacrificar aqui. Somos um time.

O encanto é mais lento devido a brutalidade da energia de Luana, mas isso só é possível porque ambos evoluímos, eu nos encantos e ela no controle de seu próprio poder. Era isso que os gêmeos queriam.

Assim que disparo, a ponta da flecha se torna uma esfera roxa pulsante, que vai em direção ao ser de cristal. O impacto libera a energia de uma só vez, abrindo um vórtice que engole a criatura em segundos. Não há sequer uma explosão. A energia simplesmente desmaterializa o inimigo, fazendo parecer que ele nunca esteve ali.

Esse é o poder de Luana. É o poder do Caos.

Estamos ambos exaustos. Luana permanece deitada, olhando para o infinito no alto e eu tento recobrar o fôlego depois de ter feito um encanto tão poderoso. Mas não está tão fácil respirar com o nariz sangrando. Enquanto espero Luana se recuperar, pressiono minhas narinas até parar a hemorragia.

Depois de alguns minutos, ela se levanta e olha para os lados, então segue até o lugar de onde a criatura de cristal saiu.

— Como vamos embora? — pergunto.

Luana não responde. Ela apenas leva a mão ao peito e retira o amuleto, seu farol. Ele está aceso. Ela olha para o buraco no piso e começa a descer por ele.

— Aonde você está indo?

— Estava com eles o tempo todo — ela fala enquanto desce.

— O quê?

— A chave.

No fundo do buraco, avisto um baú caído entre os cacos que restaram do monstro. Desço e alcanço Luana. Perto do baú, a luz do farol se intensifica.

— Está interagindo com a energia do item.

Tento levantar a caixa e colocá-la de pé para abri-la e, assim que a tampa sobe, uma luz forte escapa e nos ofusca. O interior revela uma arma, uma espécie de espada curta. A bainha é toda desenhada com os símbolos antigos de Momanon. Essa é a peça que o povo venerava: a chave do Polo Luz.

Estendo a mão para tocá-la e tomo um choque violento, que rebate até a minha cabeça. Dou um grito com o susto.

Luana passa por mim e ameaça fazer o mesmo.

— Cuidado, não viu o que acabou de acontecer?

Porém ela pega o objeto e o coloca nas palmas das mãos.

— A Centelha — ela diz, olhando a arma com admiração.

— Esse é o nome? Como sabe?

— Eu só sei.

Minha irmã empunha a espada com firmeza e a saca da bainha, revelando uma lâmina dourada, extremamente afiada. O centro da arma contém mais símbolos que se acendem enquanto Luana a segura. Ela a manuseia por alguns segundos e respira fundo, como se a espada trocasse energia com ela.

— Não consigo explicar o que sinto com isso em mãos.

— Poder?

— Não. Sinto segurança.

A cor clara da espada contrasta com a armadura negra, são os dois lados do Caos. A Luz e as Trevas. Mas após alguns segundos de posse da arma, o tom arroxeadado de suas vestes se clareia, indicando que a força da Luz dentro de Luana cresceu. Minha irmã aparenta estar completa agora. Não apenas em poder, mas também em determinação.

Com um movimento rápido, ela balança a espada e a lâmina muda de forma, se alongando em uma grande espada bastarda. Luana então corta o ar a nossa frente, de cima para baixo, deixando um feixe de luz por onde o golpe passa, e logo esse feixe se expande, revelando a porta da saída do Dédalo.

Encaro a passagem. Encaro Luana. Encaro a espada. E encaro Luana novamente.

— Uau!

O portal de luz revela mais uma vez a sala piramidal e transparente do Polo.

Dou um passo para frente aliviado e Luana me segue, prendendo a arma, novamente diminuta, em seu cinto.

— Conseguimos — ela diz.

— Sim. Os gêmeos ficarão orgulhosos, assim como Mael.

Porém, assim que atravessamos a passagem, damos de cara com um cenário bem diferente do que deixamos antes de entrar. Diante da entrada do Dédalo, as armaduras de Abian e Damian jazem repousadas em posição de lótus e, ao redor delas, estão dezenas de esqueletos de outros paladinos, também equipados com restos de armaduras.

— O que houve aqui? — Luana pergunta com desespero.

Ela corre até as peças douradas, mas não há ninguém dentro.

— Estão mortos — concluo o óbvio.

Luana olha para o alto do pedestal transparente e se choca ainda mais.

— Leran!

A partícula do Polo Luz desapareceu! Não está mais ali.

— Não sinto sua energia — minha irmã diz, receosa.

Quem fez isso? Quando fizeram isso? Não pode ser! Não ficamos tanto tempo longe assim, alguns dias, no máximo. Mesmo que estivessem mortos, o que vemos aqui são ossadas, corpos que já passaram por decomposição.

— Vamos sair daqui. — Puxo Luana para fora da sala principal do Polo.

E é do outro lado, fora da pirâmide, que encontramos o sinal da batalha. Alguém atacou o Polo Luz. Tiros e golpes marcaram as laterais da pirâmide, assim como as paredes da caverna. Mais paladinos aparecem caídos, assim como restos de máquinas e pedaços de metal enferrujado, cobertos por poeira.

Passamos pelos cristais de quartzo, todos destruídos, e encontramos a porta de toneladas que protegia a entrada do Polo no chão, marcada por pancadas. No templo, paredes foram abaixo e salas inteiras estão destruídas.

Ao sairmos, encontramos apenas as ruínas da Cidadela de Phelgor. A neve, agora cinza, se encarregou de cobrir o que sobrou. O dourado dos paladinos foi trocado pelo metal negro de máquinas medonhas, torres de ferro e restos de tanques. Até mesmo o céu, antes azul e limpo, agora é tomado pelas nuvens de poluição.

— Isso não aconteceu recentemente, Lua — falo, atordoadado.

— É — ela diz e cai de joelhos.

— O Dédalo nos prendeu por meses.

PARTE V
FUGITIVOS
por Gueth Hur

Capítulo 26

— Não aguento mais — reclamo, ofegante. Minhas pernas já não respondem. Apoio as mãos nos joelhos e abaixo a cabeça, tentando me livrar da tontura.

Judra não está diferente. As olheiras profundas transparecem a falta de descanso. E sua respiração é tão forte quanto a minha. Nós não vamos conseguir.

— Falta pouco — ela enfatiza, após respirar fundo.

— Eles não se cansam?

— Não como nós. Vão continuar nisso por dias, até nos pegarem.

— Dias? Já fazem três que estamos fugindo sem ter uma noite decente de sono.

— Ei — ela me puxa. Sinto a fraqueza em sua pegada. Definitivamente está em seu limite, assim como eu. — Falta pouco!

Mas a voz de Judra é firme. Talvez falte pouco mesmo, mais uns quatro ou cinco dias até Mabra. Lá teremos melhores chances de nos esconder. Contudo, se não conseguirmos parar em algum lugar, vamos morrer de cansaço.

— Eles querem nos desequilibrar — ela diz. — Conheço esse jogo de gato e rato. Eles não podem achar o mapa, ou tudo estará perdido.

Aceno a cabeça, ainda ofegante, e me reergo.

— Por ali — ela aponta para o horizonte, na direção de uma vila.

Seguimos em silêncio durante o resto da noite. Talvez, na vila, consigamos algum veículo ou algo para nos dar mais distância deles.

Tudo está uma bagunça. Já não me lembro quando isso começou. Só sei que Yana atacou o Reino do Norte após se unir a Tênus, a cidade de Montesco. Hiago D'Waniv fundou a Aliança de Ferro e iniciou sua expansão territorial. Ancorou navios de guerra na costa superior do continente e desembarcou milhares de construtos. O primeiro alvo foi o Polo Luz, onde os paladinos, ainda devastados pela batalha contra Shaz, não tiveram forças para resistir. Depois os construtos desceram e, aos poucos, vilas, vilarejos e cidades menores acabaram tomadas. As tropas cercaram toda a fronteira norte de Mabra, criando uma enorme área de guerra

entre a cidade e as montanhas. Com seu poderoso exército de máquinas, Hiago trouxe o terror para o Reino do Norte.

As máquinas terrestres que dominaram a região não são nada quando comparadas a outra, muito maior e mais perigosa, que tomou o céu. Tanto a lua quanto o sol perderam seu protagonismo para um novo astro que passou a fazer parte da paisagem de quem olha para o alto. O satélite de Yana já paira sobre nossas cabeças há meses, ameaçando disparar a qualquer momento. Apesar de acharmos que Mabra pode ser mais segura, não acredito que ela consiga nos salvar dessa arma terrível.

— A guerra afugentou os aldeões desta vila também — Judra comenta enquanto caminhamos pela trilha sobre a grama malcuidada. É a quinta aldeia que cruzamos dentro da área de conflito entre os construtos e os policiais de Mabra.

Desvio o olhar do satélite no céu e me volto para os arredores da vila deserta.

— Yana deveria poupar o povo. Eles não têm como se proteger, não fazem parte dessa guerra.

— Ainda não sabemos ao certo o que Hiago e as outras Estrelas querem.

— Luana, talvez.

— Não acho que moveriam todo um exército e uma arma gigantesca como aquela — ela aponta para o alto — se estivessem preocupados apenas com ela.

— Se Luana for realmente a Supernova, se ela for mesmo destruir tudo...

— Tem muita coisa mal contada.

— Eu já não tenho certeza de nada.

Judra para de repente e pede silêncio.

— Ouviu isso? — ela pergunta.

— O quê?

A silenciadora anda até uma das casas e indica a entrada. Apoio as costas na parede externa, armo o Arado e aguardo por alguma diretriz. Ouço então um gemido de sofrimento vindo de dentro. Um som baixo, mas perturbador, que me remete a todo o desespero que vivemos em Sonatri.

Judra saca a adaga do cinto e entra no casebre, fazendo seus olhos de silenciadora se acenderem em amarelo, sei que dessa forma ela pode enxergar perfeitamente no escuro. Como não tenho a mesma habilidade, resumo minha ação em apenas segui-la com bastante cuidado.

Ela se distancia alguns metros e minha perna esbarra em um dos móveis, emitindo um barulho que a assusta. Judra se vira instantaneamente e aponta a lâmina na minha direção.

— Desculpa — sussurro.

Ela balança a cabeça e, antes de continuar seu caminho, algo a agarra por trás, forçando-a sacar sua outra adaga e acertar a criatura.

Corro para ajudá-la a tempo de tirar o ser pegajoso de suas costas e, assim que o jogo no chão, Judra lhe crava a cabeça com sua lâmina e eu decepto as pernas apodrecidas com um golpe do Arado, impedindo-o de se levantar novamente.

— Uma cria da morte aqui?! — pergunto espantado. — Achei que os paladinos tinham dado conta desse problema.

— Certeza que Sonatri ainda está infestada — Judra diz, recuperando-se do susto. — Algumas criaturas devem ter passado para cá. E como os construtos provavelmente não podem ser infectados, não acredito que Yana esteja preocupada com isso. As crias até ajudam a espantar os aldeões.

— Acha que pode haver mais algum? — pergunto e olho ao redor.

Mas com a ajuda de suas lentes, a silenciadora não parece encontrar nenhuma outra ameaça.

— Podemos passar a noite aqui — ela fala enfática e sobe para o segundo andar do sobrado.

Enquanto isso, eu vou até o banheiro e uso o pouco de água que ainda sai pelos canos para lavar o rosto e as mãos. Volto ao quarto e encontro Judra sentada sobre algumas colchas.

— Deve servir. — Ela afofa os tecidos. — Deixei algumas para você. — E noto mais um amontoado de roupas de cama no outro canto do quarto.

Após tirar as botas e me acomodar, pego algumas frutas na mochila e jogo uma delas para Judra, que a apanha no ar sem dificuldades, mesmo em meio à penumbra.

— Está cansada?

— Não, eu fico com o primeiro turno — ela fala e morde a maçã.

Em qualquer outra ocasião eu questionaria. Sei que ela está acabada, assim como eu, porém eu não tenho condições de vigiar agora. Sem rebater, encosto a cabeça na mochila e apago; nem precisei do meu pó de nebrisco.

Durante a noite, recordo-me de Leran tentando me impedir de enfrentar as criaturas de Blessi. No entanto, eu estava disposto a fazer de tudo para deter aquela mulher e permitir que meus amigos fugissem.

Conforme o planejado, o paladino Mael conseguiu sair primeiro com Luana. Em seguida, era a vez de Leran e de Judra, só que a silenciadora, mesmo podendo ir com eles, decidiu ficar. Se não fosse por ela, Blessi provavelmente teria me matado.

Judra até conseguiu enfrentá-la de igual para igual por alguns segundos, mas Blessi não tinha interesse na silenciadora ou mesmo em mim. Assim que Leran e Luana fugiram, a Estrela da fumaça recuou em uma nuvem escura, deixando apenas o eco de sua voz doce e sombria:

“Nos vemos em breve, queridos”.

E depois disso, tudo piorou...

Minha mente cria *flashbacks* das cenas mais terríveis que presenciei nos últimos meses: batalhas entre Paladinos e Construtos. Soldados de Tênus avançando sobre

Mabra. Construtos voadores bombardeando vilas inteiras. Luzes de disparos tomando minha visão. A cor anil da energia dos construtos está em todo lugar, inclusive diante de mim. É um terrível pesadelo.

Acordo com a iluminação azulada incomodando o meu rosto. Abro os olhos assustado.

Demoro até focar a imagem do parapeito da janela fechada. Sobre a madeira, um ponto luminoso anda lentamente. Focalizo melhor e percebo o vagalume metálico. É um maldito inseto rastreador.

Antes que eu faça algo, uma das adagas de Judra atravessa o quarto e acerta o bicho, que se desfaz em pequenas fagulhas azuladas.

— Gueth... — ouço e saio do transe. — Gueth! — e sinto Judra sacudir meu ombro.

Viro o rosto e a encaro. Antes que eu falasse, ela tapa a minha boca. Judra aponta para a outra janela do quarto, de onde mais iluminação emana.

Salto das colchas em alerta e procuro pelo Arado na mochila.

— Como nos acharam?! — pergunto baixo, mas Judra não tem tempo de responder. Pelo buraco em uma das paredes, uma nuvem de vagalumes robóticos adentra o quarto, emitindo um zunido infernal.

— Vem! — Ela pega as coisas e desce a escada. Corro atrás.

No andar de baixo é possível ver luzes por todos os lados da casa. Eles estão nos cercando.

— Não temos como sair — concluo.

Os insetos descem grilando pela escadaria e nos fazem correr para a porta principal. Diante de nós, a passagem é arrebentada por um golpe. Uma dúzia de construtos de infantaria marcham para dentro e apontam as armas instaladas em seus braços até nós. Depois deles, entra um ser metálico bem maior. Ele se curva levemente para passar pela porta quebrada, mesmo assim, seus ombros arrancam parte do batente de madeira. As placas que protegem seus circuitos são visivelmente mais resistentes que a dos demais construtos, lembrando carapaças de insetos. Inclusive, possui um chifre de besouro saindo da testa. Os olhos afilados brilham com a energia das pedras e dos filetes que mantêm todo o seu corpo aceso.

Assim que para diante de nós, ele abre a bocarra, chamando os vagalumes que nos perseguiram de volta. A nuvem de insetos passa por nós desenfreada e voa para dentro de seu mestre. Então, o construto de elite nos encara:

— Onde está o pergaminho? — A voz modulada e grave me faz entrefechar os olhos.

— Jogamos fora — Judra responde, séria.

Mas Baw, o construto rastreador que nos persegue há dias, não está para brincadeira. Ele dá dois passos e estica seu braço até apanhar Judra pelo colarinho.

Ela larga a adaga e leva as mãos até o pescoço.

— Mentira — ele fala lentamente, deixando o ar quente de sua boca cheia de insetos e energia atingir o rosto da silenciadora.

— Acha que estaríamos com o mapa sabendo que vocês o querem? — falo, mas logo dois outros construtos me agarram pelo braço e me afastam de Judra e Baw.

— Sei que o paladino deu algo para que você escondesse o pergaminho — ele continua e aperta mais a mão que envolve o pescoço de Judra, como se segurasse um graveto. — O entregue para mim!

Estamos cercados. Dois construtos me seguram pelos ombros enquanto os demais apontam seus braços equipados com metralhadoras e lança-chamas. Se eu não fizer algo, Baw vai matar Judra.

Não tenho muito tempo para pensar. Escorrego os dedos até um dos bolsos do meu cinto e busco algumas sementes de trepadeiras. Já retiro-as fornecendo energia e, assim que as deixo cair no chão, elas brotam, projetando raízes firmes que penetram o piso na busca por terra. Em seguida, as gavinhas crescem desenfreadas e se enrolam em vários construtos ao meu redor, dando-me espaço para pegar o Arado e arremessá-lo com bastante força. A arma inicia o trajeto em sua forma latente e, enquanto rodopia entre a minha mão e a cabeça de Baw, ela se arma, cravando sua lâmina na carapaça metálica do monstro. O impacto lança faíscas e vagalumes pelo ar.

Judra aproveita e chuta o inimigo para longe a tempo de desviar de disparos de outros construtos, já livres das gavinhas. Outra vez nos encontramos cercados por robôs que estão prestes a disparar.

— Acho que não temos como fugir desses — digo. Mas Judra não responde.

Olho para o lado e ela não está mais ali. Sumiu.

— Odeio quando ela faz isso — digo para mim mesmo.

Sob tiros, rolo no chão e corro até Baw para recuperar o Arado. O construto de elite ainda está atordoado. Assim que retiro a arma de sua cabeça, um curto passa por seu corpo. Diversos insetos saem pela ferida e começam a sobrevoá-lo. Alguns pousam no buraco que minha arma abriu e se fundem a lataria, regenerando-a.

— Ah, filho da mãe.

E antes que eu pudesse acertá-lo com outro golpe, sou obrigado a desviar de uma gigantesca labareda, que incendeia a mesa de canto da sala. Outro inimigo já me tem na mira quando o chicote de Judra surge da escuridão e se enrola no braço do construto, decepando-o junto com o armamento. A silenciadora reaparece distribuindo chicotadas que arrancam cabeças, pernas e danificam as baterias nas costas dos inimigos. É incrível como essa Cauda do Dragão é afiada.

Usando a invisibilidade e as botas de silenciadora, Judra salta, desaparece, ataca, reaparece, se esquivava... tudo em movimentos tão rápidos, que em poucos segundos,

ela derruba oito dos robôs.

Aproveito a deixa e ataco os que restam. Rebato os tiros de um deles ao girar o Arado, corro e me jogo no chão, deslizando até as pernas de um dos construtos, onde as destruo com um golpe preciso. Levanto-me a tempo de acertar outros dois robôs em um corte horizontal, separando-os na metade.

Outro construto ejeta uma lança eletrocutada de seu braço e defende meu ataque seguinte. Assim que o Arado acerta a arma, a corrente elétrica toma meu corpo e me arremessa longe.

— Gueth! — Judra chama, mas escuto sua voz distante.

Ela se esquia de outros três robôs que também revelaram lanças. Com golpes de adaga, a silenciadora atinge partes vulneráveis, como o pescoço e outras articulações, causando curtos nas baterias.

O robô que me atingiu corre até mim para dar um golpe final. Com a lança, ele projeta uma estocada, que eu evito ao rolar para o lado. Ainda tonto, movimento minha alabarda e paro o segundo golpe. Antes que a descarga me atinja, eu cravo a ponta da arma no piso e deixo a ligação dela com a Terra se encarregar de dissipar a eletricidade. Então, acerto uma rasteira no robô, empurrando-o para o chão. Assim que o Arado está livre da corrente elétrica, eu o pego novamente, giro-o sobre a cabeça e desço sua lâmina, decepando o último construto.

O fogo já toma conta de quase tudo a nossa volta. Uma das paredes da casa começa a ceder e a fumaça já atrapalha minha respiração.

— Vamos embora — Judra me puxa.

— Temos que acabar com ele! — refuto, mas nossa oportunidade de destruir Baw já se foi.

Do outro lado da sala em chamas, o construto de elite se reergue furioso. Ele abre a boca e cospe a nuvem de vagalumes sobre nós. Judra não tem opção senão ativar o anel. Com um sopro, ela lança sobre Baw e suas criações a poderosa técnica dos silenciadores. Meus ouvidos doem com o ruído agudo, mas logo todo o som do ambiente desaparece. Os insetos são jogados para trás com o descolamento de ar e se apagam, caindo inertes. A energia no corpo de Baw oscila por alguns instantes, mas nem mesmo o silêncio é forte o suficiente para parar os construtos.

Baw dá alguns passos para frente, desafiando Judra, que já sem forças, acaba interrompendo a técnica.

— Eu vou aniquilar vocês! — a voz modulada estoura o silêncio, seguida do ruído da casa em chamas.

Puxo Judra pelo braço e ambos saímos. Ela está acabada. Não vai conseguir correr.

— Você está bem?

— Está cada vez mais difícil usar o silêncio — ela desabafa.

A técnica já nos salvou dos construtos diversas vezes, mas sem descansar, dormir ou comer direito, usá-la deve ser bem complicado mesmo. E aqui, infelizmente, ela não será o suficiente para nos livrar de Baw.

O construto atravessa a porta, arrebatando o que resta dos batentes, e para diante de nós. Uma de suas mãos dá lugar a um canhão de energia que se acende na cor índigo. Somos alvos fáceis agora.

Minha única escolha é usar o Arado. O silêncio drena as forças de Judra sempre que é usado e o poder da alabarda do meu pai tem um efeito ainda mais forte sobre mim. Usá-lo como arma de combate corpo-a-corpo é uma coisa, mas despertar sua verdadeira força requer mais, muito mais. Meu pai dizia que essa arma tem o poder de dividir o mundo ao meio. Um exagero, claro, apenas uma metáfora bem aplicada à capacidade real dela.

Sem pensar mais, espeto a ponta da lança no solo e a deixo se embeber com a energia da Terra. Baw prepara seu ataque e eu levanto o Arado, o rodopiando em minhas mãos. Sinto a força do elemento correr pelo meu corpo. Quando ela está prestes a explodir dentro de mim, cravo a lâmina da alabarda no chão a minha frente e assisto ao golpe abrir a rachadura que se estende em uma fenda larga e corre descontrolada na direção de Baw. O rasgo no solo continua se abrindo até atingir o construto e o sobrado em chamas. Tudo acaba engolido pela terra, inclusive metade de toda a vila.

Capítulo 27

Já era tarde quando cheguei ao hotel em que estávamos hospedados em Tênus. Luana passaria a noite com os arcanistas, ajudando na reconstrução da Arca; Leran decidiu dormir. Mas eu estava ansioso para saber se Keon já havia voltado. Ele andava estranho desde a luta contra as crias, o confronto com Terandi o deixou abalado. Naquele dia, ele tentaria falar com seus pais novamente, algo que havia tentado antes das hordas atacarem, porém não tinha sido recebido.

Subi ao nosso quarto na esperança de encontrá-lo e, assim que cheguei perto da porta, senti um forte cheiro de queimado, de pele queimada na verdade. Entrei depressa.

Keon estava sentado na cama, concentrado. Com lágrimas nos olhos, ele observava um dos braços trêmulos enquanto usava a telecinese para marcar a própria pele com um novo círculo. Assustado, corri até ele e o impedi de continuar.

— O que você tá fazendo?

— Me solta! — ele disse aos soluços e me afastou com seu poder mental. Então a marcação continuou.

— Para com isso! Você está se mutilando — gritei.

— É para me lembrar do que eu fiz — ele finalizou, assim que a marca foi concluída.

Keon continuava chorando. Eu, sem saber o que fazer, apenas sentei ao seu lado e o abracei. Ele recuou, mas eu insisti.

— Vai ficar tudo bem — eu repetia e respirava fundo, tentando acalmá-lo.

E ele cedeu. Encostou a cabeça no meu ombro e chorou baixo por alguns minutos, depois parou.

Eu achava que os círculos pelo corpo de Keon eram tatuagens, mas naquele dia descobri que não são. Todos são marcas feitas por ele mesmo, como algum tipo de autopunição. Cada círculo em seu corpo serve para que ele se lembre de uma pessoa que já matou. E não são poucas as marcas. Era claro que ele nunca esteve confortável com esse fardo. Cada vítima o perseguia, eternizada em seu próprio corpo.

— Terandi? — perguntei apontando para o círculo que ele havia feito por último. Ele acenou que sim com a cabeça.

— Por que círculos?

— Porque é como a mente funciona. Ela dá voltas. Os pensamentos vão e voltam. As lembranças vão e voltam. Olhar os círculos me acalma, me distrai. Imagino-me andando sobre eles, em um caminho que nunca termina. Um caminho solitário e silencioso.

As falas de Keon me deixaram atordoado.

Ele levou quase uma hora para se acalmar. Depois, foi até a sacada e olhou para fora por alguns minutos.

— Essa cidade só traz desgraças para mim — disse, triste. — Quero ir embora.

— Não deu certo com seus pais, não é mesmo?

Ele não respondeu. É claro que aquilo não era apenas por causa de Terandi, era uma soma de tudo o que vinha acontecendo. O garoto estava no limite. Ele realmente precisava ir embora.

— Nós vamos sair daqui, eu prometo — falei.

Eu só não imaginava que ele se sacrificaria para nos deixar fugir. A cena de Montesco arremessando Keon no chão nunca saiu da minha mente. E é relembrando dela que acordo aos berros:

— Keon!

Judra aparece no quarto, assustada.

— O que houve?

Olho para os lados, confuso, mas logo recobro a consciência.

— Um sonho ruim, só isso.

Faz dois dias que deixamos a vila onde enterrei Baw. Como estávamos esgotados, acabamos não seguindo viagem. Paramos no lugar mais seguro que encontramos e decidimos descansar.

Só que não podemos ficar aqui por muito tempo. Tenho certeza de que Baw não foi destruído. Logo, logo ele estará recuperado para liderar um novo grupo de construtos e vir atrás da gente.

— Você precisa comer, venha — Judra diz.

— Sim, vou preparar algo.

No entanto, assim que chego à cozinha do casebre, sou surpreendido por uma travessa com um apetitoso peixe assado.

— Onde conseguiu isso? — pergunto sorrindo.

— No rio aqui perto.

Sem hesitar, devoro metade do bicho.

— Pode comer tudo — ela diz —, eu já almocei.

Não questiono. Apenas como.

Essa cabana que encontramos veio a calhar. Estamos em um bosque, próximos à margem de um riacho, o lugar ideal para uma breve pausa em nossa viagem. Como

Mabra ainda está longe, Judra e eu decidimos buscar por uma vila fora da zona de conflito. Talvez encontremos algo mais ao sul.

Quando termino de comer, avisto Judra do lado de fora da cabana, próxima ao rio. Ela observa o céu por entre as copas das árvores. Ao me aproximar dela, noto construtos voadores, propulsionados por jatos de energia, cruzando as nuvens. Eles vêm do norte.

— Não estão atrás de nós — ela fala. E logo os robôs desaparecem, distantes.

Certamente Mabra ainda mantém a polícia protegendo o perímetro norte da cidade. Presumo que os confrontos entre os construtos e os agentes da capital têm sido cada vez mais frequentes. Não é incomum vermos torres de fumaça se levantarem no horizonte. Se Yana está mandando reforços, quer dizer que, de alguma forma, Mabra mantém a guerra em pé de igualdade.

— E pensar que essa tecnologia toda deveria melhorar a vida das pessoas.

— Você é mesmo ingênuo, *né*, gato?

Fico quieto diante do comentário de Judra e me sento às margens do rio.

— Você não parece muito bem — ela fala e se senta ao meu lado.

— Estou cansado.

— Não é só cansaço. Está preocupado, e mais do que o normal.

— E não tenho motivos para estar?

Judra aperta um dos olhos e me encara.

— Não sou muito boa com essa coisa de sentimentos, você sabe. Então, se quiser conversar, me avisa, ok?

Ela se levanta, porém, antes de sair, eu a chamo.

— Espera. Você tem razão. Não consigo parar de pensar em Keon.

— O telepata? Mas você gosta tanto assim dele? Não era um inimigo?

— Ele fazia parte do grupo — digo, um pouco irritado. — Ele nos ajudou diversas vezes.

Ela me olha indiferente.

— Pelo que eu sei da sua história, você deveria ser a última a julgar — continuo.

Judra desvia o olhar e fica quieta por alguns minutos.

— Desculpa — falo. — Você não tem culpa.

— Está tudo bem — ela diz olhando para o rio.

— Queria apenas que ele estivesse bem.

Judra volta a me olhar e balança a cabeça em negação.

— Você sabe que ele deve estar morto agora, não sabe?

Agora é minha vez de desviar o olhar.

— A culpa é minha — desabafo, enquanto uma lágrima escorre pelo meu rosto.

— Gueth — ela coloca a mão em meu ombro —, ele sabia das consequências quando atacou Montesco.

— Keon fez aquilo para que nós fugíssemos.
— Eu sei, mas você não tem culpa sobre isso.
— Eu havia prometido que ia tirá-lo de Tênus.
— Ok — Judra diz e se levanta. Ela anda até a base de uma árvore, recolhe algumas folhas secas do chão e volta para o meu lado. Em seguida, me olha, estende a mão sobre o rio segurando uma das folhas e a larga. Vejo a folha seca seguir pela correnteza, até desaparecer na curva do riacho.
— Por que a folha desce o rio, Gueth?
A pergunta me pega de surpresa.
— Por causa da correnteza? — respondo.
— Errado... — Ela pega outra folha pelo caule, a segura encostando-a na água e repete a pergunta.
— Não entendi aonde quer chegar.
— A folha está na minha mão. Por que ela desceria o rio?
— Por que você vai largá-la? — pergunto, duvidando do óbvio.
— Exato! — E ela devolve a folha para o chão de grama.
— Qual o sentido disso?
— O rio sempre desce. Qualquer folha que cair nele irá seguir a correnteza. Não temos como evitar.
— Faz sentido.
— E sabe qual é o principal problema das pessoas?
— Elas jogam muitas folhas nos rios? — pergunto, rindo.
— Não se faz de burro, estou tentando ter uma conversa séria aqui.
— Desculpa — sorrio.
— O problema é que as pessoas são inocentes demais. Para justificar seus problemas, elas sempre escolhem as variáveis que não controlam. Você não controla o rio, Gueth, mas escolhe se vai deixar a folha descer ou não.
A lição me acerta em cheio. Por alguns minutos, fico reflexivo, observando o rio.
— Mas por que está me dizendo isso agora? — finalmente pergunto.
— Porque você tem escolhido as variáveis erradas. Você não pode mudar o que aconteceu em Tênus. Foi uma escolha do garoto se sacrificar, não sua. Você pode continuar se culpando ou você pode seguir em frente. Pense nas variáveis ao seu redor e escolha com quais vai se preocupar e em quais vai agir. Se você entendeu, tudo ficará mais fácil.
— Até que você é bastante sábia para alguém tão nova.
E Judra desvia mais uma vez o olhar, pensativa. Então ela rebate:
— Não. Eu apenas passei por bastante coisa... mesmo sendo nova.

E nossa jornada prosseguiu. Decidi seguir o conselho de Judra. Infelizmente não posso fazer nada por Keon agora, porém jamais imaginei que fosse me apegar tanto a ele. Um ser que conheci como inimigo, mas que mostrou um caráter digno de minha amizade. Tínhamos algo em comum, alguma sintonia. E tudo isso acabou quando atravessamos a Arca e o deixamos para trás. Durante meses pensei em como seria se ele tivesse escapado conosco... ainda penso nisso. Só que essa é uma variável que eu não posso controlar e, portanto, não será mais uma preocupação.

— Gosto dessas placas de madeira que você usa — Judra me retira dos pensamentos e me faz olhar para minha armadura. — Mas parece um material frágil.

— Suas roupas são ainda mais frágeis — retruco olhando para o tecido preto com detalhes amarelos. As vestes de Judra até têm algumas placas rígidas protegendo áreas vitais, como o tórax, porém não aparentam ser resistentes.

— Em contra-ataques físicos, elas são mais fracas do que armaduras de metal, mas são muito úteis contra energia. Acho que você sabe que os silenciadores são especialistas em matar os que controlam os elementos.

— Sei bem.

— E porque você prefere a madeira?

— Eu usava essa roupa nas lutas que fazia em Mabra para entreter o público. Eram parte de uma fantasia.

— Fantasia? — Ela ri.

— É, tinha umas penas e folhas também. Um personagem que herdei do meu pai.

— Ah, devia ser maravilhosa... — Judra ri, debochada.

— Todos gostavam, *tá*? E eu acho que são confortáveis. As criei moldadas ao meu corpo.

— Moldadas, como?

— Sim, sou um manipulador de plantas, lembra? Fiz os galhos brotarem abraçando meu tórax e ombros, depois uni as partes com couro e dei os acabamentos. Por isso a roupa me cai tão bem — sorrio.

— Acho que temos um estilo parecido — ela fala.

— É, vestes leves, que permitem agilidade. Uma pena não termos tido tempo para treinarmos mais.

— Para você apanhar outra vez?

— Apanhar? Não foi bem isso o que aconteceu no posto paladino.

— Vai começar a dizer que luta melhor do que eu de novo? — ela provoca.

Contudo, antes que eu responda, o som grave de mais construtos voadores atravessa o céu, fazendo-me olhar para cima. Eles surgem vindos das montanhas e desaparecem no horizonte.

— Mais deles?

— Algo sério deve estar acontecendo por lá — Judra conclui.

E minha atenção é tragada para algo que avisto distante na estrada. Parece um grupo de viajantes, uma caravana.

— Pessoas — falo, contente. Há dias que só encontramos lugares desertos ou máquinas.

— Devem estar fugindo da zona de conflito.

— Podemos nos misturar — digo.

Judra gosta da ideia. Apertamos o passo e alcançamos a caravana após algumas horas. Nela, milhares de pessoas caminham carregando roupas, móveis e um pouco de comida. Animais puxam carros e carroças enquanto trambolhos e trailers um pouco mais modernos levam o que sobrou da vida dessas pessoas. Sinto-me mal por elas, mesmo assim, elas parecem estar melhores do que Judra e eu.

Converso com alguns dos membros do grupo e descubro que estão indo para um acampamento de refugiados, onde a polícia de Mabra dá auxílio para os que perderam suas casas no conflito. Se conseguirmos chegar até esse lugar, poderemos manter o pergaminho longe de Baw, evitando que as Estrelas achem Luana e Leran.

Quando a noite cai, a caravana para e todos começam a armar barracas para descansar até o dia seguinte. Em pouco mais de uma hora, centenas de tendas se erguem formando uma minivila improvisada na beira da estrada.

— Precisamos achar uma barraca para passarmos a noite — Judra avisa e sai por entre as tendas e carroças.

— Vai pedir a alguém?

— Podemos comprar.

E então noto que muitos dos carros que estavam sendo puxados foram abertos e se tornaram pequenas lojas de feira, algumas vendendo alimentos, outras oferecendo ferramentas, suprimentos e até barracas. É claro que a variedade é pequena, mas é o suficiente para a situação.

Enquanto passeio meus olhos pelo pequeno mercado, uma das carroças me desperta total atenção, onde potes, vasos e plantas estão expostos sobre a madeira.

— Você compra as barracas — retiro da mochila um dos saquinhos de mabres e o jogo para Judra. — Eu vou dar uma olhada ali.

Não espero pela resposta da silenciadora, apenas sigo ansioso para a carroça de plantas. Talvez eu ache algo que nos ajude na luta contra os construtos.

Aproximo-me já olhando os potes de sementes e, quando vou tocar um deles, uma voz rouca me assusta:

— Gostou de algo, rapaz?

Viro-me e encaro uma senhora baixa e gordinha, de cabelos grisalhos. O rosto marcado por rugas me é extremamente familiar.

— Espera... eu a conheço.

— Conhece? — ela pergunta, surpresa.

— Sim, eu comprei algumas sementes com a senhora em uma feira de Nuanto. Aquele ferrão negro salvou minha vida — digo, alargando o sorriso. — Que coincidência a encontrar aqui. Veio para o Reino do Norte após Nuanto ser atacada pelas crias?

Mas a velha continua me encarando como se eu fosse maluco.

— A senhora não se lembra?

— Ah — ela diz e leva a mão a cabeça — Você deve ter conhecido minha irmã, Magnólia.

— Como?

— Sim — ela sorri. — Eu me chamo Margarida.

Isso é possível? Ela é irmã da outra senhora que me deu as sementes de ferrão negro? Elas são idênticas. Diante do fato, fico sem graça e peço desculpas pela confusão.

— Não precisa se preocupar, rapaz. Vamos, por favor, veja se algo entre meus produtos te agrada.

Sorrio novamente e busco entre as sementes algumas que já conheço para refazer meu estoque. Encontro sementes de frutas e verduras, para preparar alimentos, porém apenas meia dúzia de sementes de trepadeiras.

— Não teria mais dessas? Na verdade, procuro as de Cipó-Rei. Sei que possuem gavinhas mais fortes.

— Quase como cabos de aço — ela ri.

— Isso, a senhora as tem?

A velha abre uma portinhola na lateral da carroça e retira um potinho de vidro. Depois despeja uma dúzia de sementes na palma da mão trêmula.

— Estas são de Cipó-Rei — ela diz. — Mas não costumam crescer muito por essas bandas. Tem que ver onde vai plantá-las, ou acabarão morrendo.

— Ah, não se preocupe. Cuidarei bem delas.

Com minha energia verde, elas crescerão em qualquer lugar.

Agradeço a senhora e me preparo para pagar, mas ela me manda esperar um segundo e se vira, debruçando-se sobre a bancada da carroça.

— Acho que esta também vai lhe servir — fala após puxar outro pote lá de dentro.

Recebo em minhas mãos duas sementes bem lisas e azuladas. Nunca as vi antes.

— Esta é uma rara semente de mimosa.

— A planta carnívora?

— Não — ela balança o dedo enrugado e gordo. — Não é uma mimosa comum. Chama-se Cabeça-de-Martelo.

— Interessante.

— Ela é bem perigosa na verdade.

Meus olhos se arregalam.

— Quando atijadas, suas flores se fecham com tanta força que são capazes de destruir até pedregulhos. O ácido que as pétalas produzem corroem ferro em segundos.

— Nossa.

Fico bastante surpreso com o que ela diz. Se essa plantinha pode mastigar coisas duras como o metal, quer dizer que ela é uma devoradora de construtos. É incrível como essas vendedoras de sementes sempre têm coisas oportunas.

— Quanto custa?

— Trezentos mabres cada.

— Trezentos?! — quase grito com o susto.

— São plantas raras — ela justifica, um pouco ofendida.

— Desculpa, é que é muito dinheiro.

— É uma pena — a senhora fala e retira as sementes da minha mão, devolvendo-as ao pote. — Serão apenas as frutas e as trepadeiras então, certo?

— Calma, as duas sementes de mimosa por trezentos?

— Não abusa... — a senhora responde, já irritada.

— Qual é? Me ajuda.

— Faço tudo por quatrocentos — ela fala e oferece as sementes outra vez. — Pegar ou largar.

É muito dinheiro, mas se essas mimosas são o que a senhora diz que são, tenho certeza de que valerão à pena.

— Ok — falo e entrego as moedas, sentindo-me extorquido. — Sua irmã era muito mais legal.

A velha sorri, mostrando os dentes que lhe faltam e me entrega as demais sementes em um único pote.

Pego tudo e volto para procurar Judra.

— Conseguiu as barracas?

— Sim, mas o cara me cobrou o olho da cara.

— O dinheiro foi suficiente? — pergunto, afinal tinha dado a ela pouca grana.

— Claro que não, mas ameacei arrancar os olhos dele e consegui um desconto.

Dou risada.

— E você?

— Acho que comprei uma planta interessante para lidar com Baw, caso ele volte.

— Ótimo. E sobrou quanto com você?

Gaguejo.

— Gueth — ela insiste —, sobrou quanto?

— Uns sessenta — digo baixo, quase em uma tossida.

— Sobrou apenas sessenta mabres?! — ela grita, desesperada.

— Não... você entendeu errado.

— Ufa!

— São sessenta mabrares.

E Judra dá alguns passos para trás até se apoiar em uma carroça.

— Quer dizer que temos apenas sessenta centavos? — ela fala atordoada e se vira — Vou achar um espaço para montar as barracas.

Sigo-a tentando justificar meu gasto, contudo ela não me dá ouvidos. Judra só para de andar quando percebe uma multidão amontoadá no meio do nosso caminho. Eles discutem.

— De onde ele veio? — um homem pergunta, preocupado.

Judra e eu nos esprememos entre as pessoas para ver do que se trata.

— Não sei. Ele apareceu andando, todo machucado — uma mulher responde.

— Será um desgarrado que veio de Sonatri?! — outro grita, fazendo os demais se agitarem.

— Não pode ser! Não teria chegado até aqui.

— Ele ainda está vivo — a mulher rebate. E os ânimos se acalmam.

Chego ao centro da roda e vejo um rapaz caído ao chão. As pessoas estão em volta, tentando entender o que aconteceu.

— Ele deve estar precisando de um médico — outra mulher fala e se aproxima, para verificar.

O rapaz está com calças e camiseta de mangas longas. Assim que a mulher o vira para cima, visando checar sua respiração, posso finalmente ver o seu rosto. Com o susto, deixo o pote com as sementes cair e se espatifar no piso da estrada.

Todos se viram para mim.

— Como é possível? — falo em uma mistura de descrença e espanto.

— O que está acontecendo? — Judra me alcança, contudo, assim que ela olha para o rapaz no chão, seus olhos se arregalam. — Como ele chegou aqui?

Eu não sei. E sinceramente isso não me importa, o que importa é que ele está aqui.

— Ele está vivo — desabafo.

Keon está vivo.

Capítulo 28

— Vocês o conhecem?

Eu não consigo responder, apenas corro até o telepata e verifico se está tudo bem.

Ele está respirando, porém tem cortes pelo corpo e parece ter levado uma pancada feia na cabeça. Com o auxílio de Judra, levanto Keon e o levo para longe da multidão. A silenciadora conversa com algumas pessoas e diz que ele estava conosco antes, mas que se perdeu.

Após acharmos um lugar mais tranquilo, Judra arranja toalhas limpas e alguns remédios para tratar os ferimentos de Keon.

— Talvez ele tenha conseguido escapar e seguiu o som das nossas mentes até aqui — falo enquanto limpo o ferimento em sua cabeça.

— Gueth, nós não o vemos há mais de seis meses.

— Ele pode ter escapado agora.

— Tênus fica a centenas de quilômetros daqui.

— Talvez...

— Para. Se acalma. — Ela gesticula. — Vamos esperar ele acordar. Aí tentamos descobrir o que aconteceu.

Judra tem razão. Enquanto ela termina de limpar os machucados dele, eu improviso rapidamente a montagem de uma das barracas. Após colocá-lo para dentro, eu me sento do lado de fora e espero.

— Vai ficar aí? — Judra pergunta.

— Estou sem sono.

— Ok, vou ver se acho alguém para dar uma olhada melhor nele. Tenta dormir um pouco.

Como se fosse fácil. Foram apenas algumas cochiladas, sempre acordando preocupado com Keon. Pensei em usar o pó de nebrisco, mas decidi evitá-lo para estar alerta se necessário. Meu último cochilo é interrompido por Judra, que chega com uma garota, uma jovem enfermeira, mais precisamente. O sol ainda nem nasceu.

Continuamos do lado de fora enquanto a garota examina Keon. Judra está sentada, paciente, eu diria que até um pouco entediada. Já eu, roo as unhas de nervoso.

— Você entende de cura? — não me aguento e pergunto para a enfermeira, que ainda está lá dentro.

— Não sou uma controladora, mas sei cuidar de feridos — ela responde.

— E como ele está?

— Está bem — diz ao sair da barraca. — Apenas dormindo agora. E não tem nada quebrado, o que é bom, mas teve uma concussão. É aconselhável que ele fique de repouso. Pode haver algumas sequelas também.

— Que tipo de sequelas? — questiono, apreensivo.

— Tontura, náuseas, perda parcial da visão e falta de memória.

— Caramba.

— Tudo tende a ser passageiro, por isso é importante ele descansar. Vou passar aqui após o amanhecer, antes da caravana partir.

— E eu vou descansar um pouco — Judra fala assim que a enfermeira vai embora.

— Sim, faz bem. Eu fico aqui.

Ela dá de ombros e vai para a outra barraca.

Passam-se quase trinta minutos de silêncio sepulcral, até que um gemido vindo de dentro da tenda me faz correr para ver se Keon está bem.

Encontro-o se revirando. Devagar, ele abre os olhos e se senta em um esforço visivelmente doloroso.

— Onde estou? — ele pergunta, confuso.

Só que eu não consigo responder. Minha felicidade é tanta que me sento ao lado dele e o abraço.

Para minha surpresa, ele me empurra, bastante irritado.

— Ei, qual é? Quem é você? — E leva a mão a cabeça seguido de mais gemidos.

A reação do mentalista me deixa atônito. Keon me encara novamente e repete a pergunta.

— Gueth. Não se lembra de mim?

— Gueth? — Sua expressão é de estranhamento.

— Sim, estávamos em Tênus, lutamos contra as crias.

Ele parece ainda mais confuso.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Deve ser por causa do ferimento na cabeça — concluo, preocupado. — A enfermeira disse que você sofreu uma pancada forte.

— Não me lembro de muita coisa.

— É normal. Você precisa descansar um pouco mais. De qualquer forma, está seguro agora. Vai ficar tudo bem.

Sorrio um pouco sem graça, mas Keon não retribui. Ainda perdido, ele apenas se deita outra vez e se vira, dando as costas para mim.

Saio da barraca chateado. Será que ele se esqueceu de tudo? Estamos há seis meses sem vê-lo. Ele poderia ter se esquecido de como chegou até aqui, mas se esquecer de Tênus, da guerra, de mim?

Aguardo por algumas horas, ainda sentado do lado de fora da barraca. Já de dia, a enfermeira retorna para avaliá-lo.

— Ele está com um quadro de amnésia — ela diz para Judra e eu, que aguardamos do lado de fora da tenda, após examiná-lo outra vez.

— Que ótimo — Judra fala, irônica.

— Parece grave, pois não se lembra nem do próprio nome. Mas como disse, tende a ser passageiro. Ele precisa de alguns dias para se recuperar.

Judra me espreita com o canto dos olhos em uma expressão rabugenta, porém eu não tenho culpa.

— Obrigado por tudo. Cuidaremos dele a partir de agora — ela fala e dá o pouco que nos restava de moedas para a jovem enfermeira, que se despede.

— O que vamos fazer? — pergunto.

— Ele está mal para acompanhar a caravana — Judra diz.

— Não podemos deixá-lo aqui.

Ela não responde.

— Não podemos deixar ele aqui, Judra.

— Nós não podemos ficar aqui, Gueth — ela rebate, meio que remedando o ritmo da minha frase. — Os insetos do Baw vão nos achar. Temos que aumentar nossa vantagem enquanto podemos. Já perdemos tempo demais.

Antes que eu pudesse argumentar, o próprio Keon responde, ao sair da barraca.

— Não precisam se preocupar comigo. Estou indo embora.

Ele se apoia na barraca, visivelmente fraco, mas logo se reergue e segue para o lado oposto do qual a caravana está.

— De forma alguma! — Vou atrás dele e o seguro pelo braço.

— Cara, eu nem conheço vocês. Agradeço pelo que fizeram, mas tenho que ir.

— Ir para onde? — questiono incrédulo.

E ele para, pensativo.

— Não sei.

Keon precisa de nossa ajuda. Não posso deixá-lo partir. No entanto, se ele não se recorda de nós, como farei para que ele confie na gente?

Encaro-o por alguns segundos até notar, por baixo da manga de sua camiseta, um dos círculos marcados em seu braço. Keon é um poderoso mentalista. Apesar de não ser muito bom com a telepatia, tenho certeza de que, se ele entrar em contato com minha mente, poderá se lembrar de algo.

Sem hesitar, pego as mãos dele e as levo até minhas têmporas.

— O que está fazendo? — ele questiona, desconfiado.

— Você consegue sentir pensamentos. Sinta os meus, ouça-os. Poderá te ajudar a lembrar das coisas.

Confuso, ele deixa as mãos nas laterais da minha cabeça e relaxa.

— Respira fundo — oriento.

Ele fecha os olhos e se concentra. Enquanto isso, penso em Tênus, nas crias, em nossa fuga. Quando minhas lembranças passam por Montesco, Keon recua as mãos em um susto.

— O que foi? — Judra se aproxima, apreensiva.

— Aquele homem — ele responde, ofegante e com os olhos arregalados.

— Que homem?

— Minau Montesco.

Keon olha para as próprias mãos, depois olha ao redor, assustado. Sua respiração aumenta. Parece que ele busca por alguém que o vigia.

— Você está bem? — pergunto.

Mas é obvio que ele não está. Keon leva as mãos à cabeça e se abaixa. Ele começa a gritar.

— Tira ele de mim! Tira ele da minha mente.

Judra me encara assustada e, sem saber o que fazer, ela dá um golpe na cabeça de Keon, fazendo-o desmaiar.

— Por que fez isso? — questiono irritado.

— Por que Montesco pode estar na cabeça dele.

Diante da possibilidade, eu tento imaginar o que o regente de Tênus foi capaz de fazer com o pobre Keon.

Olho para ele caído no chão e sinto uma profunda tristeza. Se realmente Montesco é o responsável por isso, nós precisamos ajudá-lo.

— Temos que ir, Gueth — Judra chama minha atenção.

— Não vou deixá-lo aqui.

— É perigoso demais. Você tem noção do que está arriscando? Montesco teria matado *ele*. Se o deixou vivo, é porque está tramando algo.

— Já o abandonamos uma vez, silenciadora, não faremos isso de novo — enfrento-a.

— Você está deixando seus sentimentos influenciarem na sua sobrevivência. Acredite, isso não vai dar certo.

— Sentimentos? Ele é meu amigo. Salvou minha vida.

— Não me interessa o que você sente por esse moleque. Nós já temos problemas suficientes para lidar.

— Então vamos nos separar — falo, irritado. — Você vai com o pergaminho. Eu fico com ele.

— Vai realmente se arriscar? Arriscar a vida dele? Ele perdeu a memória. Baw não está atrás dele. Se você insistir em carregá-lo, vai colocá-lo na guerra outra vez.

— Não Judra, Keon nunca deixou esta guerra. Montesco fez algo com sua mente. E eu tenho que ajudá-lo a se recuperar disso. Pensando na folha do rio, essa é uma variável que eu posso e que eu vou controlar.

Judra respira fundo, desanimada, então dá as costas. Sobre um dos ombros, ela diz:

— Boa sorte, nairatiano. Foi bom ter sua companhia até aqui.

— Sente-se melhor?

Keon está sentado novamente dentro da barraca. Acabou de comer um prato cheio de ensopado que preparei.

— Obrigado, Gueth — ele responde. E eu sorrio. É bom saber que ele me reconhece.

A caravana partiu há três dias. Judra acabou indo logo depois deles. Decidi manter o acampamento no mesmo lugar até Keon ter forças suficientes para seguirmos viagem. Depois desse tempo de bastante repouso, ele já parece melhor. Após estarmos alimentados, recolho as coisas para seguirmos.

Keon não recuperou a memória por completo. Se lembra de mim, de Leran e de Luana, e vagamente de que estivemos em Tênus. Também sabe que, de alguma forma, Montesco entrou em sua mente enquanto estava preso na Arca. Contudo, as lembranças param por aí. Ele não sabe como chegou ao Reino do Norte, nem o que aconteceu com suas armas. Por sinal, ele não consegue usar a telecinese. Algum bloqueio o tem impedido de fazer qualquer tipo de controle.

— Para onde vamos? — ele pergunta.

— O pessoal da caravana disse que existem algumas cidades menores fora das zonas de conflito. Talvez consigamos encontrar alguma, repor mantimentos e, com sorte, dormir em uma cama.

Keon ri. A barraca realmente não é muito confortável. Além disso, meu estoque de alimentos diminuiu consideravelmente. Para se recuperar, Keon comeu muito. Achar uma vila seria ideal agora.

A caminhada dura quase o dia todo. Tentamos evitar as paradas para descanso, só que com a noite se aproximando, não nos resta escolha senão levantarmos o acampamento outra vez em uma clareira do bosque próximo a estrada.

Enquanto jantamos, trocamos alguns olhares, mas sinto Keon distante, parece pensar em algo complicado.

— Está tudo bem?

— Minha família — ele diz.

Ele nunca havia falado deles antes. Em Tênus, sempre que eu tentava descobrir algo, ele era evasivo. Ouvi-lo mencioná-los me deixa atento e curioso.

— O que tem eles? Se lembrou de algo?

— Sim, do meu pai. Ele tem uma posição importante em Tênus. Eu o encontrei naquele dia que você me viu marcando o braço.

— Você se lembra disso? — não contenho a felicidade. É um grande avanço.

— Agora sim.

— E o que houve com seu pai?

— Ele me mandou ir embora. Disse que eu era uma vergonha para a família. Que um general de Tênus não podia ter um filho como eu.

E Keon abaixa a cabeça, visivelmente abatido.

— Isso é um absurdo.

— Depois que Montesco me pegou, no dia que vocês fugiram, meu pai foi me visitar. Acho que ele só queria ter certeza de que era eu. Não direcionou uma única palavra até mim, apenas o vi falar com o regente. Depois não me lembro de mais nada.

Então Keon é filho de um dos generais da guarda vermelha. Isso explica algumas coisas. Montesco poderia tê-lo matado, provavelmente poupou a vida de Keon a pedido do pai. Mesmo assim, decidiram tirar sua memória e bloquear suas habilidades. O que era cruel.

— Sinto muito — falo.

— Eu também — ele rebate. — Durante muitos anos tentei ser aceito pela minha família e nunca consegui. Acabei fugindo de Tênus. Conheci Balko depois disso e me tornei caçador — Ele para e observa os braços, marcados pelos círculos negros. — Depois as coisas aconteceram rápido demais.

Não tenho o que dizer para ele. Também tive os meus problemas de família. A morte do meu pai, o abandono de Tlavi... Talvez seja isso que tanto temos em comum, somos sozinhos. E tentamos, de alguma forma, buscar nos amigos alicerces para continuar. Foi isso que Keon buscou em Balko e Terandi. Uma pena eles terem levado o garoto para um caminho tão ruim.

— Quer saber? — falo sorrindo. — Você tem uma nova família agora. *Nós* temos uma nova família. Leran, Luana... até mesmo a Judra. Temos que encontrá-los, ficar juntos. E tudo vai dar certo.

Ele também sorri, o que alivia meu coração. Não gosto de ver meus amigos assim. Nenhum deles.

O céu, limpo e sem nenhuma nuvem, permite que Keon e eu fiquemos sentados após o jantar, observando as estrelas claras no longo manto negro. Com a temperatura noturna caindo, percebo Keon abraçar o próprio corpo e abro a mochila para pegar uma blusa. Arremesso a peça de roupa, que ele veste e agradece.

— E você e a Judra, se deram bem? — ele puxa assunto depois de mais alguns minutos olhando o céu.

— Como assim?

— Sei lá, se conheceram melhor? — Keon fala com um sorriso — Ela é bonita.

— Não — repreendo, encabulado —, ela namora o Leran.

— Ah, é? Não sabia.

— Não é bem namoro, mas eles têm uma história.

— Hum.

Desvio o olhar, com certa vergonha. Por que ele teria pensado nisso? Porém, aproveito o assunto e emendo uma pergunta também:

— Mas e você?

— Eu o quê?

— Não conheceu nenhuma pessoa? Alguma paixão do passado? Acho que nunca falamos disso.

Em resposta, Keon desvia o olhar.

— Falei algo errado?

— Não. É que eu sempre fui péssimo com relacionamentos.

— Ah, eu duvido. Até a enfermeira ficou olhando para você. Acho que ela teve interesse — brinco.

— Claro que ela olhou. Me examinou inteiro. Tirando isso, ela jamais gostaria de alguém como eu. Ninguém gostaria.

— Por que não? Você é divertido, é fiel... é bonito também.

Noto as bochechas dele corarem.

— Vamos mudar de assunto?

— Sim — falo sorrindo, só que não inicio outro.

Ele volta a olhar para as estrelas e eu apenas o observo, tentando vislumbrar o que se passa em sua cabeça. Ele tem um ar ingênuo e ao mesmo tempo inteligente. Algo sempre me chamou a atenção em Keon. Assim, frágil, tenho mais vontade de protegê-lo.

Quando ele volta a atenção para mim, nossos olhares se cruzam e eu disfarço.

— O que foi?

— Nada, só estou feliz em ver você de novo — falo. — Se pudesse usar sua telepatia, saberia disso.

Keon sorri um pouco sem graça e, antes de responder, toca meu ombro em um gesto carinhoso que me surpreende e acelera meus batimentos. Ele então me olha nos olhos e diz:

— Não preciso de telepatia para saber disso.

Capítulo 29

Acordo incomodado com a luz que passa pela fresta da barraca e ilumina meu rosto. Coço os olhos e então percebo o braço de Keon caído sobre o meu tórax. Ainda atordoado de sono, afasto o mentalista de perto de mim e me levanto.

A noite esfriou mais do que esperávamos e acabamos tendo que dormir os dois na barraca. Não posso dizer que foi uma noite agradável, já que ele me chutou o tempo todo, mas eu finalmente descansei depois de algumas noites em claro.

Com meus movimentos, Keon também acorda.

— O que houve? — pergunta, preguiçoso.

— Temos que seguir.

Começo a recolher as coisas da barraca e guardar na mochila. Levamos alguns minutos para arrumar tudo e, antes de partirmos, faço crescer mais algumas frutas, que servem de café da manhã.

A viagem continua pela estrada que leva ao leste. Keon e eu revezamos para carregar minha mochila e a barraca. Ele não tem nada, está com as mesmas calças que vestia quando o encontramos e eu emprestei uma camiseta, que ficou um pouco larga. Pelo menos não está fedendo.

— Sabe, até que é bom não ficar ouvindo o barulho da mente dos outros o tempo todo.

O telepata anda tranquilamente, prestando atenção em cada ruído que vem dos bosques ao lado da estrada.

— Eu imagino. Já acho difícil lidar só com os meus pensamentos.

Ele ri.

Keon ameaça dizer outra coisa, porém eu o interrompo. Faço sinal para que ele pare de andar e observo atento a continuação do caminho.

— O que é aquilo? — pergunto, apontando para frente.

— Parece um trambolho — ele diz, incerto.

A possibilidade me enche os olhos. Se conseguíssemos um veículo, nossa viagem seria muito mais curta. Corremos na direção do carro e, assim que nos aproximamos, percebo que ele está capotado, sem condições de andar. A realidade me deprime.

— Isso pelo menos indica que estamos perto de alguma vila — Keon é otimista.
— Vamos continuar.

E, como ele disse, depois de mais algumas horas de caminhada, chegamos a um vilarejo que, por azar, já foi evacuado. O lado bom é que as pessoas sempre deixam coisas para trás.

— Saquear não é legal, eu sei — falo, enquanto arrebento o cadeado de um mercadinho. Entro e Keon fica do lado de fora, teoricamente para vigiar. Em poucos minutos, saio com a mochila cheia.

— Keon? — chamo ao notar que ele não está mais na rua. — Keon! — grito mais alto.

— Aqui — ele responde, do outro lado, em uma oficina.

— O que achou? — indago assim que entro e logo tenho a resposta. O mentalista está diante de um trambolho pequeno e velho.

— Algumas partes foram desmontadas — ele diz apontando para a lateral do veículo, sem uma das placas de metal. — Mas acho que a gente consegue arrumar.

— Deixa eu dar uma olhada.

Apesar de ter tido um mobin em Mabra, eu não entendo muito dessas máquinas; e o trambolho tem uma mecânica bem diferente dos mobins. Porém, pelo que vejo, para que funcione estão faltando apenas as fontes de energia, algumas pedras encantadas que fornecem força às rodas e ao motor.

— Aquele da estrada! — lembro.

Keon e eu saímos da vila e voltamos até o carro capotado. Após mexer em seu painel, consigo retirar as pedras de energia, aparentemente ainda ativas. Em seguida, voltamos ao vilarejo para instalar as fontes no trambolho da oficina.

— Dá a partida — Keon orienta.

De dentro do veículo, eu o ligo. A força das pedras de energia logo passa para o sistema, o painel de cristal se acende e os filetes metálicos que correm pela lateral do carro brilham. O ruído do motor ecoa pela oficina e o trambolho trepida, pronto para partir.

— Da última vez que roubei um veículo, fiquei preso com milhares de mortos-vivos — falo e deixo todo o dinheiro que me resta na mesa da oficina. Esses centavos não servem nem para pagar as alavancas de controle do trambolho, mas é o que eu tenho. Também ajuda a aliviar minha consciência.

Keon coloca a mochila que está em suas costas no banco de trás e se senta no passageiro. Manobro o veículo e saímos da oficina em direção ao final do vilarejo. Nossa viagem ganha fôlego e, em poucas horas, conseguimos passar por outras duas vilas, também abandonadas. Nessa velocidade, será possível tirar os três dias de atraso e alcançar a caravana. Quem sabe encontramos Judra.

Mais adiante, paramos próximos a uma encruzilhada. A estrada que segue para as montanhas do norte está repleta de marcas no solo, o que me deixa intrigado.

Viro o veículo e entro no bosque a nossa direita.

— O que foi? — Keon pergunta, confuso.

Em vez de responder, paro o trambolho próximo a uma árvore e desço.

— Fica aqui — falo e sigo pelo mato, até voltar à estrada de terra.

Olho para ambos os lados, garantindo que não há nada perigoso, e me abaixo para chegar as marcas.

— O que é? — Keon questiona ao me ver tocando no chão.

— Ei, eu disse para você ficar lá — falo bravo.

— Quer que eu fique sentado esperando você fazer tudo? — ele rebate, impaciente.

— Não é isso.

— Sei, sei. Você ainda não me respondeu.

— Tanques de Yana passaram por aqui. Também tem algumas pegadas, olha — mostro onde a terra úmida ficou marcada. Os passos pesados dos construtos deixaram rastros.

— Essa aqui não parece de máquinas. — Keon indica outra pegada, menor e menos marcada.

— O formato é de uma bota.

— Várias delas — ele completa.

Então me dou conta. Mais adiante, a estrada está repleta de marcas de passos, e passos de pessoas.

— Dá uma olhada nisso. — Keon chama minha atenção para um pedaço de pano largado mais à frente.

— Roupas? Construtos não usam roupas.

— Acha que os camponeses estavam fugindo dos construtos?

— Não — falo preocupado. — Não parece que fugiam. Veja, as pegadas estão muito próximas umas das outras.

— E estão em linha. — Ele nota.

— Não estavam correndo... estavam andando.

— Prisioneiros — Keon conclui.

Praguejo o nome dos construtos. Eles devem ter atacado vilas e estão levando reféns. Isso aumentaria a pressão sobre Mabra. Não bastasse a visão macabra do satélite, que continua pairando sobre nossas cabeças, temos ainda que lidar com esse exército que mais parece uma praga, nada consegue pará-lo. Passa devastando tudo, deixando apenas escombros e fuligem.

— Devemos seguir para o leste?

— Não — rebato, decidido. — Essas pessoas precisam de ajuda. As marcas ainda estão frescas, não devem estar longe.

— Ok — Keon diz, meio incerto. — Porém, não estou na melhor forma para ajudar prisioneiros. Nesse caso talvez seja melhor eu ficar sentado esperando.

Encaro Keon com serenidade. Ele está certo. Se o levar até os construtos, ele poderá se ferir, ou coisa pior. Mas também não posso deixar essas pessoas à mercê do exército de Yana. Preciso, ao menos, verificar a situação delas e buscar ajuda, se preciso. Com o trambolho, conseguiremos alcançá-los e, se algo der errado, poderemos voltar.

Coloco minhas mãos nos ombros de Keon e fito sua face, com determinação.

— Eu sei que você não pode controlar as energias, mas eu vou te proteger.

Ele acena a cabeça, ainda inseguro.

— Confia em mim — insisto.

Seu olhar transparece medo. Não lembro de tê-lo visto assim antes. Keon sempre foi destemido e confiante. Estar sem suas habilidades realmente o coloca em uma situação complicada, no entanto, diante de minha frase, ele acena novamente com a cabeça e fala com firmeza:

— Sim.

Com o trambolho, voltamos à estrada em direção ao norte. Depois de algumas dezenas de quilômetros, eu avisto a fumaça dos tanques no horizonte e saio da trilha, seguindo pelos bosques, por ali, os construtos não nos perceberão atrás deles.

— Eles realmente destroem tudo — falo.

Não é apenas a guerra. As máquinas de Yana são sujas, nojentas. Seus resquícios poluem o ar, os rios...fazem tudo definhando e ficar mais feio. Se essa é a evolução que a tecnologia nos traz, começo a achar que o povo de Nairatis é de fato o mais sábio.

Depois de mais uma hora diminuindo a distância entre nós e a frota de construtos, reduzo a velocidade, usando as árvores do bosque para nos manter escondidos. A fumaça adiante vai ficando mais nítida e já posso ver alguns dos tanques, que são imensos.

— Acho que eles pararam — comento.

Contudo, Keon presta atenção em outra coisa:

— Aquilo são jaulas? — pergunta, espremendo os olhos para focar ao longe.

Ao fundo da frota de construtos, estão carros menores com grades em cima. Então vejo dezenas de pessoas sendo colocadas dentro delas. Parece que o grupo que seguimos acabou de se juntar a outro batalhão construto e estão passando os prisioneiros que andaram até aqui.

— Isso é absurdo — falo perplexo.

— Devem ser inocentes.

— Claro que são. Não parecem ser da polícia de Mabra. Não são prisioneiros de guerra.

A estratégia da Aliança de Ferro é torpe. Levar o terror para as cidades e vilas, aumentando a pressão sobre a capital. Eu imagino como devem estar as fronteiras de Mabra, com milhares de refugiados dos campos e das vilas do Reino do Norte. Hiago quer fazer a cidade entrar em colapso, ou está tentando juntar o máximo de pessoas no mesmo lugar e então usar o satélite para aniquilar praticamente o reino todo. Não... não consigo nem pensar nessa possibilidade. Se Mabra cair diante da Aliança de Ferro, o mundo todo cai.

— Vamos!

Aproximo o trambolho o máximo que consigo sem chamar a atenção e o estaciono.

— Sabe dirigir?

Keon acena a cabeça em um sim.

— Preciso que você acompanhe os construtos dessa distância. Assim que eles voltarem a se mover, você continua devagar.

— E você? — ele pergunta preocupado.

— Seguirei a pé. Vou libertar essas pessoas.

A ideia parece maluca. Keon também acha que ela é insana. Na verdade, é uma ideia maluca mesmo, mas não tem como eu ficar olhando isso sem fazer nada. Se eu for cuidadoso, poderei me aproximar das jaulas e derrubar os construtos de infantaria mais distantes do grupo, libertando as pessoas presas nos últimos carros. Quando os demais inimigos perceberem, já terei livrado boa parte dos prisioneiros.

Retiro minhas vestes de luta da mochila e as coloco: ombreiras e peitoral de madeira, luvas e faixas nos braços e a máscara de couro. Checo as sementes no cinto e o Arado. Com tudo pronto, dou um murrinho no braço de Keon e falo para ele se cuidar.

Corro pela lateral do bosque por alguns minutos e alcanço a composição. Aproximo-me meio agachado e me escondo atrás de um dos tanques. Por baixo dele, avisto quatro pares de pernas de construtos menores, de infantaria, e duas jaulas sobre rodas. Dou a volta no tanque e passo para trás de uma delas.

Dentro, quase quarenta pessoas estão amontoadas, entre adultos e crianças. Um menininho me vê e arregala os olhos, mas faço sinal para que ele fique em silêncio. Ele acata com certo medo no olhar.

Deito-me no chão e me arrasto por baixo da jaula, chegando perto de um dos construtos. Retiro três sementes da trepadeira nova do bolso, energizo uma delas e a lanço entre as pernas do robô. Movimento-me para o lado e repito o processo em outros dois. Não consigo me aproximar do quarto sem ser visto, então para ele o plano é diferente.

Saio debaixo da jaula e vou para o outro lado, onde subo na lateral de um dos tanques e armo o Arado. Fico à espreita, esperando o quarto construto. Quando ele passa, salto com um golpe certo, partindo sua cabeça em dois. Os outros três me veem, contudo minha mão já está embebida com a energia do vegetal, que interage com as sementes e faz brotar as gavinhas do Cipó-Rei. A força da planta é incrível. Ela se enrola rapidamente nos construtos e, quando se aperta, esmaga a lataria deles, reduzindo-os a montes de lixo.

As trepadeiras normais até seguram os robôs por um tempo, porém logo suas engrenagens arrebatam as gavinhas. Essa, por sua vez, é forte como cabos de aço.

Corro até as jaulas e forço a fechadura de ambas com a ponta do Arado, deixando todos os prisioneiros saírem. Peço que fiquem quietos e que sigam no sentido oposto da estrada, visando se afastarem ao máximo dos robôs.

Sem questionar, todos fogem, menos o menininho que me viu primeiro. Ele puxa a minha calça, fazendo-me olhar para baixo, então me agradece com um sorriso largo.

— Vai com os outros — peço e o viro para a estrada.

Porém ele não tem tempo de seguir os demais. Os tanques estacionados emitem um ruído de roldanas e as portas traseiras descem, virando rampas. Uma dúzia de construtos de infantaria sai de cada um dos veículos militares, metralhando as pessoas que fugiam.

Fico atônito e meus olhos se enchem de lágrimas enquanto os corpos são trespassados por centenas de projéteis e raios. Crianças, idosos... os monstros de metal não poupam ninguém. Os que conseguem escapar, logo são perseguidos por robôs que saltam e correm para os bosques.

Cerro os dentes com raiva e mando o garoto se esconder embaixo da jaula. Sem pensar, pulo para cima do grupo de construtos à esquerda e derrubo dois com o primeiro golpe. Giro o Arado sobre a cabeça, salto em uma pirueta para o lado, esquivando-me de disparos e acerto outros três em um ataque horizontal.

Mais quatro construtos param diante de mim e atiram. Não tenho distância para acertá-los, então corro contra os tiros, rebatendo alguns com o cabo da alabarda. Dois raios acertam o peitoral da minha armadura, um terceiro passa perto do meu braço, abrindo um corte que logo derrama sangue. Mesmo assim, não paro. Aos berros, eu uso o Arado como apoio e propulsiono meu corpo para uma voadora certa no primeiro. Depois rodopio a arma e decepo o segundo. Paro atrás do terceiro e uso seu corpo para me proteger dos disparos do quarto. Depois, arremesso a alabarda como uma lança, perfurando o atirador. Ofegante, eu olho os destroços ao meu redor.

Só que ainda não acabou, os que saíram do outro tanque agora se voltam contra mim e preparam novos tiros. Ainda furioso, levanto a alabarda e invoco seu poder

da Terra. Acerto o solo lançando pedras e poeira sobre os inimigos, o que me dá tempo para chegar até eles e continuar a transformá-los em ferro velho. A máscara me ajuda a proteger os olhos da nuvem de pó e, dentro dela, acerto mais três construtos. Pego o quarto pelas costas e bato a cabeça dele na lateral do tanque, deixando faíscas no ar. Perfuro o quinto. Arranco as pernas do sexto. Dou um mortal para escapar de tiros e corto o sétimo e o oitavo ao meio.

E então um ponto luminoso entre a poeira chama minha atenção. Ele passa voando bem na minha frente e esse momento de distração é o suficiente para me fazer baixar a guarda. Recebo um golpe nas costas e caio. A poeira vai se dissipando e revela um dos construtos diante de mim. Sua metralhadora está apontada para meu rosto. Ao lado do inimigo, a fonte da luz também se manifesta: um pequeno vagalume metálico.

Me arrasto para trás, tentando evitar a metralhadora enquanto o inimigo engatilha a arma. Antes que dispare, noto um corte se abrir em seu pescoço, que logo se solta do corpo em curto-circuito. O construto cai enquanto o chicote de Judra se retrai, logo atrás de mim.

— O que faz aqui? — pergunto ao vê-la estender a mão para me ajudar a me levantar.

Em instantes, uma nuvem de vagalumes se levanta, indicando que Baw já sabe onde estamos.

— Eu é que pergunto — Judra responde brava enquanto corremos para longe. — Os construtos atacaram a caravana e prenderam algumas pessoas. Acabei seguindo-os até aqui. Aí, para minha surpresa, encontro você se metendo em encrenca.

— Eu estava salvando *elas*.

— Estou vendo, salvou mesmo — ela fala, irritada.

Não respondo. Sei que cometi um erro. Se eu não os tivesse soltado, os construtos não teriam atirado.

— Nossa luta não é essa, você sabe disso — Judra continua. — Temos que manter o pergaminho seguro, e você acabou de colocá-lo em risco para salvar a vida de alguns refugiados.

Não consigo pensar de forma tão fria como Judra faz. A única frase que formulo sai de forma grosseira, como um insulto:

— Você diz isso porque é uma assassina. Não dá a mínima para a vida de ninguém.

Judra se vira para mim, furiosa. Abre a boca para falar, contudo desiste e engole as próprias palavras. Ela sabe que estou certo.

Mais construtos aparecem atrás dos tanques, seguidos pelo enxame de vagalumes. Já estamos longe, porém vejo o pequeno garoto ser arrastado para fora

de seu esconderijo embaixo da jaula. Um dos robôs o achou. Ao ver a cena, uma mulher que se escondia no bosque passa por nós e grita na direção do menino.

— Meu filho! — Ela tenta correr até ele, mas eu a seguro.

O robô pega o menino pelo colarinho e o joga contra o solo, fazendo-o cair desacordado. A mulher grita ainda mais. Depois, junto com outra dezena de construtos, o inimigo aponta sua arma na direção da criança. Fecho os olhos para não ver a crueldade, porém não escuto os tiros. Ao abri-los novamente, vejo Judra correr enquanto sopra o silêncio na direção do exército de Yana. A técnica desestabiliza as máquinas, dando tempo a ela de pegar o garoto do chão. Alguns construtos conseguem atirar, mas Judra desaparece, ficando invisível juntamente com a criança.

— Onde está meu filho? — a mulher pergunta assim que o som é reestabelecido.

— Está seguro — respondo e logo Keon nos alcança com o trambolho.

— Vem — puxo-a para dentro do carro.

Keon dá um cavalo de pau e segue para o outro lado da estrada, se afastando das tropas. Enquanto fugimos, tenho tempo de ver Baw surgir entre os vagalumes. Sua carapaça está ainda maior e mais amedrontadora. De alguma forma, ele fez melhorias em seu corpo. Do alto de um dos tanques, ele ordena que os soldados de metal nos sigam.

Com uma manobra rápida, Keon joga o trambolho na direção do bosque. E lá, algo o faz frear.

— O que foi isso? — berro, com o susto.

— Ali, apareceu bem na nossa frente — ele justifica.

De fato, uma imagem translúcida surge diante do carro e dela, o menino cai desfalecido. Sua mãe desce desesperada e começa a chorar ao ver as roupas do garoto sujas de sangue. No entanto, assim que Judra se materializa atrás dele, percebo que o sangue não é do menino. A silenciadora pressiona o abdômen enquanto o líquido avermelhado escapa por entre seus dedos. Ela me olha aparentemente tonta e, sem falar nada, despenca aos meus pés.

Capítulo 30

— **P**isa fundo — berro para Keon assim que coloco Judra dentro do veículo.

A mulher pegou o garoto e correu para o outro lado do bosque. Só que os construtos não estão mais interessados neles, os tanques de Yana aumentaram sua velocidade e agora vêm derrubando as árvores atrás de nós.

Estou com Judra no banco de trás e tento improvisar um curativo no ferimento. Busco algumas sementes de ervas medicinais no bolso e um tranco do carro me faz deixá-las cair.

— Mas que p... — praguejo.

Pego outras sementes e as faço brotar na palma da mão. Como não há terra, elas crescem fracas, mas isso é o suficiente. Coloco uma das folhas na boca, mastigo e cuspo a gororoba em um lenço, levando-o até o abdômen de Judra para o curativo. Ela geme de dor e abre os olhos.

— Vai ficar tudo bem — digo. — A erva vai estancar o sangue. Sua sorte é que foi de raspão.

Ela se esforça para levantar a cabeça e eu a mantenho deitada no meu colo.

— Sossega!

— Onde está o menino? — ela pergunta, preocupada.

— Ele vai ficar bem.

Vejo alívio na expressão de Judra.

— Você quase morreu por causa dele, sabia?

A silenciadora balança a cabeça e tenta se levantar de novo. Agora eu a ajudo a ficar sentada.

— Mantém aqui pressionado. — Indico o curativo. Ela acata.

— Eu já quase morri por coisas bem menos importantes do que a vida de uma criança.

Fico quieto e continuo a encarando.

— O que foi?

— Estou surpreso. Até um pouco antes você dizia que não era para nos preocuparmos com os refugiados.

— Você faz um juízo muito errado de mim, nairatiano. Para quem se diz altruísta, deveria confiar que as outras pessoas também podem ser boas, mesmo uma

assassina como eu. — Ela enfatiza a palavra “assassina”, claramente se referindo a ofensa que fiz antes de ela salvar o garoto.

A manobra brusca de Keon para desviar de um tronco arranca uma palavra bem feia da boca de Judra.

— Eu sei que o papo está bom — ele grita do volante —, mas dá para vocês prestarem atenção aqui? Estamos sendo perseguidos!

Olho pelo vidro de trás e vejo a fumaça dos tanques no céu. Uma revoada de pássaros foge das copas das árvores, que continuam desaparecendo, caindo uma a uma com a passagem dos pesados veículos de guerra. O barulho grave das engrenagens e dos motores enervados com eletricidades fica cada vez mais alto.

Em ziguezague pelo bosque, o trambolho segue depressa, até cair novamente na estrada do outro lado, nos levando outra vez ao sul. As rodas derrapam e o carro vira noventa graus, antes de Keon recuperar o controle e colocá-lo de volta na pista. Com a velocidade, a poeira da terra batida sobe, mas não o suficiente para encobrir os gigantescos tanques que surgem devastando o que restava das árvores.

O caminho a nossa frente apresenta alguns obstáculos. Além dos buracos na via, que Keon tenta evitar, restos de outros veículos também obstruem parte da estrada. Ele desvia de uma carroça virada, deixando-a para os tanques. Volto então os olhos para trás, ansiando pela imagem de um dos carros inimigos batendo nos restos do obstáculo de madeira, porém eles nem se preocupam em desviar. Na frente de cada um dos veículos de Yana, logo abaixo dos faróis de luz azulada, as engrenagens se movem revelando rolos repletos de dentes e estacas que passam a girar em um grande triturador. A carroça é engolida por um dos carros de guerra sem que ele nem chacoalhe, os destroços são simplesmente cuspidos para os lados.

Outros pedaços de entulho surgem no nosso caminho, forçando Keon a mover as alavancas do trambolho com habilidade. Já os tanques não precisam se preocupar. Eles mastigam tudo que fica para trás com suas bocas giratórias.

Depois da parte mais acidentada da estrada, finalmente conseguimos aumentar a velocidade, correndo em linha reta. Isso nos afasta dos perseguidores.

Eu comemoro.

— Acho que não é o momento — Judra fala, também olhando para trás.

Ao abrir rampas nas laterais, os tanques permitem que outros construtos, equipados com rodas e jatos em seus pés, tomem a estrada. Eles correm como se usassem patins, deslizando atrás de nós.

— De onde vem tanta criatividade para montar essas coisas? — Keon comenta ao mirar no retrovisor.

Se o problema fossem apenas os patins estava bom, mas os construtos, assim que se aproximam, projetam as garras e lâminas eletrocutadas em suas mãos mecânicas.

Judra, mesmo ferida, abre o vidro lateral e se debruça na janela, mantendo uma das mãos no machucado.

— O que vai fazer?

Em resposta, ela retira uma pistola das vestes e dispara, acertando a bateria de um dos robôs. Com o tiro, as costas do construto explodem e ele capota.

— Desde quando você sabe atirar assim?

A silenciadora rola os olhos e se vira outra vez para trás, disparando mais duas vezes. Outros dois construtos caem.

— Vai ficar olhando? — ela desafia.

Essa garota não é normal. Não pode controlar energias, está machucada e, mesmo assim, luta como nunca. Judra talvez seja a guerreira mais formidável que já vi, nada consegue pará-la.

Só que os tiros da silenciadora não são o suficiente para evitar que os construtos alcancem o carro, emparelhando-se conosco. Um deles se joga diante do trambolho, mas Keon é rápido e evita a colisão. Aproveito para abrir também a minha janela e deixo cair uma das sementes de cipó-rei. Minhas gavinhas crescem depressa e agarram um dos nossos perseguidores, estacando-o no solo da estrada. Outro robô tenta pular por cima do amontoado de galhos e folhas porém, no meio do salto, seu pé é envolvido em um novo galho, que o puxa e destrói sua perna.

— Acho melhor você ter mais dessas coisas — Judra fala enquanto continua tentando afastar os demais robôs, que usam seus braços para absorver os disparos e proteger baterias.

Depois de algumas curvas na estrada, conosco chacoalhando dentro do veículo, Keon entra na avenida principal de uma pequena cidade abandonada. Vamos entrando por ruas mais estreitas, o que dificulta a perseguição dos construtos. Depois de passar por diversos becos, conseguimos despistar algumas das criaturas de metal, sobram três em nosso encalço.

Keon desvia de dois mobs abandonados no meio da rua e, durante a manobra, Judra consegue acertar a fonte de energia de mais um inimigo, explodindo-o atrás de nós. Aproveito e deixo outra semente de trepadeira, que devido à rua apertada, cresce tomando o caminho todo. Os últimos dois construtos vêm de encontro às gavinhas e logo não os vejo mais... acabaram presos nas plantas.

— Conseguimos! — Keon comemora, fazendo uma nova curva no final da ruela.

— Cuidado! — E Judra grita, alertando para um dos tanques que simplesmente surge no cruzamento obstruindo toda a passagem a nossa frente.

O telepata tem tempo de mover a alavanca do trambolho e afastá-lo da enorme trituradora, porém o veículo perde a estabilidade, as rodas se desprendem do chão e capotamos.

Sinto minhas costas e cabeça baterem com força. O pouco que consigo enxergar pelas janelas gira e gira. O barulho de vidro e metal se quebrando toma os meus ouvidos e a última batida lança minha testa na porta lateral.

— Argh — Ouço mais alguém gemer além de mim.

Tento me localizar. Estou tonto e com a cabeça doendo. Mexo os braços e os pés, me certificando de que ainda posso senti-los. Meu corpo está largado sobre o forro do teto do trambolho, que resta de ponta cabeça ao lado de um muro.

Olho para o lado e encontro Judra em uma situação semelhante. Ela tem alguns cortes nos braços e no rosto, mesmo assim acho que a maior parte do sangue que manchou o teto do carro é meu. Quando levo as mãos à testa, sinto-a encharcada. Estou pingando sangue.

— Vocês estão bem? — Keon pergunta do banco da frente. Ele então se arrasta para fora do trambolho, passando pela janela.

Em vez de responder, Judra também rasteja para fora, debruçando-se em cacos de vidro.

Keon dá a volta e vem até a porta do meu lado para me ajudar. Ele puxa meu braço e me leva para fora enquanto faço força com as pernas para mover meu corpo mais rápido. Assim que fico de pé, a tontura me faz cair apoiado nos ombros do telepata.

— Isso está feio — ele fala e rasga parte da camiseta, fazendo uma atadura para minha cabeça.

Surpreendentemente, ele não parece ter se ferido muito. Contudo, os ferimentos são o último dos nossos problemas. Ao redor do trambolho destruído, dezenas de construtos de infantaria nos cercam, apontando suas metralhadoras de energia.

Levanto as mãos, seguido de Judra e Keon. Estamos feridos demais para fugir ou lutar. E mesmo que tentemos, a chance de nos matarem a essa distância é grande.

Após rendidos, três construtos se aproximam e nos revistam, retirando nossas armas. Levam o Arado e meu cinto com as sementes. Judra fica sem as adagas, sem o chicote, sem o anel do silêncio e sem o disco de invisibilidade, antes preso em sua veste de silenciadora. De Keon não levam nada. Ele não tinha nada.

— Acho que nosso passeio acabou — falo e recebo um forte golpe no estômago, fazendo-me torcer o corpo.

— Calado — a voz mecânica do construto a minha frente ordena.

Troco olhares com Judra, tentando identificar se ela tem um plano, mas parece que as cartas na manga se esgotaram.

Assim que recupero a postura após o golpe, o construto me empurra na direção do tanque, para onde sigo mancando. Judra e Keon vêm logo atrás, quietos. Somos direcionados a uma porta lateral e então nos empurram para cima de uma rampa, fazendo-nos entrar.

Por dentro, o lugar parece um pequeno contêiner cúbico e inteiro de metal, sem janelas. A forma como o espaço foi montado, praticamente sem soldas e sem ferrolhos, mostra que se trata de pura modelação do ferro.

Quando fecham a porta, ouço o “clac” da trava e tudo fica escuro. Então, uma fraca luz azulada se acende por um filete no teto, dando um pouco de visibilidade.

— Agora temos que esperar? — pergunto.

— Com certeza estão avisando Baw que nos pegaram — Judra responde. — Não vai demorar até que ele chegue aqui.

Keon apenas se senta e se desculpa.

— Não foi culpa sua — falo e me abaixo para ver se ele está realmente bem.

— Claro que não — Judra continua — a culpa é sua, Gueth.

— Bem, achar culpados agora não vai ajudar — rebato.

— Ajuda a me deixar mais calma, porque posso me imaginar te dando uma surra.

Ignoro Judra e me sento ao lado de Keon. Logo, a trepidação indica que estamos nos movendo. Com o silêncio, os minutos passam devagar. Nenhum de nós abre a boca, deixando o ruído dos motores de energia tomar o cubículo de metal.

E esse é o único som que escuto por quase meia hora. Ele só para quando outro barulho, muito mais intenso, nos faz pular de susto. O tanque todo treme e freia, jogando-nos para frente com a inércia.

— Isso foi uma explosão? — Judra pergunta, surpresa.

A explosão se repete mais três vezes. Na última, o tanque sacode, me derrubando no chão, e o cubículo logo se enche de fumaça.

Ouço o ruído da trava da porta outra vez e Judra vai até ela, tossindo.

— Ajuda aqui — a silenciadora chama e empurra a porta de metal.

Keon e eu usamos bastante força até conseguirmos afastar a aba pesada, que logo se desdobra em uma rampa. De alguma forma, a explosão afetou os sistemas do tanque, destravando nossa cela.

Assim que salto para fora, encontro-me em meio a uma chuva de disparos, raios e bombas. Construtos correm para todos os lados, enquanto máquinas voadoras dão rasantes e atiram contra o exército da Aliança de Ferro.

Essa é a PEM, a Polícia Especial de Mabra.

Capítulo 31

Os veículos aéreos da PEM possuem asas e hélices que funcionam à base de energia, assim como os construtos, no entanto elas são controladas por pessoas. Na cabine cabem piloto e copiloto. São máquinas pequenas com grande poder de fogo. Enquanto passam, metralham os robôs de Yana e lançam bombas mirando os tanques. Além das explosões próximas a nós, outras mais adiante mostram que a tropa inteira de construtos está sob ataque.

— Procurem abrigo — Judra fala e se joga debaixo do tanque. Keon faz o mesmo. Eu me agacho na lateral do carro de guerra e continuo observando a batalha.

Apesar de levarem a pior em um primeiro momento, os robôs se organizam e contra-atacam. Canhões de energia se projetam na parte superior dos tanques e alguns construtos de infantaria trocam de armamentos, fazendo seus braços se transformarem em mini bazucas.

Um dos tanques prepara o disparo, concentrando toda a energia da máquina no canhão. Em seguida atira uma pulsante bola eletrificada para o alto, que acerta uma das aeronaves de Mabra. Um anel de luz se expande no céu seguido de uma explosão que derruba outras duas máquinas voadoras que estavam próximas.

Os construtos de infantaria repetem o processo do tanque, redirecionando eletricidade para as bazucas. Novas esferas são lançadas ao céu, semelhantes à primeira, porém menores. Após a barragem de artilharia, mais aeronaves acabam abatidas, forçando a PEM a mudar de estratégia.

Alguns agentes saltam dos veículos voadores antes de serem atingidos e abrem paraquedas, descendo na direção dos construtos. Caindo devagar, eles se tornam alvos fáceis das metralhadoras. No entanto, os tiros param em uma espécie de barreira de energia leitosa que envolve cada um dos paraquedistas. Logo o céu é tomado por dúzias de policiais envoltos em bolhas esbranquiçadas.

Os construtos aumentam o poder de fogo e conseguem destruir duas barreiras, perfurando os policiais e seus paraquedas. Os corpos apenas caem desfalecidos no chão duro. Mesmo assim, muitos deles chegam ilesos ao solo e sacam suas próprias armas. Vejo pistolas e rifles disparando contra os robôs. Um tiro certo estoura a

cabeça do construto que estava na minha frente. É então que rajadas para todos os lados me obrigam a correr para debaixo do tanque onde encontro apenas Keon.

— Cadê a Judra?

— Não sei. Disse que precisava das armas e sumiu. Não vi para onde foi.

Realmente precisamos de nossas armas, assim não temos como ajudar os policiais, mas não vejo como posso encontrar minhas coisas em meio a essa zona.

Diante de nós, os polícias já se aglomeram, partindo para a luta corpo-a-corpo usando espadas e cassetetes embebidos com energia. Por sua vez, os construtos recorrem as lanças e garras eletrocutadas.

Um agente entre eles me chama atenção. Ele veste quepe e uma armadura de placas azul-marinho no peito e nos ombros. Em uma das mãos carrega um florete, na outra um bastão de energia. Mesmo lutando contra três construtos ao mesmo tempo, ele consegue repelir os golpes inimigos com perícia. Cada vez que as armas dos oponentes se encontram, a energia de ambas entra em conflito, emitindo um estalo luminoso. Com esforço, ele derruba um dos robôs, mas outro o acerta por trás, atravessando sua armadura e seu corpo com a lança. O construto então levanta o cadáver do policial e o arremessa para longe.

— Não podemos ficar aqui sem fazer nada — praguejo.

— E não podemos lutar assim — Keon diz, preocupado. — *Eu* não posso lutar assim.

Antes de eu responder, meu bastão de metal vem rolando em minha direção. Olho para ele incrédulo e avisto ainda meu cinto caído no chão diante das botas escuras de Judra.

Me arrasto para sair debaixo do carro de guerra e me levanto com a ajuda da silenciadora.

— Como conseguiu as coisas? — pergunto ao vê-la segurando as adagas. Seu chicote está preso ao cinto, assim como o disco de invisibilidade. O anel também voltou ao seu dedo.

— Eles estão bastante ocupados para se preocupar com nossas armas.

Judra tem razão. Ao nosso redor, construtos e policiais de Mabra lutam ferozmente. Sem hesitar, eu ativo o Arado e, ainda sentindo dores no corpo e na cabeça, corro para cima dos inimigos.

Desvio de tiros e acerto alguns deles com a alabarda. Judra vem logo atrás de mim, sincronizando seus golpes aos meus. Vamos girando, um de costas para o outro, nos defendendo e atacando. Os agentes logo percebem que estamos do lado deles e se unem a nós, abrindo um círculo entre os construtos. Uma das policiais, vestindo uma boina e visores escuros no rosto, ergue uma nova barreira de energia translúcida após ativar suas luvas. Com o movimento das mãos, ela vai moldando a

parede luminosa e protege um dos flancos, forçando os construtos a darem a volta para nos alcançar.

Os outros agentes aproveitam a oportunidade e preparam armas mais poderosas. Ao nosso lado, um deles, com casaco azul-marinho e capacete, puxa uma espingarda de cano duplo, a abre habilidosamente para ativar os núcleos de energia dentro dos canos e aperta o gatilho, disparando dezenas de microbolas de fogo, que despedaçam meia dúzia de construtos à nossa frente.

Por fim, um terceiro agente com visor em um dos olhos se agacha sobre os joelhos e saca das costas um rifle de cano longo. Após desdobrar dois apoios de metal, ele posiciona a arma atrás da barreira luminosa e atira por ela, derrubando um construto com cada disparo. Pelo visto, a proteção que a policial ergueu evita tiros apenas de um dos lados, possibilitando o contra-ataque.

Os agentes demonstram técnicas avançadas de combate. Cheios de artimanhas e itens controladores, eles lutam em sincronia, como um verdadeiro exército tático, mas ainda assim somos minoria. Os construtos vão nos cercando e conseguem matar mais dois policiais, restando apenas quatro agentes ao nosso lado: a mulher que criou a barreira, o cara da espingarda, o agente do rifle e um terceiro rapaz, armado com dois cacetetes eletrocutados e uma armadura mais pesada.

Parece que o ataque de Mabra falhou. Preocupado, eu olho ao redor a tempo de ver a última máquina voadora passar por nossas cabeças e logo ser atingida, forçando seu piloto a ejetar.

Ao contrário dos demais colegas, este não abre paraquedas e cai depressa. Aperto os olhos e os dentes de aflição esperando o impacto do pobre homem com o solo da estrada, porém a pancada não acontece da forma que eu imaginei. Em vez do corpo do agente se esborrachar, lançando pedaços de armadura e de carne para todos os lados, é a terra que se amacia e, como uma cama elástica, amortece a queda do policial e o joga de volta para cima antes de recuperar sua dureza. Ele cai de pé em seguida, com a agilidade de um felino.

Ele veste uma armadura parecida com a dos colegas, com exceção das ombreiras, que não usa, deixando os braços musculosos à mostra. Apenas pulsos e mãos estão protegidos com luvas grossas de couro e placas rígidas, assim como a de seu peito, pintadas em tons de verde, marrom e azul, com padrão camuflado.

Após sua entrada espalhafatosa, o agente se torna alvo de todos os construtos que estavam nos cercando. No entanto, em uma nova demonstração de seu excepcional controle da terra, dois montes de pedra se erguem ao seu lado, modelando-se em pequenas torretas de guerra, que endurecem e ganham partes metálicas. Pernas articuladas surgem em cada uma delas e, em segundos, ambas se movimentam e iniciam centenas de disparos, rodando seus canos e cuspidos pedaços de rocha e ferro sobre os construtos. Os tiros aniquilam os robôs que nos cercavam.

Keon sai debaixo do tanque assim que nota que não há mais construtos por perto. Enquanto ele vem até nós, os agentes que restaram averiguavam o estado dos demais policiais, encontrando dois ainda com vida.

— Precisamos de auxílio médico, agora — a agente da barreira fala em um comunicador em seu pulso.

— Eu posso ajudar. — Corro até o primeiro, retirando sementes de ervas curativas.

— Vão ficar bem, não se preocupe — a mulher nega minha ajuda. — Vocês também estão feridos, fiquem aqui — ela fala e se afasta para dar mais instruções pelo comunicador.

Então o agente que controla a terra se aproxima de mim com um olhar desconfiado. Volto minha atenção para o lugar onde estavam as torretas e encontro apenas dois punhados de pedras. Elas se desmancharam.

— Sou o agente 02, líder do primeiro regimento da Polícia Especial de Mabra — ele fala ao mostrar seu distintivo preso a armadura do tórax.

— Obrigado por nos ajudar — respondo. — Sou Gueth e esses são Judra e Keon.

— Vocês lutam bem — ele diz. — Podem me explicar o que fazem aqui?

— Estávamos em uma caravana que foi atacada — minto. — Fugimos, mas fomos pegos em seguida.

— Os construtos não costumam usar tantos soldados para carregar apenas três pessoas. Era mais fácil eles terem matado vocês. Por que eles teriam tanto trabalho? — o agente pergunta, cismado.

Início outra resposta inventada, porém Judra me corta e entra na minha frente.

— Por que as perguntas? — ela questiona, incisiva — Somos acusados de alguma coisa?

O homem a encara com certo desconforto, mas muda sua expressão e recua.

— Ok, estamos do mesmo lado — ele fala. — Em outras épocas, eu levaria vocês para dar satisfações em nosso quartel, só que não temos tempo para isso. Os reforços estão a caminho com suprimentos médicos. Vocês também precisam de cuidados.

O agente dá as costas e se afasta.

— Eles não podem saber que Yana está atrás de nós por causa do pergaminho — Judra fala ao meu ouvido.

— Talvez eles cuidem melhor do mapa do que nós.

— Talvez o usem para achar e matar Luana.

De fato, a situação não permite esse tipo de risco. Não podemos confiar em ninguém. Concorro com Judra e sigo o agente 02, visando extrair mais informações.

— Como nos acharam? — pergunto assim que o alcanço.

— Estamos seguindo alguns construtos há dias — ele responde enquanto continua andando. — Vocês deram sorte que encontramos esse batalhão e decidimos atacar para impedi-los de avançar para o norte.

— Estavam nos levando para o norte? — Judra nos alcançou e se intromete na conversa.

— Sim. Centenas de prisioneiros foram carregados para as montanhas nos últimos dias. Nossos informantes garantem que Yana tem uma base militar mais ao norte. Falta descobrir o que querem com tantas pessoas.

O agente se abaixa para checar um dos corpos dos policiais abatidos. Ele dá um longo suspiro e continua:

— Pensei que seria fácil derrotar esse batalhão com um ataque aéreo, mas infelizmente tivemos mais baixas do que imaginávamos. Os construtos estão evoluindo seus padrões de combate a cada confronto. Ficam mais espertos e mais perigosos — ele fala em tom de lamentação.

— Sinto muito — digo.

Entre feridos e mortos, restam apenas outros 4 agentes inteiros, todos ocupados averiguando a situação dos colegas atingidos. O agente 02 aponta para os membros de seu regimento, dando um número para cada um deles.

— Aquela é a agente 08 — indica a mulher que ainda fala ao comunicador. — É especialista em barreiras e táticas defensivas. — Ele então aponta para o soldado com a espingarda e para o homem com os cassetetes eletrocutados: — Agentes 04 e 06, membros da linha de frente do regimento. Por fim — indica o agente do rifle —, agente 09, nosso atirador.

A conversa é interrompida pelo som de veículos que chegam com reforços. Dezenas de mobins e trambolhos da PEM param ao nosso lado, ignorando os restos dos construtos. Entre eles, alguns carros servem como ambulância e, de um deles, desce um policial que abre uma maleta de primeiros socorros e começa a examinar os agentes feridos. Usando um item especial, uma espécie de tubo que emite luz curativa, ele minimiza a dor de alguns soldados caídos e os libera para serem colocados em um dos trambolhos. Em seguida, o médico vem até Judra e eu.

Outro policial que chegou com o novo esquadrão também se aproxima de nós, dirigindo-se ao agente 02. Ao notá-lo, o líder do regimento o cumprimenta com um aperto de mão. O agente recém-chegado chama a minha atenção pelas vestimentas. No rosto, usa uma máscara de gás com dois purificadores de ar nas laterais e algumas pedras de energia. Uma mochila cheia de aparatos está em suas costas e dela saem dois tubos finos que terminam presos em cada um dos antebraços do homem. Parece um poderoso item controlador.

— Este é o agente 14 — ele apresenta o amigo —, líder do segundo regimento.

— Estamos perto de Mabra. — A voz do homem de máscara sai abafada. — Os feridos serão levados para lá.

— Vocês poderão ir com eles — o agente 02 conclui. — Será mais seguro.

Após poucos minutos, o médico alivia o machucado na minha cabeça e ainda cuida do tiro de raspão que Judra levou. Os policiais colocam os feridos mais graves em dois carros e se direcionam para o leste. Enquanto Judra, Keon e eu nos preparamos para ir com eles, uma esfera de energia desce do céu e acerta os trambolhos-ambulância. A explosão nos joga longe.

Levanto-me atordoado a tempo de ver, no horizonte, novos tanques surgindo envoltos na nuvem luminosa que se engrandece e toma o céu. Os vagalumes metálicos trazem com eles centenas de construtos voadores, e, logo acima deles, vem o líder, que voa batendo rapidamente suas enormes asas de besouro.

— Baw — solto entre os dentes.

— De onde veio tudo isso? — o agente 02 se espanta e logo ordena que seus soldados se preparem para partir. Rapidamente, todos montam nos mobins que sobraram inteiros. Seremos aniquilados se não sairmos daqui.

— Sobe — o líder do regimento oferece a garupa para Judra. Ela obedece.

— Sabe dirigir, rapaz? — o agente 04 pergunta ao parar com outro mobin ao meu lado.

Aceno que sim com a cabeça.

— Então vai com esse — ele oferece os guidões do veículo e sobe na garupa do agente 06.

Monto no mobin e Keon se senta atrás.

— Pega isso. — O policial das espingardas lança uma pistola até Keon, que a agarra de forma atrapalhada. Acho que Keon nunca usou uma dessas.

Acelero o mobin para seguir o agente 02 e logo estamos na estrada, fugindo de Baw mais uma vez. Os veículos da PEM correm de forma sincronizada, todos com um piloto e um atirador. Em comboio, seguimos para o leste, mas não rápido o suficiente para manter a distância dos construtos voadores. Pelo ar, eles se aproximam e começam a disparar.

No mobin a minha esquerda, o agente 09 se senta na garupa virado para trás e manda um tiro certeiro com seu rifle em um dos construtos ,que já voava sobre nossas cabeças. O robô explode após ser atravessado por um raio concentrado e os restos de suas peças caem pela estrada.

À direita vem outro mobin, agora com a agente 08 sentada na garupa. Para impedir que dois novos construtos nos acertem, ela modela uma barreira de energia leitosa e a faz flutuar sobre o comboio, acompanhando nosso trajeto. A proteção é firme o suficiente para aguentar toda a munição das metralhadoras dos inimigos. Ao ver que não conseguem nos acertar de cima, eles manobram o voo e descem para as

laterais. Judra, que corre a frente no mobim de 02, é mais rápida e atira nos jatos propulsores do primeiro robô, fazendo-o cair e se despedaçar com a pancada no chão.

A silenciadora continua descarregando as bolas de fogo de sua pistola, mas não consegue acertar o segundo inimigo. Quem o derruba é o agente 04, arrancando a cabeça do construto com um tiro certo de espingarda.

Contudo, não são apenas os robôs voadores que nos alcançam. Os tanques aceleraram e estão prontos com sua artilharia mais pesada. O primeiro disparo acerta em cheio o escudo flutuante da agente 08, deixando-o em pedaços luminosos, que se dispersaram no ar. Olho para trás, assustado com o enorme estalo da explosão, e vejo o segundo tiro de energia detonar meia dúzia de mobins que vinham na retaguarda.

— Filhos da mãe! — o agente 02 grita do mobin ao meu lado.

A agente 08 tenta recriar a barreira, mas parece que a energia de seu equipamento precisa se recarregar. Sem a proteção, os construtos voadores ganham o céu acima de nós, nos cobrindo com uma chuva de tiros.

— Sabe atirar?! — pergunto a Keon.

Ouçó um disparo e olho para trás.

— É uma boa hora para aprender! — ele responde e atira mais duas vezes para cima.

— Mira nas turbinas ou nas baterias das costas! — grito.

— Falar é fácil! — ele rebate e continua atirando.

Sigo com o mobin em ziguezague para dificultar a mira dos construtos.

A estrada se estende por um vasto campo aberto sem os bosques de antes. A única coisa que avisto é a relva movendo-se com o forte vento. As montanhas do norte permanecem à direita, indicando que continuamos depressa para o leste.

Novos disparos dos tanques estouram, matando mais quatro policiais.

— Somos alvos fáceis aqui! — o agente 04 grita ao líder.

Então, no horizonte, a sudoeste, despontam as altas torres de Mabra. Ao passo que andamos, elas se tornam maiores e mais imponentes, enfeitando o céu com diferentes formatos e alturas.

— Estamos salvos! — berro ao ver adiante a estrada se bifurcar, oferecendo uma rota para Mabra.

Mas o agente 02 segue reto. Com medo de continuar sozinho e acabar sendo um alvo ainda mais fácil, eu o sigo, acelerando o Mobin até emparelhar com ele.

— Não vai para a cidade?! — pergunto.

— Não podemos levá-los para lá! — ele grita do outro mobin.

— Vocês não têm reforços?!

— Não é suficiente para enfrentar isso. Eles estão capturando pessoas. Se invadirem Mabra teremos uma tragédia!

Não é possível continuar a conversa. 02 acelera ainda mais e dispara pela estrada seguido dos poucos mobins da PEM que restam. Eu os acompanho, vendo os prédios de Mabra ganharem o sul e depois ficarem para trás.

A perseguição permanece impiedosa até que 02, mais à frente, desacelera diante do grande volume de água que surge no horizonte.

— Aquilo é o Sora? — Judra grita.

E 02 confirma. É o Rio Sora, o largo e volumoso rio que vem do norte e vira para oeste ao chegar em Mabra.

Os mobins fazem a curva para o norte e passam a correr paralelos ao rio, subindo o seu leito. A outra margem está a mais de dois quilômetros, sem nos dar a menor chance de atravessar.

Nossa mudança de direção permite que a nuvem de vagalumes nos alcance. Em poucos minutos, os insetos estão voando ao meu redor, alguns simplesmente sendo esmagados contra a frente do mobin.

Vejo o líder do primeiro regimento da PEM fazer um sinal para o policial de máscara, que se vira para trás, da garupa de outro mobin, e direciona para cima os tubos que saem de sua mochila. Em seguida, uma fumaça esverdeada é liberada no ar e obedece aos movimentos das mãos do agente, se distanciando de nós e envolvendo os insetos acima de nossas cabeças. Como um inseticida, a fumaça derruba os vagalumes, corroendo seus corpos de metal. Logo também envolve os construtos voadores, fazendo suas turbinas pararem.

É então que, mais adiante, uma das pontes que atravessa o Sora surge. Esta é mais simples, feita de madeira, e se estende por algumas centenas de metros até o outro lado do rio. Sem hesitar, os mobins viram para a direita, subindo pela passagem. Tiros de tanques tentam acertar a ponte, mas, devido a fumaça verde que nos encobre — e talvez devido a um pouco de sorte, eles erram. Assim que conseguimos finalizar a travessia, o agente 02 para seu mobin, desmonta e usa o controle da terra para desprender o caminho de madeira da margem, deixando a ponte cair nas águas violentas do rio.

Os tanques freiam do outro lado, incapazes de continuar, contudo Baw não depende da ponte para nos alcançar. Visivelmente furioso, o construto de elite abre a boca e lança por cima do rio um poderoso urro cheio de novos insetos. A força de seu berro também desloca o ar e dissipa a nuvem venenosa que o agente de máscara criou. Após eliminar nossa última proteção, Baw voa com velocidade para o nosso lado, seguido de milhares de novos vagalumes e dos últimos construtos voadores. Ele pousa depois de nós, obstruindo a continuação da estrada depois da ponte.

— Vocês possuem algo que eu quero — a voz grossa e mecânica se propaga no ar.

Os construtos voadores sobrevoam nossas cabeças, esperando a ordem de Baw para atacar. O agente 02 olha para mim, depois para Judra, então se coloca entre nós e o robô inseto. Em seguida, os demais policiais fazem formação de defesa ao lado do líder do regimento.

Todos estão prontos para enfrentar Baw. Saco o Arado e o desdobro na alabarda de guerra enquanto Judra prepara seu chicote. Keon dá alguns passos para trás, mas mantém a pistola erguida, apontada para os inimigos.

Dez policiais restaram conosco e, ao ver os soldados de Mabra em seu caminho, Baw abre a boca mais uma vez e lança sua nuvem de insetos até nós.

Sob as luzes azuladas dos vagalumes, a batalha na margem do rio começa.

Capítulo 32

Nunca imaginei que um dia eu estaria do mesmo lado da polícia de Mabra. Cansei de fugir deles quando estava no ANM. As apostas são proibidas na cidade, portanto lutar por dinheiro nunca foi permitido, porém eu nem sabia que Mabra tinha agentes tão bem treinados como esses aqui. Eles não são como os que perseguiram os lutadores do ANM, se fossem, não teríamos a menor chance. A PEM é taticamente mais avançada e muito mais bem equipada. Devem ter um treinamento bastante rigoroso para lutarem tão bem e com tanta sincronia.

Tomando a linha de frente, Baw é o primeiro que ataca. Seu chifre se enerva com energia e ele corre como um rinoceronte até os agentes, em passos largos que estremecem o solo.

Seu corpo robusto abre caminho entre o agente de máscara de gás e o que usa os cassetetes. Com uma cabeçada, ele arremessa ambos longe, um para cada lado. Baw continua correndo na direção da agente 08, que logo ergue uma parede de energia esbranquiçada entre eles, mas o chifre do construto de elite penetra a barreira e a faz em cacos.

O agente 04 aproveita a oportunidade e avança com disparos da espingarda, forçando Baw a usar a carapaça rígida de seus braços para se proteger dos tiros. Visando eliminar a ameaça próxima, Baw acerta um golpe no atirador, fazendo-o cair perto do rio.

Os construtos voadores atacam logo depois com rasantes e rajadas de metralhadora, dispersando os agentes. Judra aproveita que um dos inimigos voou baixo demais e o lança com o chicote, puxando-o com força até chão. Os tiros de Keon também ajudam a afastar outro construto que tentava atacar. Com um disparo certo, ele acerta uma das turbinas do inimigo, que passa desgovernado e explode na margem do outro lado.

— Belo tiro — falo, e Keon pisca um dos olhos para mim.

Os vagalumes continuam incomodando, o que força o agente da máscara de gás a reativar seu equipamento de fumaça venenosa. Só que Baw não parece disposto a deixá-lo usar isso novamente. O construto de elite salta para cima do homem de máscara e o agarra pelas costas, usando uma das garras para lhe arrancar a mochila.

— 14! — o agente 02 grita assim que Baw atravessa o peito do mascarado com suas lâminas de energia e o levanta como um troféu. Sem dar a mínima para os brados de 02, Baw joga o corpo no Rio Sora. 14 simplesmente desaparece na correnteza.

Outros dois policiais avançam sobre o construto de elite, que evita os ataques com facilidade e dá cabo de ambos. O primeiro tem sua cabeça cortada com um golpe letal de garra elétrica. O segundo acaba coberto pela nuvem de insetos que Baw controla, e berra de desespero ao ser devorado por centenas de vagalumes de metal.

Na tentativa de salvar os companheiros, 08 concentra a energia das luvas e dispara um raio que não chega a arranhar a carcaça metálica de Baw. Dois tiros de rifle fazem o construto dar um passo para trás, porém logo ele se recupera e avança novamente. Agora Judra, o agente dos cassetetes e eu nos juntamos para atacá-lo também. Combinando ataques de adaga, alabarda e bastões de energia, conseguimos manter Baw ocupado, se defendendo de nossas investidas.

Atrás de nós, o agente 02 parece furioso. Sem demorar, ele ergue uma de suas torretas de rocha e metal, focando nos construtos que ainda voam. A máquina se movimenta sobre suas pernas insectóides, se inclina e gira, lançando rajadas certeiras em todos os alvos voadores. Em poucos segundos, os robôs aéreos não passam de sucata no chão.

Enquanto isso, Baw não parece preocupado em perder seus capangas, pelo contrário, ele continua totalmente concentrado na luta contra nós. Enquanto rebate e bloqueia golpes corpo-a-corpo, o besouro-robô também evita novos raios de energia, tiros de doze e de rifle. Nada é capaz de pará-lo.

Após checar um dos corpos caídos, o agente médico saca uma pistola e também atira no inimigo. Por sua vez, Baw libera mais vagalumes, que seguem em nuvem na direção dos atiradores, envolvendo o agente 09 e o médico.

Ambos se debatem na tentativa de afastar os insetos, mas os movimentos são em vão. Uma barreira se ergue ao redor de Baw para impedir que continue atacando e Judra prepara seu dedo indicador para soprar o silêncio sobre os agentes e salvá-los dos vagalumes. No entanto, o construto de elite rasga a barreira leitosa com a garra e dispara um raio de sua boca em nossa direção. A explosão do ataque nos arremessa para o lado e a silenciadora não consegue concluir a técnica do silêncio.

A nuvem de insetos volta a rodear Baw após ceifar a vida dos dois agentes, que restam totalmente desfigurados no chão.

— Já chega!

A segunda torreta se forma e o agente 02 ordena que ambas as armas de rocha ataquem o construto-inseto. Baw fecha suas asas diante de si e forma um escudo para evitar os tiros. Mesmo assim, ele não consegue se defender do próprio agente,

que cai ao seu lado empunhando um martelo embebido com energia e o acerta na perna. O construto perde o equilíbrio e desfaz a carapaça formada pelas asas metálicas. Em seguida, recebe dezenas de tiros que o fazem cambalear para trás e abrem buracos em sua lataria. Irritado, Baw lança outro raio e destrói as torretas, depois forma outra vez sua garra energética e se defende de mais uma martelada do agente 02. As armas se repelem em um grave estalo, afastando os adversários.

Baw ri enquanto vagalumes saem dos buracos feitos em seu corpo e pousam nos lugares danificados, fundindo-se ao metal e regenerando o construto por completo.

Assim que está totalmente reparado, ele cria outra garra de energia no segundo braço e bate no tórax em uma provocação. Os agentes que restam avançam.

Tiros de doze milímetros, raios de energia e golpes de cassetetes forçam Baw a recuar. Keon também atira com a pistola e Judra tenta acertá-lo com o chicote. Eu ataco com um golpe vertical que Baw evita ao saltar para trás. Ele absorve alguns disparos no antebraço e rebate os bastões de energia do agente 06. Com o punho envolto em uma bolha de força, a agente 08 acerta um murro na cara do construto e o faz dar mais passos para trás. Isso abre sua guarda para receber mais tiros do agente 04 e de Keon. Eu vou em seguida e consigo acertar seu braço esquerdo com um golpe do Arado. Já a silenciadora mira no direito, arrancando o punho de Baw após enrolar o chicote no metal.

O construto urra, emanando energia azulada por todo o dano em seu corpo. Seu chifre se acende em um brilho cegante e os vagalumes que o rodeiam respondem a luminosidade, se acendendo ainda mais.

— Vai se regenerar de novo! — a agente 08 avisa.

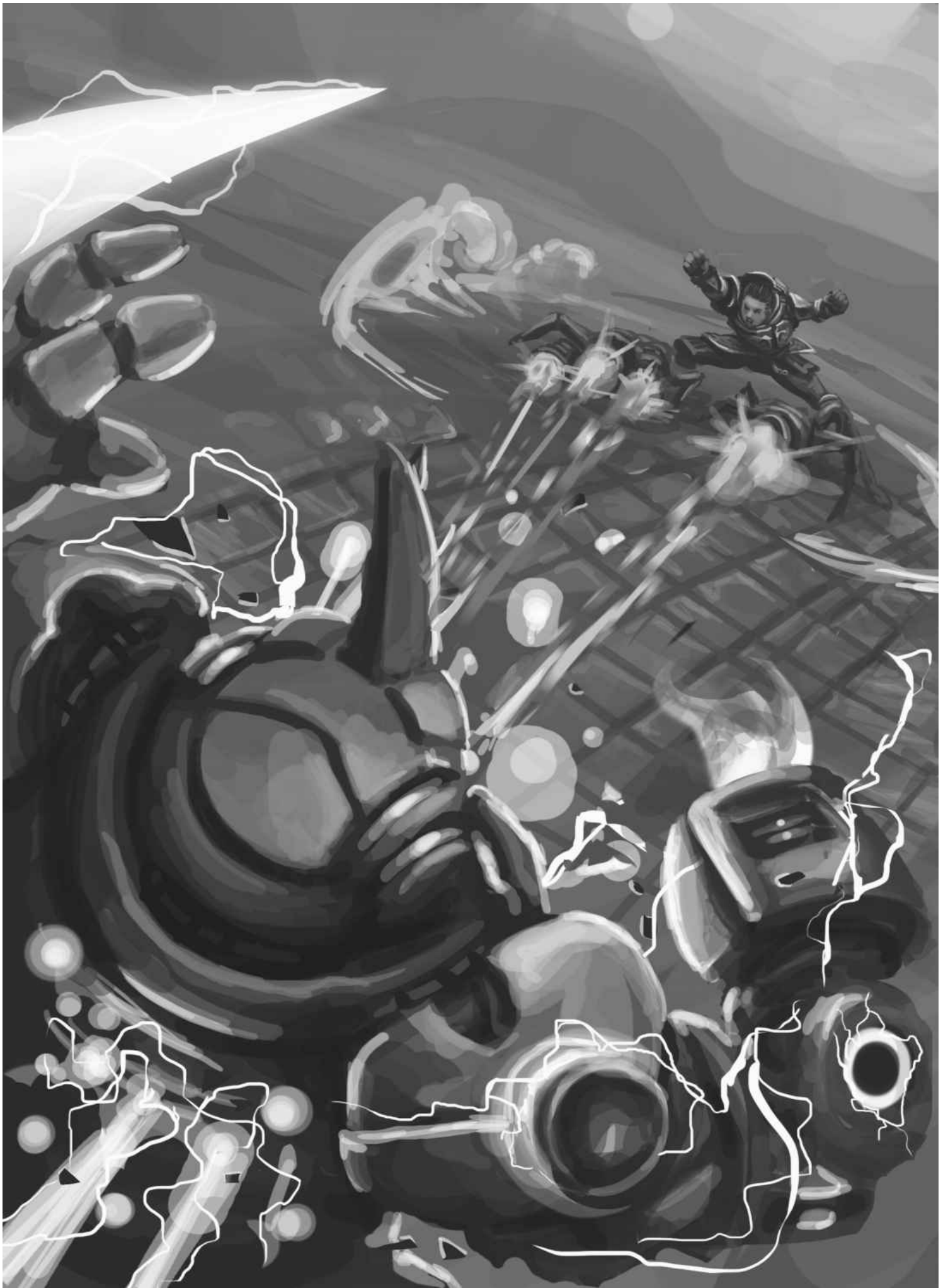
Mas 02 não pretende esperar. Suas torretas se reerguem ainda maiores e, sem piedade alguma, enviam até Baw a artilharia mais pesada que conseguem. O corpo metálico do construto é varado infinitas vezes, soltando pedaços de ferro enquanto a energia em seu interior se liberta. É então que vejo, em meio aos cacos de metal, um aparente núcleo de força no interior do tórax do inimigo, agora exposto pelos danos. Ele é feito de milhares de vagalumes unificados em um coração anil pulsante.

O agente intensifica a rajada atingindo o núcleo, que explode em um enxame de insetos luminosos e lança o corpo pesado de Baw ao chão. Desordenados, os vagalumes tentam voltar para a carcaça destrozada, mas agora Judra usa o silêncio, soprando até eles um poderoso cone de ar, que elimina o som do ambiente e apaga a energia de cada inseto restante. A força da técnica manda os vagalumes destruídos para o rio e a luz no corpo de Baw se apaga.

Então a agente 08 corre até os restos do construto, procurando algo.

— Rápido, antes que todo o sistema morra — 02 ordena e se junta à mulher, ao lado de Baw.

Sem entender o que estão fazendo, eu me aproximo e vejo 08 colocar dois cabos de um aparelho nas laterais da cabeça destruída de Baw. Em seguida, ela liga as outras extremidades em suas próprias têmporas. Os olhos do construto se acendem novamente.



— O que estão fazendo? — pergunto desesperado e avanço para impedirem que reanimem o construto. O agente 06 me segura.

— Fica frio aí — ele fala e me joga para trás.

— Estou conseguindo — 08 fala e fecha os olhos. Os cabos passam a brilhar na base e vão se acendendo até a cabeça da agente, como se transferissem a energia restante no corpo de Baw diretamente ao seu cérebro.

— Contato telepático — Keon comenta ao parar do meu lado.

— O quê?! — estou ainda mais confuso.

— Silêncio! — 02 se volta para nós.

Aperto os olhos e calo a boca.

A agente continua se concentrando e dá alguns gemidos, como se a tarefa fosse bastante difícil. Ela treme e, ainda de olhos fechados, fala:

— A conexão está fraca.

— Concentre-se! — 02 orienta.

Sua testa franze e ela aperta os dentes. Está fazendo de tudo para se manter ligada ao construto, porém algo a faz vacilar.

— Não dá mais! — ela reclama soltando-se dos cabos. Os olhos de Baw se apagam logo depois, restando apenas a carcaça destruída, sem resquícios de energia.

— O que você viu? — o agente 02 indaga.

08 parece atordoada. Balança a cabeça para se recuperar e respira fundo.

— Usaram o que restava da mente de Baw para buscar informações. Que espertos — Keon fala, empolgado.

Apenas penso no quão maluco isso pode ser. Baw, por ser de elite, já foi humano e isso quer dizer que, de alguma forma, uma mente com vontade própria residia em seu corpo. Os agentes se aproveitaram disso.

— Eles têm um hangar nas montanhas — 08 fala. — Estão fazendo experimentos, buscando outras fontes de energia para o satélite em um laboratório por lá.

— Isso é terrível.

— Yana descobriu que a energia vital das pessoas também pode ser usada como combustível.

— Miseráveis! Por isso estão levando prisioneiros para o norte — 02 conclui.

A informação me deixa atônito. Quer dizer que eles estão usando os refugiados para alimentar o satélite?

— Temos que detê-los! — falo, incrédulo.

— Você tem a localização exata? — 02 indaga, recebendo um aceno que sim de 08.

Sem hesitar, o agente leva seu comunicador do pulso até a boca e pede por mais reforços:

— Também preciso de um dirigível, algo que acelere nossa viagem — ele completa.

— E nós? — Judra pergunta.

— Virão conosco. Não dá tempo de levarmos vocês para Mabra agora. Chegando lá, vocês ficarão em Prythus. Ainda é um lugar seguro.

Judra e eu trocamos olhares. Ambos sabemos que ficar em Prythus não é uma opção. Iremos até o fim com isso.

— Tem mais — 08 fala e desenha na terra um código de quatro números com o dedo: 5328. O agente 02 retira uma caderneta do bolso e o anota.

— O que é esse número? — 04 pergunta.

— É algo que Baw mantinha visualmente em sua memória. Não sei se o código está certo. A imagem aparecia diversas vezes, distorcida e em posições diferentes.

— Você fez bem em memorizá-la, 08 — o líder a parabeniza.

— Mas será que é para entrarmos no laboratório das montanhas? — 06 questiona.

— Não — 08 rebate.

— Então?

— É para algo muito maior.

— Como assim? — 02 demanda por mais detalhes.

— Há uma conexão entre todos os construtos de elite e Hiago — ela explica.

— Deve ser assim que eles mantêm o exército tão conciso.

— Isso, e eu pude ver a imagem de outra criação da Estrela de Metal. — E ela aponta para o céu, na direção do satélite. — É ele quem controla tudo, Gar, o sistema principal da arma de Yana.

— O satélite é uma máquina viva — Judra fala, ao meu lado, arrancando-me arrepios.

— Mas como vamos destruir essa coisa? — 04 pergunta. — Até agora, todas as aeronaves que Mabra enviou para atacá-lo foram feitas em pedaços. O sistema defensivo do satélite é impenetrável. Quando aquilo resolver atirar, tudo estará acabado.

— Acho que é para isso que o código serve — 08 conclui.

O agente 02 respira fundo e diz determinado, enquanto balança o pedaço de papel onde anotou o código:

— Essa é a nossa chance de vencer a guerra.

Sua frase me enche de esperanças, mesmo quando “a nossa chance de vencer” significa subir até o satélite e, de alguma forma, destruí-lo de dentro para fora. Ou seja, é uma missão suicida.

PARTE VI
O PLANO DE HIAGO
por Leran Yandel

Capítulo 33

Luana e eu nos escondemos atrás do que sobrou de um tanque de guerra, enterrado na neve escura. Em um golpe de sorte, saímos do templo antes que duas criaturas metálicas chegassem. São robôs movidos pelas energias, algo que eu nunca havia visto. Eles encontraram a porta do templo aberta e agora estão atentos a todos os lados, com suas armas preparadas para disparar.

Atrás dos dois, uma terceira criatura aparece em seguida, com corpo metálico brilhando em tom azulado devido à eletricidade que corre por seu interior. Arames arqueados como molas nos braços, pernas e pescoço dão a ele uma aparência desmilinguida, mas extremamente assustadora. A cabeça balança, cai para trás e para frente, e quando para diante da porta, ela se endireita e seus olhos demonstram irritação.

— Incompetentes! — A voz mecânica oscila de tom e volume — Não os viram sair?

Mas nenhum dos dois responde ao que deve ser o líder. Logo outras máquinas menores e mirradas chegam ao local e aguardam instruções do construto feito de molas.

— Vocês — ele aponta para três delas. — Entrem no Polo e procurem por lá. Os outros se espalhem e busquem na cidadela. Eu quero a Estrela e o irmão arqueiro, agora!

— Que ótimo — Luana sussurra — silenciadores, caçadores, crias, controladores de mente... só faltavam robôs atrás de nós, mesmo. Por que isso fica cada vez mais insano?

— De todos, acho que eu preferia as crias — falo sinceramente. — Elas eram feias, mas eram lerdas e não tinham metralhadoras.

— Pior que são muitos — Luana lamenta. — Não vamos conseguir passar por eles. E mesmo que consigamos, vamos para onde?

Luana tem um ótimo ponto. Não estávamos esperando por isso. O plano era voltarmos ao Polo e receber novas instruções de Abian e Damian, só que agora tudo está de pernas para o ar.

Continuamos escondidos enquanto as criaturas vasculhavam os prédios destruídos da Cidadela de Phelgor. Não demora até que os três que entraram no

templo saiam e avisem o líder de que não encontraram nada.

— O labirinto do Dédalo está aberto outra vez — uma das máquinas alerta.

— Não podem ter ido longe. Estão aqui em algum lugar. Revirem até a neve e os encontrem se não quiserem virar sucata.

Os robôs saem depressa, aumentando o perímetro de busca. Alguns passam perto de nós, porém demoram a vasculhar os restos dos tanques. De onde estou, observo o líder andar de forma torta, com os braços pendendo largados ao lado do corpo. Até os globos luminosos que lhe servem de olhos giram aleatoriamente, como se olhassem para lugares diferentes ao mesmo tempo. Na boca estão desenhados dentes em forma de sorriso, mas não existe abertura. Sua voz mecanizada deve ser emitida por outro lugar. É um bicho horripilante.

— Vão nos achar logo, logo — sussurro. — Precisamos sair daqui.

Dois robôs finalmente chegam ao tanque destruído e começam a empurrar a sucata, olhando embaixo das peças de ferro. Depois, um deles dá a volta pela esquerda, nos forçando a andar para o outro lado. O segundo robô vem da direita e nos deixa sem saída. Faço sinal para Luana, que acende as mãos com a energia púrpura, pronta para lutar. Eu saco o arco, preparando uma flecha. Ficamos atentos aos passos, mas antes que qualquer um dos dois robôs cheguem até a parte de trás do tanque, um par de braços com armadura aparece diante de nós, agarrando Luana pelo cinto e eu pelo colarinho. Somos empurrados para frente e meu corpo atravessa uma estranha barreira de luz antes de tudo ficar escuro. Do lado de fora, os robôs que chegaram aonde estávamos se tornam borrões, desfocados através da barreira de ilusão.

— Mael? — pergunto ao ver o paladino diante de mim.

Sua barba está maior e alguns detalhes em sua armadura mudaram.

— Xiu! — ele manda e continua atento aos construtos do lado de fora.

Estamos protegidos por uma de suas técnicas, assim como ele fez quando Blessi atacou o posto paladino.

Ao verem que não há nada atrás do tanque, os construtos vão embora e Mael relaxa. Ele então se vira para nós, aliviado:

— Finalmente encontrei vocês. Estava quase desistindo.

Assim que ele completa a frase, noto novos detalhes surgirem em suas botas. O metal emite um brilho e muda de forma, ganhando cavilhas e desenhos em baixo relevo.

— Sua armadura evoluiu outra vez! — Luana diz.

— Era o mínimo — o paladino responde —, esperar seis meses até vocês saírem tinha que valer de algo.

— Ficamos no Dédalo por seis meses?

— Um pouco mais, na verdade. Por várias vezes pensei que tivessem morrido.

— Isso é impossível. Não passou tanto tempo assim!
— Os mestres haviam alertado sobre as distorções do Polo.
— Mas o que aconteceu aqui? — Luana pergunta.
— Yana invadiu o Continente Leste, liderada por Hiago, a Estrela de Metal. Ele formou uma aliança contra os paladinos e contra Mabra.

O que Mael conta me deixa enojado. Até Acigam está nessa aliança. E os construtos ainda fizeram algo com o Polo; drenaram sua energia. Mas a história fica pior quando Mael nos fala sobre o Satélite. Ele desfaz a parte de cima da ilusão e aponta para o céu, onde uma construção metálica flutua distante, acima das nuvens. Para ser vista daqui, essa coisa deve ser colossal.

— Temos que voltar! — falo. — Se o Dédalo nos trouxe para o futuro, então pode nos levar de volta ao passado e poderemos impedir que os construtos invadam o Polo e matem os paladinos.

— Esse não é o futuro, Leran. Estamos no presente. O elemento Luz apenas altera a forma como o tempo passa. Vocês ficaram presos em uma bolha temporal que fez o tempo correr mais devagar do que no resto do mundo.

— Como assim? — a explicação me deixa confuso.

— Mael está certo — Luana parece convicta. — A Luz faz o tempo andar mais depressa, ou mais devagar, mas não pode fazê-lo andar para trás. O que aconteceu não tem como ser desfeito.

Diante dos fatos, sinto-me mal por não estar aqui quando os construtos atacaram. Teria feito de tudo para impedi-los.

— E como vamos fugir deles? — corto o assunto dos sabichões sobre Luz e tempo, parece que sou o único que não entende dessas coisas. Melhor focarmos na parte prática.

— Destruindo Mol — Mael fala.

— Quem é Mol?! — pergunto, já irritado.

E o ilusionista aponta para o líder dos construtos, o estranho robô feito de molas.

— Nome criativo. — Meu tom é sarcástico.

— Ele é um dos construtos de elite de Hiago D’Waniv e está aqui para capturar vocês. Agora que viram o Dédalo aberto, eles sabem que, de alguma forma, vocês saíram do labirinto.

— Por que a gente não usa uma ilusão sua e simplesmente foge?

— Porque Mol possui sistemas avançados de rastreamento, ele vai nos caçar. E, devido a sua ligação com Hiago, manterá as Estrelas em nosso encalço. É melhor pegarmos *ele* distraído, enquanto não sabe onde estamos.

— Talvez ele já saiba — Luana conclui.

Viro-me para a entrada do templo, onde Mol está de pé, com os olhos acesos em um azul forte, apontados para nós.

— Ele pode ver pela ilusão — Luana diz e movimentando ambos os braços em um círculo, criando uma enorme esfera de energia púrpura, que depois se transforma em um raio e estoura a barreira de Mael, voando até Mol.

O poder do ataque de Luana me deixa boquiaberto, porém ele não acerta o construto. As pernas de Mol se contraem e depois se esticam, propulsionando seu corpo magro e metálico a diversos metros no ar. Luana simplesmente evapora a porta de entrada do templo, deixando uma cratera no chão.

Do ar, Mol contra-ataca com pistolas que se projetam de seus ombros. Os tiros acabam absorvidos por uma nova barreira criada por Luana. Com uma das mãos, ela mantém a proteção firme, com a outra, envia seu segundo golpe de energia, que sobe em um relâmpago e acerta Mol no ar. O corpo de lata do construto é arremessado até um dos prédios da cidadela e derruba toda a sua parede lateral, levantando uma nuvem de poeira e neve.

Após se livrar do líder, Luana puxa a Centelha do cinto e se volta para as dezenas de construtos que nos cercam. Ela encara a espada por alguns segundos, fazendo sua lâmina brilhar e crescer, então a movimentando em um corte horizontal que divide o ar a sua frente e libera um poderoso arco de energia. O ataque se expande até três construtos, partindo-os ao meio.

Mael dá cabo de outros dois após lançar machadinhas de luz, que rodopiam no ar e param presas na cabeça dos inimigos. Assim que os construtos caem destruídos no chão, as armas ilusórias se desfazem. Pelo jeito, todos têm habilidades novas, acho que está na hora de mostrar um pouco das minhas também.

Enquanto Mael e Luana trocam golpes corpo-a-corpo com mais robôs, eu me afasto e saco o arco, preparando uma flecha elétrica. A ponteira de metal se acende e passa a soltar faíscas antes do meu disparo, que acerta um dos inimigos mecânicos nas costas, gerando um curto-circuito.

Mael continua a luta se multiplicando e, em segundos, mais de dez paladinos lutam ao meu lado. Já Luana alterna suas técnicas entre golpes de espada, esferas de energia negra e barreiras. Com enorme controle da situação, ela despedaça mais cinco construtos enquanto eu explodo outros dois com flechas encantadas. Aos poucos, o solo coberto por neve também fica repleto de peças e pedaços de robôs. Estamos levando a melhor.

— Vamos acabar com eles! — grito e saco minha espada de encantos, que já está pronta para receber energia.

Assim que começo a encantar a arma, um golpe veloz vem dos escombros de onde Mol caiu. Depois de me atingir, o braço de molas balança para o lado e passa por quase todas as cópias de Mael, desfazendo-as em uma chicotada. Ao final do movimento, o ataque para em Luana, onde a mão de Mol agarra seu pescoço.

O construto de elite se levanta em meio a neve, a uns vinte metros de nós, com seu braço ainda esticado e mantendo minha irmã presa. Com uma descarga elétrica, Mol a paralisa.

— Era de se esperar que uma Estrela desse trabalho — ele fala enquanto anda e retrai o braço, se aproximando de Luana —, mas admito que a senhorita me surpreendeu.

Envolvida pela corrente elétrica, Luana se contorce de dor. Mol ainda aperta seu pescoço para estrangulá-la.

— Larga ela, lata velha! — grito assim que me levanto.

Ele vira sua cabeça, que fica pendurada para o lado, e seus olhos giram até pararem mirados em mim. Minha flecha o acerta bem na testa em seguida, perfurando a lataria e liberando o encanto de gelo que esfria todo metal.

— O que é... — ele inicia, sua voz fica mais grave, mais lenta e então cessa. O rosto de Mol se congela, seguido de seu tórax. O gelo continua pelo braço que segura Luana e, antes que o encanto também a atinja, Mael corta o membro de molas com uma machadada, libertando minha irmã.

— Você está bem? — pergunto ao vê-la ofegante, recuperando a respiração. Ajudo-a a se levantar.

— Vamos sair daqui antes que mais construtos cheguem — Mael sugere.

O ruído no gelo me faz voltar o olhar para Mol a tempo de ver uma rachadura surgir em seu rosto. Pela fissura, a energia azulada do construto ganha força e novas trincas se estendem por todo o corpo congelado. Tudo estoura em um arco de energia azulada, lançando cacos de gelo e pedaços de metal para todos os lados. Agora a couraça que protegia as engrenagens e filetes energéticos no interior do robô foi destruída. Restaram à mostra cabos e molas que se enrolam, vivas dentro do construto de elite. São elas que ajudam Mol a ganhar uma nova forma, ainda mais medonha, na qual suas vísceras metálicas se desprendem e formam novos membros. A energia elétrica corre viva por todo seu corpo, enervando-o com uma poderosa aura de luz azul.

— Vai pagar caro por isso!

A frase é seguida de um ataque com os tentáculos de mola. Mael puxa Luana para longe de um deles e eu rolo para o lado, evitando que o segundo me esmague.

Mol avança com passos desalinhados, levantando a neve a cada movimento de suas pernas compridas e molengas. A dezena de braços continua fornecendo socos que se esticam e se retraem. Eles acertam o chão, derrubam muros e destroem o que resta dos tanques de Yana.

Luana decepa um dos membros com um golpe da Centelha, mas outras molas vindas do interior de Mol substituem o braço cortado. Mael lança mais machadinhas, que acabam desaparecendo assim que se aproximam da aura de

energia que serve como proteção para o construto, como se fosse um campo de força.

— Odeio quando o inimigo se regenera! — grito e atiro mais duas flechas explosivas.

Os ataques estouram no campo de força e lançam Mol para longe, contudo ele se reergue ainda mais poderoso, como se absorvesse a energia dos meus encantos.

— Como vamos acertá-lo? — Luana questiona.

Realmente a situação não é nem um pouco favorável. Não temos como penetrar o campo de força que ele criou em volta de si, e, para nos atacar, ele simplesmente projeta seus membros para fora. Se destruimos os braços, ele cria outros com os milhares de metros de mola e cabos ainda enrolados em seu interior.

Após Mael cortar outro dos tentáculos, os restos do metal caem perto de mim. É então que, ao olhar com cuidado para o material, percebo algo familiar.

— Me dá cobertura.

Luana recria sua barreira púrpura e me protege de novos ataques enquanto me abaixo e toco os cabos que formavam o braço de Mol. Eu conheço esse material. É uma liga metálica de bronze. Contém cobre!

Sei que não preciso mais de cobre para encantar, só que esse metal ainda torna as coisas mais fáceis. E se Mol é feito de cobre por dentro, talvez não precisemos penetrar sua aura de energia.

— Distraia ele — falo para Mael e corro para o outro lado.

O paladino invoca cópias e se espalha pelo campo nevado atraindo os golpes elásticos de Mol. Luana aproveita e volta a lançar esferas de energia contra o monstro, visando manter sua atenção. Isso me dá espaço para focar no material dentro do inimigo. Estendo as mãos, como se tentasse alcançar o metal, e fecho os olhos. Posso sentir o cobre pulsar dentro dele. Tudo contém cobre... uma quantidade enorme.

Quando reabro os olhos, eles se acendem em vermelho vivo e a energia misturada ao ambiente se liberta, voando na direção do interior de Mol. Por ser energia livre, não em forma de ataque, ela simplesmente passa pelo campo de força e se aloca nas vísceras metálicas do monstro. O cobre se acende rubro, contrastando com o azul da eletricidade que o mantém vivo. Mol deixa sua cabeça pender para frente e olha seu interior se aquecendo, então vira o rosto em 180 graus, notando-me atrás de si.

— O que está fazendo, maldito?

— Hiago deveria ter estudado melhor seus inimigos antes de enviar alguém feito de cobre — falo e empurro mais energia com o movimento das mãos.

As vísceras de Mol pulsam, estalam e então explodem. Toda a neve se espalha com um raio de fogo que para diante de mim, na barreira que Luana colocou à minha frente. Do outro lado, ela e Mael também estão protegidos por outra parede

luminosa, que aguenta a força da explosão com firmeza, mas são apenas as paredes de Luana que ficam inteiras. Em um raio de quase 50 metros, todas as construções da Cidadela de Phelgor se desintegram. A neve evapora e uma nova cratera se abre diante da entrada do Polo Luz. De Mol, nada resta.

Sinto que vou desmaiar. O esforço que fiz para deslocar toda aquela energia foi tremendo. Só não caio no chão porque Luana é mais rápida e me segura.

— Mandou muito bem — ela fala, orgulhosa.

— É, vocês parecem ter aprendido a trabalhar juntos — Mael diz em seguida, juntando-se a nós. — Que belo trabalho em equipe.

— Não teríamos conseguido sem sua ajuda — Luana agradece e oferece um aperto de mão. — É bom ter você conosco outra vez.

Mael sorri.

— E agora? — pergunto. — Vamos para Mabra?

— Não — Mael refuta —, jamais passaremos ilesos pela zona de conflito.

— Então?

— Seguiremos pelas montanhas até Prythus, é a cidade mais segura no momento. Conheço uma pessoa que pode nos oferecer abrigo.

Capítulo 34

Mael teve a excelente ideia de guardar os medalhões de cavalaria dos dois alazões que Ioseth nos deu. Infelizmente, como o Polo Luz foi atacado, não podemos recarregá-los. No entanto, Luana encontrou um artefato que contém o poder bruto desse elemento. Com a ajuda da Centelha, ela consegue reativar as montarias, mas, como ainda não temos a experiência necessária para direcioná-las, decidimos não usar a extrema velocidade. É na forma de montarias comuns que os alazões nos guiam pelas montanhas geladas.

Na primeira noite, eu decido fazer a vigília. É justo dar a Mael um pouco de descanso, já que ele nos esperou por tantos meses. Para ajudar a passar o tempo, pego o livro de encantos e materiais que Joshua me deu.

— Gosto de ver você lendo — Luana aparece na madrugada e se senta ao meu lado. — Sempre achei que não gostasse muito de livros.

— E eu achei que você estivesse dormindo.

— Estou sem sono.

— Bem — fecho o livro e o mostro para ela. — Esse aqui é diferente. Tem me ajudado a melhorar os encantos. Diria que ler *ele* é uma questão de vida ou morte agora.

— Foi com ele que aprendeu o encanto de ar, não foi?

— Sim — respondo convencido.

— É engraçado pensar em tudo o que passamos, não é? — Luana fala, imaginativa. — Há pouco mais de um ano, eu estava destruindo meu quarto sem ter a menor ideia de como controlar a energia dentro de mim. Agora, conjuro barreiras, explodo robôs e tenho uma espada criada com a própria energia do Polo Luz.

— Nem me fale. Enquanto você destruía seu quarto, eu botava fogo no tapete da loja do vovô.

Luana ri, mas sua expressão se entristece em seguida.

— Você também sente falta de tudo, não sente? — pergunto.

— De cada detalhe, Le.

Infelizmente, algumas coisas jamais serão como antes. Nem nosso avô nem nossa casa existem agora. Não sei nem se nossa mãe está bem... Pelo resto da noite, Luana

mantém a cabeça no meu ombro enquanto ficamos olhando para o céu, e minha mente viaja imaginando como tudo poderia ter sido diferente, mas não foi.

A parada seguinte é embaixo de alguns rochedos para nos proteger da neve. Aqui, Luana é a primeira a dormir. Mael fez uma fogueira distante da barraca, onde ele e eu estamos sentados.

— Ela já sabe? — o paladino pergunta enquanto observa o fogo.

— Sabe de quê?

— Do lance da Supernova.

— Não — rebato, assustado — Não posso contar isso agora, não sei como ela reagiria.

— É, talvez só piore as coisas. É que achei que vocês tinham conversado no Dédalo.

— Eu não tive coragem de falar nada e nem tempo para pensar nisso.

— Entendo. Em todo caso, vai ser difícil esconder isso para sempre. Temos que pensar em alguma forma de contar.

— Acho que ela já desconfia de algo ruim, afinal a imagem que vimos na sala dos espelhos de quartzo mostrou uma Luana muito diferente, sombria. Isso me apavora.

Então Mael baixa a cabeça, visivelmente triste.

— O que foi?

— Nada, só estou cansado.

— Não é isso, não. Você mudou de expressão quando eu mencionei a sala dos espelhos.

Mas Mael não diz nada, apenas vira o rosto. Tenho certeza de que ele viu algo péssimo também. Lembro-me que estava bastante desanimado quando atravessamos a sala.

— O que você enxergou no seu reflexo, Mael?

— Nada demais, eu já tinha te dito isso. — ele entra na defensiva.

— Não acredito em você. Se estamos trabalhando juntos, é melhor começarmos a confiar um no outro, não acha?

O paladino respira fundo e fala:

— Ok. Eu vi sofrimento, um monte de sofrimento, mas depois, vi felicidade ao lado da garota que eu gosto. Eu estava apenas sem jeito de contar.

— Garota que você gosta?! — pergunto e abro um sorriso. — Ah, garanhão, não me contou esse detalhe. Eu a conheço?

— Vamos mudar de assunto, arqueiro?

— Como assim? Você está apaixonado e não me disse nada! Quem é? Me fala!

— Não quero falar sobre isso.

— É alguma paladina? Você conheceu a Minerva? É a Minerva, né? Ela é linda...

— Leran! Eu não quero falar sobre isso — ele me interrompe.

— *Tá bem, tá bem!* — Faço sinal de que estou fechando a boca em um zíper.

Volto a olhar a fogueira e então outra possibilidade me vem à cabeça, outra bem assustadora.

— Não vai me dizer que está apaixonado pela minha irmã?! Ora seu...

— Cala a boca, arqueiro! — ele grita, irritado. — Não tem nada a ver. Era por isso que eu não queria falar. Você é muito mala!

— Eu, mala? Ué... — E volto meu rosto para a fogueira outra vez.

Na terceira parada é minha vez de dormir. Meu sonho agora é povoado pelos construtos. O brilho dos olhos azulados de Mol enfrenta os olhos púrpura de Luana e, no meio do confronto, o poder de minha irmã me leva mais uma vez à sala dos doze tronos de pedra. Lá, procuro pelos espectros de energia, mas a cadeira onde Shaz se sentava da última vez está vazia. Mesmo sem ele, o poder da Estrela Trovão se manifesta e, mais a frente, é a Estrela da Mente que aparece. Depois a Estrela da Fumaça, a Estrela do Gelo e a Estrela do Vácuo.

Todas me encaram com seus olhos fumegantes, até que outras duas energias se manifestam. A primeira, feita de um brilho metálico, só pode ser Hiago D’Waniv, o responsável pela construção do exército de Yana. A segunda aparece flamejante no trono mais alto, como se se fosse o líder delas.

— O que vocês querem comigo? — Minha fala rebate nas paredes de pedra, fazendo um eco quase infinito.

— Queremos salvar o mundo — a voz crepitante da Estrela de Fogo me intimida.

— Vocês vão destruí-lo.

— Não, sua *irmã* vai. Mas *irremos* impedi-la — a Estrela de Metal fala. — Eu *irrei* impedi-la.

As energias se engrandecem tanto que as criaturas se curvam no teto e passam a me olhar de cima, como gigantes prestes a pisar em uma formiga. Diante da presença ameaçadora de tantos seres poderosos, o sonho termina e eu acordo suando.

A quarta parada é em um bosque desfolhado pelo inverno. O frio está insuportável e decidimos colocar as barracas bem próximas à fogueira. Mael vai dormir, Luana e eu ficamos juntos, próximos ao fogo. Ela murmura a melodia de Doze Contos.

— Então você realmente se lembra dessa música.

— Claro que sim — e ela faz o mesmo comentário que eu fiz no Dédalo, sobre a estrofe que nossa mãe mudava.

Eu dou risada.

— O que foi?

— Tive essa exata conversa com a Luana impostora no Polo Luz.
E ela ri também. Juntos, cantamos o último verso da música:

“Talvez eles entendam
Consigam aprender
E com sorte, pelos contos
No fim sobreviver”

Na manhã seguinte, damos de cara com uma montanha em nosso caminho e precisamos usar os cavalos para subir com cuidado pelas pedras cobertas de neve. Luana controla o alazão em que estou. E eu uso o tempo livre para continuar lendo.

Chego a uma parte do livro que contém detalhes interessantes sobre tipos de metal e outros materiais que servem para encantos. Aprendo sobre conceitos como a densidade, a condutibilidade e a resiliência de cada um deles. Meu avô sempre disse que, para se tornar um encantador poderoso, era preciso conhecer os materiais da forma mais profunda possível. Era isso que os antigos alquimistas faziam. O livro menciona que eles foram encantadores primitivos e que, ao fazer misturas e trabalhar com os elementos, descobriram as primeiras formas de transferir energia para objetos.

Mas ler e andar a cavalo nunca foi uma boa ideia. Logo os passos do quadrúpede me deixam mareado e eu bato nas costas de Luana, pedindo para ela parar. Não demora até eu me virar e colocar todo o café da manhã para fora.

— Te disse para não ler aqui, Leran — Luana dá bronca.

— Desculpa, é que tenho o estômago sensível.

— Não para comer, *né*? Se também não tivesse comido quase um quilo de pão, não estaria passando mal.

— Ah, você parece a mamãe.

Mael apenas ri.

A travessia da montanha toma quase o dia completo e o esforço dos alazões faz com que os medalhões precisem ser desligados. Por sorte, já estávamos próximos à vila que fica na nascente do Rio Sora. Nela, conseguimos carona em uma carroça de bois.

Nossos cavalos necessitarão de descanso por alguns dias, afinal, mesmo com a energia da Centelha, eles não foram feitos para ficarem ativos tanto tempo. Com isso, a chegada a Prythus depende de muita caminhada e da camaradagem de outros viajantes. Trocamos a carroça de bois por um trambolho de neve. No dia seguinte, conseguimos viajar em um carro que carregava feno para cavalos.

Viajem confortável? Nem um pouco. Frio? De gelar os ossos. E é tremendo que chegamos à fronteira da cidade das neves, a fabulosa Prythus. Segundo Mael, aqui é frio quase o ano todo e neva pesado metade dele. Só de pensar em viver ali me dá

calafrios, literalmente. Porém, o que se destaca no lugar são as chaminés e fábricas, que dominam a paisagem. Apesar de poucos habitantes, Prythus é uma cidade industrial, lar de engenheiros e cientistas.

Os moradores da cidade parecem bem-preparados para o clima quase glacial. Todos que vejo na rua estão, pelo menos, três vezes mais agasalhados do que nós, com largos casacos de pele, chapéus peludos, luvas, gorros felpudos e galochas. Assim que alcançamos a rua principal, seguimos pessoas que desciam por escadarias ao subsolo, onde encontramos trens subterrâneos.

— Quantas vezes já veio para cá? — pergunto a Mael, que sabe exatamente o caminho a fazer.

— Algumas. Aqui eles costumam passar grande parte do dia debaixo da terra para evitar o frio.

O caminho por onde descemos dá em uma galeria moderna, escavada no subsolo. Lojas, mercados e hotéis foram construídos ali embaixo. Logo o frio vai passando e, quando o trem chega, já estou mais confortável.

Descemos três estações mais à frente e temos que sair para a superfície outra vez. Estamos em um bairro residencial, repleto de casebres com entradas para porões nas laterais e telhados cônicos para evitar o acúmulo de neve, eu acho.

— É aqui. — Ele vai até uma das casas e desce a escada da frente até uma porta alguns degraus abaixo.

Mael respira fundo e usa o batedor. Passam-se alguns segundos e nada. Ele bate de novo.

— Maria — alguém grita lá de dentro. — Atende a porta, por favor.

— Já vai! — a voz feminina responde.

O ilusionista se vira para mim, aparentemente nervoso, mas quando a porta se abre, ele se volta para a garota e a recebe com um forte abraço. Parece que se conhecem há anos. Ficam grudados por alguns minutos até que ela o larga e fala surpresa:

— O que faz aqui? Que bom te ver!

Luana me cutuca e aponta para o rosto da menina, coberto por um gorro. É então que reconheço a face redonda e cheia de sardas.

Assim que a garota nota que Mael não está sozinho, ela se vira para nós e arregala os olhos. Dou um passo para trás, com medo de uma reação ruim, porém ela salta para cima de mim e me abraça ainda mais forte, deixando algumas lágrimas caírem. Então ela puxa Luana e a abraça também. E depois puxa Mael para nós quatro nos abraçarmos. É muito abraço.

— Não acredito que vocês vieram para cá — ela fala depois que todos os cumprimentos acabam. Sorrindo, ela me dá um tapinha no rosto: — É realmente ótimo te ver de novo, cabeçudo.

— Sim — falo sorrindo. — É ótimo te ver também, Boom.

Capítulo 35

— Mas *pera* aí, você não acha que sou um traidor? — pergunto, em seguida. Essa reação positiva ao nos ver definitivamente não era o que eu esperava.

— O tio Simus me contou tudo o que aconteceu. Sei que você não nos traiu e sei que foi aquela vaca da Judra que matou o Galek. Ainda bem que ela está morta.

Troco um longo olhar com Luana, depois com Mael. Depois Mael troca um olhar com Luana.

— O que foi? — Boom pergunta. — Não vão me dizer que ela não morreu.

— Então... — início.

— Maria? — A voz lá de dentro chama outra vez e desvia a conversa — Quem está aí? É para mim?

— Quem é Maria? — pergunto, confuso.

Boom me olha sem paciência e grita lá para dentro:

— São alguns amigos meus, pai.

— Então convide-os para entrar, não seja mal-educada!

Boom rola os olhos e desce. Depois faz sinal para que entremos. Ela está vestindo calças, uma blusa de manga cumprida com luvas. Mesmo dentro de casa, parece que o frio ainda a incomoda.

— Eu já estava fazendo isso, papai — ela fala meio sem paciência assim que chegamos à sala.

— Seu nome é Maria? — eu pergunto, ainda mais confuso.

— Boom é que não seria, não é? Mas continue me chamando como sempre fez, por favor.

Então ela se vira para mim e cheira algo no ar.

— Caramba, que chorume é esse? Eu achei que o cheiro fosse lá de fora — ela fala, abanando o nariz com a mão esquerda.

Disfarçadamente, averiguo a situação dando uma leve fungada no sovaco. Está realmente azedo.

— Estamos viajando há dias — justifico.

— Mas vieram com bodes?

— Bois — Luana corrige. — E o Leran dormiu encostado em um deles na noite passada.

— Socorro! Vou mostrar o chuveiro para vocês tomarem um banho quente e tirar esse fedor de carniça.

Boom vai até o corredor da casa e continua resmungando:

— Pior que o cheiro ficou em mim. Olha que inhaca!

Mas as únicas palavras que ecoam na minha cabeça são “banho” e “quente”. Ter as duas na mesma frase era algo que eu estava esperando ouvir há dias.

— Prazer, senhor Calveta — cumprimento o pai de Boom assim que volto para a sala, já de banho tomado. — Então o senhor é o irmão mais velho de Simus?

Enquanto conversamos, Mael, Boom e Luana preparam algo para comermos na cozinha.

— Isso — ele responde sorrindo e arruma os óculos tortos.

O pai de Boom é uma figura esquisita. Além das sardas no nariz e nas bochechas, assim como a filha, seus cabelos são desgrenhados e parecem nunca terem conhecido um pente na vida. Ele usa roupas largas e sujas de graxa. As hastes dos óculos são tão tortas que é impossível que as lentes parem no lugar, ficando sempre uma mais alta do que a outra.

— E você é o neto de Bretor, correto?

— Isso. O senhor conheceu meu avô?

— Claro — ele responde com uma expressão boa, como se lembrasse de meu avô. — Foi um grande homem. Soube de sua perda. Sinto muito.

— Obrigado. Como se conheceram?

— Quando ele viajava. Veio algumas vezes até Prythus e era um grande amigo do meu pai. Não é à toa que Simus e Caio acabaram tão próximos.

— Também conheceu meu pai?

— Sim, mas o vi poucas vezes.

— E o senhor trabalha com o que mesmo? — Boom comentou por cima enquanto me mostrava a casa, mas não prestei muita atenção.

— Sou engenheiro, inventor, ou como quiser chamar — ele sorri. — Faço engenhocas e bugigangas.

Dou risada. Jamais imaginei que o pai de Boom fosse um cientista inventor. Lembro-me quando entramos na torre do observatório, ainda em Acigam. Boom estava tão fascinada com toda aquela tecnologia quanto eu. Ela não tinha a menor ideia de que seu pai entendia muito mais das energias do que o próprio Simus.

O senhor Calveta continua contando sobre seu trabalho e, pelo que entendo, ele não é um guerreiro como o irmão. Nunca usou as energias para lutar, apenas para dar movimento a suas criações. Assim como Boom e Simus, ele também tem grande afinidade com a eletricidade.

— Maria tem aprendido muito aqui — ele comenta orgulhoso. — Acho que ela quer ser inventora, como eu.

Não posso imaginar Boom com esse tipo de trabalho. Ela é tão estabanada. Já deve ter quebrado um monte de coisas.

— Engraçado ela ter vindo morar aqui. É bem diferente de Acigam.

Mas minha frase faz o pai de Boom abaixar a cabeça.

— Disse algo errado? Não foi minha intenção.

— Eu fiquei anos sem ver minha filha. Quando as fronteiras de Acigam se fecharam, ela estava morando com os tios. Deixei de acompanhar quase toda sua infância por causa dessa cidade.

— Deve ter sido difícil.

— E foi. Tentei todo tipo de solução diplomática por meio de Prythus e de Mabra, mas o governo de Acigam não deu retorno. Eles nos ignoraram.

— Pelo menos está tudo bem agora.

— É — ele fala em um tom incerto.

— Não está?

— Acho que você não sabe do acidente, não é mesmo?

— Qual acidente?

— Se eu soubesse que meu irmão permitia que Maria lutasse por suas causas, eu teria invadido aquela cidade e tirado minha filha de lá. Sei que fui um pai ausente, mas o que aconteceu com ela é culpa de Simus.

As acusações do pai de Boom me deixam preocupado. Afinal, o que aconteceu em Acigam?

Boom volta à sala com Mael e Luana e encontra um clima ruim entre mim e seu pai.

— Que cara é essa?

— Seu pai comentou que você sofreu um acidente. É verdade?

A garota respira fundo e se senta ao lado do pai. Mael troca um duro olhar comigo e eu realmente não sei o que dizer.

— Acidente? — Luana pergunta, também confusa. — Você está bem, Boom?

Em vez de responder, Boom apenas arregança a manga comprida do braço direito e retira sua luva, revelando o metal por baixo da roupa.

— Boom... — início, mas as palavras me fogem.

Seu braço é mecânico, repleto de engrenagens e alguns filetes luminosos, como o dos construtos, porém acesos em uma cor mais clara, quase branca. Nas costas da mão de metal, uma pequena pedra amarelada ajuda a estabilizar a energia do braço postíço.

— Como isso aconteceu? — Luana pergunta condolente e pega na outra mão de Boom.

— Os silenciadores — Mael responde, com raiva.

— Havia restado um vivo no dia em que atacamos o palácio e vocês fugiram — ela explica. — Fajon e eu o enfrentamos e vencemos, mas ele deixou um presente.

— O maldito silenciador das bombas — deduzo.

E Boom levanta a bainha da calça, mostrando sua perna direita, também de metal.

— Isso é terrível — Luana suspira e balança a cabeça, desnorteada. — Eu sinto muito, Boom, mesmo.

— Não se preocupem com isso. Eu já me acostumei. No começo foi complicado, sabe? A falta de equilíbrio, os reflexos. Você sempre se esquece de que não tem mais um braço, por exemplo. Você tenta coçar o rosto e sua mão simplesmente não chega até sua bochecha. Depois de se esquecer e de se lembrar diversas vezes, você se acostuma — e os olhos de Boom se enchem de água. Ela pausa, olha fixamente para a mão de metal e para as roldanas dos dedos que se mexem em pequenas e delicadas articulações. — Ainda sinto como se meus dedos de verdade estivessem aqui. Sinto frio nas mãos. Até doem às vezes. — E ela ri. — Nossa mente é maluca, né? Ela preenche os espaços vazios com sensações guardadas em nossas memórias.

— Boom... — digo, triste.

Ela apenas balança a cabeça com um sorriso forçado e desconversa:

— Acho que o assado está pronto.

Boom sai da sala e nos deixa um olhando para o outro, em uma situação desagradável.

— Desculpa, eu não sabia — falo.

— Tudo bem — o senhor Calveta responde.

— Eu trouxe a Boom para cá depois que os muros de Acigam foram abertos — Mael diz. — Sabia que o pai dela era a pessoa certa para ajudar.

— E assim que ela chegou, começamos a reabilitação — o engenheiro complementa. — Consegui algumas próteses e as incrementei. Como a Maria é uma excelente controladora de eletricidade, seus novos membros passaram a responder à energia dela. É difícil, mas ela está aprendendo rápido. Semana passada passou a andar sem mancar. Foi um grande avanço.

— Esse seria um recomeço para ela, longe de todas as lembranças ruins de Acigam — Mael fala.

— Mas então nós chegamos aqui, revivendo tudo o que ela passou por lá — concluo.

— Isso aconteceria cedo ou tarde, Leran — Mael argumenta. — Não temos como fugir do passado.

O clima ruim permanece na sala, mas assim que Boom aparece com o jantar, começamos a falar de outras coisas.

— Então vocês fizeram novos amigos nesse tempo todo? — A nanica pergunta enquanto serve um pedaço da carne assada para Mael.

— Sim — Luana responde, empolgada. — Você precisa conhecer o Gueth, ele é um amor.

— Ele é um amor — remedo a voz da Luana.

— Como você é tonto, Leran.

Mael dá risada.

Boom se vira para pegar mais alguns pratos no balcão, porém algo em sua perna falha e ela tropeça. Por sorte, o ilusionista é rápido e a segura.

— Às vezes, ainda é difícil andar nisso.

— Não precisa se explicar — o paladino diz paciente, olhando para Boom com um olhar doce.

E é observando essa cena que cai a minha ficha. Boom é a garota de quem Mael gosta. Claro, como não pensei nisso antes? Eles já tinham um lance desde Acigam. Vê-la assim deve ser muito mais difícil para ele. Caramba! Continuo atento à forma como Mael a olha enquanto ela continua servindo o jantar.

— Não, Boom, obrigado — Luana recusa o assado.

— Tinha esquecido que você não é fã de carne.

— Está tudo bem, eu fico com os acompanhamentos.

Após todos serem servidos, Boom também se senta e inicia a difícil tarefa de segurar os talheres com o braço mecânico.

Nós nos entreolhamos outra vez e o pai da garota faz um sinal para que não falemos nada. Quando ela tenta cortar a carne, a faca escorrega e uma ervilha escapa de seu prato, indo parar no meio da mesa.

— Desculpa — ela fala.

— Não vejo problemas em comer com a mão — falo e agarro o pedaço de carne entre os dedos e o enfio na boca.

— Leran, você me surpreende a cada minuto, sabia? — Luana balança a cabeça. — Como pode ser tão grosseiro?

Mas Boom gosta da ideia e faz o mesmo, usando sua mão de verdade.

— Ok, como quiserem — Luana desiste.

Mael sorri e também deixa os talheres de lado, sendo seguido pelo senhor Calveta. E nosso jantar continua tranquilo.

A sobremesa é servida mais tarde e, enquanto a como, sinto algo roçar em minha perna. Então me vem uma necessidade incontrolável de espirrar. Cubro o nariz, mas como estava com comida na boca, o espirro se torna uma cusparada.

— Que nojo! — Luana apoia a mão na testa e sussurra, desconcertada.

— Não pude evitar — falo e olho para debaixo da mesa para ver um bichano me encarar com seus olhos amarelados. Espirro outra vez.

— Você tem um gato? — pergunto e tento conter o terceiro espirro.

— Sim — Boom fala e se abaixa para pegar o animal embaixo da mesa. — Esse é o Magrelo.

De fato, o bicho é raquítico.

— Pelo visto, você que anda comendo a ração dele, *né*, Boom? — falo e dou risada, emendando outro espirro.

Boom aperta os olhos, então dispara:

— Não vou perguntar se a dona Laura está bem em respeito a Luana.

Mael ri mais uma vez.

— Deixa que eu levo o Magrelo para dentro, filha.

O pai de Boom já terminou de comer. Ele pede licença, pega o gato do colo dela e o retira da sala. Logo a vontade de espirrar passa.

— Sabe, Boom — Luana começa — é tão bom ter novamente uma garota no grupo.

Contudo a nanica, que estava levando um copo de refresco à boca, solta um arroto involuntário.

— Sua porca!

— Eu? Você acabou de cuspir em cima da mesa.

E eu caio na gargalhada.

— Desculpa — ela fala rindo e se volta para Luana. — Eu não ouvi o que você disse, Lua.

E minha irmã, com a mão espalmada na testa, apenas fala:

— Esquece.

A casa do senhor Calveta não é grande, possui apenas dois quartos, sala, cozinha, um banheiro e o porão onde ele trabalha, mas o espaço é suficiente para nos acomodar. Mael e eu dormimos na sala e Luana divide o quarto com Boom.

Durante a noite, com sede, levanto-me e saio da sala, cruzando meu caminho com o maldito gato magricela. Eu espirro. Ignoro o bicho e entro na cozinha sem nem acender a luz. Pego o copo no armário, o encho com a água de uma jarra e começo a beber.

As luzes se acendem e tomo um susto com Boom entrando no cômodo, vestida com uma regata e calças de pijamas. Ao me ver, ela também se assusta e cobre o braço metálico com a toalha da mesa.

— Que susto! Faz o que na cozinha a essa hora, criatura?

Apenas mostro o copo de água.

— Eu também estava com sede — ela fala e pega a jarra sobre a pia.

— Não precisa ter vergonha dele — digo olhando para o braço coberto.

— Era apenas meu pai me vendo assim. Ainda não me acostumei com mais pessoas por perto.

— Mas, Boom, pensando bem, até que é legal. Você é uma meio-construto agora, sem as paradas bizarras, claro.

Boom ri e retira a toalha de cima do ombro, deixando à mostra o lugar onde a prótese e seu corpo real se juntam.

— Posso ver? — pergunto.

Ela acena com a cabeça e afasta a alça da regata, permitindo que eu olhe a junção do metal avermelhado a sua pele. Na frente, a prótese termina no ombro, atrás, algumas placas de aço se estendem até o meio das costas, onde parecem estar ligadas à coluna.

— Tem um lado positivo — falo rindo —, você não precisa mais raspar a axila.

Boom me olha séria e me acerta um murro no ombro.

— Cala essa boca antes que eu enfie esse braço de metal na sua goela.

Tapo a boca com uma das mãos e saio da cozinha. Enquanto me afasto, escuto Boom rir baixinho.

Capítulo 36

Após o café, Boom chega à sala vestida com calças largas repletas de bolsos, uma jaqueta de couro, botas e luvas. Na cabeça, usa um gorro e um par de óculos de experimentos preso à testa, daqueles com lentes largas e bem redondas. Os cabelos vermelhos descem mais compridos e bagunçados pelas laterais da touca, caindo quase sobre os ombros.

— Onde vamos? — pergunto.

— Comprar algumas coisas no mercado — ela responde.

Luana e Mael também já trocaram de roupa. Deixaram as armaduras de lado e colocaram vestes quentes e confortáveis para um passeio na cidade. Minha irmã optou por um sobretudo e Mael por peças de moletom e jaqueta. Além das minhas roupas de frio e da mochila, eu peguei emprestada uma boina felpuda do pai de Boom, daquelas que tem protetores de orelhas. Estou tão quentinho que minha vontade é ir me aconchegar no canto da sala, abaixar e dormir abraçado a mim mesmo. Só que Boom logo nos puxa para o frio insuportável do lado de fora. Como pode ser tão gelado aqui? Está facilmente perto dos vinte graus negativos.

A nanica vai até a garagem, na lateral da casa, e abre a porta de correr, revelando dois trambolhos. Ela então entra no mais velho, que tem a lataria meio carcomida.

— Você sabe dirigir? — pergunto.

— Eu aprendi com meu pai.

Todos entramos no carro: Mael vai na frente, Luana e eu, atrás.

O pai de Boom pediu a ela que fosse até um dos armazéns de peças, na parte norte da cidade. É a oportunidade perfeita para conhecermos um pouco mais de Prythus, essa cidade tão fria.

O problema é que Boom não parece ser a melhor motorista do mundo. O trambolho sai aos trancos da garagem, fazendo-me segurar na lateral da porta, e os solavancos continuam pelo caminho todo. Talvez seja por causa do braço e da perna postiços, ou talvez ela seja realmente péssima piloto.

Boom acelera e freia bruscamente, revirando o café dentro do meu estômago. Ela grita com os outros motoristas, manda uma idosa sair do meio da rua, quase atropela um cachorro e passa a milímetros de um poste.

Quando ela estaciona, eu abro a porta depressa e desço, jurando nunca mais entrar nesse trambolho.

— Não parece ter muita gente aqui, *né?* — falo enquanto andamos pelo mercado, já recuperado de todo o chacoalho.

— Comparada a Mabra, Prythus não passa de uma vila. Inclusive tem vilas com mais habitantes no Reino do Norte. O status de cidade é mais por questões políticas do que populacionais.

— Apesar de pouca gente, a cidade até que é grande — Mael comenta.

— Sim — Boom completa —, isso por causa dos túneis e das minas de metaferro exploradas no passado. A cidade cresceu buscando o metal.

— Metaferro? Acho que li sobre ele no meu livro de materiais para encantos.

— É um dos metais mais poderosos para absorver energias, segundo meu pai. Uma raridade hoje em dia. Aqui, por exemplo, não tem mais, pelo menos não de uma forma viável para extração.

Puxo o livro da mochila e o folheio até encontrar o nome do minério. Havia passado por ele sem dar muita importância. O texto diz:

“Metaferro: metal de formação antiga, provavelmente surgido nos primórdios do planeta. Sua constituição é firme e estável, de alta maleabilidade e condutibilidade. Pode ser encontrado em diversas partes do continente, mas sua exploração é difícil, tendo sido possível apenas nas minas de Cimérium e em Prythus.

— Meu pai tem algumas pepitas dele, se você quiser olhar depois, Leran.

— Sim, por favor! Deve ser interessante.

— Para mim é só um pedaço de ferro. — Ela ri.

Boom entra no armazém e pega as peças que precisa. Com a ajuda de Mael, ela carrega o carro e se prepara para dirigir.

— Vamos? — ela fala. — Ainda tenho que passar em uma oficina.

Olho para Luana, para Mael e digo:

— Na verdade, acho que vou ficar mais um pouco por aqui, sabe? Passear pelo mercado.

— Achei que o frio estivesse te incomodando — ela comenta.

— Imagina, até que está gostoso agora — falo, mas por dentro das roupas eu tremo como vara seca. Prefiro morrer congelado ao andar de carro com a Boom de novo.

— Ok. Você pode pegar o trem para ir direto para minha casa, é fácil. — Então Boom se vira para Mael e Luana: — Vamos?

Luana corre e para ao meu lado, dizendo que vai aproveitar para dar uma olhada nas lojas.

— O Mael volta com você — falo sorrindo e recebo um olhar matador do paladino.

Antes de entrar no carro, ele passa por mim e me diz aos ouvidos:

— Vai me pagar por essa, arqueiro.

Eu apenas sorrio.

— Nos vemos mais tarde — falo e o carro sai aos trancos.

— Gente, ela vai acabar matando alguém — Luana comenta.

— Pelo menos não serei eu.

Minha irmã e eu caminhamos entre as lojas por quase uma hora até chegarmos a uma das áreas industriais de Prythus. Algumas fábricas com chaminés lançam fumaça esbranquiçada no ar e diversos veículos carregam contêineres e caixas. Mael comentou que Prythus produz grande parte dos trambolhos usados pelo mundo. Inclusive o nome “trambolho” foi dado aqui. Sempre achei um termo engraçado.

Nosso passeio começa a ficar mais doloroso devido ao frio intenso. O ar gelado e o vento fazem minhas bochechas doerem, como se navalhas passassem por elas. É normal esfriar bastante antes de uma tempestade de neve e, pelas nuvens, acredito que vá nevar em breve.

— É melhor voltarmos — falo.

— É, não tem muito o que se ver por aqui — Luana diz, tremendo.

Alcançamos a estação subterrânea e pegamos um dos trens para a casa de Boom. Não levamos mais do que vinte minutos. Voltamos à superfície, agora no bairro residencial, e entramos no casebre que tinha a porta destrancada. A nevasca chega logo depois de nós.

— Por pouco — falo, olhando a neve pela janela.

— Boom? — Luana chama pelo corredor da casa. — Senhor Calveta?

Mas ninguém responde.

— Acho que ainda não voltaram — falo.

Boom e Mael devem ter parado em mais lugares e o pai dela disse que tinha um compromisso importante.

— O que vamos fazer? — Lua indaga.

Então me recordo de Boom comentando sobre o metaferro que o senhor Calveta tem. Decido ir até o porão que serve de oficina para procurar.

— Não acha falta de educação entrar aqui sem pedir permissão? — Luana enche o saco enquanto descemos a escada.

— E por que você está me seguindo?

— Para garantir que você não vai quebrar nada.

Acendo a luz em um interruptor na lateral da escada e toda a oficina se ilumina com pequenos globos de energia. Vários projetos abertos estão sobre a mesa enquanto peças e partes metálicas se espalham pelo chão. São rodas, roldanas, correntes, correias, parafusos, pregos, placas, bulbos e botões. O lugar é uma zona.

— Ele não parece muito organizado — Luana deduz.

— Poxa, como vou achar a pepita de metaferro aqui?

— Pelo menos sabe como ela é?

— No livro tinha um desenho. Tem tom azul-marinho.

— Não vejo nada que se pareça com uma pepita azul-marinho.

Penso que talvez seja realmente melhor esperar por Boom, ela deve saber onde está. Falo para Luana que devemos ir e, no caminho até a escada, eu espiro. Olho para trás e vejo o gato raquítico nos espreitar de um canto escuro da oficina. Estou começando a ter medo desse bicho.

— Magrelo, lindinho, vem cá, vem — Luana fala com voz cuti-cuti e se aproxima para pegar o felino, mas ele a ignora e anda para o outro lado da oficina, onde entra atrás de uma estante.

— Deixa esse bicho aí.

— Ele deve estar assustado, Leran. Vou levá-lo para cima.

Lua vai até o móvel e tenta empurrá-lo para pegar o gato, porém ele não se mexe.

— Isso aqui está pregado? — ela pergunta, surpresa.

— Como assim?

Aproximo-me e tento mover a estante também, que parece pesar uma tonelada.

— Calma lá — minha irmã encontra algo escondido na lateral —, é uma alavanca.

Tomo o lugar dela e puxo o pequeno bastão de metal ao lado da peça. Um estalo nos assusta e todo o móvel se abre, revelando uma escada de madeira que desce mais um andar.

— Ok, isso é estranho — Luana comenta, me encarando.

— Cientistas gostam de passagens secretas e laboratórios escondidos, não é? — falo.

— Geralmente só quando eles têm algo a esconder.

Continuo encarando Luana e ambos acenamos com a cabeça. Se o pai de Boom esconde algo, agora nós vamos descobrir o que é.

Ao contrário do andar de cima, a oficina na qual chegamos é impecavelmente arrumada e limpa. Gavetas com arquivos, peças separadas em armários e um enorme maquinário embebido com energias.

— É, acho que aquela aparência de cientista maluco e desorganizado é só fachada — comento.

— Olha isso aqui, Le.

Luana está diante de uma grande cápsula de metal com porta de vidro, colocada em um dos cantos. Cabe uma pessoa tranquilamente dentro dela. Cabos e filetes de energia correm por todo o interior e um pequeno painel de controle com botões e alavancas está na base.

Toco o metal da cápsula com os dedos e sinto uma vibração que nunca senti em nenhum outro metal. Então olho com mais cuidado, notando o tom azulado escuro das placas.

— Achemos o que você procurava, não é mesmo?

Luana está certa. Essa coisa é feita de metaferro. Pego algumas peças do metal sobre a mesa e sinto o material pulsar na minha mão, respondendo a minha energia como se estivesse sedento por ela. Parece um coração vivo.

— Consegue sentir a vibração? — Entrego a peça a Luana.

— Não — ela responde, olhando o metal.

— Acho que por eu ser um encantador, minha ligação com o material é diferente.

— Provavelmente.

— Não era à toa que o senhor Calveta tinha pepitas de metaferro. Ele estava construindo isso com elas.

— Le, tem mais coisas aqui.

Luana abre uma das gavetas e encontra um apanhado de documentos: mais desenhos técnicos, tabelas, fórmulas matemáticas e plantas de engenharia. Realmente o pai de Boom parece ser muito inteligente. Mas enquanto Lua revira a papelada, uma folha cai no chão, revelando um desenho que nos faz arregalar os olhos.

— Não é possível... — falo e apanho o pedaço de papel.

Nele estão esboços de máquinas similares as do exército de Yana.

Luana puxa outro monte de documentos com mais desenhos técnicos de construtos, inclusive arquivos sobre os chamados projetos de elite. Uma pasta com detalhes sobre E.V.E., outra sobre B.A.W., uma terceira sobre S.I.H. e uma quarta com o nome M.O.L. Esta última nos chama a atenção e, sem hesitar, eu a abro. O documento detalha os procedimentos feitos em um humano para transformá-lo no construto de molas que derrotamos ao sair do Polo. Cirurgias e implantes; técnicas horripilantes descritas com detalhes e desenhos. É tudo tão bizarro que fecho a pasta, impossibilitado de continuar olhando.

— Luana, como o senhor Calveta tem essas coisas?

— Não sei — ela fala, preocupada, e continua buscando outros papeis.

Encontro então uma pasta com o nome de projeto G.A.R. e, dentro dela, as imagens do satélite fazem meu queixo cair. São minúcias da construção de algumas partes da gigantesca máquina voadora da Aliança de Ferro.

— É por isso que o satélite é tão perigoso — falo, perplexo, chegando a uma importante conclusão.

— Por quê?

Coloco o documento sobre a mesa e aponto para as anotações que indicam a composição da arma: metaferro.

— Se algo daquele tamanho foi feito com o metaferro, imagine a quantidade de energia que pode absorver e redirecionar em seus disparos. O satélite pode destruir o mundo todo, Luana.

— Mas como conseguiram tanto desse material? Você não tinha lido que era escasso e de difícil extração?

Luana tem razão, mas o livro dos materiais também disse que uma das maiores reservas desse metal estava em Cimérium.

— Shaz — concluo. — As crias trabalharam nas minas de Cimérium por meses. É obvio! Todo esse tempo estavam recolhendo o metaferro e ajudando Hiago na construção do satélite. Isso tudo debaixo do nariz do Parlamento de Sonatri e dos paladinos.

E minha frase me faz ter noção do quanto o plano das Estrelas foi bem elaborado. Shaz tinha seu papel, não apenas na destruição da Ordem dos Paladinos, mas também na criação da arma de Yana. Agora Hiago assume a frente da aliança e continua espalhando terror. Quais serão os próximos passos desses cretinos?

— Precisamos impedi-los — Luana diz, preocupada.

— Sim. Antes só temos que descobrir por que o senhor Calveta tem tantos documentos assim. Será que ele está investigando Yana?

Mas assim que Lua retira um crachá do meio dos papéis, tudo se esclarece.

O cartão vem com uma imagem do pai de Boom acompanhada de um número de registro. Logo abaixo, um texto diz: “Borges Calveta, engenheiro especial da unidade de construtos”.

Me afasto da bancada com o coração disparado. É mais obvio e mais sério do que pensei.

O pai de Boom trabalha para Yana!

Capítulo 37

— **G**uarda isso e vamos sair daqui! — falo.

Luana começa a colocar a papelada de volta na gaveta enquanto eu penso no que fazer. Será que Boom sabe disso? Como vou dizer a ela que seu pai está ajudando a Aliança de Ferro a dominar o Continente Leste?

Um barulho vindo das escadas me tira dos pensamentos e, quando eu olho para a entrada da oficina secreta, encontro o senhor Calveta nos encarando com uma expressão assustada.

— O que vocês fazem aqui? — ele pergunta. — Larga já essas coisas, menina.

Ele anda para cima de Luana, mas eu o seguro pelo braço e o coloco contra a bancada.

— Você tem muito o que explicar! — digo e o largo.

— Eu não tive opção — ele começa e lágrimas escorrem de seus olhos. — Trabalhar para eles era a única forma de conseguir recursos para ajudar minha filha.

— Não, isso é errado — rebato.

— Você não sabe de nada! Não sabe o que eu senti quando a vi em uma cadeira de rodas.

— Mas por que trabalhar para Yana?

— Eles já estavam me sondando há muito tempo devido às pesquisas que eu fazia com o metaferro e as partes biônicas para humanos, mas sempre recusei, mesmo sem dinheiro para colocar os experimentos em prática. Eu preferia não me vender a Hiago. Mas quando Maria chegou naquele estado... — e ele volta a chorar, deixando os óculos embaçados.

— Então as partes mecânicas em Boom são as mesmas usadas nos construtos?

— Utilizei uma tecnologia semelhante à dos construtos de elite para dar a ela uma chance de ter uma vida normal. Eu não podia aceitar aquela situação, Leran. Vocês não podem me culpar por querer o melhor para minha filha.

— Você os ajudou a construir a arma mais perigosa que esse mundo já viu.

— Foi um sacrifício que escolhi fazer! — ele grita. — Hiago tem meios infinitos de conseguir o que quer. Se eu não o fizesse, ele encontraria outro capaz de fazer. Apenas aproveitei a situação para ajudar Maria.

— Ela sabe disso?

— Claro que não! — ele berra novamente e então fecha o punho, apontando-o para mim. — E se você contar, eu acabo com você. Está me ouvindo?

Borges Calveta passa por Luana e começa a juntar os documentos na bancada até que outra folha escapa do monte, mostrando esquemas de um tipo de cápsula de detenção. Dentro dela, o desenho de uma pessoa aparece como se tivesse sua energia drenada pela máquina. Olho para os documentos e reconheço o protótipo construído no canto da oficina.

— Então é essa coisa que está construindo aqui? Isso é insano — acuso ao pegar o papel do chão.

— Me devolve — ele puxa a folha que se rasga ao meio.

— Para que serve? Estão usando a energia de pessoas também?

— Não — ele fala, mudando a expressão de raiva para outra de confiança. — Essa não foi feita para qualquer pessoa.

E então o pai de Boom coloca a mão embaixo da bancada e a retira novamente, agora equipada com uma luva mecânica, que logo acumula energia nas pontas dos dedos. O ataque me pega desprevenido e paralisa meu corpo. Em seguida, sou erguido pela estranha onda energética emitida pela luva e começo a levitar no meio da oficina.

Os olhos de Luana se acendem, prontos para contra-atacar o engenheiro, mas ele levanta sua outra mão e balança o dedo.

— Se continuar, eu serei obrigado a machucar seu irmão. Não quero fazer isso.

Os dedos da luva mecânica permanecem apontados para mim, lançando raios concentrados que me mantêm erguido e imóvel. Diante disso, Luana recua.

— Ótimo — Borges Calveta fala e então indica a cápsula no canto da parede — Vamos, entre ali.

— Não, Luana... — e a descarga de energia se intensifica, fazendo-me retorcer o corpo. Não consigo falar.

— Solta *ele* — Lua fala entre os dentes.

— É só você entrar na cápsula.

— Está bem. — Minha irmã anda enquanto mantém os olhos no cientista. Ela abre a porta de vidro, sobe o degrau, se acomoda em pé dentro da máquina e a fecha, trancando-se lá dentro. Borges corre até o painel de controle e puxa uma das alavancas, ligando a geringonça.

Os filetes de energia se acendem e algo faz minha irmã berrar e expandir sua aura. Tanto sua voz como seu poder acabam contidos pela máquina e são absorvidos pelo metaferro. Luana entra em transe, liberando uma enorme quantidade de energia dentro da cápsula, mas o cientista abaixa outra alavanca, que envia uma corrente elétrica no interior da cápsula. Eletrocutada, Luana desmaia.

Minha vontade é de esganar esse velho, mas permaneço paralisado, flutuando na direção em que ele aponta os raios da luva controladora. Apenas observo impotente às rodas que se projetam da lateral da cápsula enquanto o engenheiro aperta outro botão na parede, revelando uma rampa nos fundos do porão, que leva para fora. Antes de sair, ele movimenta a mão com a luva bruscamente na direção da parede e eu sou lançado de costas nas estantes, onde caio atordoado sem a menor chance de reação. Borges empurra a cápsula com Luana e sai no meio da tempestade de neve.

Levanto-me com a cabeça rodando e caminho com dificuldades pela rampa. Assim que saio, vejo o pai de Boom acoplar a cápsula a um trambolho. Ele entra no carro e dá a partida no momento em que Boom e Mael chegam no quintal, sem entender o que acontece.

— Pai? — ela pergunta e então se vira para a passagem que surgiu nos fundos de sua casa. — De onde veio essa rampa?

— Sinto muito, Maria. Isso é para o seu bem, eu prometo.

Mael se dá conta de que Luana está na cápsula e corre atrás do carro, mas não consegue alcançá-lo. Ainda dolorido pelo golpe, eu grito para que Boom pegue seu veículo. Temos que seguir esse homem maluco.

— O que houve? — Mael pergunta.

— Ele trabalha para Yana.

— Você ficou louco? — Boom rebate furiosa e me agarra pelo colarinho.

— É verdade — eu a empurro e ela cai sentada na neve. — Ele fez isso para conseguir as próteses para você. Pelo visto, entregar minha irmã à Hiago faz parte do acordo.

Boom se levanta ainda mais irritada, com lágrimas de ódio.

— Não pode ser verdade!

— Sinto muito, Boom — falo, com a cabeça baixa. — Mas eu preciso de sua ajuda para resgatar minha irmã.

A nanica cerra os dentes e corre novamente até a garagem para pegar o trambolho estacionado. Mael me encara com raiva, talvez por eu ter sido direto demais com Boom, mas ele não diz nada. Ao invés disso, ele vai para dentro da casa e, em pouco menos de um minuto, volta com nossas coisas: armaduras e armas, inclusive uma mochila com alguns pertences de Luana.

— Vamos alcançá-lo — ele diz.

O carro de Boom vem derrapando em seguida e, assim que para diante de nós, ela nos manda entrar.

Pulo para dentro do veículo e visto minha armadura enquanto o trambolho sai escorregando na neve até dar um pulo ao passar pela calçada na direção da avenida. A nevasca dificulta a visibilidade e deixa a pista muito escorregadia. Se Boom já

dirigia mal antes, agora o carro não consegue nem andar reto. Mesmo assim, não estou preocupado. Meu foco é alcançar Borges o mais rápido possível.

Por estar carregando a cápsula, o veículo do cientista vai mais devagar do que o nosso e Boom consegue diminuir a distância.

— Ele está indo para as montanhas — Mael indica, assim que vemos a luminosidade dos filetes do trambolho do pai de Boom pela tempestade de neve.

O engenheiro vira em uma das estradas e sobe para o norte, na direção da cordilheira. Não tenho ideia do que ele quer ao levar Luana para lá, contudo, após quase meia hora de percurso, já com a neve diminuindo, o que vejo entre as montanhas me gela a espinha, mais do que o frio foi capaz de fazer até agora.

Borges parou o veículo ao lado de um gigantesco hangar, repleto de tanques estacionados e aeronaves de Yana, todos cobertos de neve. Tenho tempo de vê-lo arrastar a cápsula para dentro da construção, onde é recebido por construtos armados até os dentes de metal.

— Ok, eu não esperava por isso aqui — Mael diz, espantado.

Este é um lugar ótimo para esconder construtos e experimentos. Nenhum humano se atreveria a desbravar essa parte das montanhas. A temperatura é muito, muito baixa. Se alguém ficar aqui fora por alguns minutos corre o risco de morrer congelado... mas os construtos não passam frio.

Paramos o mais perto possível do hangar, evitando que nos vejam. Depois, vamos correndo para a lateral da construção, procurando uma forma de entrar e evitar a neve. Assim como Mael, eu mesclei minha armadura com roupas de inverno e, mesmo com isso, aguentar a temperatura não é uma tarefa fácil.

— Fiquem perto de mim — Boom fala e retira a luva que escondia sua mão mecânica. Ao controlar a eletricidade, como fazia em Acigam, seu punho se acende envolto em energia e passa a emitir calor.

— Existem vantagens em se ter um braço assim — ela fala ao me notar encarando seu punho brilhante.

— Vamos! — Mael chama. Ele encontrou uma porta lateral. — Por aqui.

A passagem nos leva para dentro de um galpão com algumas peças e construtos desmontados. Boom desativa a energia em sua mão e é a vez do paladino usar sua técnica. Após se concentrar, uma aura de luz surge ao seu redor e se expande pelo piso metálico, envolvendo-nos em uma ilusão. Tomo um susto ao ver um construto de artilharia na minha frente. Saco o arco e, antes de atirar, ele fala:

— Sou eu, arqueiro, relaxa.

— Mael?

Só então noto minhas mãos, também feitas de metal, como se eu mesmo fosse um construto. Boom está do mesmo jeito. A ilusão de Mael nos transformou em robôs de Yana.

— Será mais fácil encontrar Luana assim, mas é melhor não falarmos. Tentem agir como um construto.

— Ah, ok, fácil... — falo, cheio de ironia.

O paladino vai até o final do galpão e passa por uma cortina de abas de borracha. Boom e eu vamos em seguida. Do outro lado, encontramos uma sala repleta de grades e celas e, para nossa surpresa, elas estão cheias de pessoas. São homens, mulheres, idosos e crianças, todo tipo de gente, presos sem nenhuma condição de humanidade.

Boom vai até uma das grades, mas Mael a segura.

— Não podemos estragar o disfarce — ele diz, baixo.

Enquanto passamos, os prisioneiros evitam olhar para nós de tanto medo que sentem. Imagino as atrocidades que os construtos já fizeram com eles.

Em um dos cantos da sala estão algumas cápsulas parecidas com a que Borges prendeu Luana, porém essas não são feitas de metaferro. Como imaginei, os malditos estão usando a energia das pessoas para alimentar construtos. A cápsula especial que ele fez deve ser própria para absorver a energia de uma Estrela, por isso conseguiu conter Luana.

Mael faz sinal para que continuemos e passamos por outra cortina de borracha até uma área muito maior, onde máquinas parafusadas ao chão e repletas de braços mecânicos apanham peças e as soldam em linhas de produção automatizadas. Nunca havia visto algo assim, tão avançado e tecnológico. As peças vão sendo unidas e, no final de cada linha, partes inteiras de novos construtos saem prontas: cabeças, membros, tronco...

É então que noto, no início de cada linha, uma cápsula ativa com um prisioneiro tendo sua vida drenada para que as máquinas funcionem. A cena me dá enjoo. Tenho vontade de sacar uma flecha e explodir tudo, mas isso arruinaria nosso plano e seria impossível salvar Luana.

Diante dos fatos, entendo como a Aliança de Ferro conseguiu colocar um exército tão grande no Continente Leste. Os construtos não vieram de Yana. Eles estão sendo construídos aqui.

Capítulo 38

Alguns robôs finalizados andam entre as linhas de produção, vigiando o lugar, mas nossa presença não os alerta devido à ilusão de Mael. Passamos por todo o hangar até atravessarmos para outro galpão, deixando para trás os prisioneiros.

No espaço seguinte, finalmente encontramos Borges Calveta diante de três guardas mecânicos. Outros dez construtos estão espalhados pelo galpão, empunhando metralhadoras e armas de energia. Paramos um ao lado do outro e ficamos observando de longe, como se estivéssemos entre eles.

— Quero falar com Hiago — Borges diz a um dos construtos.

— Aguarde aqui — a máquina responde com sua voz sintética.

Pelo visto, Hiago D’Waniv está aqui. Se ele for uma Estrela tão poderosa quanto as outras, teremos sérios problemas.

Não demora muito até que um homem gordo, vestido com casaco de pele e cartola, entre pela porta. Noto que sua perna é feita de metal, uma versão muito mais avançada do que a de Boom. Seu rosto traz placas metálicas, além de ter um dos olhos substituídos por uma peça de ferro que brilha em azul vivo, como a visão dos construtos. Sua mão direita, também mecanizada, segura um relógio de bolso, incrustado com uma safira. Ele olha para o engenheiro, depois olha para o relógio.

— Chegou bem na *horra* — o homem fala com sotaque acentuado.

— Estava me esperando?

— Estou *semprrre esperrando*, amigo *Borrres*. — Ele vai até a cápsula, onde Luana permanece desacordada. No caminho, vira o rosto até nós, como se percebesse algo, mas logo volta sua atenção para minha irmã.

— Essa é a *Estrrela*? — ele pergunta com o “R” forçado.

— Sim.

Hiago levanta seu relógio de bolso, pendurado pela corrente. Assim que ele aproxima a peça da cápsula, a gema azul se acende, comunicando-se com o amuleto no pescoço de Luana. A luz arroxeadada passa pelo vidro e se mistura aos raios anis emitidos pelo relógio. O farol da Estrela de Metal está reagindo ao amuleto de Luana. É o imenso poder de duas Estrelas diante de nós.

— Você estava certo — Borges Calveta fala. — Ela e o irmão foram até minha casa com o paladino. Eu não queria fazer isso, você sabe. Espero que cumpra sua

parte no acordo.

— Mas eu já a *cumprri* — Hiago responde em um tom debochado. — Dei a você os *melhorres materriais parra* que *prroduzisse prróteses parra* a menina, não dei?

— Ah, pai... — Boom desabafa baixinho, claramente desapontada.

— Sim — o engenheiro fala —, e eu quero que a Maria fique fora disso. Tem que me prometer que não fará mal a ela, que teremos paz.

— *Borrres* — o “r” é tão puxado que chega a me irritar —, você é um aliado. Jamais *farrei* mal a você e sua filha. *Clarro*, desde que não se metam em meus negócios. Sua *parrte* do *acorrdo* foi feita, assim como a minha. *Agrradeço* todo seu *suporrte* com a *crriação* do satélite e o manuseio do meta-*ferrro*. Você é um cientista *brrilhante*.

— Obrigado, senhor.

— *Porrém*, não posso *garrantir* que sua *querrida* filha fique *forra* de tudo isso — ele diz e olha novamente para nós.

— Por quê? — o cientista pergunta, preocupado.

— *Porrque* ela já está envolvida — Hiago levanta um dos braços lançando uma leve onda de energia magnética pelo ar que, assim que nos atinge, desfaz a ilusão de Mael.

— Maria? — o pai de Boom pergunta, em choque.

Hiago ignora o cientista e se move em nossa direção. Logo os outros construtos nos cercam e apontam suas armas.

— *Acharram* mesmo que uma técnica *barrata* dessa *poderrria* me *enganarr*? Eu posso *sentirr* cada *centímetrro* de metal a minha volta. E vocês não *parrecem serr* feitos *inteirramente* de metal *parra* se passar *porr* meus *constrrutos*.

— É melhor você soltar a minha irmã.

— Você deve *serr* o *corrajoso arqueirro*. Seus latidos não me *prreocupam*.

Hiago dá as costas e é seguido por dois robôs que apanham a cápsula e a levam atrás dele.

— Espera! — grito.

Antes de sair, ele apenas fala:

— Matem todos.

— Não! — o pai de Boom corre para alcançar a filha, porém, no caminho, ele é atingido por um disparo na perna e cai.

— Pai!

Mael se multiplica nos dando cobertura e nós corremos até o senhor Calveta. Atiro uma flecha elétrica que sobrecarrega dois construtos na nossa frente e abro caminho para alcançarmos o cientista.

Ajudo Boom a arrastar seu pai para um dos cantos da sala.

— Maria — ele fala, mas Boom corta:

— Fica quieto, pai — diz enquanto faz pressão no ferimento da perna de Borges.

— Eu não acredito que você foi capaz de ajudar esse monstro.

— Sinto muito — ele diz, triste. — Foi a única forma de te ajudar.

— Preferia continuar presa a uma cadeira de rodas — ela rebate, sem olhar nos olhos do pai. Continua focada em conter a hemorragia.

— Rasga aqui, Leran. — Ela indica um pedaço da calça do senhor Borges. Puxo o pano e o amarro em volta do local onde o disparo perfurou.

Borges geme de dor, mas não desiste de olhar para a filha. Ele está desolado.

— Pegue isto, por favor — ele enfia a mão no bolso da camisa e retira uma caderneta de anotações. — Tem informações sobre minhas pesquisas. Pode ajudar vocês a pararem Hiago.

— Pai, não é hora para isso — ela diz, pega o caderninho e o coloca de lado. Então termina de amarrar a atadura e ordena ao pai: — Fique aqui!

Após a ordem, Boom me encara, coloca firmeza na perna mecânica e se levanta. Ambas as suas mãos, tanto a metálica como a normal, se acendem com a energia de eletricidade. Sua perna também brilha e o poder queima parte da calça.

— Vou consertar essa besteira que meu pai fez.

Furiosa, ela corre até os inimigos que continuam enfrentando as cópias de Mael. A perna envolta em energia dá a Boom uma impulsão sobre-humana. Ela salta alto e cai esmurrando um dos construtos com seu braço mecânico. O punho eletrificado da garota atravessa a lataria do robô e, ao mover o braço para trás, Boom joga a carcaça longe. O segundo soco libera uma esfera de energia que voa até três construtos atiradores, explodindo-os em um anel de eletricidade. Ela então se junta a Mael e o ajuda a destruir os inimigos que o cercam. Boom pula, soca e arremessa robôs, demonstrando toda a habilidade de luta que tinha em Acigam, mas agora aprimorada por suas partes biônicas. Ela é uma máquina de combate.

Eu não consigo esconder meu espanto ao ver a sucata de construtos que está por toda a parte. Boom os trucidou.

— Vamos pegar sua irmã — ela fala indo na direção para onde a Estrela do Metal foi.

A porta seguinte nos leva até outro enorme hangar, com o pé direito ainda mais alto, algumas claraboias e vidro no telhado. Aqui, as linhas de produção, também alimentadas com energia humana, montam coisas mais ameaçadoras, como os tanques e as aeronaves construtos. E é em uma delas, no canto do hangar, que os robôs estão colocando a cápsula com Luana dentro.

— Para onde você está levando *ela*? — grito, chamando a atenção de todos no hangar.

— Mas que *porcarria*, vocês não *morrrem*? — Hiago sai de trás da aeronave e nem se dá conta de Boom, que saltou e já cai sobre ele, ameaçando um potente

soco.

A Estrela toma um susto e estende seu braço mecanizado, parando a nanica no ar.

— Seu maldito, eu vou acabar com você — ela esperneia enquanto flutua diante de Hiago.

— Não seja ingênua, *garrota*. Eu *contrrolo* o metal. E você foi feita com ele.

Hiago movimenta o braço para o lado e Boom é jogada sobre uma das máquinas, derrubando peças e bancadas de solda.

Disparo uma flecha, mas Hiago desvia sua trajetória apenas ao olhar para ela. Ele pode evitar meus disparos facilmente já que as flechas têm pontas de metal. Mael aproveita a distração e corre distribuindo machadadas em todos os inimigos que tentam pará-lo. Com as ilusões, ele impede que os atiradores nos acertem e eu passo a focá-los com meus tiros, destruindo-os em seguida.

— Não tenho tempo *parra* essa palhaçada — Hiago fala e estende a mão até uma das máquinas soldadoras, deixando que fios de energia se desprendam de seus dedos e envolvam o maquinário.

Após tremer, a máquina movimenta os braços como se ganhasse vida e busca peças na linha, soldando-as a si mesma. Aos poucos, a soldadora cria pernas, aumenta seus braços e vai ficando enorme, como um golem metálico, animado por energias.

Corro para alcançar Luana, porém um dos braços da máquina esmaga o piso a minha frente.

— *Divirrtam-se* — Hiago fala e entra na aeronave. As turbinas do veículo se ligam e ele sobe até o telhado, onde as claraboias se abrem dando passagem. Entro em desespero ao vê-lo fugir com minha irmã, só que logo preciso me concentrar na luta contra o monstro soldador.

Saco várias flechas da aljava e as seguro juntas para facilitar os disparos. Uma a uma, vou atirando e derrubando os construtos menores, na tentativa de diminuir o número de inimigos. Mas cada construto que cai se torna material para o já gigantesco monstro criado por Hiago, que acopla ao seu corpo todo tipo de peça que encontra no caminho. Agora ele passa dos três metros de altura, repleto de braços e armas encaixadas na lataria.

— Como vamos parar essa coisa? — pergunto.

— Temos que acabar com os outros primeiro — Mael se refere à dezena de construtos de infantaria que continuam surgindo pela porta.

— Eu cuido dos atiradores — Boom fala assim que nos alcança. Ela está com um corte na cabeça e manca devido à pancada, contudo ainda parece determinada em vencer essa batalha.

Os robôs que estão mais próximos projetam lanças de seus braços e tentam nos acertar. Boom aproveita que eu e Mael partimos para o combate corpo-a-corpo e

usa suas esferas de energia para explodir os atiradores.

Defendo um golpe de lança com o arco e sou obrigado a deixá-lo de lado para pegar minha nova espada. Já está na hora de usar essa arma para valer. Peço cobertura para Mael e me afasto. Coloco a lâmina de bronze na minha frente e foco o olhar evocando a energia que preciso.

Início com um encanto elétrico e as pedras incrustadas na arma se acendem, envolvendo a espada em uma potente corrente que consigo manter estável. Aponto a arma para um dos construtos atiradores e libero parte da energia em um raio, estourando a cabeça do robô.

Com mais movimentos da espada, lanço novos raios que destroem meia dúzia de construtos, mas logo o encanto perde a força e a energia acaba. Assim que baixo a guarda, um dos construtos me acerta um golpe e me joga no chão.

Vou ao plano B e uso um encanto de fogo que faz com que as pedras na espada se acendam em vermelho. A lâmina arde em brasa logo em seguida. Tenho tempo de rebater um golpe de lança, mas minha espada está tão quente, que a arma do construto é partida ao meio, como se fosse feita de manteiga. Então me levanto e corto o inimigo com um golpe rápido. As peças caem, derretidas por onde a espada passou e, assim que paro de fornecer energia, a lâmina se apaga e esfria.

Do outro lado do salão, o monstro gigante está tentando acertar Boom com disparos, só que ela se movimenta rápido e se protege atrás das bancadas e das esteiras da linha de produção. Mael envia mais cópias que tentam derrubar o bicho de ferro à base de machadadas em suas pernas. Ele consegue arrancar uma delas, mas logo o monstro solda uma nova e volta a andar.

— Mira nos braços soldadores — aponto para os membros que continuam buscando material e juntando ao corpo maior.

Depois de minha sugestão, Mael conjura uma machadinha de luz e a arremessa de forma certeira no braço mecânico, despedaçando-o. Pego novamente o arco e disparo no segundo membro, que cai após ter sua articulação destruída pela explosão do encanto. Boom vem em seguida e dá o golpe final. Ela salta, impulsionada por sua perna mecânica, e cai no peito do monstro, onde soca com força. O golpe energizado amassa toda a frente de metal e abre um rombo no robô. Boom cai em pé diante de nós e, atrás dela, o monstro despenca estremecendo no chão.

Só que os menores não param de chegar.

— Eles são infinitos — Mael fala exausto e se multiplica novamente.

— Nós vamos até o fim — Boom está decidida. Eu aceno com a cabeça.

Nos preparamos para continuar a luta quando um estouro no teto me faz olhar para cima. As claraboias se quebram em uma chuva de cacos de vidro e, pelos buracos, dezenas de homens descem em rapel, atirando. Assim que chegam ao

chão, sacam cassetetes e floretes e partem para cima dos robôs. Logo estamos cercados, não mais de construtos, mas de policiais.

— Polícia Especial de Mabra, vocês estão presos — um deles fala apontando as armas para nós.

Levantamos as mãos, surpresos.

— Nós estávamos... — início, mas sou cortado por uma voz familiar.

— Leran?!

Viro-me e encontro Judra, que corre e me dá um abraço forte. Ao vê-la, a adrenalina passa e sinto um enorme conforto. Então entre em desespero.

— O que foi? — ela pergunta, preocupada. — Onde está Luana?

Aponto para cima e mostro, pela abertura no teto, a gigantesca arma de Yana que flutua no céu negro.

— Hiago a levou, Judra. — falo, pois sei qual é o plano daquele infeliz: — Ele vai usá-la para alimentar o satélite!

PARTE VII

ACIGAM

por Fajon Dirrou

Capítulo 39

Os últimos meses foram difíceis. Após Nagisa tentar me matar, tive que me esconder por um tempo e apagar qualquer rastro que indicasse que eu ainda pudesse estar vivo. Acabei buscando a ajuda de Simus, que me recebeu com um enorme “eu te avisei”, mas me acolheu em sua casa. Agora meu único objetivo é reerguer a Guilda, pois só teremos chances se lutarmos juntos. Para isso, marquei uma reunião em um auditório na zona oeste da cidade.

— Já estamos aqui há quarenta minutos, Fajon — Simus diz impaciente, sentado em uma das cadeiras. — Estão vindo mesmo?

Aceno com a cabeça e peço um pouco mais de paciência.

Demora mais quase meia hora até que Diego Sartoro toque na porta. Eu a abro e vejo que ele está acompanhado de alguns ministros.

— Capitão?!? — Um dos homens com Diego demonstra espanto, como se visse um fantasma. — Achamos que tivesse morrido.

— Isso é o que Babo e a rainha pensam — falo e logo os mando entrar.

Porém a surpresa dos ministros se intensifica ao verem Simus e os outros dentro da sala.

— O que eles fazem aqui? — Um dos ministros se vira para mim — É alguma piada, Fajon?

— Prenda-os, capitão! — outro deles demanda.

— Vamos manter a calma, por favor — Diego fala e pede que seus companheiros se sentem. — Estamos aqui para ouvir o que Fajon tem a dizer a respeito da rainha e do Polo Água.

A frase de Sartoro gera um certo alvoroço. Na sala estão os magos mais respeitados que fizeram parte da Guilda no passado, entre eles Simus Calveta, Alb Pinmur, Safira Bordenco e Bartolomeu Norano. Laura Yandel também veio, assim como Sandra Galek e outros que participaram da guerra contra Cadornia. Com os ministros e Sartoro, são mais de vinte pessoas no pequeno auditório. Dentre todos eles, eu contei o que aconteceu apenas para Simus e para Diego.

— Polo Água? — Safira pergunta, surpresa.

— O que é isso? — Alb também pergunta, mas ele eu ignoro, pois foi ele mesmo que nos explicou sobre os Polos quando achamos o diário de Khun no observatório.

— Calma, preciso que todos me escutem — peço.

Os magos se aquietam e voltam as suas cadeiras à minha frente.

— Nagisa tentou me matar — falo sem rodeios.

— Isso é um absurdo — um dos ministros acusa.

Mas Sartoro o encara e ele se acalma.

— A aliança que Acigam formou com Yana e Tênus não foi para nos manter seguros, foi para colocar os construtos mais próximos ao Polo Água. Eles roubaram a energia de lá, provavelmente para alimentar o satélite que paira sobre o continente.

A conversa segue tensa. Sob objeções, acuso Nagisa de ter orquestrado todo o fechamento da cidade e uso as provas que tenho para convencê-los, como, por exemplo, o fato de ela ter páginas do diário de Khun, a presença dos golens de energia na torre do observatório e sua relação com Babo. Simus também conta sobre Luana e Leran, ocasionando ainda mais alvoroço.

— Não posso acreditar nisso! — Um ministro se levanta, incrédulo.

— Babo usou a Guilda para achar a menina — Simus fala. — Nagisa tentou matá-la, mas Leran a salvou com a ajuda da silenciadora.

— Vocês estão defendendo o assassino do meu filho! — Sandra também se levanta, furiosa.

— Leran não é nenhum assassino — Laura rebate, no mesmo tom.

— Senhoras, o que aconteceu não importa mais. Temos que nos concentrar no que está por vir. Todos nós fomos manipulados. E a rainha sempre esteve por trás de tudo. Ela nunca foi prisioneira de Cadornia. O rei era um fantoche dela — falo.

— Vamos deixar nossa cidade nas mãos de máquinas? — Sartoro pergunta, fazendo todos se entreolharem. — Nós lutamos quinze anos para devolver a cidade ao povo, mas a verdade é que ainda não conseguimos fazer isso. Eu também fui cego e isso me envergonha, só que ainda há tempo para corrigirmos nossos erros e libertar Acigam de uma vez por todas.

— Estão sugerindo que ataquemos o palácio outra vez? — um dos ministros pergunta.

— Se for preciso, sim — respondo, enfático.

— Eu já ouvi o bastante! — Outro membro do conselho se irrita e se dirige até a porta.

— Precisamos estar todos juntos. — Diego Sartoro se coloca entre o ministro e a saída.

— Como querem que eu me volte contra o governo que estou ajudando a construir?

— Ajudando a construir? — Simus fala indignado. — Nagisa não construiu nada nesse tempo todo, ela só destruiu. Nos colocou uns contra os outros. Desmantelou a

Guilda. Colocou Babo no controle da cidade. Esse, sim, sempre foi o maior traidor. Ele matou os antigos ministros sem dar-lhes a chance de serem julgados. E se for preciso, ele matará vocês também.

O homem dá alguns passos para trás, confuso.

— Vamos precisar de um exército para vencer os construtos — outro ministro comenta, preocupado.

— Se estivermos juntos, teremos uma chance — respondo otimista.

— Essa não é a Acigam que queremos — Sartoro reforça. — Vamos terminar o que começamos no passado.

Os ministros trocam olhares incertos, mas concordam. Simus aperta a mão de um dos ministros e eu solto um suspiro de alívio. Todo o esforço não foi em vão.

A Guilda vive outra vez.

Durante a semana, preparamos nossa estratégia para tirar Babo e Nagisa do poder. Sartoro descobriu que Yana vai levar grande parte dos construtos de Acigam para um ataque ao norte, cercando Mabra também pelo sul. Isso deixará a cidade em uma situação ideal para tomarmos o palácio, se for necessário. É claro que ainda teremos que enfrentar Nagisa, tarefa nada fácil.

Enquanto Simus ajuda os membros da Guilda a se rearmarem, eu dedico tempo aos treinamentos, mas agora focando na misteriosa Joia do Mar que salvou a minha vida. Tenho certeza de que ela ampliou o meu controle quando a rainha tentou me matar. Se a peça realmente funciona dessa forma, talvez eu tenha uma arma poderosa nas mãos e é melhor eu aprender como usá-la.

Após dois dias da partida dos construtos, chega a hora de colocarmos nosso plano em ação. Os magos se reúnem na praça principal e seguem em caminhada até o palácio. Os poucos robôs que restaram nas ruas apenas acompanham de longe enquanto entramos na Vila de Mármore. Assim que paramos diante do castelo, Babo sai em uma das sacadas:

— O que significa isso? — ele pergunta, incomodado.

— Desça para conversarmos, Babo — Diego fala. — Os magos não estão satisfeitos com o rumo que as coisas estão tomando. Se você ainda é um de nós, vamos chegar a um acordo.

O plano “A” é a conversa, sempre.

— Meus caros ministros estão insatisfeitos com meu governo? — ele pergunta se dirigindo aos membros do conselho, quase todos atrás de Diego.

— Todos estão, Babo — me intrometo e saio do meio dos magos.

— Capitão? Então ainda está vivo. Que surpresa boa.

— É muita desfaçatez, não é mesmo? — rebato.

Mas ele desconversa e se volta novamente aos ministros.

— Qual é o motivo de tanta insatisfação?

— Suas decisões e as da rainha colocaram Acigam em uma guerra — Sartoro fala, em nome do conselho. — Não foi para isso que tiramos Cadorkia do poder.

— Entramos na guerra para nos proteger. Os construtos trouxeram mais segurança para a cidade.

— Não — agora é Simus que fala —, os construtos trouxeram medo, tanto quanto os silenciadores traziam. Ninguém mais sai nas ruas. As máquinas estão por todo lugar nos vigiando.

— Sabia que isso tinha dedo seu, Simus, um dos traidores de nossa causa — ele abre os braços e fala alto, tentando convencer os ministros.

— Os únicos traidores aqui são você e sua irmã Estrela.

Diante da acusação de Simus, Babo muda a expressão e fala com cinismo ao se apoiar no guarda-corpo:

— Como quiserem. Mas eu sou o atual governante dessa cidade, e se vocês estão contra mim, estão contra Acigam.

— Como ousa? — Sartoro pragueja.

— Prendam todos — Babo ordena e os construtos ativam suas armas, mirando para nós.

Ok, é hora do plano “B”.

Simus usa uma descarga elétrica e desativa quatro robôs de uma vez após sobrecarregá-los com um curto-circuito. Alb dá conta de todos do outro lado ao pisar no chão e enviar um forte tremor, que os enterra no solo. Os outros magos, em um ataque sincronizado, acertam os construtos restantes com raios e bolas de fogo.

— Essas máquinas não irão nos parar, Babo. Yana o deixou sem construtos o suficiente, é melhor se render.

— Vocês acham mesmo que seríamos burros a ponto de deixar o palácio desprotegido? — Ele ri, então leva o pulso até os lábios e dá algum comando no comunicador que tem no braço.

Outros cinco construtos saem da porta principal do palácio e montam guarda diante dela, sobre a ponte do fosso.

— Ele tem mais cinco? — Simus pergunta confiante. — Vamos acabar com eles agora.

Contudo um enorme ruído vindo de nossas costas nos coloca em alerta. De trás das montanhas de Acigam, uma gigantesca aeronave de Yana ganha o céu e depois desce depressa até a Vila de Mármore, pairando sobre nós. Com balões e dezenas de hélices, a máquina voadora faz sombra em todo o jardim do palácio.

— Não pode ser — Sartoro diz, incrédulo.

A aeronave em si não é nosso maior problema, porque, assim que ela abre suas comportas, centenas de construtos saem voando, projetados por foguetes de energia. Poucos segundos depois, mais de cem robôs fazem um cordão de isolamento entre nós e o palácio.

— Eles deixaram construtos o suficiente para vencer uma guerra — Simus diz, espantado.

Ao meu lado estão pouco mais de quarenta magos. Estamos em total desvantagem.

— Bem — Babo fala lá de cima —, não façam muita bagunça, ok? Vou terminar meu almoço.

O velho dá as costas sem demonstrar preocupação alguma, deixando-nos diante das centenas de inimigos, porém todos sabemos que agora não tem mais volta. Acigam é a nossa cidade e nós vamos chutar esses traseiros de metal daqui.

— Por Acigam! — grito.

— Por Acigam! — eles respondem em uníssono e atacam os construtos.

Sartoro puxa suas armas de lâmina em ‘C’ e salta para cima dos primeiros inimigos, acertando-os nas articulações. Já Simus saca sua espada e se defende de alguns tiros.

Logo, tudo a nossa volta é tomado pelo caos da batalha. Magos usam energia para derrubar construtos voadores, que atiram de volta com rajadas de metralhadora e raios. Alguns aliados caem feridos enquanto dezenas de robôs despencam em pedaços do céu.

Uma maga usa o controle do vento para desestabilizar o voo dos construtos, fazendo uns baterem nos outros. E Alb continua destruindo todos os que estão no chão com seus tremores.

Safira vai até a frente de batalha e foca seus esforços em curar os magos caídos, que já são muitos.

— Preciso de cobertura — diz assim que dois construtos pousam atrás dela.

Com um jato de água emitido por minhas pernas, eu me projeto para cima e caio sobre os dois robôs, acertando suas baterias com minhas estacas de gelo. A explosão me encobre, mas meu corpo não sofre dano algum devido a minha habilidade de virar água. Quando o fogo abaixa, tanto meu corpo quanto minhas roupas se formam novamente da água, deixando-me pronto para enfrentar outros três construtos que me atacam.

Durante meu treinamento e estudos sobre a Joia do Mar, descobri que além de verter meu corpo, também posso mudar a forma de pequenos objetos ligados a ele, como as roupas. Isso não seria possível antes, mas como disse, o bracelete amplia consideravelmente o meu controle. Enquanto luto, a peça se funde ao meu braço,

fica transparente como a água e se mistura ao líquido em que me transformo, é como se fizesse parte de mim.

Mais robôs vêm do céu e uso tudo o que tenho para proteger Safira enquanto ela cuida dos feridos. Primeiro, meu braço esquerdo se amplia em um grande escudo de gelo, depois o braço direito vira uma lança e eu a arremesso, acertando os dois construtos mais próximos. Assim que os demais pousam, minha mão forma um martelo e amassa a cabeça de outro deles. Eu paro o quarto ao espirrar um jato de água e depois solidifico o líquido, fazendo o inimigo cair inerte, coberto de gelo.

Meu corpo continua se adaptando. As pernas viram novamente a tromba d'água e os braços alternam entre espadas, machados, escudos e lanças de gelo. Quando estou prestes a ser atingido, meu corpo todo vira água e as balas o atravessam sem causar dano algum. Enquanto Safira continua seu trabalho, eu destruo mais de vinte construtos e ainda tenho muita disposição para continuar.

Do outro lado do campo de batalha, noto que alguns magos já atacam a gigantesca aeronave, lançando raios e labaredas, porém os golpes são fracos e não surtem efeito. Vendo que sozinhos não conseguem causar danos suficientes, um grupo de dez orientadores se reúne em um círculo e, juntos, disparam uma gigantesca bola de fogo, que sobe como um cometa e estoura um dos balões que mantém a aeronave no ar. A máquina voadora tenta uma manobra evasiva, mas outro meteoro de fogo destrói sua traseira e a faz descer em chamas, até explodir do lado de fora dos muros da cidade, de onde sobe uma imensa torre de fumaça.

Peço ajuda para que outros magos deem cobertura à curandeira e isso me permite seguir até a entrada no palácio. Lá, Sartoro e Simus enfrentam mais construtos, visando entrar no salão principal. É nossa chance de pegar Babo e Nagisa. Assim que os alcanço, meu jato de água lava a ponte, jogando no fosso os quatro robôs que impediam nossa passagem.

Simus derruba os portões trancados com um raio e nós três corremos pelas escadas até chegarmos à torre mais alta. Sartoro escancara a porta do Salão das Armas com um chute e, dentro dela, Babo se delicia com um succulento banquete. A mesa está toda posta, com diversos tipos de comida e bebida: carnes, saladas, frutas, vinho, genisky... coisas demais para apenas uma pessoa. Assim que entramos, Babo coloca a coxa de peru que comia de volta ao prato e nos encara com um sorriso.

— Era para você ser um líder para o povo — Simus fala indignado ao ver a abundância da refeição —, mas veja só no que se tornou. Apenas transferiu as regalias do prato de Cadornia para o seu.

Durante a frase de Simus, eu noto, em cada um dos lados da mesa, uma estátua de metal. Parecem corpos femininos, ambas com apenas uma asa em lados opostos das costas. O mesmo ocorre com todos os outros detalhes do corpo metálico: garras

em uma das mãos, desenhos em baixo relevo, placas de armadura e um chifre curvado na lateral da cabeça.

— Sem contar o péssimo gosto para decoração — Sartoro se refere às estátuas.

— Vieram até aqui para me dar lição de moral?

— Não, Babo, viemos prendê-lo — falo, irritado — Você será julgado por tudo o que fez, por ter traído a Guilda.

— Onde está Nagisa? — Simus pergunta. — Avise sua irmã que ela não vai escapar.

— Nagisa não está aqui — ele diz, debochado. — Decidiu acompanhar os construtos ao norte.

— O quê?

Não consigo imaginar por que a rainha deixaria a cidade para lutar na guerra de Mabra.

— Isso não importa — Sartoro diz —, o julgamento dela também virá. Agora se entregue, Babo.

— Vocês nunca vão entender, não é mesmo? Tudo o que eu e Nagisa fizemos foi para salvar esse mundo podre. E ainda estamos trabalhando para isso. Aquela garota, a Estrela, vai destruir tudo, e vocês serão os responsáveis se não deixarem que continuemos.

— Ele está tentando ganhar tempo — Simus alerta —, deve estar tramando algo para fugir.

Mas Babo ri sarcástico.

— Eu não preciso fugir, Simus — e se levanta enquanto limpa a boca em um guardanapo de pano.

Aproximo-me para prendê-lo, mas Babo dá um passo para trás, ergue as mãos na altura da boca e respira fundo, drenando todo o ar da sala. Levo minha mão à garganta e sinto que meus pulmões não conseguem encontrar oxigênio. Atrás de mim, Sartoro e Simus também agonizam.

— Eu não vou fugir, meu velho amigo — ele continua em um tom sádico — Eu vou matar vocês.

Capítulo 40

Caio de joelhos, sufocado pela técnica de Babo. Esse maldito é poderoso demais! Simus tenta orientar um relâmpago, mas sem o oxigênio entrando por suas narinas, ele também cai desfalecido.

— Vocês me obrigam a fazer cada coisa — Babo Seranto fala e se aproxima de nós. Então puxa mais ar, garantindo que não recuperemos o fôlego. Agora é uma questão de tempo. Em mais alguns segundos, estaremos mortos.

Não consigo nem mesmo verter meu corpo em água. Tudo está entrando em colapso pela falta de ar. Sinto um espasmo e então sinto calor, muito calor. Suor escorre da minha testa e, ao olhar para Babo, vejo-o suando também, com a barba molhada.

Percebo Sartoro caído atrás de mim, com uma das mãos levantadas. É ele que está fazendo isso, está manipulando o ambiente, tornando a sala insuportavelmente quente.

O calor atrapalha a concentração de Babo e ele mesmo leva as mãos até a garganta, tento dificuldade em respirar devido ao bafo quente. Assim que sua técnica cessa, meus pulmões se enchem outra vez, trazendo alívio imediato. O ar quente incomoda, mas é melhor do que ar nenhum.

— Sua manipulação não é mais forte que a minha — Sartoro fala ao se levantar. Ele continua focando Babo, como se envolvesse o velho em uma estufa de energia.

Babo cai sentado, praticamente derretendo. Ele está ofegante, exausto. De alguma forma, Sartoro está concentrando sua manipulação apenas ao redor do inimigo. Mesmo assim, a temperatura na sala só aumenta.

— Chega, Diego, você vai matá-lo.

Diante do apelo de Simus, Diego Sartoro alivia a técnica e Babo consegue recuperar o fôlego.

— Vocês são muito ingênuos — ele fala, arfante e, com dificuldade, pressiona um botão em seu comunicador de pulso. Depois, ele ri.

— O que você fez?

Mas a resposta vem de um brilho nas duas estátuas ao lado da mesa. No lugar dos olhos, duas fontes de luz índigo se acendem, e delas filetes emanam energia pelo corpo inteiro de metal. As placas se abrem e se moldam, revelando duas construtos

idênticas, mas espelhadas. A asa de cada uma se movimenta e as garras crescem, como unhas gigantes, em cada um dos dedos de uma de suas mãos. Elas saltam como animais e caem ao lado de Babo, emitindo um rugido ao mesmo tempo.

— Hiago me deixou um presente — ele fala, ainda se recuperando. — Essas são as construtos de elite do projeto S.I.H. Mas vocês podem chamá-las de irmãs Sih.

Sem hesitar, Simus atira um poderoso relâmpago em uma delas, envolvendo-a na descarga elétrica, porém a energia é inteiramente absorvida pelos olhos cor de anil da criatura e sua força interna aumenta, deixando suas garras ainda maiores e sua couraça mais rígida.

— Ah, esqueci de avisar — Babo fala. — Elas são imunes a ataques de energia. Presente ideal para um líder que governa uma cidade cheia de magos.

Babo se levanta, sendo acompanhado pelos olhos fumegantes das irmãs e vai mancando até uma das cadeiras, onde se apoia, visivelmente cansado. A técnica de Diego Sartoro foi decisiva. Babo Seranto não tem condições de lutar, mas tem condições de ordenar que suas servas nos ataquem. E é exatamente o que ele faz. Ambas as criaturas de metal viram seus rostos para nós e abrem a boca, liberando energia em dois raios azulados.

Faço um escudo de gelo e bloqueio um deles, no entanto o disparo estoura minha proteção e me joga na parede. O segundo passa entre Simus e Sartoro, abrindo um rombo na lateral do salão. Depois, ambas correm e atacam os dois com suas garras. Simus e Sartoro sacam armas e rebatem golpes com as irmãs construto, andando de um lado para o outro. A duas lutam em perfeita harmonia, alternando de adversários, batendo e se defendendo de todos os lados com giros e movimentos precisos.

Levanto-me com bastante dor nas costas e me preparo para auxiliar os dois magos. Temos que vencer as irmãs antes que Babo se recupere e tente fugir. Avanço sobre uma delas, fazendo meu braço virar uma espada de gelo. Chego por trás, mas ela sente minha presença e se vira a tempo de bloquear meu ataque. Para minha surpresa, ao cruzar o gelo com suas garras, os olhos da robô brilham e, nesse mínimo espaço de tempo em que nossas armas se encostaram, ela drena a energia da minha manipulação. Com a força que absorveu, a construto cresce alguns centímetros e fica ainda mais ameaçadora. Afasto-me tonto e vulnerável, forçando Simus a entrar na frente da inimiga e a impedir de me atacar.

— Todos os seus ataques são derivados do controle das energias, Fajon — ele me alerta. — Se lutar contra elas, só vai deixá-las mais fortes.

Simus tem razão. E as duas inimigas estão sedentas por energia. Uníssonas, elas falam:

— Mais!

Elas avançam até Simus e conseguem desarmá-lo. Diego Sartoro vai ao seu auxílio, mas uma delas o acerta e o joga longe. A outra agarra Simus pelo pescoço e abre a boca diante dele, deixando seus olhos se acenderem. Involuntariamente, Simus começa a liberar eletricidade e a construto se alimenta.

— Não consigo parar — ele diz. — Ela está sugando minha energia.

Sem opção, lanço um potente jato de água que a afasta de Simus, mas a deixa ainda maior e mais poderosa. O único que pode pará-las é Babo Seranto. E, ao me lembrar dele, vejo-o se apoiando na parede, tentando sair de fininho até a sacada.

— Onde você pensa que vai? — Transformo minhas pernas na tromba d'água e me projeto até Babo, caindo com uma lâmina de gelo apontada para seu pescoço. — Desligue-as.

— Não posso — ele rebate e se afasta.

— Use o comunicador — ordeno lembrando que ele apertou algo no dispositivo para ativá-las.

Então Babo retira a pulseira e a joga para fora do palácio. Corro até o guarda-corpo para ver o aparelho se espatifar na rua, em meio a batalha de construtos e magos.

— Seu cretino — viro-me para Babo, mas o velho sobe no guarda-corpo e me manda parar.

— Não seja louco, desça daí — ordeno.

— Sei que não é educado deixar as visitas sozinhas, mas tenho certeza de que estão se divertindo bastante sem mim — Babo diz cheio de escárnio e dá um passo para trás.

Corro até ele, porém o velho se joga da sacada e, poucos segundos depois, sobe voando com uma rajada de vento. Avisto-o se afastar do palácio e depois da cidade, desaparecendo ao longe.

— Esse filho da mãe sabe voar... — digo, totalmente pasmo.

Volto os olhos para dentro da sala quando escuto um ruído alto e vejo uma das irmãs ser atingida por um raio de Simus, deixando-a maior, mas também a jogando na direção da sacada. Ela passa por mim cambaleando e eu aproveito para lhe dar uma rasteira e então empurrá-la para fora. A construto bate a única asa que tem, sem sucesso em evitar sua queda. Ela despenca rodopiando e se esborracha no chão.

A outra salta para fora e cai em pé no guarda-corpo, de onde observa a irmã em pedaços lá embaixo. Furiosa, ela se volta para nós, com os olhos cheios de energia e dispara um raio que sou obrigado a refletir com meu escudo de gelo. Após ricochetear, o ataque destrói o piso e a parede da sacada, arrancando-a do prédio. Simus e Sartoro correm para me ajudar, mas eu caio junto com a construto e os escombros.

Projeto um jato para baixo que amortece minha queda e viro água em seguida, escapando dos destroços que caem. A construto não tem a mesma sorte. Seu corpo acerta o chão bem ao lado de onde a irmã havia caído e ambas acabam soterradas por uma tonelada de concreto e vigas.

Recupero-me do susto e vejo que os magos estão ganhando a batalha. Apesar de minoria, eles combinaram suas técnicas e vão destruindo construto por construto. Os jardins do palácio de Acigam se tornaram um depósito de peças de ferro velho.

Após a queda do último inimigo, os magos gritam em comemoração.

— Vencemos! — o brado é involuntário.

Simus e Diego Sartoro alcançam a rua e se juntam aos outros. Finalmente Acigam é nossa. Babo fugiu, mas tenho certeza de que ele não vai voltar tão cedo. Nós livramos nossa cidade dessa praga mecânica.

— Que barulho é esse? — Simus pergunta e se vira para o monte de escombros da sacada destruída.

Encaro o entulho e vejo algumas pedras rolarem devido ao tremor.

— Ah, não — Sartoro lamenta assim que uma das mãos metálicas das irmãs sai do meio do concreto.

A robô se levanta, jogando pedras para cima e é seguida pela irmã, ambas ainda vivas e mais furiosas. Elas abrem suas bocas para atacar, contudo os magos são mais rápidos e as fuzilam com rajadas de energia.

— Parem! — grito, desesperado. — Não!

Embora minha ordem seja bem clara, os magos continuam atacando, na tentativa de destruir os monstros, e, ao invés de serem desintegradas pela energia, as irmãs se deliciam com tanto poder. Elas crescem, suas carapaças de metal se fortificam, os chifres se alongam, as asas se fortalecem, e, ao passo que tudo isso acontece, elas se fundem em uma criatura muito mais assustadora.

Com mais de cinco metros de altura, asas, quatro braços e duas cabeças chifrudas, as irmãs, agora siamesas, soltam um urro horripilante que ressoa por toda a Vila de Mármore. Parte da energia atirada até elas é devolvida em um anel de luz, arremessando os magos para longe.

— Alguma ideia? — Simus pergunta.

Não podemos atacá-la com energias, mas é olhando para os escombros da sacada que tenho uma ideia.

— Tragam-na para dentro — falo e corro para o palácio.

Simus lança um pequeno raio para chamar a atenção do monstro e vem atrás de mim. Acho que ele entendeu meu plano. As irmãs Sih atravessam a entrada arrancando toda a estrutura da porta e ainda derrubam parte da parede. No salão principal do palácio, elas abrem as bocas e lançam raios para nos acertar. Um deles me persegue e o outro vai atrás de Simus, deixando um rastro de destruição por

onde passam. Antes de cessar o ataque, as irmãs derrubam toda a parede esquerda do salão e atingem duas importantes vigas que sustentam o prédio.

— Ela vai destruir o palácio todo — Sartoro fala após entrar.

Mas a ideia é essa.

Quando me tornei capitão, eu estudei muito bem a planta desse prédio para poder protegê-lo. Conheço os corredores, as torres e as masmorras. É uma construção antiga, erguida sobre vigas, que vão da fundação no subsolo até a base das torres.

Corro até as vigas do lado direito, próximas aos elevadores, e uso um jato de água para atirar as irmãs. As cabeças se viram até mim e ela salta, usando as garras para me dilacerar. Liquefaço meu corpo para sair do caminho da construto, que acerta a parede com seu tamanho descomunal e danifica outras duas vigas.

— Fajon!? — Simus aponta para as rachaduras que marcam todo o teto.

Outros magos entram no palácio, visando nos ajudar, mas mando-os se afastarem, com exceção de Alb. Sua habilidade será muito útil agora.

Meu próximo alvo é a pilastra principal, que fica no meio do salão e é uma das bases para a torre menor. Paro diante dela e provooco a criatura que ainda tenta desprender suas garras da parede. Assim que consegue, uma das cabeças cospe o raio anil e corta a pilastra atrás de mim. O raio vai além e demole a parede do fundo, atingindo outra viga importante.

O palácio começa a tremer e buracos surgem no piso, levando pedaços de entulho para as masmorras.

— Todos para fora — ordeno assim que o teto começa a cair.

Desvio de duas pedras e de uma parede até conseguir alcançar a saída. Simus e Sartoro também saem e as irmãs vêm logo atrás, só que, com todo seu tamanho, fica difícil evitar os escombros. Três placas de concreto menores acertam o monstro metálico, sem causar muito estrago, contudo a quarta é muito maior e amassa uma das cabeças das irmãs, fazendo-a cambalear para trás.

— Alb — falo ao passar pelo velho alfaiate —, é com você, amigo.

Ele abre um sorriso matreiro e se vira para o salão dando uma forte pisada no chão. O tremor se alastra pelo espaço e atinge o que resta das paredes e das vigas. Novos buracos se formam e as pernas pesadas das irmãs se afundam, ficando presas. Depois, as paredes vêm abaixo. Dezenas de pedras se amontoam sobre a monstra de metal e logo não consigo mais vê-la.

Puxo Alb para fora antes que ele fosse atingido por mais escombros, que passam a despencar de todos os andares da torre mais baixa. Enquanto nos afastamos, escuto estrondos e pancadas, som de coisas caindo e quebrando. Quando olho para trás, avisto toda a torre menor ser engolida pelo solo, levantando uma nuvem de poeira.

Começo a tossir e tapo a visão para impedir que a sujeira entre em meus olhos. Assim que a nuvem abaixa, damos de cara com uma nova paisagem na Vila de Mármore. Metade do palácio simplesmente desapareceu em entulho, restando apenas a torre mais alta, torta, mas firme.

— Acabamos de destruir o palácio de Acigam — Diego fala, boquiaberto.

— Nós não precisamos mais dele — rebato. — Acigam já não tem mais um rei ou rainha.

Não havia como essa batalha acabar de forma melhor. A queda do palácio é simbólica para nossa causa. Ela finalmente extingue com a monarquia que nos levou a ruína. Acigam está livre.

— Livre! — grito e sou ovacionado pelos membros da Guilda.

Simus coloca uma das mãos em meu ombro e me parabeniza. Eu também o parabenizo. Mas ele me olha sério e diz:

— Ainda não acabou.

— Eu sei... Nagisa.

— Temos que avisar Mabra.

Acho muito estranho o fato de a rainha estar indo para o Reino do Norte. Não faz sentido marchar com soldados para tão longe. Seria mais inteligente que Yana enviasse tropas por outros lugares, sem precisar passar pelo deserto.

— Espera!

— O que foi, Fajon?

— Nagisa não está indo para Mabra.

Lembro-me da discussão que tive com a rainha antes de ela tentar me matar. Eu acusava Yana de destruir o Polo Água e ela rebateu, dizendo que aquilo era necessário e que “ainda tinham trabalho a fazer nos outros”.

— O que você quer dizer?

— É óbvio! Acigam é importante porque está perto de dois Polos. O da Água foi só o primeiro.

— O Polo Terra!

Uso a autoridade que tenho como capitão e convoco os magos para uma última jornada, visando terminar com essa guerra de uma vez por todas. Não podemos deixar que os construtos destruam mais um dos Polos.

Vamos seguir os rastros de Nagisa e fazê-la pagar por tudo o que ela fez.

PARTE FINAL
METAFERRO
por Leran Yandel

Capítulo 41

Não demora até a polícia de Mabra passar escoltando Borges Calveta, que, algemado, vai mancando até uma das viaturas do lado de fora do hangar. Ele tenta um último olhar para Boom, mas a garota desvia o rosto e olha para o chão enquanto os policiais o colocam dentro do carro. Mael vai até ela e toca seu ombro.

— Você não tem culpa de nada — ele fala.

— Eu sei, mas de alguma forma me sinto responsável — Boom levanta a caderneta de anotações entregue a ela por Borges e olha para o satélite no céu. — Isso aqui talvez nos ajude a derrubar aquela coisa e redimir um pouco do mal que meu pai causou.

Enquanto Boom e Mael folheiam o caderno, Gueth sai do hangar e me chama. Deixo os dois estudando as anotações de Borges e volto para dentro com o nairatiano.

— Já estão organizando o zepelim — ele fala.

Depois de libertar os prisioneiros e direcionar a maioria para Mabra, o agente 02 iniciou a preparação de uma investida contra o satélite e me garantiu que trará Luana de volta, mas eu não confio muito nisso. Pedi para ir junto, só que ele negou. Nem mesmo os apelos de Judra e Gueth surtiram efeito. Nos restou achar outro jeito.

De um dos mezaninos do hangar, Judra e Keon observam os agentes equiparem uma aeronave do lado de fora. Saber que meus amigos estão bem me traz um tremendo alívio, mesmo com o fato de Luana ter sido levada.

Aproximo-me dos dois e coloco uma mão no ombro de cada um deles. Keon troca um olhar confiante comigo e Judra coloca a mão dela por cima da minha. Sinto que ela está aflita.

— E aí? — pergunto.

— Nada — ela responde —, não querem arriscar a vida de civis.

— Aposto que nos viraríamos melhor do que eles — falo, irritado.

— Eles são bons, Le, mas se formos juntos teremos mais chances.

Keon me olha mais uma vez e decide sair do hangar. Acho que ele sabe que preciso falar a sós com Judra.

— Estava preocupado com você — falo assim que o telepata deixa o local.

Ela me encara, ainda demonstrando certa insegurança.

— Foram seis meses, Leran. Eu que estava preocupada com você. Gueth e eu passamos maus bocados para chegar até aqui. Não sabe o quão aliviada eu fiquei ao ver você.

— Eu sei, sim. Sei porque foi a mesma coisa que eu senti.

E um sorriso tímido brota no rosto carrancudo de Judra.

— Sabe de uma coisa? — eu inicio. — Eu percebi que não gosto mais de uma garota confusa e cheia de sentimentos ruins.

— Ah, é?

— Eu gosto de uma mulher madura, que ainda mantém mistérios, mas que faz de tudo para proteger os que ama. E isso me traz segurança.

Os olhos de Judra me observam profundamente e, sem hesitar, ela me puxa e me dá um beijo quente, que dura alguns minutos.

— Por sinal — falo assim que as carícias terminam —, Gueth comentou que você arriscou a vida para salvar uma criança.

— Gueth é um fofoqueiro... — ela rebate e volta a olhar para fora do hangar.

Eu apenas dou risada. É bom saber que Judra tem mudado, se tornado mais humana.

— Espera aqui — ela fala.

— Vai aonde?

Mas a silenciadora não responde, em vez disso, desaparece com seu disco de invisibilidade. Ao olhar para a aeronave, percebo que os agentes terminaram os preparativos e voltaram para dentro. Eu sei para onde Judra vai.

Boom, Mael, Keon e Gueth se reúnem comigo no mezanino de metal e esperamos. Não demora até Judra reaparecer diante de nós, trazendo informações.

— Tem espaço na aeronave. É possível irmos escondidos se Mael gerar uma ilusão, mas só cabem quatro de nós.

— Keon não vai — Gueth é rápido.

— Por quê? — ele pergunta, indignado.

— Porque você está sem suas habilidades. Não pode correr um risco desses.

— Gueth está certo — confirmo. — Depois do que aconteceu em Tênus, não vou deixar que você se arrisque por nós outra vez.

— Proteger Luana é minha missão — Mael fala. — Terá minha ajuda, Leran.

— E eu preciso corrigir os erros do meu pai. Devo isso a toda essa gente que está sofrendo.

— Então resta uma vaga — falo olhando para Judra, depois para Gueth.

— Eu vou — a silenciadora fala sem hesitar.

— Não, eu vou — o nairatiano rebate. — Você está com o baú, se te pegarem...

— Baú? — Keon questiona.

Porém Judra o ignora, retira o pequenocubo dourado das vestes e o arremessa para Gueth.

— Agora você está com ele. Fique com Keon e com os outros policiais — ela diz, incisiva.

Gueth a encara e depois troca um olhar terno com o mentalista. Um pouco confuso, ele acata.

Apenas Judra consegue abrir o Baú do Infinito se disser a palavra-chave, portanto o pergaminho estará seguro.

— Não vou conseguir aturar essa assassina voando comigo em um espaço apertado — Boom provoca —, prefiro que o cabeludo vá.

Gueth aperta os olhos e encara a nanica.

Desde que Boom viu a silenciadora chegar com os policiais, sua expressão fechou de raiva. É claro que, com toda a história da prisão de seu pai, ela acabou não dedicando muito tempo para criar caso, mas agora o assunto vem à tona, não tenho como evitar.

— Estamos do mesmo lado, Boom — a relembro.

— Ah, então *pera* aí. Preciso fazer uma coisa.

Boom passa por mim e por Mael, para diante de Judra e ambas se encaram. Sem anunciar, a baixinha desce a mão acertando a cara da silenciadora com um tabefe. Por sorte, não usou o braço mecânico.

— Boom! — reclamo e avanço para segurá-la, mas Judra faz sinal para que eu não me meta.

A silenciadora fica com o rosto virado por alguns segundos, enquanto um vergão lhe salta nas bochechas. Ela volta devagar a face para Boom e a encara outra vez com a mesma expressão séria, sem raiva alguma. E Boom bate outra vez.

Judra mantém o rosto voltado para o lado por mais uns segundos e respira fundo. Só aí volta a encarar Boom.

A nanica entrefecha os olhos e fala ao olhar para mim:

— Acho que agora eu consigo.

Judra dá as costas e vai até o lado de fora sem falar nada.

— Você não precisava fazer isso — Mael repreende Boom. — Você tem que superar esse passado.

— Ah, me dá um tempo, Mael! Não vem com esse papinho de paladino, não. Isso estava entalado em mim há tempos. Foi ótimo ela não ter morrido, assim tive a chance de dar na cara dela.

— Vocês realmente têm muitas coisas mal resolvidas, credo! — Gueth fala atrás de mim.

— Nem me fale — digo sobre os ombros e depois me viro para Mael e Boom. — Vamos focar no que temos que fazer, por favor.

Do lado de fora, Mael se concentra e prepara uma ilusão de invisibilidade que envolve Boom e eu. Judra obviamente não precisa de cobertura e segue sozinha para a aeronave.

— Tragam a nossa Estrela de volta — Gueth fala e recebe um aceno firme de minha parte.

Nós a traremos.

O zepelim é bem menor do que aquele que usamos para ir até Tênus. Apenas um largo balão o suspende no ar enquanto duas hélices ajudam a manobrá-lo. Ele não é muito rápido, mas é o único tipo de aeronave capaz de subir tão alto a ponto de alcançar o satélite. E pelo zepelim ser lento, é melhor que a senha dos agentes realmente funcione, ou todos seremos aniquilados pelos seus canhões de defesa externos.

Judra nos mostra um canto no pequeno porão de armas do zepelim e é nele que nos escondemos. Quando me dou conta, já estamos voando. Além de nós, os agentes 02, 04, 06 e 08 estão a bordo, assim como o piloto e o copiloto da aeronave.

Uma janela redonda de pouco mais de quinze centímetros de diâmetro é nossa única visualização do lado de fora. Por ela, vejo que já estamos bem mais alto do que da última vez que voei e isso me dá uma sensação estranha nos ouvidos, assim como no estômago. Daqui também é possível ver parte da cabine de comando e ouvir o que os agentes falam.

Pelo vidro da cabine, o gigantesco satélite vai surgindo entre as nuvens. Ele está tão alto, que o céu azul se mistura ao negro do espaço. Parte da energia que cobre nosso mundo dança em uma camada de filetes luminosos, como vimos pela luneta do observatório em Acigam, porém o que mais me chama a atenção é a energia sendo acumulada na antena da arma que aponta para baixo. Antes, quando a olhávamos lá do chão, a luminosidade era anil, como toda a energia controlada pelos construtos. Agora, a antena está acesa em púrpura, o que indica que Luana já está alimentando o satélite.



— Vamos nos aproximar em poucos minutos — o copiloto reporta.
— Preparem o comunicador — ordena o Agente 02.
— Aeronave não identificada aproximando-se da base de operações G.A.R. —
Uma voz grossa e mecanizada ecoa pela cabine.
— Permissão para ancoragem.
— Permissão negada — o robô responde ao piloto. — Deem meia volta.
Mas o zepelim continua.
— Estão entrando em uma zona protegida. Deem meia volta ou serão abatidos.
— Use a senha — o agente entrega um papel ao piloto.
— Permissão para ancoragem, senha 5328.
— Primeira tentativa inválida. Permissão negada.
— Inválida? — A agente 08 parece surpresa.
— Não foi esse número que você viu?
— Sim, e ele ainda está claro na minha mente. Eu o vi como se o olhasse com os olhos do construto.
— Ela pegou isso com um construto? — Boom pergunta baixinho apenas para nós.
— Sim — Judra responde. — Usou uma máquina para ler a mente de um elite que derrotamos.



5328

Boom puxa a caderneta de papel do bolso e escreve a senha que o agente disse:
— Tente o número de ponta-cabeça — 08 indica. — Pode ser que a visão que tive estivesse invertida.



82E5

E Boom vira o papel em sua frente.

O piloto recebe o código e o diz no comunicador:

— Permissão para ancoragem. Senha 82E5.

— Segunda tentativa inválida. Permissão negada. Você tem apenas mais uma tentativa.

— Não pode ser — 08 fala.

— Se errarmos novamente estará tudo acabado — 04 diz.

— Melhor voltarmos? — o piloto pergunta.

Mas a frase mecânica indica que não há mais tempo para voltar.

— Sistemas de defesa antiaéreo ligados. Contagem regressiva para disparos: dez...

— Temos que acertar a senha — 02 fala.

— Mas como? — 08 está desesperada.

— Nove...

— Eles vão derrubar a nave! — Eu também estou desesperado.

— Oito...

Impaciente, Boom agarra o papel do chão e sai do nosso esconderijo, indo na direção da mesa de comando.

— Boom, espera.

— Sete...

— Como entrou aqui? — 02 indaga, espantado. E então se espanta ainda mais ao ver Judra, Mael e eu também aparecendo na cabine. — Vocês são malucos! Eu disse para não virem.

— Seis...

Ela coloca o papel na mesa de comando, o vira do avesso e depois de pontacabeça novamente, gerando outros dois códigos:



— Sai daí, garota! — 02 a puxa, mas Boom dá uma cotovelada nele.

— Cinco...

— Querido, fica quieto que eu estou pensando aqui — ela fala em seguida.

— Quatro...

— A senha está espelhada — Boom conclui.

— Três...

— O que vai fazer? — 02 pergunta.

— Dois...

Mas Boom não responde. Ela retira o microfone da mão do piloto e diz:

— 85E2. Senha 85E2.

— Um...

— Não funcionou! Vamos morrer! — grito.

— Senha correta. Permissão concedida.

Por alguns segundos não sei exatamente o que dizer. Apenas viro a cabeça para os lados, com os olhos arregalados.

— Como você fez isso? — o agente pergunta, incrédulo.

— Os construtos refletem informações como espelhos — e Boom mostra seu braço mecânico para todos. — Demorei para aprender a usar isso, pois, várias vezes, quando tentava movê-lo para a direita, ele ia para a esquerda. O mesmo ocorria para cima e para baixo. O que você viu na mente do construto era uma imagem espelhada da senha.

— Mas *pera* aí — falo assim que me recupero. — Mesmo espelhado, havia duas opções, em pé e de ponta-cabeça. Como você sabia qual era a certa?

— Eu tinha 50% de chance.

Continuo encarando a nanica e chego à conclusão de que, de fato, quase morremos.

— Estamos atracando — o piloto fala, já mais aliviado.

Pela cabine, avisto a parede lateral de ferro azulado que se estende por quilômetros à frente do zepelim. Perto do satélite, nossa aeronave é tão pequena quanto uma formiga ao lado de um elefante. Essa coisa é assustadora.

— Ancoragem completa — a voz sintética do sistema anuncia.

A saída do zepelim se abre em uma sala com duas portas duplas de material transparente. Assim que passamos pela primeira, ela se fecha para só então a segunda se abrir. Depois dela, um corredor segue reto por algumas dezenas de metros.

As paredes feitas de placas de metaferro foram moldadas e presas com parafusos e ferrolhos. Por elas, cabos e filetes de energia passam iluminando o corredor. Ter essa quantidade toda de metaferro a minha volta chega a me dar falta de ar. É como se o satélite absorvesse qualquer energia disponível. Sinto as paredes pulsarem, demandando poder. É ligeiramente estonteante. Acabo apoiado em Mael.

— Está tudo bem?

Parece que sou o único a ter essa interação com o material do satélite. Isso, sem dúvida, acontece devido ao fato de eu ser um encantador. Mas aos poucos a sensação ruim passa e sobra apenas um sentimento estranho, como se eu pudesse ouvir o metal pulsar, como um coração.

— Estou bem — respondo e volto a andar pelo corredor.

— Vocês ficam aqui com a tripulação — o agente 02 diz, colocando o braço diante de mim.

— Acho que você ainda não entendeu que nós vamos entrar, com ou sem vocês — falo, já irritado com essa palhaçada. — É a minha irmã que está aí dentro, e é a energia dela que será usada para destruir Mabra. Eu sou um dos únicos que pode contê-la, portanto, se vocês quiserem nos acompanhar, serão bem-vindos, caso contrário, vocês ficam no zepelim.

— Ele é mais teimoso do que eu — Judra fala.

02 troca um duro olhar com ela, mas acata.

— Ok, garoto. — Ele me oferece a mão. — Teremos que trabalhar juntos. Talvez tenhamos alguma chance.

Os agentes vão na frente com as armas a postos, liderados pelo agente 02. 04 segura uma espingarda de cano duplo, 06 tem um cassete e uma pistola, e 08 usa um par de luvas que emitem energia clara. Judra, Boom, Mael e eu vamos logo depois, atentos.

O túnel segue iluminado pelos filetes que alternam sua coloração entre o roxo e o anil, e isso me deixa preocupado.

— A energia de minha irmã já está por todo o satélite — falo.

— Vamos achá-la — 02 diz, confiante.

Ao final do corredor, uma porta automática nos deixa na aparente área principal do lugar. É uma enorme sala redonda com cinco outras portas espalhadas pelas laterais. Diretamente a nossa frente está a porta maior e mais protegida, com trancas e barras de metal, por onde a energia arroxeadada de Luana passa pelas frestas. Ela está lá, eu tenho certeza.

Corro até a passagem e tento abri-la, mas sem muito sucesso. Pela janelinha de vidro reforçado, avisto a cápsula de metaferro onde Luana está presa. Ela já brilha em um roxo vivo e toda a iluminação da sala segue na mesma cor. Minha irmã está com os olhos acesos e sua energia é drenada violentamente de seu corpo. Eu nunca vi tanto poder sendo emanado por ela.

Saco a espada e tento quebrar o vidro a pancadas, só que ele não sofre nenhum arranhão. Então a voz mecânica se projeta outra vez:

— Afaste-se da porta.

— Quem está aí? — pergunto irritado.

— Sou Gar, o sistema que opera o satélite — e ele repete, no mesmo tom — Afaste-se da porta.

02 toma a frente e fala:

— Solicito que nos dê passagem, senha: 85E2.

— Comando inválido. A porta principal não pode ser aberta enquanto a arma está sendo carregada.

— Malditos, estão usando minha irmã!

— Quanto tempo até o carregamento total? — 02 pergunta.

— A arma estará completa em exatos 59 minutos.

— Droga — 02 desabafa —, a Estrela acelerou o processo.

É então que noto ao lado da porta principal um monitor com gráficos mostrando o nível de energia da arma que está em 95%. Um relógio logo abaixo traz a contagem regressiva do disparo, agora mostrando pouco menos de 59 minutos.

— Temos que desligar essa coisa — falo.

Não sei se Hiago tem a noção do que está fazendo. Se ele disparar a energia de uma Supernova com essa arma, não será apenas Mabra que vai desaparecer... ele irá destruir o continente oeste inteiro.

Capítulo 42

— Menos de uma hora para abrir essa porta, mas como? — 08 pergunta.

— Talvez isso aqui nos ajude — Boom retira do bolso o caderninho de anotações do senhor Calveta.

A garota folheia as páginas com velocidade até parar em um desenho, uma planta baixa, que mostra exatamente uma sala redonda com portas e corredores em um esquema de colmeia.

— O que diz? — O agente 02 pergunta, impaciente.

Olho para as folhas e vejo setas indicando cores em cada uma das portas. Então corro até a porta principal e noto, ao lado do painel com a contagem regressiva, outro monitor aceso, ilustrando uma matriz de quatro cores: branco, amarelo, vermelho e verde. Deste painel, quatro filetes, cada um de uma cor, saem em direção as portas laterais. O filete verde, por exemplo, segue para a porta da direita, decorada com um painel aceso da mesma cor. O mesmo acontece com os outros três filetes, indo para cada uma das demais portas.

— Aqui diz que o construto Gar controla o satélite porque ele está ligado ao sistema principal. E esse sistema é abastecido por quatro grandes baterias.

— Uma atrás de cada porta — Mael conclui.

— Se desativarmos as baterias, a porta se abre? — o agente 02 pergunta.

— Parece que sim, e isso também retira Gar do sistema.

— Ou seja, não haverá disparo — 02 comemora.

— Então só temos que percorrer as quatro salas e desligar as fontes de energia — 04 fala, confiante.

— Não seria tão fácil assim — pondero.

— Leran tem razão. — Boom passa mais algumas folhas e encontra outras anotações. — As fontes estão protegidas por...

— Armadilhas — completo, como se fosse novidade.

— Alguma informação sobre elas? — 06 questiona.

Mas Boom folheia o caderno todo e não encontra nada. Talvez não tenha sido Borges Calveta que desenhou as baterias, portanto ele não saberia como desativá-las. Em todo caso, seu caderno já foi de grande valia. Agora sabemos o que temos que fazer.

— Acho melhor irmos juntos, uma a uma — o agente 02 se refere às portas. — Precisaremos ser rápidos, porém em grupo teremos mais chances de enfrentar as armadilhas.

Aceno com a cabeça e os outros também concordam. Sem esperar, eu vou até a porta mais próxima e a abro, liberando uma forte luz vermelha na sala arroxeadada.

Dou de cara com um corredor no qual filetes vermelhos seguem pelas paredes até o outro lado, iluminando uma nova sala ampla, com treliças de metal sustentando um teto feito de placas. Cada um dos agentes vai com cuidado e analisa as paredes, piso e teto em busca de dispositivos capazes de ativar qualquer armadilha. Cada canto é analisado com muita atenção. Se continuarmos nessa velocidade, gastaremos todo o tempo com a primeira bateria.

Seguindo a direção dos fios luminosos, vejo que todos eles terminam em uma caixa no teto e, ao lado dela, na parede, um monitor mostra um gráfico com barras vermelhas, como se medisse a intensidade da energia fornecida pelo dispositivo.

— Ali, a bateria — digo.

Será preciso subir por uma das treliças para alcançar a alavanca ao lado da caixa.

— Alguém consegue subir ali? — 02 pergunta.

E Boom logo se prontifica. Ela sempre foi boa em escaladas. No entanto, não sei se seus membros mecânicos permitem que ela tenha a mesma agilidade de antes.

— Tem certeza? — Mael pergunta.

Mas a baixinha simplesmente salta para a treliça e começa a subir.

— Fiquem atentos às armadilhas — ela fala.

Com firmeza na mão mecânica, ela se agarra às vigas de ferro e avança depressa, mostrando que as próteses aumentaram seu potencial, porém, como ainda tem dificuldades em controlar os membros por completo, Boom quase cai duas vezes, deixando-nos preocupados. Em pouco mais de dois minutos, ela alcança a alavanca e se prepara para puxá-la.

— Posso? — pergunta.

— Prepare a barreira, 08.

A agente esfrega as mãos com luvas e a energia leitosa se forma, pronta para se expandir em uma parede de luz e nos proteger do que quer que possa ser ativado como armadilha.

Ao ver que seus agentes estão preparados, 02 dá um sinal para Boom e ela puxa a alavanca, emitindo um estalo de energia que é seguido pelo apagar dos filetes vermelhos. Toda a sala perde a coloração avermelhada e ganha um tom claro, de luz normal. Em seguida, o corredor atrás de nós faz o mesmo e os fios vão se apagando na direção da sala principal.

— É isso? — Boom pergunta.

E quem responde não é nenhum dos que estão conosco. A voz mecanizada de Gar vem de algum canto na sala e diz em alto e bom tom:

— Sistema de defesa da Sala Vermelha ativado.

As placas do teto se movem e revelam grandes alto-falantes. Um deles sai ao lado de Boom e soa um alto e agudo som de sirene, ensurdecador. Assustada, Boom leva as mãos aos ouvidos e se solta. Corro para alcançá-la, porém a agente 08 usa a barreira para amortecer a queda da garota. E isso é tudo o que ela consegue fazer. Os outros alto-falantes seguem o primeiro e o barulho aumenta, nos forçando a levar as mãos aos ouvidos.

Parece que meus tímpanos não vão aguentar. Grito, mas minha voz não vence a sirene. Em poucos segundos de exposição ao som, sinto que minha cabeça vai explodir. O que nos salva é um outro som agudo, o chiado dos silenciadores que toma toda a sala e, após um estrondo, tudo fica em silêncio.

Levanto-me atordoado e vejo Judra com o dedo nos lábios, mantendo a técnica ativa. Ela aponta para um dos alto-falantes no teto e eu disparo uma flecha, explodindo-o. 04 destrói outros dois dispositivos com tiros de doze milímetros, 08 acerta o quarto com uma esfera de energia e 06 usa sua pistola no último. Quando todos estão destruídos, Judra cessa o efeito e se apoia na parede, cansada.

O som volta aos poucos, mas as sirenes não tocam mais.

Ajudando a silenciadora a se recuperar, então agradeço.

— Ainda bem que você veio — falo.

— É — Boom replica após se levantar. — Eu só achava que nunca mais ouviria esse chiado maldito de novo.

— Da próxima vez eu te aviso e você se mata antes, pode ser? — Judra fala enquanto encara a baixinha. — Assim não escutará de novo.

Boom estreita os olhos e se vira, perguntando para Mael:

— Ela *tá* querendo levar outro tapa?

Mas a silenciadora se vira para mim e responde à altura:

— E ela *tá* querendo perder outro braço?

Dá para ver as faíscas entre as duas. Boom fecha o punho, só que Judra dá as costas.

— Dá para manejar? — digo para Boom.

— Ah, você está do lado dela agora?

— Não, eu estou do lado da Luana. Estamos aqui para salvar *ela*, lembra? Não é para você ficar provocando a Judra.

— Ela é uma assassina, você sabe disso.

— Ela acabou de salvar o seu traseiro, Boom.

— O Leran está certo — Mael diz. — Se não pararmos com isso, vamos acabar morrendo.

Boom engole o orgulho e acena com a cabeça, mantendo certa raiva no olhar. Depois, ela e Mael seguem para a sala principal.

Só então noto os quatro agentes me encarando.

— O que foi?

— Nada — 04 fala.

— Esse é o problema de trazer crianças na missão — 02 diz, como se tivéssemos treze anos.

Eu ameaço responder, porém ele completa:

— Mas agradeço por terem vindo. Se não fosse por vocês, a missão já estaria acabada agora.

Que bom que ele sabe disso. Boom resolveu a senha, foi o caderno do pai dela que tinha informações sobre as baterias e Judra acaba de superar a primeira armadilha. Realmente, se tivessem vindo sozinhos, estaria tudo perdido.

De volta a sala principal, o monitor ao lado da porta maior tem agora a cor vermelha apagada no gráfico em matriz. Restam três: verde, branco e amarelo.

— Temos 45 minutos — 08 fala ao olhar para o relógio em seu pulso.

— Precisamos ser mais rápidos.

02 vai direto para a segunda porta e a abre, revelando um novo corredor, repleto de filetes esverdeados. A passagem segue estreita por alguns metros, até uma caixa de metal soldada na parede. Perto dela, monitores mostram gráficos de barras que sobem e descem na cor verde. Os fios de energia também terminam ligados a ela.

Todo o corredor é feito de metal maciço e o caminho parece dividido em quatro setores menores. Cada parte é separada por um vinco fino que vai do chão ao teto, recortando todo o corredor. Onde um setor termina, outro começa, como peças encaixadas uma ao lado da outra.

— Tem uma alavanca aqui — 04 já está do outro lado e mostra o dispositivo na lateral da caixa.

— Espere — 02 é sensato. — Tem algo nesses espaços. Antes de ativar, sugiro que cada um fique no centro das partes, para evitar qualquer armadilha escondida nas paredes e no piso

O agente tem razão. Se alguma armadilha estiver escondida nesse corredor, os únicos espaços onde podem ter sido instaladas é nos vinhos que separam as partes do túnel. O resto do material é unido, como se tivesse sido forjado em um único molde.

Seguimos a orientação de 02 e nos separamos. Eu fico no penúltimo espaço, junto com Mael e 06, ao lado do espaço final, onde 04 se prepara para desativar a bateria. Ele guarda a doze no coldre de seu cinto e coloca a mão na alavanca.

— Todos prontos? — 04 pergunta.

Judra e 08 acenam do primeiro espaço, Boom e 02 do segundo, então Mael, 06 e eu acenamos a cabeça. 02 dá um sinal para que 04 desça a alavanca e ele o faz.

Um estalido de energia estática ecoa da bateria e o monitor ao seu lado deixa de exibir as barras verdes. Depois, os filetes ligados à caixa se apagam e vão se desligando por todo o corredor, até alcançarem a sala principal, onde a porta maior já deve ter a cor verde apagada de sua matriz.

— Deu certo! Sem nenhuma armadilha aparente — 02 fala e todos comemoram.

— Ok, ainda restam 40 minutos para as outras duas salas — 08 diz, mas quando ela se prepara para sair do corredor, um ruído de engrenagens nos assusta e o chão treme, fazendo-me cair.

— Sistema de defesa da Sala Verde ativado.

O setor de Judra e 08 simplesmente se move para a direita e fecha nossa saída. As duas desaparecem da nossa visão e o corredor fica menor, agora sem a porta que nos levaria de volta a sala principal. Então a segunda parte se movimenta para cima, levando Boom e 02 consigo.

— O que é isso? — falo, assustado.

06 segura Mael e eu pelo braço, esperando que essa seja a nossa vez de nos mover, mas o setor que se mexe é o último, no qual está a bateria e 04, e despenca com toda a parte final do corredor, abrindo um buraco direto para o céu negro.

O agente dos cassetetes e eu nos debruçamos no chão, na beirada do corredor, e vemos o cubo de metal cair com 04, que grita desesperado. Ele cai, cai, e desaparece assim que passa entre as nuvens, dezenas de quilômetros abaixo de nós.

A ventania toma nosso espaço por alguns instantes até que outro cubo desce no lugar onde 04 estava e fecha o buraco.

06 parece ofegante, assim como Mael e eu, todos assustados com o que acabou de acontecer. Olhamos um para o outro e antes de falarmos algo, todo o corredor volta ao normal, porém sem a presença dos outros.

— Será que todos caíram? — pergunto desesperado.

— Alguém na escuta? — A voz de 02 vem pelo comunicador no braço de 06 e me deixa aliviado.

— Na escuta, 02 — 08 responde. — Estou com Judra em outro corredor. Não sei como viemos parar aqui.

— Ok, tentem voltar para a sala principal — ele orienta. — 06, e você?

— Na escuta, chefe. Estou com o paladino e o arqueiro. Voltaremos para a sala principal.

— Boom está bem? — Mael pergunta.

— Está comigo.

E o paladino solta um suspiro de alívio.

— 04? — O líder tenta, sem obter nenhuma resposta.

— Sinto muito, chefe. — 06 dá a notícia. — Perdemos 04.

— Droga! — Ouço o grito pelo comunicador, seguido de uma respiração profunda. — A missão continua. Encontro vocês na sala principal. Desligo.

06 baixa a cabeça, sentindo a morte do amigo, porém segue pelo corredor de volta para a sala principal. Para a nossa surpresa, assim que saímos do corredor verde, damos de cara com uma sala totalmente diferente da que continha as portas com cores. Esta é quadrada e possui escadas para baixo e para cima.

— Droga, a armadilha também nos mudou de posição — Mael fala.

— Como vamos achar as outras duas baterias?

A pergunta do agente me deixa preocupado. Temos menos de trinta minutos agora. E, sem saber onde estão as salas, será impossível parar a arma a tempo.

Todo esse metaferro tem que me ajudar. Eu sou um encantador, minha obrigação é entender esse metal, conseguir extrair alguma informação dele. Coloco a mão em uma das paredes até senti-la vibrar. A energia que corre por tudo é descomunal, e não é uma energia qualquer. Eu sinto traços do poder de Luana. Ela não alimenta apenas a arma, mas também o metaferro. E as vibrações são mais fortes na parte de cima da parede, o que indica que Lua só pode estar para cima.

— Vamos subir — falo.

— Tem certeza? — 06 pergunta.

— Confia em mim.

Corremos pela escada e subimos a um novo andar até uma sala parecida com a anterior. Nela, uma porta com painel mostra barras na cor laranja.

— Essa cor não estava na matriz da porta principal — Mael comenta.

— Não, mas a energia que sinto pelas paredes indica que Luana está nesta direção. Temos que passar pela porta.

— Achamos uma porta de cor diferente, chefe — o agente 06 avisa no comunicador.

— E nós encontramos a sala amarela — 08 diz. — Chegamos a ela pelo outro lado. Mas a bateria está atrás de uma grade com uma matriz azul. Um cabo de energia azulada sai da sala e sobe pelo teto.

— Azul? — pergunto. — Temos que desativar a amarela e a branca agora.

— Pelo jeito, para chegar na amarela, precisamos desativar a azul. E essa laranja deve ter algo a ver com a branca — 06 conclui.

— Eu achei a sala azul — 02 diz.

— Conseguem desativar a bateria? — 08 questiona.

— Os filetes seguem para dentro de uma poça com líquido escuro. — Ouço Boom falar mais ao longe. — Teremos que mergulhar para ver se a bateria está submersa. Não me parece seguro.

— Boom, 02 — falo no pulso do agente 06 —, vocês têm que conseguir, só assim será possível desativar a amarela. Nosso tempo está acabando. Nós vamos entrar na sala laranja.

— Ok, arqueiro — 02 responde. — Sabemos da importância da missão. Daremos um jeito. Boa sorte.

— Para vocês também.

Depois falo com Judra e 08:

— Vocês esperam até que a bateria azul esteja desativada, aí desligam a amarela.

— Certo — 08 responde.

O agente 06 desliga o comunicador e olha para mim e para Mael, como se me perguntasse com os olhos se estamos prontos. Damos um sinal com a cabeça e ele abre a porta da sala laranja. A voz mecanizada vem logo em seguida, sem nem nos deixar entrar:

— Sistema de defesa da Sala Laranja ativado.

Capítulo 43

Damos um passo para trás, com medo de alguma armadilha. Teoricamente elas só deveriam ser ativadas depois que a bateria fosse desligada, o que mostra que Gar está tornando as coisas mais difíceis.

Com cuidado, Mael é o primeiro a entrar. O ilusionista para diante de um corredor repleto de engrenagens no teto. Rodas dentadas, discos e pistões estão em movimento, como se fizessem algo funcionar. O novo corredor é mais largo que o da sala verde e as paredes são feitas de placas de metal extensas, que vão do chão ao teto e ficam paralelas umas às outras, dos dois lados.

06 toma a frente e observa os mecanismos, depois estende os braços e não nos deixa seguir.

— São prensas — ele fala. — Vai nos amassar se tentarmos passar.

— Deve ser ativada por pressão no piso — Mael conclui.

O agente pega a pistola e atira no piso a nossa frente, visando ativar a armadilha, mas nada acontece.

— Precisa de mais peso — falo.

— Talvez eu consiga aumentar a massa de uma cópia e deixá-la com o meu peso.

A ideia de Mael é boa. Logo ele se multiplica, criando outro paladino idêntico a ele, porém com um brilho luminoso em volta. A cópia anda até ficar exatamente no meio entre as duas placas na parede e ele se concentra. A luz em volta da cópia desaparece aos poucos e sua pele, armadura e expressão ganham ainda mais realidade. Ele está solidificando a ilusão por completo.

No meio do processo, o peso sobre os pés da ilusão a fazem afundar em uma espécie de botão escondido no piso e, em menos de um segundo, as placas laterais se batem, estilhaçando a cópia, que tem seus cacos jogados no ar. A velocidade da armadilha foi imensa. Se estivéssemos ali, restaria apenas uma mancha de sangue pisado no metal.

As placas voltam devagar, puxadas por pistões. Enquanto se rearmam, nós três passamos e Mael precisa repetir o processo na armadilha seguinte para avançarmos antes que a anterior se ative novamente. Em pouco menos de cinco minutos, atravessamos todo o corredor, chegando à bateria laranja.

— As mesmas placas estão ao lado da bateria — 06 nota.

Se baixarmos a alavanca, tenho certeza de que seremos amassados, só que também não podemos esperar, pois as placas onde estamos estão quase prontas para se fechar novamente.

Mael manda uma das ilusões desativar a bateria e, como suspeitávamos, assim que os filetes laranja se apagam, as placas esmagam a cópia e a bateria, levantando faíscas. O barulho das engrenagens se intensifica.

— Você não tinha dito que o corredor era o caminho para voltarmos à sala principal? — 06 questiona ao notar que não tem nenhuma porta atrás da bateria.

— Sim, a energia da minha irmã está ressoando mais forte nessas paredes do que nas de fora — falo com a mão no metal.

— Então é bom você achar uma saída, porque não poderemos voltar por onde viemos.

O agente aponta para a primeira prensa, que se fecha violentamente e permanece assim. Logo depois, a segunda bate e fica fechada. Então a terceira. Faltam apenas duas para sermos esmagados.

Sinto o metaferro outra vez e tenho certeza de que Luana está nesta direção, mas não necessariamente atrás do corredor. Ela está em cima. Olho para o alto e noto um alçapão entre as engrenagens rodando no teto. O espaço é apertado e, devido as rodas dentadas, temos o risco de perder um braço se fizermos qualquer movimento errado. Parece ser a única saída.

Aponto para cima e indico a passagem. Mael e 06 me dão impulso para que eu alcance a abertura e eu empurro o alçapão para cima, revelando uma escada de mão em um túnel vertical. 06 impulsiona Mael e eu pego sua mão para puxá-lo. Parte de sua ombreira bate em uma das rodas dentadas e ele é jogado para o outro lado, onde quase tem seu rosto comido por outra engrenagem. Consigo trazê-lo para cima quando a quinta armadilha se fecha, restando apenas o espaço da bateria, onde 06 está.

O agente usa toda a força que tem para pular e alcançar nossas mãos. Mael o puxa pela esquerda e eu o puxo pela direita. Conseguimos tirá-lo da prensa, porém não é apenas ela que se fecha. As engrenagens, logo abaixo do alçapão onde estamos, também se retraem e lacram a passagem junto com a cintura de 06. Ele berra enquanto seu sangue jorra no meu rosto.

Mael e eu puxamos apenas metade do corpo do agente, que permanece com a boca e os olhos escancarados. O susto me faz largar sua mão e o corpo cai nas engrenagens, onde termina de ser moído ao som de ossos se partindo. Mais sangue espirra para cima.

Subimos pela escada de mão sem falar nada um com o outro, tanto Mael quanto eu estamos chocados. Em menos de vinte minutos, vimos dois agentes serem mortos pelas armadilhas. Não que já não tenhamos visto coisas parecidas, porém a morte de alguém sempre te marca de alguma forma, e, no caso, estamos literalmente marcados com o sangue de 06.

O alçapão ao final da escada nos leva exatamente para a sala principal, em um dos cantos dela. Duas pessoas cobertas por um óleo grosso já estão diante da porta onde as cores verde e vermelha se apagaram na matriz. Ao me aproximar, noto que são 02 e Boom, completamente sujos. O fato de a luz amarela estar acesa indica que Judra e 08 ainda não conseguiram desativar a bateria. Nesse instante, a arma está 98% carregada e restam menos de quinze minutos.

Ao pararmos diante deles, Mael e eu olhamos Boom e 02 dos pés à cabeça. E eles fazem o mesmo conosco.

— Onde está 06? — o líder pergunta com os olhos arregalados devido a quantidade de sangue em nossas vestes.

Apenas abaixamos a cabeça.

— Eu vou acabar com Hiago — 02 pragueja, contudo a luz amarela se apagando na matriz chama a atenção dele para a porta. Elas conseguiram.

— Falta apenas a branca — falo.

— E temos penas 12 minutos — 02 conclui ao olhar no relógio.

Então, atrás de nós, a porta da sala amarela se abre e Judra sai escorada no batente. Suas roupas estão chamuscadas e ela tem queimaduras no braço e no rosto.

— O que houve? — corro até ela.

— Fomos pegas de surpresa por uma armadilha assim que a porta azul se abriu.

— Aconteceu algo parecido na sala laranja. O sistema de defesa já estava ativo antes de chegarmos a bateria.

— E 08? — o líder pergunta ao ver que apenas Judra saiu da sala.

— Ela usou uma barreira para nos defender, mas havia muitos lança-chamas — Judra conta como se revivesse tudo o que aconteceu. — Eu estava mais próxima à bateria. Então ela reforçou a barreira em mim e acabou sem energia para se manter protegida.

— Que droga — falo e 02 cerra o punho.

— Vamos acabar logo com isso — ele ordena.

Sigo para a porta branca e, assim que eu a abro, Gar nos avisa:

— Sistema de defesa da Sala Branca ativado.

O teto da sala principal se abre e uma hélice enorme começa a rodar bem acima de nossas cabeças. Os cabelos de Judra se levantam, mostrando que a armadilha funciona como um exaustor, que puxa o ar para cima. Todos sentem o vento nos

puxando, porém ele não é forte o suficiente para nos tirar do chão. Só que a real armadilha não é a hélice.

Percebo uma sensação estranha nos braços, como se eles perdessem o peso. Então meu corpo todo segue a mesma regra e começa a levitar. Olho ao redor e noto que os outros também estão flutuando.

— Estamos sem gravidade? — Mael pergunta assustado e logo tem seu corpo puxado pela corrente de ar, na direção da hélice.

Agarro o batente da porta com uma das mãos e seguro a perna do paladino com a outra. Judra alcança a porta verde, do outro lado, e se segura. 02 está preso em um canto da parede, onde a corrente de ar não o alcança, porém, se ele se mover dali, será puxado. E Boom... Boom está voando na direção da hélice.

— Boom — Mael grita tentando alcançá-la. — Me solta, Leran.

— Não! — respondo.

— Me solta!

Não posso soltá-lo. Se fizer isso, ele será sugado junto com Boom. Judra então desenrola seu chicote e o estende até a baixinha. A arma vai se esticando lentamente devido à falta de gravidade, mas Boom consegue agarrar a ponta da arma com o braço mecânico antes de atingir a hélice. Mesmo assim, a prótese de sua perna entra no exaustor e é arrancada. Boom fica pálida com o susto.

— Puxa ela! — Mael berra.

— Estou tentando! — Judra faz um esforço tremendo para se manter presa a porta e afastar Boom da hélice.

Ela prende os pés nas laterais do batente, liberando as duas mãos, e puxa o chicote, trazendo a nanica com um puxão. A inércia do movimento, somada ao vento, trazem Boom em uma parábola e ela bate as costas na parede, onde fica presa ainda segurando o chicote.

— Vão! — 02 grita para mim e Mael. — Desativem a bateria.

Somos os únicos próximos da porta branca. Puxo Mael para baixo e o jogo para o corredor. Em seguida, propulsiono meu corpo para dentro também.

O caminho com filetes brancos é curto e termina em uma grade aberta, onde um monitor apagado deveria mostrar a cor laranja em sua matriz. Do outro lado está a caixa com a bateria e o gráfico de barras na cor branca. Vamos nos impulsionando na parede para movimentarmos o corpo no ambiente sem gravidade.

Com medo de outra armadilha, Mael faz uma cópia e a envia para puxar a alavanca. Assim que o dispositivo é desativado, o paladino e eu caímos no chão.

— Sistema de defesa do satélite desativado. — A frase ecoa pelo corredor.

— Conseguiram! — ouço o grito de Boom vindo de fora.

No entanto, assim que Mael desfaz a cópia, a alavanca sobe novamente e a bateria se religa.

— Sistema de defesa do satélite reativado. Arma em posição. Disparo em dois minutos.

E nossos corpos voltam a levitar.

Mael se joga na direção da bateria e puxa a alavanca novamente. A frase mecânica anuncia o desligamento dos sistemas e voltamos ao chão.

— Ela não trava. — O paladino se refere a alavanca. — Se eu a soltar, vai religar novamente.

— Não podemos prendê-la com algo?

Então Mael retira um de seus machados dourados do cinto e o encaixa na alavanca, mantendo-a na posição de “desligado”. A arma trepida assim que ele a solta, mas a encaixa melhor e consegue manter a alavanca presa.

Corremos para a sala principal, onde a hélice no teto já parou de girar. Na porta maior, a luz branca se apaga da matriz, deixando as travas se abrirem. A contagem regressiva foi interrompida em 59 segundos e a arma é mostrada como 99,8% carregada. Então a porta corre para o lado, nos dando passagem. Lá dentro, a cápsula de metaferro já não absorve mais a energia de Luana.

Boom está sentada próxima à parede da sala principal. Sem a perna, ela não consegue andar. 02 se certifica de que ela está bem e então vem para o meu lado. Ele, Judra, Mael e eu entramos na sala de comando.

Sem olhar ao meu redor, eu vou direto até minha irmã e abro a cápsula, colocando-a para fora. Ela está desacordada e sua pele arde em febre. A quantidade de energia que tiraram dela foi brutal.

— Precisamos levá-la de volta — falo.

Só então percebo a complexidade da sala onde estamos. Dezenas de monitores mostram níveis de diversos tipos de energia. A mesa de controle é gigantesca e, no meio dela, uma figura construta está ligada à parede por cabos e plugues. Ele parece desativado agora, como grande parte dos monitores e filetes de energia que correm pelas paredes. Há também uma luneta na parte esquerda, que aponta para fora do satélite.

Nos fundos da sala, próximo a uma grande janela com vista para o céu negro, está Hiago D’Waniv, de costas para nós. Os outros já tem suas armas em punho para enfrentar a Estrela.

— *Chegarram* mesmo longe. *Conseguiram* desativar a arma faltando *miserros* segundos.

— Desista, Hiago — 02 fala, apontando uma pistola para a cabeça dele.

— Por *favorr*, não *atrrrapalhe* meu momento — ele responde. Então a arma nas mãos de 02 derrete, queimando-o. Após o movimento de um dos braços de Hiago, uma placa de ferro se desprende da parede e atinge o agente em cheio, fazendo-o cair inconsciente.

— Odeio essas pessoas que se acham a lei — Hiago continua.

Mael, Judra e eu damos um passo para trás, mas Hiago se vira e sorri.

— Não pretendo lutar *contrra* vocês. Estamos em um lugar tão calmo! Olhem como nosso mundo é belo daqui de cima. — Ele aponta para a janela.

É possível ver o planeta fazendo a curva no horizonte. O céu negro vai ficando azul para baixo e colorido para cima, onde diversos tipos de energia se entrelaçam.

— O mundo que você e seus amigos da Constelação querem destruir? — pergunto, irritado.

— Não, *clarro* que não. É o mundo que *jurramos* defender. E que estamos defendendo, Yandel. Infelizmente algumas coisas devem ser *destrruídas parra* que novas surjam.

— Você não vai destruir mais nada, Hiago! — Eu o enfrento.

— Ah, *garroto*, acha mesmo que todo esse tempo para carregar o satélite *serria* em vão? Já tenho o que eu *prreciso* aqui. A energia de sua irmã é realmente fabulosa. Eu *deverria* matá-la, contudo, ao contrário dos meus colegas, *acrredito* que o Caos seja mais *prroveitoso* vivo.

— Maldito! Eu vou acabar com você!

— No momento, eu *dirria* que você tem *prreocupações maiores*.

Hiago mostra a luneta e me convida a olhar. Bufando de raiva, eu vou até o objeto e coloco meus olhos. Então vejo o deserto de Sumu-Ra. Por ele, um gigantesco exército de construtos se move do sul e inicia um cerco ao Buraco.

— O que significa isso?

— Meu satélite nunca esteve apontado para *Mabrra*.

— O quê? — 02 se levanta mancando e vai até a luneta. — Os construtos vieram ao Continente Leste por causa dos Polos, não foi? O satélite está apontando para o Polo Terra — 02 fala assim que afasta o olho da máquina.

Claro! Como não pensei nisso antes? A aliança com Acigam e com Tênus era para isso, assim teriam cidades próximas aos três Polos do continente.

— Nesse exato momento, Nagisa, a amiga de vocês, avança sobre o Polo Terra *parra* conseguir a última *enerrgia* que resta nesse continente.

— Por quê?

— Eu *adorrarria* continuar nossa conversa, mas vocês precisam fazer uma escolha.

— Escolha? — Judra parece confusa.

— Sim — ele fala e vai até a mesa de controle. — Gar serviu muito bem aos meus *propósitos*, mas chegou a *horra* de desativá-lo parra sempre.

Hiago coloca uma das mãos sobre a cabeça de seu construto mais poderoso. Então ele se religa.

— Sistema de defesa do satélite reativado. Autodestruição em 45 segundos.

E um curto-circuito começa na sala de comando, estourando os monitores.

— *Agorra vem a parrte da escolha* — Hiago diz. — *Parrece que vocês não desligaram as baterrias por completo.*

Após sua frase, os filetes brancos na sala se reacendem, fazendo-me trocar um olhar de desespero com Mael.

— 40...— A contagem continua.

— O processo de autodestruição desativa as *armadilhas*, mas se uma *bateria* estiver ligada, a arma ainda pode *atirrar*.

E os monitores voltam a mostrar a contagem de energia da arma, que mesmo sem Luana, volta a se preparar para o disparo, com 99,9% de energia.

— O machado deve ter se soltado — Mael fala e corre para fora.

— Não dá tempo — Judra alerta. — Se você correr até a bateria, não vai conseguir sair antes da explosão.

— Escolhas... — Hiago fala e desaparece em um raio de energia.

— Mael, temos que ir — digo, já pegando Luana no colo.

Judra auxilia o agente a andar, apoiando-o em seus ombros.

— O que está acontecendo? — Boom pergunta assim que voltamos à sala principal.

Mael a pega e corre pelo corredor de volta a nave. A contagem está em 30 segundos quando Mael coloca Boom dentro da pequena sala com portas transparentes, que separa o satélite do zepelim. Eu entro com Luana seguido de Judra e 02.

Quando vou apertar o botão para trancar a porta e liberar nossa passagem, Mael segura minha mão.

— O que foi?

— Eu preciso parar essa arma, Leran.

— De forma alguma! — Boom grita e o agarra. — Eu vou com você.

O paladino olha Boom e então se vira, observando as paredes do satélite se despedaçarem.

— Eu posso enviar uma cópia.

A contagem regressiva chega aos 20 segundos.

— É longe, não vai mantê-la por tanto tempo — Boom diz em desespero.

— Se eu me concentrar, eu consigo — ele fala e afasta a garota.

Mael se duplica, criando a mesma cópia perfeita que usou para desativar as armadilhas. A cópia sai pela porta transparente e o próprio Mael aperta o botão, fechando a passagem que sai do satélite e abrindo a que leva ao zepelim. Todos passamos e as duas portas se fecham, mas ainda vemos a cópia de Mael através do vidro. Ela continua ali, nos encarando.

Então Mael retira sua tiara e a entrega a Boom. Depois pega os dois medalhões de cavalaria dourados e os coloca na minha mão.

— Use-os para chegar ao deserto. Tenho certeza de que Luana conseguirá direcioná-los com a Centelha.

— Por que me deu isso? — Boom questiona, atônita, referindo-se a tiara.

Eu sei o porquê.

— Eu menti para você, Leran — Mael fala.

Apenas abaixo a cabeça.

— Quando me perguntou o que eu havia visto nos espelhos de quartzo, eu disse que me vi feliz no futuro, ao lado da garota que eu gostava — e ele olha para Boom, retirando dela um olhar de espanto. — Era mentira.

— O que você viu?

— Eu não vi nada, absolutamente nada. Fiquei esse tempo todo tentando descobrir o que isso significava, mas agora eu sei. Não existe futuro para mim.

— Para com isso! — Boom grita e tenta pegar o braço do paladino, só que ela atravessa o corpo de Mael, agora feito apenas de luz.

Boom arregala os olhos.

— Eu sinto muito — ele fala, e se vira para Boom com um sorriso choroso: — Te amo!

A cópia diante de nós se desfaz em pequenos cacos de luz e a tiara que ele deu a Boom passa a brilhar em um dourado forte, evoluindo para sua forma final: um belíssimo elmo com uma crista metálica.

— A armadura está finalizada — falo surpreso.

Do outro lado das portas transparentes, o Mael verdadeiro sorri para nós. Ele toca o vidro, dizendo a palavra “desculpa” com a boca e depois corre para dentro do satélite.

Boom se joga na porta e começa a esmurrá-la em desespero.

— Seu filho da mãe! Não faz isso comigo, Mael! Não faz isso comigo!

O zepelim se desprende da sala e todo o corredor explode quando a contagem chega aos 5 segundos. A aeronave desce desestabilizada e rodopia. Consigo chegar até a cabine a tempo de ver a antena da arma se acender em roxo, pronta para disparar. Então penso que Mael falhou, mas logo a arma se apaga e todo o satélite explode em um imenso anel de energia que se espalha pelo céu.

Capítulo 44

O impacto do zepelim batendo no chão nos faz sacudir do lado de dentro. Tanto o balão como as hélices da aeronave acabaram danificadas pela explosão do satélite e o piloto teve que fazer um pouso forçado.

Boom continua sentada no canto, onde chora copiosamente. Eu não tenho o que dizer a ela, apenas me abaixo ao seu lado e a abraço. Mael foi um grande amigo e seu último ato foi digno de heroísmo. Tenho certeza de que todos os paladinos estão orgulhosos dele. Eu estou orgulhoso.

Judra está do outro lado da nave, cuidando de Luana que ainda não acordou. De lá, ela me vê abraçado a Boom, mas não diz nada.

Quando a rampa do zepelim se abre, outros agentes de Mabra entram e verificam se todos estão bem. Luana é retirada em uma maca enquanto um dos médicos examina Judra, Boom e eu.

Assim que desço, reencontro o clima gelado das montanhas do norte. Algumas tendas foram montadas ao redor de onde o zepelim pousou para ajudar no resgate, e é para uma delas que Luana é levada. Avisto o agente 02 falar com outros policiais, provavelmente dando os detalhes de tudo o que ocorreu lá em cima. Então ele vem até mim:

— Estamos indo para o Polo Terra.

— Nós iremos assim que Luana acordar — respondo. — Não posso deixar minha irmã aqui, preciso ter certeza de que ela está bem antes de seguirmos.

Não demora até outro zepelim chegar e buscar 02. Ele vai com outros policiais e nós ficamos na tenda, Judra, Boom, Luana e eu. Nos disseram que um carro viria nos pegar para nos levar a Prythus. Boom não tem condições de ir para o deserto sem a perna. A melhor coisa que tem a fazer é voltar para casa. E eu não sei o que está passando na cabeça dela nesse momento. Ela perdeu o melhor amigo e teve o pai preso no mesmo dia, deve estar desolada.

Quando o carro chega, para minha surpresa, Gueth e Keon descem dele junto com os policiais. Recebo um cumprimento caloroso do nairatiano, que depois abraça Judra e para diante de Luana, ainda deitada sobre a maca.

— O que fizeram com ela?

— Não sei — digo, preocupado. — Ela ficou muito tempo exposta a sua real energia. Talvez o Caos tenha tomado seu corpo outra vez.

Com medo de que ela possa ouvir nossa conversa, eu puxo Gueth para fora da tenda. Judra e Keon vêm atrás.

— Eu trouxe as coisas dela — Gueth diz e retira a mochila das costas. Dentro está a armadura de Luana.

— Obrigado, amigo.

Conto para Gueth sobre o que aconteceu e como Hiago usou Luana.

— Ele disse que não a queria morta como as outras Estrelas desejam, pois ele tem planos diferentes para ela.

— Usar sua energia, claro — Judra fala.

— Sendo uma Supernova, ela, sim, é a arma mais perigosa do mundo — concluo.

— Hiago vai achar outra maneira de usá-la.

— Sendo uma o quê? — A voz fraca de Luana vem de trás de mim e me faz engolir em seco. Ela está em pé, na saída da tenda, e me olha com tristeza.

— Lua — Gueth diz e se aproxima para abraçá-la, mas ela o ignora.

— Uma Supernova? — ela repete olhando para mim.

— Você entendeu errado, Luana — falo, assustado.

— Não, Leran, você foi bem claro. Eu sabia que vocês estavam escondendo algo de mim desde o posto paladino.

Não respondo. Apenas abaixo a cabeça.

— Esse tempo presa no satélite me colocou em contato com um poder tão brutal que eu fiquei atormentada — ela continua. — Agora tudo faz sentido. — Luana desvia o olhar, incrédula. — Foi isso que eu vi na sala dos espelhos. Era eu no futuro, pronta para destruir o mundo todo.

Judra me encara, preocupada.

— Quando pretendiam me contar a verdade? — Luana eleva a voz, furiosa.

— Nós pensamos em contar, Lua — Gueth fala —, mas a notícia também foi forte para nós.

— Não! — ela grita. — Esse tempo todo buscando descobrir sobre meu real poder, tentando aprender a controlar a Luz, a suprimir as Trevas, e isso tudo para quê? Para adiar algo pelo qual estou predestinada a fazer?

— Estávamos ganhando tempo para achar uma solução.

— Se as Estrelas não acharam, o que faz vocês pensarem que um arqueiro, uma silenciadora e um cara que gosta de plantas poderiam fazer?

— Você está sendo injusta — Gueth fala.

— Injusta?! — ela berra ainda mais. — Deviam ter me matado! Nagisa sempre esteve certa.

— Não fala besteira, Luana! — Eu a agarro pelos ombros. — Todos aqui estão se sacrificando por você.

— Isso não será mais necessário — ela fala e, com um movimento rápido, me empurra e puxa minha espada do meu cinto, colocando a lâmina contra o próprio pescoço.

— Está louca?! — Avanço até ela. Judra arranca a espada de sua mão e Gueth a segura firme pelos braços.

— Nunca mais! Nunca mais faça isso, você me ouviu? — grito enquanto seguro seu queixo e a faço olhar para mim.

— Não quero ser culpada pelo fim do mundo! — ela fala, chorando.

— Você não precisa se preocupar com isso — Boom fala calmamente ao sair da tenda, apoiada em muletas. — Se você destruir o mundo, não vai sobrar ninguém para te culpar.

— Você não está ajudando, Boom! — grito.

— Me desculpa — ela fala, em tom meio cínico. — Estou cansada de ficarmos correndo atrás da sua irmã para no final ela ficar se fazendo de vítima.

— Então por que você não me mata, Boom? — Luana pergunta irritada.

— Porque você é a única que pode parar as outras Estrelas.

— Então o plano é me usar e depois me matar?

— Claro que não! — respondo, bravo. — Eu jamais permitiria isso.

— Eu também não — Gueth concorda, ainda a segurando.

E Luana desmonta em lágrimas.

— Eu não pedi para ser isso. Eu não quero fazer as pessoas sofrerem!

— Ah, ok, chega! — Boom fala. — Eu não vou ficar ouvindo essa lengalenga.

Ela vai até Luana e a encara, segurando seus ombros.

— Escuta, garota! Você não chegou até aqui para ficar se fazendo de coitada. Usa a porcaria do poder que você tem para alguma coisa e ajuda a gente a vingar todos que morreram por causa dessa merda! Tudo o que aconteceu em Acigam, no fundo, foi para manter você viva. Se você não liga para sua vida, pelo menos se esforce para justificar a de todos os outros. Dane-se se o mundo vai acabar, pelo menos não será pelas mãos dessas Estrelas nojentas.

E o silêncio toma conta do local. Keon, que apenas olhava, dá alguns passos para trás com os olhos arregalados e Gueth solta minha irmã, deixando-a cair de joelhos.

Lanço um olhar irritado a Boom antes de me agachar diante de Luana e falar com ela:

— Você já está forte o suficiente, Lua. Vai conseguir controlar, eu tenho certeza.

Ela balança a cabeça, confusa.

— Nós temos que ir até o Polo Terra, não podemos deixar Nagisa roubar a energia dele.

— Se eu lutar, perderei o controle — ela diz. — Você sabe disso, Le. Falta pouco para tudo explodir dentro de mim.

— Ok, fique aqui e descanse, então, mas eu preciso de sua ajuda para recarregar os cavalos.

Coloco as peças diante de Luana e, ao ver os medalhões, ela olha ao redor procurando por alguém.

— Onde está Mael?

Ninguém responde.

Luana abaixa a cabeça, ainda mais triste, pega a Centelha da mochila trazida por Gueth e toca a lâmina nos medalhões de cavalaria. As peças se acendem em um dourado vivo e depois se apagam.

— Acho que consegui programar a energia para levar vocês até o deserto — ela fala.

— Tem certeza de que não quer vir?

Ela apenas vira o rosto.

Aciono os alazões, que logo surgem a nossa frente, formados de luz.

— Está pronta? — pergunto a Judra.

A silenciadora cerra os dentes e salta para cima do primeiro cavalo.

— Gueth?

Ele acena com a cabeça e sobe no segundo.

— Eu também vou — Keon diz e saca uma pistola. — E não adianta me dizer para ficar.

Gueth apenas estende a mão e ajuda o telepata a subir na garupa. Então eu subo no cavalo onde Judra está.

— Boom, cuide de Luana para mim.

A baixinha concorda e rebate:

— Dá uma surra em Nagisa por mim.

Aceno confiante e Judra aciona o cavalo. Vamos para o sul.

Como dois raios, os alazões chegam ao deserto percorrendo o dobro da distância que cruzamos da primeira vez em que os usamos, isso mostra o quanto a energia da Centelha é poderosa. Antes de se desativarem, os cavalos relinham graciosamente e se deitam, voltando a ser medalhões. Judra, Gueth, Keon e eu paramos em pé na areia. Estou um pouco tonto, mas minha determinação em deter os construtos é maior. Mais adiante, tanques de Mabra já estão a postos, junto com os guerreiros do deserto. O agente conseguiu mobilizar parte das frotas a tempo.

Corremos para o meio deles e um grito de surpresa me chama:

— Leran? Há quanto tempo!

Viro-me e encontro Tohul, o guia e guardião da entrada do Buraco, o homem que nos salvou de Balko.

— Viemos ajudar, amigo — falo.

Ele aperta minha mão e depois olha para os outros.

— Espera, aquele não era um dos bandidos que perseguiram vocês?

— Keon está conosco agora, é um aliado.

— Toda a ajuda será bem-vinda — o gorducho de pele rígida agradece.

Diversos agentes da PEM estão equipados com armaduras modernas e diferentes tipos de armas: pistolas, metralhadoras, mochilas com equipamentos e itens controladores, além de tanques e canhões de energia. Por sua vez, o povo do deserto usa armaduras de couro e turbantes que lhes protegem os olhos. Lanças, espadas e arcos são as armas que preferem, além do controle, é claro. Eles também armaram catapultas na areia. Na linha de frente estão arqueiros e agentes entrincheirados em valas cavadas na areia. Tudo está apontado para o sul, esperando o exército de construtos.

— Como prepararam tanta coisa? Sabiam do ataque?

— Mestre Kamu sentiu a movimentação das tropas vindo para cá.

— E onde ele está agora?

— Meditando na câmara do Polo.

Lembro-me que quando Kamu medita no Polo, ele e o deserto se tornam um só. Isso nos dará alguma vantagem.

Quem chega em seguida é o agente 02, que sai do meio dos policiais e vem até a linha de frente, onde estamos com Tohul. Ele se surpreende ao nos ver.

— Como chegaram tão rápido?

— Temos nossos truques — Judra fala.

— Disso eu sei. Vocês são cheios de truques.

Ao vê-lo, Tohul o cumprimenta:

— Mestre Kamu agradece por Mabra ter enviado reforços.

— Nós faremos de tudo para manter o Polo seguro.

O agente ainda está ferido e anda mancando, mas tenho certeza de que não economizará esforços para cumprir o que disse. Muitos de seus colegas morreram e ele pretende honrar essas mortes, assim como eu honrarei a de Mael.

A noite no deserto é gelada e escura, apenas as estrelas brilham lindas, em um manto que se estende para todos os lados e contrasta com a areia, agora azulada pela iluminação noturna. É fascinante! Prestar atenção no céu me ajuda a esquecer de que em pouco tempo eu estarei lutando novamente. Mais pessoas irão morrer e talvez eu seja uma delas.

Só paro de olhar para o alto quando uma trombeta ecoa pelas dunas. O povo do deserto e os agentes se preparam. Os tanques e catapultas armam seus tiros. E a

primeira coisa que surge no horizonte são as trevas.

Uma nuvem pesada vem cobrindo o céu limpo, despejando relâmpagos para todos os lados. O barulho dos trovões dá ritmo à marcha dos inimigos. Em pouco menos de cinco minutos, milhares de construtos surgem pelas dunas. São vários tipos de máquinas de infantaria, como lanceiros, atiradores e canhoneiros.

Tinha duas máquinas diferentes que eu ainda não havia visto: a primeira era um carro similar aos tanques, porém com largas antenas redondas na parte de cima. A segunda, um construto maior, quero dizer... muito, muito maior que os demais. Enquanto um construto normal não passa dos dois metros de altura, esse deve ter mais de dez. Dois deles caminham na retaguarda do batalhão, deixando os soldados da nossa defesa assustados.

— Você viu aquilo? — um dos agentes pergunta com certo desespero.

— Vamos mirar as catapultas nessas coisas — Tohul orienta.

A nuvem negra avança até se estabilizar quase em cima de nós. Os construtos também interrompem a marcha, parando em formação de combate. Então os trovões param. As nuvens mais próximas se acendem, como se acumulassem energia, e um assustador raio desaba do céu negro, atingindo o solo em um estouro de areia bem a nossa frente.

Em meio à fumaça e poeira, a imagem de uma pessoa vai ganhando forma, gerada pela eletricidade. Uma armadura escarlate surge das faíscas e os tecidos vermelhos e brancos completam as roupas da mulher diante do exército de construtos. O cetro surge em sua mão e seu rosto aparece em seguida, com os cabelos armados e presos com uma tiara dourada. A pele clara deixa seus olhos vermelhos ainda mais vivos e a pinta na lateral do rosto é inconfundível. A última coisa a surgir é sua joia no pescoço, uma peça de ouro feita de placas de metal, que descem entrelaçadas por cima de um dos ombros. Na ponta está o rubi brilhante, ornado por inúmeros fios dourados, como se fosse uma fagulha de energia: o farol da Estrela Trovão.

Nagisa dá um passo à frente e encara toda a defesa preparada para conter seu exército. Enquanto passeia os olhos pelos soldados, seu olhar se cruza com o meu por meros segundos, dando-me arrepios. Ela oferece um sorriso de canto e diz, com a voz sendo amplificada pelos trovões:

— Saiam do nosso caminho, vermes da terra.

Tohul toma a frente e grita em resposta:

— Eu sugiro que você desista, Estrela Trovão! Não passará por nossas defesas.

Nagisa balança a cabeça, desdenhando da frase do guerreiro do deserto, então retruca: — Sabe aquela regra de que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar?

Ao movimentar o cetro na nossa direção, vários relâmpagos descem em diagonal, destruindo as catapultas e os tanques mais próximos. As explosões jogam os

soldados para longe, fazendo a rainha rir. Ela completa:

— Eu sou a exceção.

Capítulo 45

Os atiradores de Mabra tentam acertar a rainha, mas ela desaparece em um relâmpago e ressurge próxima aos seus soldados mecânicos. De lá, ela ordena que os construtos avancem contra as tropas de defesa do Polo. Quando me dou conta, estou em meio a um pesado tiroteio, vindo de ambos os lados. Os atiradores construtos usam metralhadoras poderosas e os lanceiros atiram lanças de energia. Atrás deles, robôs equipados com canhões enviam esferas que explodem diante de nós. Para fortalecer as trincheiras e proteger nossos atiradores, os magos do deserto erguem barricadas de rocha.

Catapultas ainda inteiras atiram pedras e os tanques de Mabra disparam com os canhões de energia, e é aí que a função dos carros com antenas fica clara. Cada um deles ativa um raio que sobe e se espalha no alto como um cogumelo, formando uma barreira. Quatro proteções são erguidas, cobrindo toda a frente do exército construto. As pedras evaporam assim que atingem o campo de força e o disparo dos canhões estoura na defesa antes de causar qualquer dano ao exército inimigo.

— Temos que destruir as barreiras — Judra fala e se prepara para deixar a barricada. Tohul faz sinal para que ela espere.

— Mais um minuto — ele pede.

As tropas continuam avançando até pouco menos de cinquenta metros diante de nós. Quando os primeiros construtos atravessam a última duna antes das trincheiras, algo no solo do deserto se ativa. Pás e cabos imensos saem da areia e golpeiam os robôs de infantaria, como ratoeiras gigantes feitas de rocha, ferro e madeira. Várias se desarmam, uma seguida da outra, e destroem toda a linha de frente do exército inimigo. Então, guerreiros do deserto também saem do meio da areia em um ataque surpresa. Empunhando lanças de rocha, espadas e escudos, eles partem para o combate corpo a corpo.

Tohul acena para Judra e ela corre para o campo de batalha, ficando invisível. A distância dos construtos já permite boa pontaria com as flechas, e os arqueiros do Buraco começam a disparar. Seus arcos são muito maiores e mais potentes que o meu, pois atiram flechas mais pesadas, com uma larga ponta de rocha. Flechas normais não causariam dano algum na lataria dos inimigos, contudo essas amassam o metal onde acertam, derrubando os construtos na areia.

Já as minhas precisam ir encantadas para surtirem efeito. Alternando entre flechas elétricas e explosivas, destroço uma dúzia de robôs. Depois de notarem a ameaça, alguns deles ativam escudos de energia em seus antebraços e dão cobertura para os demais.

Gueth e Keon estão ao meu lado. O telepata descarrega sua pistola e acerta alguns inimigos enquanto o nairatiano apenas observa o melhor momento de entrar na batalha. Ele tem algumas sementes na palma de uma das mãos e na outra segura o Arado na forma latente.

Percebo Tohul admirando a arma de Gueth.

— Onde conseguiu isso, rapaz? — ele pergunta, apontando para o bastão na mão de Gueth.

— Era do meu pai. Por quê?

— É um objeto interessante — Tohul comenta, mas logo precisa voltar sua atenção para a batalha, os construtos já estão próximos das trincheiras. Tanto as armadilhas quanto os guerreiros escondidos na areia não são o suficiente para impedir que avancem. — Preparem-se — o guerreiro rochoso diz e levanta seu cajado.

Assim que o primeiro robô sobe em uma das barricadas, centenas de soldados do deserto pulam para fora junto com Tohul. O gorducho bate o cajado no chão, levantando uma onda de areia que leva para longe parte das tropas de infantaria, só que outros já estão perto e nos forçam a sacar as armas de combate corpo-a-corpo.

Os guerreiros da terra são controladores experientes, usando a força do elemento para formar armaduras de rocha e ainda endurecer suas peles rugosas, com isso ganham resistência para aguentar os ataques inimigos.

Gueth manda Keon se afastar e transforma o bastão na alabarda de guerra. Eu deixo o arco de lado e saco minha espada de bronze, então ambos saltamos para fora e entramos na luta.

Os movimentos de Gueth continuam rápidos e precisos. Com piruetas e saltos, ele se esquivava de lanças eletrocutadas e contra-ataca, arrancando membros dos construtos com golpes do Arado. Entre ataques e defesas, ele atira algumas sementes no chão, que crescem depressa e prendem os robôs em galhos e cipós. Mais adiante, Tohul usa o cajado para manipular a terra e, ao lado dele, três golens de rocha se formam e partem para cima dos inimigos com murros pesados. Os agentes de Mabra vêm em seguida, usando cassetetes e pistolas. 02 passa diante de mim e evoca duas torretas ambulantes feitas de rocha e metal, que iniciam disparos certos.

Por minha vez, evito dois golpes de lança usando minha espada, depois a encanto com a técnica de calor. A lâmina se torna brasa e meus ataques passam a derreter os construtos assim que encosta neles. Mantenho a energia do fogo viva na arma sem

dificuldades. Enquanto avanço, parto mais inimigos ao meio, aumentando o perímetro de defesa.

Avisto, mais ao fundo, Nagisa lutar com alguns soldados do deserto. Além de ser poderosa no controle, a rainha demonstra habilidades de luta assustadoras. Com o cetro em uma mão e uma espada na outra, ela troca golpes com mais de dez guerreiros, derrubando um a um com golpes de espada e raios. Ela gira o cetro em diversas direções, se defende atrás, na frente e contra-ataca. Mesmo as proteções rochosas não são suficientes para impedir os cortes letais de sua arma. Restam apenas dois soldados, que não parecem oferecer desafio algum para a rainha. O primeiro tenta acertá-la por trás, porém ela desvia e o atinge com o cetro antes de enfiar-lhe a espada no abdômen, depois, ela desarma o segundo e, sem piedade, decepa sua cabeça.

— Agora eu sei por que vocês fugiram de Acigam — Gueth está ao meu lado, de onde também vê Nagisa.

— Temos que parar essa bruxa — falo.

— Estou com você.

Gueth e eu corremos na direção da Estrela e, no meio do caminho, um dos cogumelos de energia se desfaz, o que dá espaço para as catapultas e canhões voltarem a atirar.

— Judra! — falo contente.

Já Nagisa não parece nada feliz. Ela se vira para seu exército a tempo de ver uma pedra cair sobre os construtos ao fundo e rolar amassando dezenas deles. Em seguida, um tiro de canhão envia mais duas dezenas para o ferro velho.

Furiosa, a rainha dá um sinal para as tropas mecânicas se reorganizarem atrás das barreiras restantes. Então, dos fundos do exército, sobem os construtos voadores.

— Preparar bateria antiaérea — o agente 02 ordena mais atrás.

Diversos policiais sacam rifles e começam a atirar. Alguns robôs caem após serem atingidos, mas a maioria continua avançando até atacarem as catapultas com bombas e tiros de energia. Explosões atrás de nós começam a dispersar nossa defesa. O bombardeio aéreo vai flanqueando os agentes de Mabra, que são obrigados e se proteger com pequenas barreiras erguidas por dispositivos nas mochilas de alguns deles.

Outro cogumelo de força se desativa dando tempo para que as catapultas enviem mais rochas antes de serem totalmente destruídas. Quando o terceiro campo de força inimigo é desfeito, já não temos mais catapultas ou canhões para atirar, todos foram destruídos pelo ataque aéreo dos construtos, que permanece nos dizimando.

— Protejam-se nas trincheiras — Tohul ordena ao ver mais bombas caindo próximas a nós.

Sou obrigado a deixar a rainha de lado e, com o arco novamente em mãos, eu derrubo alguns voadores.

— Cubram os olhos — o gorducho ordena antes de provocar uma tempestade de areia após atingir o chão com seu cajado.

Muitos construtos caem do céu com suas turbinas danificadas pela poeira espessa. Outros se afastam, interrompendo o bombardeio, contudo ainda temos que lutar com os inimigos no solo, que apesar da pouca visibilidade, continuam avançando.

Nagisa intensifica as nuvens de energia que começam a dispersar a técnica de Tohul. O vento formado no céu empurra a areia para longe e, em resposta, mais golens de terra se erguem, se moldando em guardas petrificados que auxiliam no combate contra os robôs de infantaria. Assim que Nagisa se livra da tempestade de areia, ela dá de cara com um exército feito de terra, pronto para ampliar nossas defesas.

— É Kamu-Rá — digo com esperança. O Senhor das Areias está controlando o deserto para nos ajudar.

Esses são os mesmos guardas que ele usou para me caçar no Polo Terra quando estive aqui da primeira vez, agora centenas deles formam nossa nova linha de frente. Os construtos aéreos voltam a nos atacar e os guardas de terra respondem com lanças tão velozes que parecem atiradas por balistas.

Nagisa abre os braços e faz uma chuva de relâmpagos descer do céu, explodindo grande parte dos soldados de Kamu. Ela continua fornecendo energia à manipulação dos raios até que é obrigada a se virar em um reflexo sobre-humano e se defender de uma chicotada com o cetro. A ponta da arma de Judra para enrolada no bastão da rainha e o barulho intensificado dos trovões demonstra o quanto Nagisa está furiosa ao reencontrar a silenciadora.

— Aquela maluca vai enfrentá-la sozinha! — grito e corro para elas, acompanhado de Gueth e Tohul.

Nagisa puxa o cetro em um movimento rápido e joga Judra no chão. Um raio vem em seguida e estoura na areia logo depois de a silenciadora rolar para o lado. Ela se levanta movimentando o chicote com ataques rápidos, forçando a rainha a se defender com a espada e o cetro, mas após rebater a língua do chicote pela quinta vez, Nagisa acerta um raio que lança a garota para longe.

Chegamos em seguida e paramos encarando a bruxa.

— Não sabe o prazer que me dá encontrar você novamente, arqueiro.

— Não posso dizer o mesmo.

— E sua irmã? Já morreu?

O cinismo dela me transtorna. Cerro os dentes e atiro uma flecha na direção de sua cabeça. Nagisa apenas move o rosto para o lado, deixando o disparo passar a

poucos centímetros de si. O sorriso malicioso em seus lábios vermelhos se transforma em um brado e ela libera uma descarga elétrica sobre nós.

Gueth toma a frente e usa o Arado para absorver a energia. Ele segura a arma acima de sua cabeça e, antes que o choque o atinja, crava a ponta dela no chão, jogando a eletricidade para a terra.

Tohul aproveita e move a areia ao redor da rainha, encobrando-a. Assim que ela afasta a poeira, ele já está perto o suficiente para tentar golpes com o cajado. Nagisa se defende de ataques embaixo e em cima, acertando o rosto do gorducho com o cabo do cetro. Depois sou eu que tento atacar, parando minha espada também no cetro na rainha. Aproveito o contato e encanto a arma com fogo, mas Nagisa faz o mesmo com a dela, envolvendo-a em eletricidade. A corrente me atinge e me joga longe após um estalo.

— Le! — Gueth chama, e assim que se vira para Nagisa, seu corpo também recebe um ataque elétrico que ele tenta dispersar usando o Arado novamente.

— Mas que rapaz chato — ela fala e amplifica a energia sobre o nairatiano.

Gueth está prestes a ser engolido pelos raios quando Judra salta sobre Nagisa, fazendo a rainha se mover para evitar um ataque de adagas. No processo, Judra consegue cortar o rosto da bruxa, abrindo um corte lateral em uma de suas bochechas.

A Estrela leva a mão até a face e depois olha o sangue, indignada.

— Eu vou acabar com você, sua pilantra.

Furiosa, Nagisa ergue o cetro e um raio desce do céu negro acertando seu próprio corpo. A energia do relâmpago toma a rainha e seus olhos se acendem em faíscas. Enquanto a eletricidade corre por ela, Nagisa levita, liberando raios que ricocheteiam pela areia.

A bruxa cospe relâmpagos para cima, como se não coubesse mais poder dentro de seu corpo. E, com toda essa energia, ela ataca Judra.

— Você roubou meu pergaminho — ela fala enquanto a silenciadora é envolvida pela corrente elétrica. As roupas de Judra, apesar de serem resistentes a energias, começam a queimar.

Judra leva o indicador até os lábios e inicia o silêncio. O som do chiado briga com os trovões e força os raios de Nagisa a recuarem devido ao cone de ar que sai do dedo da silenciadora. Ela avança enquanto sopra o anel em uma notável demonstração de esforço, desfazendo a corrente elétrica que antes atingia seu corpo. A técnica serve como um escudo, mas a rajada da rainha é violenta demais, nem mesmo o silêncio consegue diminuí-la. O espaço que Judra ganhou com a técnica logo desaparece e ela começa a ser empurrada pela corrente elétrica até ser totalmente atingida. Ela grita.

— Judra! — chamo.

— Você sabe que isso não funciona comigo, sua burra — a rainha provoca enquanto se aproxima, lançando mais raios. — Você vai morrer, e eu vou me certificar disso desta vez.

As vestes da silenciadora se incendeiam diante de mim. Assisto em desespero ao seu corpo tremer até ser lançado no meio de uma duna.

— Pronto — a rainha diz rindo ao ver fumaça sair da silenciadora caída —, estamos quites.

— Sua maldita! — berro e avanço para cima dela, mas a aura de energia ao redor de Nagisa é tão poderosa que meu corpo acaba repelido e sou jogado para trás.

— Vamos acabar logo com isso — ela fala.

Então, detrás da bruxa, os construtos gigantes começam a andar na direção das tropas de defesa.

— Cavem até achar o Buraco — a rainha ordena — e matem todos eles.

Os passos dos monstros de metal estremecem o deserto e eles avançam, mesmo recebendo disparos da artilharia pesada dos agentes de Mabra. Ao ver que não conseguem pará-los, Tohul e 02 recuam, reorganizando as fileiras defensivas.

Porém minha preocupação não é com elas agora. Nagisa continua diante de mim, me encarando. Eu sou o próximo que ela quer matar.

— Você me custou muito caro, sabia? — ela diz e se aproxima levitando com a energia dos relâmpagos. — Silenciadores, caçadores, eu enviei de tudo para te pegar, moleque. Pelo visto, quando queremos algo bem-feito, temos que fazer nós mesmos.

— Eu posso morrer aqui, mas minha irmã vai acabar com você.

— Sua irmã é uma idiota, não vai durar muito. Ela vai para o mesmo lugar para onde eu vou enviar você.

Coloco a espada diante do corpo e Gueth surge ao meu lado, me oferecendo um olhar determinado. Se formos morrer, iremos lutando juntos.

— Ótimo, serão dois coelhos com um só raio.

Nagisa ergue o cetro, concentrando nele toda a energia de sua aura elétrica. Seu poder sobe ao globo vermelho na preparação de um ataque derradeiro. Sinto os pelos do meu braço se arrepiarem devido à estática ao redor da rainha. Ela vai nos aniquilar. Mesmo assim, mantenho meus olhos abertos, encarando-a com coragem. Gueth prepara o Arado e eu continuo segurando a espada com firmeza. Nossa única chance é conseguirmos dissipar a energia, tanto com a alabarda, quanto com um encanto na espada. Se eu puder direcionar parte do poder de Nagisa para a arma, talvez seja possível sobrevivermos, esse é o melhor plano na minha mente, mas a quantidade de energia que vejo é fora do comum.

Antes mesmo do ataque final, ondas de eletricidade são liberadas e elas nos derrubam. Deixo a espada cair, levando consigo a única chance que eu tinha de

aguentar a descarga. Nagisa abre um sorriso sádico ao nos ver no chão e ergue o cetro ainda mais, se preparando para nos fazer em cinzas.

Quando seu braço desce para finalmente atacar, o sorriso em seus lábios se transforma em espanto, depois em dor. O cetro cai de sua mão e ela olha para baixo onde o líquido vermelho escorre por sua armadura. A rainha leva a mão ao tórax e deixa escapar sangue da boca ao tossir, então uma adaga aparece entre os dedos de Nagisa, cravada bem no meio de seu peito. A mão toda queimada da silenciadora surge em seguida, pressionando a arma contra a bruxa. Judra está ao lado da rainha, com o braço direito esticado, segurando o punhal. Ela gira o punho e retira a lâmina, terminando o golpe.

Nagisa grita e dissipa toda a energia acumulada em seu corpo. A eletricidade a faz se debater por alguns segundos, liberando raios para todos os lados, mas logo seu corpo se acalma. Ela cai de joelhos, olha para o céu e despenca de cara na areia, onde seu sangue mancha de vermelho o solo azulado.

— Agora, sim, estamos quites, cretina — Judra diz e desmaia ao lado do cadáver da rainha de Acigam.

Capítulo 46

— Ela precisa de ajuda! — corro de volta aos agentes com Judra em meus braços. As roupas de silenciadora foram destruídas por completo e grande parte de seu corpo está em carne viva. Tem que haver alguém aqui capaz de ajudá-la, mas todos os agentes estão preocupados com duas coisas gigantes que tentam achar uma forma de passar pela defesa do Polo. Além delas, ainda restam construtos de infantaria e voadores a serem destruídos. Com a morte de Nagisa, as nuvens negras se dispersam, porém os robôs não param. A missão deles é chegar até o Polo.

Encontro 02 e vou com Judra até um médico em uma das trincheiras. Ele retira as roupas queimadas dela e começa a tratá-la com um daqueles bastões que emitem luz curativa. Fico ao lado deles, apreensivo, enquanto o som da guerra ao nosso redor se intensifica.

— Cuida dela, por favor — falo e salto para fora. Eu preciso acabar com isso.

— Como vamos pará-los? — pergunto a Gueth assim que o reencontro no campo de batalha.

Os dois gigantes estão pisoteando os guardas de terra e começam a usar suas mãos, que se transformam em perfuratrizes, para abrir uma passagem ao Buraco.

— Eu tenho um plano — ele diz —, mas preciso de cobertura.

Sem questionar, pego o arco das costas e o sigo.

— Se chegarmos bem perto, talvez eu consiga usar isso. — Ele me mostra uma semente azulada enquanto corremos.

— Da última vez, suas sementes salvaram o dia. — Lembro-me de Ilium em Tênus.

— É sempre bom guardar as melhores para o final — ele sorri.

Alcançamos a primeira criatura, e vemos que dezenas de soldados de terra e agentes tentam acertá-la. Gueth e eu passamos pelos aliados até chegar perto do pé do construto gigante, onde o nairatiano começa a fornecer energia para sua semente enquanto eu uso algumas flechas explosivas para distrair o bichão.

Após acertar o braço do monstro de metal com uma explosão, ele se vira para mim e tenta me pisotear. Os agentes percebem nossa investida e ajudam a distrair o robô gigante.

Ao notarem Gueth, dois robôs lanceiros saltam sobre ele, mas são impedidos por duas flechas elétricas, o que dá ao nairatiano tempo de finalizar o preparo da planta e colocar a semente na areia. Ele sai correndo em seguida.

— Para onde vai? — pergunto.

— Não tenho ideia do que vai nascer ali — ele responde. Diante dessa incerteza, eu alerto os agentes e corro também.

Galhos brotam no meio do deserto e começam a se espalhar, se enrolando em construtos e soldados de terra. Dos galhos crescem folhas grandes, que vão se movimentando como se dessem tapas no chão. Um robô é acertado e, quando a folha se levanta, ele está completamente amassado na areia. Mas a planta não para por aí. Depois das folhas, nascem flores azuis, que desabrocham e revelam um orifício profundo bem no meio das pétalas, envolto em espinhos.

— Isso é uma boca? — pergunto espantado.

— Não sei se é boca, mas morde — Gueth responde assim que um construto é abocanhado pela flor, que mastiga, mastiga e dissolve as peças com um tipo de ácido que escorre por suas pétalas.

— Onde conseguiu isso?

— Comprei numa feira. Se chama Mimosa Cabeça de Martelo.

Pelo movimento que as flores e as folhas fazem, parece mesmo que estão dando marteladas nos robôs.

— Ela se alimenta de metal, pelo que entendi — ele continua.

Quanto mais construtos a planta “come”, maior ela fica. Os caules vão se enrolando no pé do construto gigante, onde nascem mais flores que mordem sua perna. O robô tenta arrancar alguns galhos com a mãos, mas eles se enrolam em seus dedos e devoram seu braço também.

Logo a perna inteira é comida e o bicho de ferro cai sem sustentação. Então seu corpo é coberto por mais galhos e flores famintas, que logo transformam tudo em sucata derretida pelo ácido.

— Ok, uma já foi, falta o outro.

Ao ver o companheiro destruído, o segundo construto gigante mira seu canhão na direção da planta e a pulveriza com um raio de energia, não sobra muita coisa além de galhos queimados.

— Você tem mais uma? — pergunto.

Gueth retira outra semente do bolso.

— É a última.

— Estamos com sorte, só temos mais um robô.

Seguimos até o segundo bicho, só que agora os construtos estão atentos. Os de infantaria que restaram fazem um círculo em volta do grandão, enquanto ele volta a cavar na areia.

Gueth decide preparar a semente de longe. Quando começa a fornecer energia, vários construtos voadores descem em rasante em sua direção. Disparo flechas e derrubo três deles, mas o quarto rebate meu tiro com o braço e consegue se aproximar. O inimigo acerta Gueth, fazendo-o deixar a semente cair, depois ele a acerta com um raio de energia.

— Caramba — Gueth reclama ao ver sua semente ser pulverizada —, custou duzentos mabres.

— Duzentos mabres por duas sementes? — pergunto indignado após destruir o construto com outra flecha.

— Duzentos cada!

— Cada?!

— Qual é? Elas serviram, não serviram?

— A que você conseguiu usar, serviu.

— Se você tivesse me dado cobertura, igual eu pedi...

Mas nossa pequena discussão é interrompida com um tremor que vem do solo.

— O que é isso? — Gueth pergunta, assustado.

A resposta vem de uma larga duna de areia que surge ao lado do construto gigante e, dela, sai uma mão de rocha, seguida por um braço feito da mesma matéria, que se apoia no solo e puxa o resto do corpo, que vai se avolumando a muitos metros acima de nós. A criatura de terra e pedra atinge o mesmo tamanho do construto e sua forma, para minha surpresa, é exatamente igual a de Kamu-Rá, o Senhor das Areias.

O Kamu rochoso acerta um soco no robô, arrancando uma placa de sua cara de ferro. Depois, o inimigo revida com um raio que destrói o braço de Kamu, mas um novo surge no lugar. Os dois golens gigantes seguem trocando golpes e fica clara a superioridade do Senhor das Areias. O construto acaba com os pés presos na terra que Kamu controla, virando alvo fácil para mais golpes de seu fantoche gigante. A criatura de terra arranca os braços do construto e depois lhe amassa a cabeça ao bater nela com suas mãos petrificadas. O robô gigante cai soltando faíscas e o povo do deserto comemora.

Agora resta acabar com os construtos menores, que ainda trocam tiros e golpes com os agentes. Com o que me resta de forças, volto ao campo de batalha e dedico meus tiros a aniquilar os inimigos da infantaria. Já Kamu, em sua forma gigante, esmaga os voadores como se fossem moscas. A batalha continua por alguns minutos até que os agentes e os soldados do deserto começam a levar vantagem.

E é enquanto destruo um dos robôs que sinto um arrepio e olho para o alto a tempo de ver três espectros de energia se aproximarem rapidamente. Eles penetram o solo como um raio e desaparecem na areia do deserto.

— O que fazem aqui? — a voz de Kamu ecoa grave de sua figura de terra. Ele se vira para todos os lados, como se estivesse cercado.

— Invadiram a câmara do Polo — Tohul alerta e abre a entrada do Buraco, sem mais se importar com os construtos. Em desespero, ele desce.

— Vocês não vão passar — Kamu diz, mas o golem leva a mão ao pescoço, como se estivesse sendo atacado e se desfaz. De alguma forma, a criatura de terra estava repetindo os movimentos do Kamu original.

Eu e Gueth nos encaramos e depois descemos correndo atrás de Tohul. Alguns construtos entram no buraco, forçando os agentes a levarem a batalha para as camadas do subsolo. Enquanto desço as rampas, vejo a cidade esculpida na terra ser devastada pela guerra.

— Por que abriu a passagem? — pergunto indignado assim que alcanço Tohul, já nos fundos do Buraco, próximo à câmara do Polo.

— Porque já entraram. A cidade não importa, o que importa é o Polo, e agora Kamu está enfrentando três Estrelas lá dentro. Eu tenho que ajudá-lo.

Gueth arregala os olhos. Se foi difícil vencer Nagisa, imagine três Estrelas ao mesmo tempo. Nem mesmo Kamu teria poder suficiente para pará-las.

Encontramos a câmara e o labirinto do Polo inteiramente destruídos. Depois deles, a porta piramidal está aberta, dando acesso à ponte de ladrilhos que voa no espaço infinito.

Corremos pela passagem e, quando chegamos à esfera de rocha flutuante, vemos Minau Montesco fazer o corpo frágil de Kamu levitar diante de si. Atrás dele, um homem de cabelos vermelhos observa o seixo dourado. Ele veste um colar com diversas contas de metal, das quais três estão acesas, cada uma com uma cor diferente.

— Mestre — Tohul chama ao ver o Senhor das Areias moribundo.

— Cuide deles, Markim — o homem ruivo diz após nos ver do lado de fora.

Ao receber a ordem, um rapaz mais jovem aparece na abertura da esfera. Com apatia, ele salta para a plataforma onde estamos e nos encara. Então a esfera se fecha.

Saco uma flecha e miro na cabeça do inimigo.

— Vai atirar em mim? — ele pergunta em um tom melancólico.

— Vou! — e solto o tiro.

Sem se preocupar, Markim levanta uma das mãos cobertas pelas mangas compridas e surge uma fenda negra no ar diante de si, engolindo minha flecha. A fenda se fecha e logo depois reabre, liberando meu disparo na direção oposta. Meu grito é involuntário quando a flecha atinge em cheio o meu ombro esquerdo, perfurando minha ombreira.

— Ele redirecionou sua flecha com trevas? — Gueth pergunta, espantado.

— Markim é a Estrela do Vácuo, uma energia traiçoeira — Tohul fala e toma a frente. — Se quisermos salvar Kamu e o Polo, teremos que passar por ele.

Dou alguns passos para trás e então puxo a flecha de meu ombro, causando extrema dor. Não vou conseguir atirar novamente, portanto deixo o arco no chão e saco a espada.

— Lutar com vocês não tem graça nenhuma — Markim diz, desmotivado. — Mas fazer o quê?

A Estrela movimenta o pescoço para os dois lados, emitindo estalos, então nos encara por vários segundos com os olhos marcados por olheiras profundas.

— Vão ficar só olhando? — ele pergunta, como se já estivesse cansado de esperar.

— Maldito! Vai ficar parado diante da porta esperando que nós ataquemos — falo entre os dentes.

E Markim continua quieto, nos olhando.

Sem opções, Tohul e Gueth avançam em conjunto. Primeiro, o nairatiano tenta um golpe horizontal de alabarda na altura do tórax do inimigo, que o evita ao movimentar seu tronco para trás em um movimento de ponte. Depois, ainda com flexibilidade, Markim contorna o cajado de Tohul com seus braços, desviando do segundo ataque. Ao finalizar o movimento, suas mãos cobertas pelas mangas da camiseta acertam Tohul no peito e depois Gueth no rosto, arrancando sangue de seu nariz.

— Ele é rápido — Gueth diz fanho após limpar o sangue com a mão.

Já Tohul não se intimida. Ele volta a atacar com estocadas do cajado, forçando Markim a andar para trás. A Estrela desvia e vai movimentando os braços com as mangas soltas para confundir os ataques do homem do deserto. Markim parece bailar enquanto luta, em um domínio total da situação. Sem esperar mais, Gueth e eu entramos na dança.

Mesmo com três adversários, Markim se esquivava sem dificuldades. É como se brincasse conosco, e quando se cansa, ele desarma Tohul e abre um vórtice atrás do gorducho antes de chutá-lo. Tohul perde o equilíbrio e cai dentro da fenda negra, desaparecendo.

— Para onde você o mandou?! — grito, olhando para todos os lados.

Markim apenas aponta para o espaço negro infinito que rodeia a plataforma e a esfera de rocha. No alto, próximo ao final da ponte de ladrilhos, o vórtice se abre novamente e Tohul surge ainda com o equilíbrio afetado. Ele dá dois passos para trás e cai no abismo.

Corro até a beirada e me jogo de bruços conseguindo agarrar a mão de Tohul, só que ele é pesado demais.

— Aguenta firme.

Gueth nos alcança e me ajuda a puxar Tohul para cima.

— Você está bem? — pergunto e o gorducho acena com a cabeça assim que se recupera do susto.

— Ele está fazendo a gente de palhaço — Gueth já está irritado.

— Não, ele está ganhando tempo — Tohul fala — Sua intenção não é nos matar, mas impedir que entremos no Polo.

— Vocês são tão espertos... — Markim solta um suspiro e fala com sua voz deprimida.

É então que algo se acende no pulso da Estrela do Vácuo, atraindo sua atenção. Ele olha para a luminosidade que atravessa a manga de sua camiseta e a arregaça, revelando um pingente em uma pulseira de corda. A peça, feita com uma joia escura, emite um brilho enegrecido, que logo toma toda a plataforma e se perde no escuro infinito que rodeia a esfera de rocha. Esse só pode ser o farol de Markim, e se ele brilha dessa forma, é porque outra Estrela se aproxima.

Fico em guarda, esperando um novo inimigo chegar, mas tomo um susto ao ver a energia que desce em um raio e para entre nós e a Estrela do Vácuo. Uma aura púrpura se expande e, de dentro dela, o espectro de energia se molda na forma de uma garota. A armadura de metal escuro e a espada dourada fazem Markim arregalar os olhos. Ele levanta o pulso na direção da recém-chegada e a luz do pingente se intensifica, conversando com a luz roxa do amuleto de Luana.

— Vão até o Polo. — A voz de Luana é grave e poderosa. Ela ressoa pela plataforma, fazendo minhas pernas tremerem. Minha irmã se vira para nós mostrando os olhos acesos com toda a sua energia e fala: — Eu cuido dele.

— Que bom que Hiago não a destruiu, isso torna essa luta muito mais interessante. Matar seu irmão não tem graça.

— Cretino! — esbravejo.

— Vão! — Luana ordena.

Não sei como minha irmã chegou até aqui, mas isso só prova que seu domínio sobre a energia que carrega está estupidamente maior. O poder que ela emana é tão forte que chega a anular a presença das demais Estrelas, sinto apenas a força do Caos engolindo todo o resto. Por sorte, ela parece bastante consciente. Talvez Boom a tenha convencido a ajudar. Ou talvez ela tenha percebido que precisa lutar e isso deu a ela maior controle sobre a Supernova dentro de si.

Tohul, Gueth e eu andamos com cuidado, mantendo os olhos em Markim, que dá um passo para o lado e libera o caminho até a esfera de rocha. Ele não dá a mínima para nós, sua atenção permanece em Luana, como se o poder dela o hipnotizasse.

O guerreiro do deserto deixa as Estrelas de lado e forma a rampa de areia, dando acesso à grande esfera flutuante. Assim que a porta se abre, Tohul corre até o corpo de Kamu, largado na entrada. No centro da sala, o pedestal de pedra ainda segura o

seixo luminoso e, diante dele, o homem de cabelos vermelhos e colar de contas segura um objeto geométrico de duas pontas, uma embaixo e outra em cima, como se fossem duas pirâmides ligadas pela mesma base. A peça flutua entre suas mãos enquanto ele direciona a energia da Terra do seixo para o objeto azul-escuro com gemas amarelas em suas faces.

— É feito de metaferro — falo, chocado.

Posso sentir o metal pulsar ao receber a energia do Polo. Só não entendo como um pedaço tão pequeno daquele material consegue absorver tanto poder. É impossível!

Gueth avança para impedi-lo, mas é Montesco que entra na frente e o joga longe com sua telecinese. O nairatiano bate as costas na parede e cai atordado.

Aproveito a distração que Gueth causou e deixo meus olhos se acenderem. Miro o seixo e depois o metaferro na mão da Estrela. Só há uma forma de fazer o que ele está fazendo, esse homem é um encantador como eu. E se está usando encantos para tirar a energia do Polo, eu posso usá-los para devolvê-la.

Ao meu comando, filetes de energia se desprendem das gemas no objeto de metaferro e voltam ao seixo dourado. Meu movimento faz a Estrela de cabelos vermelhos perceber que estou aqui. Ela vira o rosto até mim e seus olhos cor de fogo penetram minha mente. Sinto meu corpo e tudo o meu redor queimar. Ele faz parecer que o mundo todo está em chamas. Que tipo de poder esse homem possui?

Sei que essas imagens estão apenas na minha cabeça. Não posso deixá-lo me vencer, tenho que impedi-lo de roubar a força da Terra, como fizeram com a Luz. Retomo o controle e volto a direcionar energia para o seixo, porém a imagem do fogo volta a minha mente e meus olhos se apagam. Sinto que minha cabeça vai explodir. Abaixo-me com as mãos nas têmporas e só consigo visualizar os olhos em chamas. Eles me perseguem, me queimam e eu entro em um estado de choque.

Meu grito involuntário se mistura ao som da esfera se rachando. O lugar inteiro começa a ruir, sem a energia estável da Terra. Assim que olho novamente para o seixo, vejo apenas o último fio de energia se desprender, deixando-o se apagar e perder sua cor dourada. Agora o que brilha é o pedaço de metaferro nas mãos da Estrela. Ele me encara, oferece um sorriso de canto e desaparece em um raio de fogo. Montesco some em seguida.

Gueth me ajuda a me levantar e vamos um apoiando no outro até Kamu.

— Eu falhei — o Senhor das Areias fala.

— Não, mestre. O senhor fez o que pôde — Tohul diz, triste.

— O Polo perdeu sua vida — ele insiste com os olhos sem brilho. — Eu não tenho mais serventia. Leve o nosso povo para um lugar seguro, Tohul.

Lágrimas escorrem pelo rosto rochoso de Tohul ao ver seu mestre secar e então se desfazer em pura areia.

Kamu-Ra está morto, assim como o Polo Terra.

Capítulo 47

Saio da esfera e presencio uma luta feroz entre Luana e Markim. O rapaz sombrio usa duas espadas-gancho para se defender dos golpes da Centelha, agora em formato de espada larga, arma mais ágil. Os movimentos dos dois são tão rápidos e despendem tanta energia, que nem eu nem Gueth temos como ajudar.

Markim se esquia dos ataques de Luana movimentando o corpo e os braços com agilidade. Ele gira, roda, dá piruetas e contra-ataca. Luana também é rápida e se defende das investidas do inimigo com a lâmina dourada. Ela lança raios de luz, que Markim faz desaparecer em suas fendas negras. Já ele atira esferas de energia pulsantes, que Luana destrói ao rebater com a Centelha.

Vendo que a luta está equilibrada, a Estrela do Vácuo muda de estratégia e cria diversos vórtices ao redor dos dois. Ele ataca Luana e, quando ela vai defender, a ponta de sua espada gancho entra em um dos buracos de energia e sai em outro, atrás de minha irmã, cortando-a em um lugar onde a armadura não protege.

Luana geme de dor e eu mordo os lábios enquanto Markin continua avançando, fornecendo golpes por meio dos vórtices. Minha irmã fica rodeada por fendas flutuantes e os golpes de Markim surgem de qualquer uma delas. Ela continua se defendendo, mas sua guarda é quebrada quando Markim acerta um chute, transferindo a perna por um dos vórtices. Ele aproveita e crava os ganchos nas costas de Luana, arrancando sangue.

— Não! — grito, só que não consigo me aproximar devido às fendas ao redor deles. Se uma dessas me acertar, acabarei decepado.

Markim puxa Luana para o chão e prepara um golpe final, visando decapitá-la com suas espadas. Ele engancha as pontas no pescoço dela e as puxa, mas o que se parte são as lâminas gancho. Markim olha para as armas quebradas e, pela primeira vez, sua expressão muda. Ele demonstra medo enquanto Luana se reergue com sua pele arroxeadas e rígida. Ela metamorfoseou o corpo em algo duro como as ametistas, seu pescoço não sofreu nenhum arranhão.

Gueth e eu estamos boquiabertos com a forma como Luana está conseguindo controlar seu poder. De fato, o tempo que passou no satélite ampliou ainda mais seu controle, ela tem total noção do que está fazendo.

Furiosa, minha irmã se aproxima de Markim com os olhos acesos em um púrpura ainda mais forte e ele, acuado, dá dois passos para trás e usa a energia de todas as fendas negras pela plataforma, fundindo-as em uma nova, muito maior e mais perigosa, que começa a sugar tudo, como um grande buraco negro.

— Vou te mandar para um lugar de onde você nunca mais vai conseguir voltar — ele fala, com raiva. — Seu Caos não fará mal ao mundo de lá.

Para não ser puxado, Gueth crava o Arado no chão, e eu me agarro na lateral da plataforma. Markim encara Luana e ameaça lançar o vórtice sobre ela, mas a fenda não se move.

— O que é isso? — ele pergunta, surpreso.

— O Vácuo é feito de Trevas e Ar. — A voz de Luana se engrossa e ganha um tom gutural. — Eu também controlo o seu elemento.

— Impossível! — ele refuta e acende seus olhos em uma luz negra poderosa, tentando criar mais vórtices, porém todos que ele abre, Luana fecha ao movimentar uma das mãos.

O buraco vai para trás de Markim e aumenta ainda mais de tamanho, mas agora é Luana que o controla. O inimigo começa a ser puxado para ele e tenta se agarrar no chão.

A armadura de Luana se escurece, ganhando um tom totalmente negro. As Trevas dentro dela cresceram demais. O controle do vácuo favorece isso, enfraquecendo a Luz dentro de seu corpo. Nem mesmo a Centelha tem poder para mudar o equilíbrio. Agora Luana tem os mesmos níveis de Luz e Trevas. E o Caos se liberta.

— Fecha o vórtice — grito, quase não conseguindo mais me segurar.

No entanto, Luana faz o contrário. Ela fortalece a fenda e chuta Markim para dentro dela.

— Você é que vai para um lugar de onde nunca mais vai sair — a voz grave ecoa pela plataforma de ladrilhos.

A Estrela do Vácuo é engolida pelo buraco negro e desaparece aos gritos.

— Fecha, Luana — imploro.

Então os olhos de minha irmã de apagam e o vórtice diminui, aliviando a pressão sobre mim e Gueth.

— Markim tem razão — ela fala, triste. Sua voz retoma o tom natural.

— Aquele maluco não tem razão em nada, Luana.

— Eu não quero destruir o mundo, Le.

— Você não vai destruí-lo — falo e me aproximo dela, mas assim que dou um passo, ela dá outro para trás e o vórtice ganha força outra vez.

— O que está fazendo? — pergunto e me abaixo para evitar ser puxado. — Você controla isso Luana, você é a única que pode impedir a destruição do mundo.

— Eu sei.

— Então, o mundo não vai acabar — falo forçando um sorriso desesperado.
— Ele vai — ela responde também com um sorriso, porém há tristeza em sua voz. Algumas lágrimas começam a escorrer dos olhos de Luana e eu passo a não entender o que está acontecendo.
— Não vai acontecer se você não quiser — insisto.
— O Caos e eu somos um só, Leran. As vontades dele e as minhas são as mesmas. Não posso impedi-lo de destruir o mundo, porque, no fundo, eu entendo suas razões. Eu concordo com elas.
— Luana, pare de dizer bobagens!
— Agora que sei o elemento que controlo, as coisas se encaixam, Le.
— Eu vou te ajudar. Não faça nenhuma besteira, por favor.
— Eu sinto muito — ela diz chorando ainda mais.

O vórtice continua aumentando de tamanho e passa a sugar os ladrilhos da plataforma. Sou arrastado, porém Gueth me segura. Ele colocou o Arado em uma posição melhor e agora consegue manter nós dois presos ao chão.

— Feche o buraco negro! — berro com lágrimas nos olhos.
Mas ela não responde. Continua chorando e sorrindo enquanto encara as próprias mãos, abertas e envoltas em energia. O Caos está se libertando, finalmente.
— Luana — Gueth também grita, tentando conseguir sua atenção.
Ela sai do transe e nos encara com um último sorriso em seu rosto.
— Só tem um jeito.

O sorriso se transforma em uma expressão de lamento e a frase seguinte de Lua me traz um aperto no coração.

— Cuida da mamãe.
Minha irmã fecha os olhos e se lança de costas no vórtice. Enquanto voa na direção do buraco, ela canta com a tranquilidade de quem está indo dormir:

“Talvez eles a entendam
Consigam aprender
E com sorte, pelos contos
No fim sobreviver”

Luana desaparece na escuridão do vácuo e a fenda se fecha em um estrondo, deixando tudo o que voava em sua direção cair na plataforma, inclusive Gueth e eu.

Gueth e Tohul me ajudam a sair do Polo. Por todo o caminho de volta ao Buraco, eu permaneço com a cabeça baixa. Como ela pôde fazer isso? Ela se matou para evitar que o Caos fosse libertado?

A imagem de Luana sendo tragada pelo vórtice se reprisa na minha mente, como um pesadelo, ao som de Doze Contos, a música que nossa mãe cantava quando éramos pequenos.

— É, ela se sacrificou para que, no fim, nós sobrevivêssemos — falo para mim mesmo.

Assim que voltamos à cidade do Buraco, a cena que vejo me deixa ainda mais triste. O lugar foi totalmente destruído pela batalha com os construtos, mas pelo menos os robôs caíram. Restos de metal e corpos de aliados estão espalhados entre os destroços das casas esculpidas na rocha. A cidade que um dia me fascinou, agora me entristece.

02 nos encontra subindo e pergunta se conseguimos impedir as Estrelas. Nossa cara traz a resposta negativa estampada. Ele conta que a batalha foi vencida com a ajuda de mais reforços que vieram de Acigam. Ao ouvir o nome de minha cidade natal, meu coração dispara.

— Quem de Acigam?

E minha pergunta é respondida quando ouço a voz de Simus chamar o meu nome. Sinto alegria e aflição ao mesmo tempo. Ao vê-lo, eu apenas o abraço e desabo em desespero.

— Ei, calma, Le. Está tudo bem agora.

— Não — digo com lágrimas nos olhos —, não está. Luana... — Começo a contar, mas o choro me vence. Não consigo falar mais nada.

— O que aconteceu? — ele demanda, preocupado.

— Eu falhei, Simus. Eu tinha que ter protegido *ela*, mas aconteceu tanta coisa...

— Oh, Leran... — Ele não tem como me consolar.

Ela se foi. Luana se foi. Quando os gêmeos disseram que eu teria que ser forte para enfrentar perdas, pensei que estavam se referindo à Judra, ou até mesmo a outros amigos, como Mael que, infelizmente, se sacrificou por nós, mas não imaginava que enfrentaria isso agora, algo muito pior do que o que senti quando vi Judra cair pela janela. A sensação de ter perdido Luana é indescritível. Sinto como se parte do meu coração me faltasse, e é com essa dor que eu apoio a cabeça nos ombros de Simus e continuo chorando em meio aos soluços.

É então que outro rosto conhecido aparece diante de mim, e esse não demonstra felicidade ao me ver.

— Leran — Fajon fala, com os olhos semifechados.

— Fajon...

Sem hesitar, ele dá a volta e usa suas mãos em formato de água para me colocar um par de algemas de gelo. Eu não reajo.

— O que você está fazendo? — Gueth avança, mas eu peço para ele se afastar.

— Para que isso? — Simus pergunta, irritado. — Sabe que ele não nos traiu.

— Mas ele ainda é culpado pela morte de Gabriel Galek.

— Não foi ele, Fajon.

— O julgamento decidirá isso, Simus. É meu dever levá-lo à justiça.

— Eu só quero ir para casa — falo, cabisbaixo.

E Fajon está certo. Chegou o momento de encarar tudo o que eu deixei para trás. Minha missão com Luana acabou, agora minha vida em Acigam me aguarda. Tenho que enfrentar o que virá.

Aproximo-me de Gueth e peço a ele, falando baixo:

— Cuida da Judra, ok?

Algemado, eu subo pelas rampas do Buraco, dando adeus a primeira cidade que conheci ao sair de Acigam, e é nela também que minha jornada termina. Ainda com os olhos cheios de lágrimas, sou colocado em um trambolho e levado ao sul por uma estrada paralela à linha do trem.

Depois de muitas horas de viagem, avisto os muros de Acigam crescerem no horizonte e, apesar da visão me trazer lembranças horríveis, eu me sinto seguro novamente. Sei que aqui, ao menos, algumas pessoas irão cuidar de mim.

Epílogo

Por Judra

Não sei dizer onde dói mais. Cada centímetro do meu corpo arde, uma sensação parecida com a que tive quando acordei depois de cair da torre do palácio de Acigam.

É com muita dificuldade que consigo me levantar e tomo um susto ao ver meu rosto no pequeno espelho deixado na cabeceira da maca. As cicatrizes são tantas que já não me reconheço. O pouco que consigo ver por baixo das ataduras segue no mesmo estado: repleto de cortes e queimaduras.

— Não era para você estar sentada — Keon diz ao entrar na tenda.

Pelo que entendi, estamos em um acampamento improvisado no deserto. A PEM está cuidando dos feridos aqui.

— O médico disse que vai passar daqui uma hora para uma nova sessão de terapia. Garantiu que vai conseguir melhorar o estado da sua pele.

— Aquela desgraçada quase acabou comigo — falo embolado devido à boca machucada.

— Se não fosse pelos médicos daqui, ela teria conseguido.

Uso o pouco de forças que tenho e tento comer algo. Enquanto luto com a colher para levar comida até minha boca, Gueth entra na tenda agitado e começa a falar.

— Luana pulou em um buraco negro! Eles levaram o Leran. Onde está o pergaminho? O mapa, onde está?

Não sei se ainda estou tonta devido aos remédios ou às pancadas, mas não consigo entender o que o nairatiano diz. Keon tenta acalmá-lo e ele finalmente explica as coisas direito.

Com a prisão de Leran, nós somos os únicos que podemos descobrir se Luana ainda está viva. Ele acha que sim, ela está viva, e que, se olharmos no pergaminho de Khun, talvez achemos aonde ela foi parar.

Ele retira o pequeno baú do bolso e o mostra para mim.

— Abre!

Confusa, eu concordo em destrancar o Baú do Infinito outra vez e, após Gueth colocá-lo no chão, me esforço para dizer as palavras-chave:

— *Okam malkanul.*

O pequeno baú dourado cresce e sua tampa se abre para o espaço infindável onde o pergaminho está guardado. Gueth enfia a mão e pega o mapa, desenrolando-o no meu colo.

Por alguns instantes, observamos as energias vagarem pelo papel, mas não há nenhum sinal da força do Caos.

— A energia dela não está no mapa — concluo.

— Impossível! — ele rebate.

— Nem a da Estrela do Vácuo.

Porém, algo em outra parte do pergaminho chama minha atenção. Uma energia poderosa está presente próxima ao deserto.

— *Pera aí* — digo, confusa. — Tem outra Estrela perto de nós.

Gueth pega o mapa do meu colo e arregala os olhos.

Então, em um movimento rápido, o braço de Keon se estica como se fosse de borracha e toma o pergaminho das mãos do nairatiano.

— O que é isso? — ele pergunta, espantado.

— É — Keon fala e dá alguns passos para trás —, o mapa está certo. Tem outra Estrela aqui, e ela está acompanhando vocês há bastante tempo!

— Devolve o pergaminho! — Tento me levantar, mas meus ferimentos me mantêm na cama.

— Esse é o famoso mapa de Khun... — O telepata olha o documento com admiração.

— Keon, o que está acontecendo? — Gueth pergunta assustado.

— Não tenho como agradecer vocês por me darem essa obra extremamente valiosa — Keon diz e então suspira. — Me deu muito trabalho ficar assim todo esse tempo, mas, no final, valeu à pena.

— Quem é você? — Minha frase sai tremida.

Um sorriso malicioso brota no rosto do telepata, uma expressão maldosa que eu nunca havia visto nele. Esse não pode ser Keon.

Gueth arma o Arado e aponta a lâmina na direção do impostor, exigindo respostas.

— O que você fez com Keon?

— Para que você o quer agora? — A resposta vem após uma risada desdenhada. — Passamos tantos momentos agradáveis juntos. Está querendo me trocar?

A frase confunde o nairatiano. Será que esse farsante estava conosco desde o início?

— Não fique assim, Gueth. — A voz do impostor muda de tom ao longo da frase, ficando aguda e mais feminina, um tom doce e ao mesmo tempo sádico, que eu reconheço facilmente.

O inimigo continua falando enquanto seu corpo se torna cinza e muda de forma.

— Eu aproveitei cada segundo da sua companhia, sabia?

Diante da fala, Gueth sai da pose de combate e seus olhos se arregalam ao ver a bela figura da Estrela da Fumaça surgir diante de nós.

— Blessi! — solto entre os dentes.

— Onde ele está?! — Gueth berra.

Mas Blessi balança a cabeça.

— Onde ele está?! — repete, quase em um estado insano. Fico até assustada com sua reação.

— Morto, claro... — Blessi fala, indiferente. — Foi enterrado em Tênus.

— Você está mentindo! — O nairatiano pula sobre a Estrela, mas o corpo dela e o pergaminho viram fumaça, deixando o lutador atravessá-los.

— Ah Gueth, eu até que me diverti bastante ao seu lado nesses últimos dias — ela fala ao se recompor atrás do nairatiano.

— É impossível ter sido você — ele nega. — Keon me contou sobre o pai, sobre os poderes. Você não poderia saber disso.

— Eu fiz minha lição de casa, garotão. Além disso, também domino um pouco da telepatia, sabe? Quebra o galho — diz, se gabando. — Montesco me passou parte das memórias do seu Keon. Elas foram muito úteis para enganar vocês.

— Sua cobra! — digo também com raiva.

Gueth já não tem mais forças para enfrentá-la, ele apenas cai de joelhos, desolado. Parece que sente uma dor tremenda, a agonia de acordar de um sonho e descobrir que a vida fora dele é cruel e sem sentido. O que Blessi fez não tem perdão!

— Mais uma vez, agradeço o presente — ela diz para mim, e então se volta para Gueth de novo, mudando o tom, como se fosse capaz de sentir empatia. — Sinto muito por isso. — E, feito fumaça, a Estrela desaparece.

Desço da maca com dificuldade e toco o ombro do nairatiano, que tem seus olhos cheios de lágrimas.

— Como eu fui burro! — ele lamenta — Burro, burro! — E bate forte com a mão na própria cabeça, tentando se punir.

— Todos nós fomos enganados. — Tento consolá-lo e seguro sua mão com carinho. — A culpa não foi sua.

— A culpa é minha! Eu insisti para trazermos *ele*. Você queria que o deixássemos.

— Você fez o certo, Gueth.

— Ele está morto...

— Não está — falo e o abraço. — Tenho certeza de que Blessi estava mentindo. Nós vamos achá-lo.

— Eu não posso. Se ele ainda estiver vivo, como eu vou encará-lo? — Gueth sussurra, desiludido. — Tudo o que eu passei com ele foi mentira. Foi mentira... — As palavras saem entre soluços e arfadas.

Então percebo que não é apenas a falta de Keon que deixa Gueth abalado. Os dois se aproximaram demais nas últimas semanas, só que era Blessi no lugar do telepata o tempo todo. Gueth foi manipulado. A Estrela usou seus sentimentos porque descobriu que ele realmente gosta do Keon, que ele está apaixonado... apaixonado por alguém que não existe.

E, de repente, sinto meu estômago embrulhar. Será que foi isso que Leran sentiu quando descobriu que eu era uma silenciadora? Ainda assim, agora parece ser pior, muito pior.

— Quero voltar para casa — Gueth diz, interrompendo meus pensamentos.

— Voltar? Precisamos encontrar Luana e ajudar o Leran, você não disse que ele foi preso?

— Eu não consigo mais, Judra. Primeiro meu pai, depois Tlavi, agora isso — ele fala, ainda soluçando como uma criança.

— Te entendo, gatão — digo, fazendo um último afago em suas costas. — Mabra está segura agora, vai te fazer bem descansar um pouco. Eu darei um jeito de resolver as coisas por aqui, não se preocupe. Mas olha — levanto seu rosto para que ele me veja —, saiba que depois eu vou para lá te buscar. Leran e Luana te amam, você é como um irmão para eles. Já é quase como um irmão para mim também. Não deixe isso destruir quem você é, ok?

E finalmente um sorriso tímido brota no rosto do guerreiro nairatiano.

Durante a minha vida em Acigam eu conheci muita gente ruim e descobri o lado podre de pessoas aparentemente boas. Mas Gueth não tem maldade alguma no coração, vê-lo daquele jeito me deixou em pedaços. Eu sei que minhas palavras o tocaram de alguma forma, só que nossa conversa terminou ali. No dia seguinte, ainda extremamente abalado, ele embarcou em um dos zepelins da PEM de volta para Mabra.

Para mim, restou aproveitar os cuidados médicos e melhorar o mais rápido possível, pois agora tenho um novo objetivo. Eu estou sozinha outra vez, e a dor que sinto pelo corpo é fíchinha se comparada a que sinto por Luana, Leran e Gueth, todos já sofreram demais. O lado bom é que isso me serve como combustível. Sou movida pela dor. Eu sou movida pela raiva.

O primeiro alvo desses sentimentos foram os magos, porém eu também fui enganada. Não eram eles que mereciam minha atenção, existem seres muito piores, e eu destruirei cada um deles, assim como fiz com Nagisa.

As Estrelas vão cair, nem que para isso eu tenha que condenar o mundo todo.

Fim do Livro III

APÊNDICE

Personagens

Em ordem de aparição

Fajon Dirrou: habilidoso modelador de água que ajudou Leran a explorar o observatório de Acigam. Após a queda de Cadorcía em Acigam, ele assumiu o comando da guarda e do exército de magos.

Simus Calveta: antigo líder da Guilda que preferiu não participar do novo governo de Acigam. Simus é tio de Boom e foi um grande amigo do pai de Leran.

Karot, O Silenciador das Bombas: o último silenciador a cair na batalha da Vila de Mármore.

Boom / Maria Calveta: sobrinha de Simus e um dos membros mais jovens da Guilda. Após sérias lesões sofridas na luta contra Karot, Boom deixa Acigam e vai viver com o pai no Norte.

Babo Seranto: novo líder de Acigam que governa com punhos de ferro. Ele acusa Simus e outros membros antigos da Guilda de traição.

Nagisa Seranto, A Estrela Trovão: rainha de Acigam que mantém seu status mesmo depois da queda do Rei Cadorcía. Ela é a responsável pela entrada de Acigam na Aliança de Ferro.

Diego Sartoro: um dos líderes da Guilda na parte leste da cidade. Seu filho, Coiote, morreu para salvar Leran no começo da rebelião.

Alb Pinmur: poderoso controlador da terra, alfaiate e membro antigo da Guilda de Magos.

Safira Bordenco: a curandeira da Guilda. Também se afastou de Babo quando ele subiu ao poder.

Jota: rapaz que presenciou a chegada dos construtos em Acigam.

Hiago D'Waniv, A Estrela de Ferro: magnata da indústria bélica de Yana. Sua influência o levou ao poder e sua ganância fez com que seu exército de construtos avançasse sobre o Continente Leste após a aliança com outras cidades.

Eve: guarda-costas de Hiago e habilidosa lutadora. Ver mais em: “Entidades e Organizações – Construtos de Elite”.

Mégarus Sehud, A Estrela Gélida: sábio conselheiro da cidade de Ilados. Mégarus discorda de alguns métodos utilizados por seus colegas Estrelas, mas decide permanecer próximo a eles. Enfrentou Tlavi em Cimérium para impedi-la de matar Shaz.

Sirela: discípula de Mégarus e habilidosa metamorfa. Sirela consegue transformar seu corpo em diversos animais polares, como os lobos, ursos e gorilas das montanhas de Ilados.

Blessi, A Estrela da Fumaça: dizem que Blessi é a Estrela viva mais antiga de todas. Sua habilidade de mudar de forma torna impossível saber sua real idade ou mesmo sua verdadeira aparência.

Príncipe Markim, A Estrela do Vácuo: filho do rei de Miquenas. Rapaz cujo poder atravessa o tempo e o espaço. Ele pode abrir vórtices e fendas espaciais, derivadas do elemento que controla.

Urik, A Estrela de Fogo: atual líder da constelação com enorme interesse nas energias dos Polos. Pouco se sabe sobre seu passado.

Minau Montesco, a Estrela da Mente: regente de Tênus. Ele pode ser o responsável pelo desaparecimento da Estrela da Cura.

Gar: é o sistema que opera e controla o satélite de Yana. Ver mais em: “Entidades e Organizações – Construtos de Elite”.

Leran Yandel: encantador em evolução que foge de Tênus para manter sua irmã segura.

Luana Yandel: irmã mais nova de Leran. Após ajudar na reconstrução da Arca, Luana se vê em perigo novamente, com as Estrelas em seu encalço. Ela precisa controlar seus poderes antes que eles a controlem.

Gueth Hur: jovem altruísta que faz de tudo para manter seus amigos em segurança. Ele se apega fácil às pessoas e isso pode ser uma fraqueza. Gueth abandonou sua vida como lutador em Mabra para acompanhar a aventura de Luana e Leran.

Keon Velatre: filho do general Velatre da Guarda Vermelha de Tênus e talentoso mentalista. Sua mente pode mover objetos com precisão. Fez parte do grupo de caçadores comandado por Balko, mas acabou se aliando a Leran.

Judra: silenciadora e assassina. Ela ressurge diante de Leran para ajudá-lo a fugir das Estrelas.

Ioseth, A Estrela dos Cristais: general paladino que recebe Leran e Luana em um posto avançado, orientando-os a irem ao Polo Luz.

Joshua: ferreiro paladino que forja a espada de bronze para Leran.

Mael, Manto do Sol: recruta paladino que recebe a missão de acompanhar os irmãos Yandel até o Polo Luz.

Prefeito de Mieror: fez acordo com Yana para manter sua cidade segura. Em troca, permitiu que os construtos explorassem as ilhas dos lagos de Biratânia.

Abian e Damian: mestres do Polo Luz. Poderosos paladinos que podem ver o passado e o futuro das pessoas.

Baw: construto rastreador colocado atrás de Judra e Gueth. Ver mais em: “Entidades e Organizações – Construtos de Elite”.

Margarida e Magnólia: as vendedoras de sementes.

Agente 08: agente da Polícia Especial de Mabra (PEM) especialista em barreiras e proteções.

Agente 04: agente da linha de frente da PEM, equipado com uma potente espingarda de energia.

Agente 09: atirador treinado, dotado de grande pontaria.

Agente 06: outro membro da linha de frente da PEM, especialista no combate corpo-a-corpo. Suas armas são os cassetetes.

Agente 02: líder do primeiro regimento da PEM e habilidoso controlador da terra. Sua técnica lhe permite criar torretas que se movem e atiram.

Agente 14: líder de outro regimento da PEM. Especialista em gás e armas químicas.

Mol: construto enviado para evitar que Leran e Luana fugissem do Polo Luz. Ver mais em: “Entidades e Organizações – Construtos de Elite”

Borges Calveta: pai de Boom e irmão de Simus. Engenheiro habilidoso que trabalha com o metaferro.

Sih: construtos deixados em Acigam para proteger Babo Seranto. Ver mais em: “Entidades e Organizações – Construtos de Elite”.

Tohul: guerreiro do deserto que lidera as defesas do Polo Terra.

Kamu-Ra, o Senhor das Areias: mestre supremo do Polo Terra e o maior controlador do elemento que viveu sobre o planeta.

Guia Turístico do Mundo de Supernova

Verbetes locais e pontos de interesse

O MUNDO DE SUPERNOVA



LEGENDA

- Florestas
- Montanhas e cordilheiras
- Rios, lagos, mares e oceanos

- Planaltos
- Planícies
- Regiões de clima desértico
- Regiões de clima frio

- Grandes centros urbanos
- Outros pontos de interesse
- Fronteiras regionais
- Polos energéticos

Regiões e Cidades

Terras do Sul

Acigam: a maior cidade da região, porém pequena se comparada às cidades do norte. Acigam abriu suas fronteiras recentemente, aderindo à Aliança de Ferro.

Mieror: cidade de economia dependente da pesca e do turismo, por ser localizada às margens do lago de Biratânia.

Deserto de Sumu-Ra

O Buraco: cidade escavada na entrada no Polo Terra. É o lar do povo do deserto.

Reino do Norte

Mabra: a maior cidade do mundo, erguida sobre as principais rotas de comércio que ligavam o oriente ao Reino Central. Devido a sua influência econômica, Mabra se tornou alvo da Aliança de Ferro.

Prythus: cidade industrial que cresceu com a exploração do metaferro. Hoje, Prythus é a maior fabricante de veículos do mundo.

Cidadela de Phelgor: Vila construída na entrada do Polo Luz, onde paladinos e sacerdotes de Phelgor vivem.

Sonatri

Nuanto: conhecida como Cidade Dourada, ela caiu perante as Hordas de Shaz e permanece devastada. Tanto a Ordem dos Paladinos como o Parlamento tiveram que retirar momentaneamente suas sedes de lá.

Tênus: protegida pela Arca, essa cidade se reergueu após o ataque de Shaz e decidiu juntar-se a Aliança de Ferro em uma investida contra o Reino do Norte.

Cimérium: antiga cidade importante devido a suas atividades de mineração, porém hoje não passa de um mausoléu a céu aberto. Apenas os mortos caminham por lá.

Menária: possui uma gigantesca frota naval responsável por patrulhar toda a costa do Reino Central. Foi a primeira cidade do Continente Leste a declarar guerra contra Yana.

Zona Vulcânica

Yana: cidade que cresceu da exploração de conflitos bélicos. Foi nela que os humanos se concentraram antes de invadirem o Polo Fogo na antiga Guerra dos Polos. A indústria de Yana continuou desenvolvendo armamentos até chegar aos construtos.

Romeda: luta contra Yana há anos pelo controle do Polo Fogo. Romeda conta com um exército treinado no controle das chamas, mantendo-se firme contra as investidas de Hiago e seu exército de construtos.

Nefesto

Marmênia: cidade costeira que cresceu no passado com as atividades da pirataria. Possui poderosa frota naval e ainda conta com grupos de piratas famosos, como as Sereias.

Miquenas: Miquenas cresceu com a exploração dos campos de trigo e outras plantações em uma região rica de recursos naturais. O rei de Miquenas fechou um acordo com Hiago para fornecer insumos diversos a população de Yana durante a guerra.

Costa Molina

Ilados: uma cidade nas montanhas de difícil acesso por terra. A forma mais fácil de se chegar a Ilados é voando. Também ficou conhecida no mundo todo por seu exército alado, no qual soldados montam criaturas voadoras.

Entidades e Organizações

Aliança de Ferro: Grupo de cidades lideradas por Yana que iniciou uma guerra de proporções mundiais. Seu nome é devido ao exército de construtos e ao imenso Satélite de Ferro, que são as armas usadas pela aliança para ameaçar as demais cidades. Sabe-se que a maioria das Estrelas fazem parte desse grupo.

A Guilda: extinta organização de Acigam formada por comerciantes e magos, na qual os membros conseguiram retirar o rei do poder.

Os Construtos: exército de Yana criado após anos de estudos e pesquisas com seres animados por energias. Eles podem ser encontrados em diversos modelos:

Infantaria: soldados armados com metralhadoras e canhões de energia. Fazem parte da linha de frente do exército de Yana.

Lanceiros: lutadores corpo-a-corpo que empunham lanças e garras eletrocutadas.

Voadores: construtos equipados com foguetes propulsores. Suas armas permitem alto poder de fogo enquanto sobrevoam as tropas inimigas. Também são usados em missões de reconhecimento.

Tanques: grandes máquinas sobre rodas capazes de carregar construtos menores e atirar com canhões de energia.

Construto Soldador: máquina que monta e solda novos construtos. Pode ser encontrada nas linhas de produção de Yana.

Giga-Construto: construto gigante com mais de dez metros de altura. Foi usado poucas vezes, mas é capaz de causar muito estrago.

O Satélite de Ferro: a arma suprema de Yana construída com o meta-ferro. Sua engenharia a permite absorver energia, tanto do planeta quanto de outras fontes, e a redirecionar em um raio concentrado.

Construtos de Elite:

Eve: construto de série elite originada do Projeto E.V.E. Eve é esguia e muito hábil. Seu corpo metálico esconde diversas lâminas e armas de fogo, fazendo dela uma assassina perigosa.

Baw: construto de série elite originado do Projeto B.A.W. Baw é especialista em perseguições. Seu corpo foi baseado em um dos insetos mais fortes e robustos: o besouro. Dotado de um enxame interno de vagalumes rastreadores, Baw é um caçador incansável.

Mol: construto de série elite originado do Projeto M.O.L. Seu corpo foi aprimorado com amortecedores e molas que aumentam sua agilidade. Seus membros se esticam alcançando inimigos mais distantes. Ele também é capaz de saltar muitos metros.

Sih: construto de série elite originado do Projeto S.I.H. As irmãs gêmeas foram desenhadas para absorver energias, ficando mais fortes. Também podem se fundir em um ser siamês ainda mais poderoso e ameaçador.

Gar: construto de série elite originado do Projeto G.A.R. Criado com meta-ferro puro, Gar e o satélite funcionam como um só. Ele controla a arma mais perigosa já criada por Yana.

Polícia Especial de Mabra (PEM): grupo tático que pertence à polícia de Mabra. Seus soldados são extremamente treinados e bem equipados com itens controladores. Dividida por regimentos, a PEM foi a maior responsável em segurar os avanços do exército de construtos sobre o Continente Leste.

A Ciência das Energias

Conceitos avançados
para controladores experientes

Alazão Dourado: cavalo criado com a energia do Polo Luz. Se recarregado, pode correr em uma velocidade incrível, atravessando quilômetros em poucos segundos.

Batismo e a armadura paladina: após completado o treinamento de um paladino, ele recebe as placas de sua armadura forjadas no Polo Luz. Em uma cerimônia, a armadura crua é banhada pela energia de seu dono e se molda ao corpo e a personalidade do paladino que a usa.

Baú do infinito / *Okam malkanul* / Portas do infinito: um item raro, talvez criado pelo antigo povo de Momanon. Ele pode guardar qualquer coisa em seu interior e ainda assim ficar do tamanho de um pequeno cubo.

Centelha: é a chave do Polo Luz. Uma espada que se adapta à necessidade de quem a usa, aumentando seu controle sobre a Luz. Pode ter sido criada pelo antigo povo de Momanon.

Ciclo de criação e destruição: processo no qual se acredita que a vida tenha surgido no mundo. O ciclo tem as seguintes etapas: vazio, criação, ordem, desordem, destruição, vazio.

Cúpula de ilusão: técnica na qual Mael cria um campo de força invisível e esconde quem estiver dentro dele.

Constelação: grupo no qual as Estrelas ativas se encontram e tomam decisões.

Dédalo: labirinto formado pelas distorções no tempo-espaco causadas pelo Polo Luz. Diz-se que o antigo povo de Momanon fugiu para o Dédalo quando os humanos tomaram o Polo.

Doze Contos: música antiga na qual a entidade da morte é representada por uma mulher que conhece doze histórias diferentes sobre o mesmo fato. Dizem que a letra é uma referência às doze Estrelas e à destruição que podem causar, mas o autor verdadeiro nunca foi descoberto para comprovar a teoria.

Encanto permanente: encanto definitivo em um objeto que acaba dando a ele propriedades energéticas. Criar itens controladores é uma forma de fazer encantos permanentes. As armaduras paladinas possuem encantos permanentes que aumentam sua resistência, por exemplo.

Encanto temporário: encanto sobre um objeto que dura um determinado período. As flechas encantadas de Leran são encantos temporários.

Equilíbrio: estado no qual as energias do mundo estão balanceadas.

Estrela Supernova: Ser supremo cujo corpo serve de recipiente para uma das três energias que formavam as estrelas primordiais do universo. Sua aparição acontece devido ao desequilíbrio, no qual as energias antagônicas conseguem se reunir outra vez e, assim, reiniciar todo o sistema da vida no universo. Uma Estrela Supernova domina todos os elementos secundários que derivam de qualquer uma das duas energias que a forma.

Farol: joia que auxilia na busca pelas Estrelas. Cada Estrela ativa possui um.

Ferreiro de energias: encantador capaz de forjar armas e equipamentos embebidos com energia.

Iaque de Ilados: animal peludo e fedido que vive nas montanhas geladas do sul de Costa Molina. Sirela possui um deles, porém feito de energia. A vantagem é que não fede tanto.

Joia do Mar: Bracelete feito de pedras de água-marinha. Dizem que a peça tem ligação direta com o antigo povo de Biratânia, servindo de chave para a abertura do Polo Água. Ela é capaz de ampliar o controle de quem a usa, aumentando sua sinergia com o elemento Água.

Livro de encantos e materiais: livro que Leran ganha de Joshua. Com ele, Leran aprende sobre diferentes tipos de metais, ajudando-o com novos encantos.

Máquinas voadoras: diversos tipos de veículos aéreos movidos a energias. Podem conter hélices, asas e balões.

Máscara de mergulho: item de material transparente equipado com gemas do ar, capazes de extrair oxigênio da água e permitir que mergulhadores respirem normalmente.

Metaferro: Metal antigo datado da formação do mundo. Suas características fazem dele o metal mais propício para absorver e conter energias. Pode ser encontrado em algumas partes do solo, porém em zonas muito profundas. Hoje, apenas a mina de Cimérium possui reservas do metal.

Metamorfo: modelador que usa as energias para mudar a forma do próprio corpo. Exemplos de metamorfo são Sirela, Blessi e Fajon.

Mimosa Cabeça de Martelo: semente lisa e azulada que origina uma das plantas mais violentas que existem. Ela mastiga tudo, mas tem um apreço especial por objetos metálicos.

Mobin: veículo para até duas pessoas que flutua a poucos centímetros do chão devido a suas turbinas de ar.

Octaedro: objeto feito de metaferro com gemas incrustadas em cada uma de suas oito faces. Suas reais propriedades ainda são desconhecidas, mas desconfia-se

que ele pode armazenar uma quantidade quase infinita de energia.

Prisão de Cristal: técnica de Ioseth na qual ele prende seu inimigo em um cubo invisível.

Sacerdotes de Phelgor: devotos ao deus Phelgor que auxiliam os paladinos na cidadela do Polo. São excepcionais controladores da Luz.

Sussurros Ardentes: livro de temática erótica que Luana está lendo em Tênus.

Trambolho: veículo terrestre que carrega cargas ou passageiros.

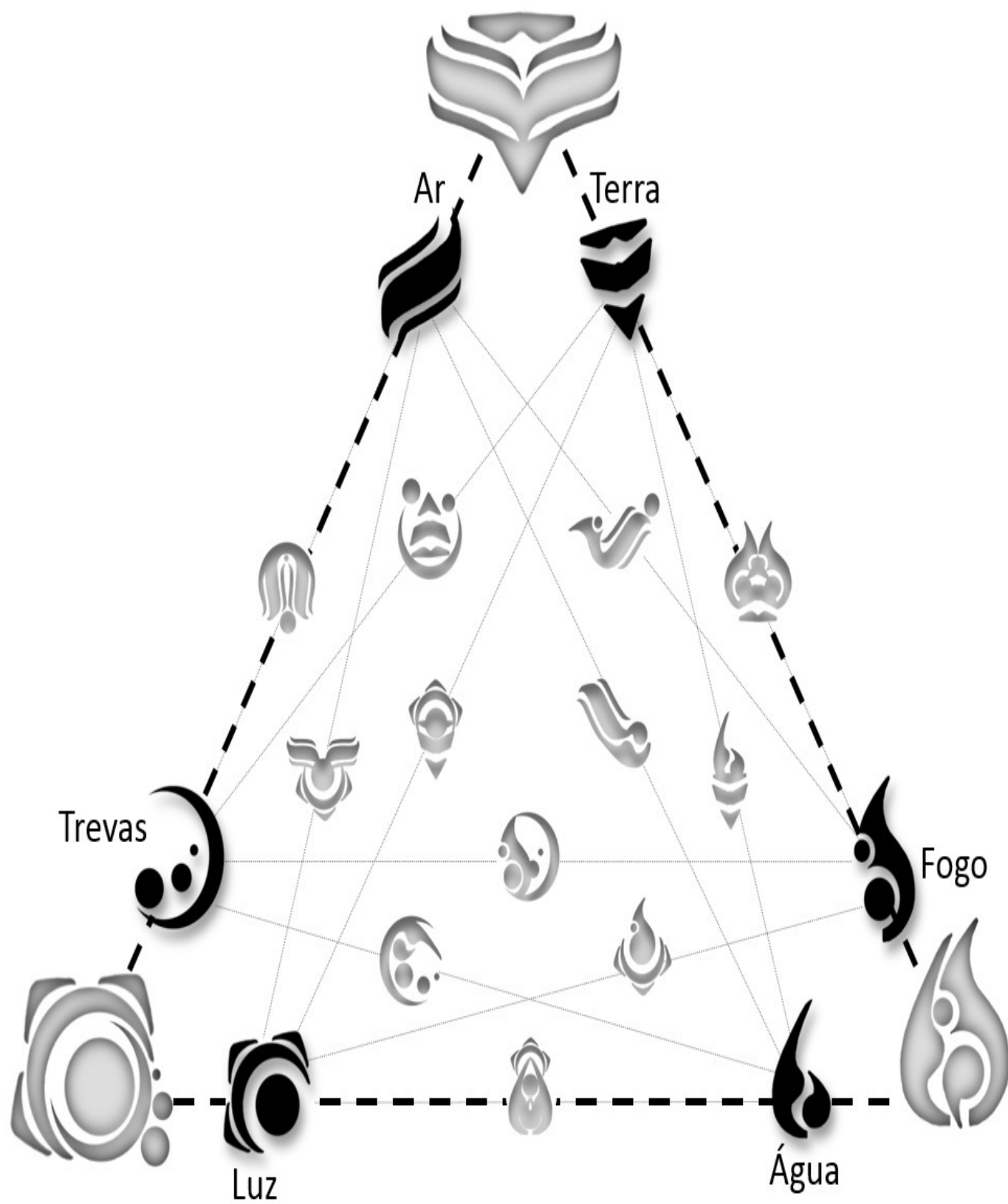
Trepadeira Cipó-Rei: variação da trepadeira comum, cujas gavinhas são mais grossas e mais fortes, podendo oferecer a resistência de um cabo de aço.

Tromba D'água: técnica na qual Fajon transforma suas pernas em água e se projeta com um jato, podendo se manter flutuando.

Vórtice negro / Fenda negra: túnel dimensional criado a partir da energia do vácuo. Por ele é possível enxergar locais distantes ou até mesmo viajar rapidamente, como se um portal fosse aberto.

Zepelim: veículo aéreo que voa com o auxílio de balões de energia.

Esquema Científico dos Elementos:



Segmentação dos elementos: Muitos magos conseguem dominar diversos tipos de energias, mas isso sempre depende das afinidades de cada um. Uma pessoa com grande afinidade com a Luz teria tendência a controlar todas as Energias Brancas, assim como um mago extremamente poderoso nas Trevas poderia dominar as Energias Negras. Em Nairatis, onde ninguém possui afinidade com Luz e Trevas, os magos controlam apenas os elementos considerados naturais.

Elementos Supernova

Praga: Água e Fogo

Caos: Luz e Trevas

Tormenta: Ar e Terra

Elementos Brancos

Mente: Luz e Ar

Eletricidade: Luz e Fogo

Cristal: Luz e Terra

Cura: Luz e Água

Elementos Negros

Vácuo: Trevas e Ar

Chamas Negras: Trevas e Fogo

Necromancia: Trevas e Terra

Veneno: Trevas e Água

Elementos Naturais

Gelo: Ar e Água

Fumaça: Fogo e Ar

Metal: Terra e Fogo

Vegetal: Água e Terra

NOTA DO AUTOR

Olá,

É um prazer ter você aqui comigo mais uma vez. Agora já posso te considerar um verdadeiro fã dessa série, certo?

Não se esqueça de deixar a sua avaliação na Amazon, ela é muito importante e ajuda a tornar meu trabalho mais conhecido.

E eu também adoro conversar sobre a história, então, se você quiser bater um papo, me chama no zap ou em alguma das minhas redes:

Twitter: [@RenanOCarvalho](#)

Instagram: [@Renan_oc](#)

Facebook page:

<https://www.facebook.com/supernova.roc/>

Whats App: [11 91224-2368](https://api.whatsapp.com/send?phone=11912242368)

Nos vemos em breve, na continuação dessa aventura.

Um abraço,
Renan